



ALESSANDRA GRANGEIRO
MEIRE FERREIRA

DISC PULADOR

SUA BASE E SEU CRESCIMENTO



**Alessandra Grangeiro
Meire Ferreira**

**DISCIPULADOR:
SUA BASE E SEU CRESCIMENTO**

Goiânia
2018
MINISTÉRIO FAMA

**DISCIPULADOR:
SUA BASE E SEU CRESCIMENTO**

Copyright © Alessandra Grangeiro, 2019

ISBN 978-85-55451-16-4

1ª Edição, 2019

Tiragem: 2.000

É proibida a duplicação ou reprodução desta obra, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web e outros), sem permissão expressa do autor. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou

Revisão:

Prof. Dr. Wesley Carvalhaes

Capa:

Celso Varão e Jéssica Lindemberg

Diagramação:

Jéssica Lindemberg

Impressão e Acabamento

Editora Visão - (62) 3211-1600

G757d Grangeiro, Alessandra Carlos Costa.

Disciplinador: sua base e seu crescimento / Alessandra Carlos Costa Grangeiro e Meire Ferreira de Lima -- Goiânia : Editora Visão, 2019.

280 p. ; il; 23 cm.

ISBN 978-85-55451-16-4

1. Disciplinado. 2. Disciplinado -- Planejamento. 3. Disciplinador. 4. Discípulo. 5. Vida Cristã. 6. Conduta cristã. I. Título. II. Subtítulo. III. Lima, Meire Ferreira.

CDU: 248.5

Catálogo: Dannilo Ribeiro Garcês Bueno, Bibliotecário, CRB-1: 2

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Palavra do presidente

Jesus, antes de ascender ao céu, deu a seguinte ordem aos seus discípulos: “ide, ensinai todas as nações” (Mt 28.19). Sendo assim, todos os que são discípulos de Jesus continuam tendo essa reponsabilidade, por isso, é com muita alegria que faço a abertura deste livro: *Discipulador: sua base e seu crescimento*, escrito pela missionária Alessandra Grangeiro, sob a orientação da pastora Meire Lima, pois percebo que o Ministério Fama tem desempenhado bem sua responsabilidade de atender à ordem do nosso mestre. Precisamos, depois de ter pregado a Palavra de Deus, ensiná-la e fazer discípulos para Jesus, mas, para isso, é preciso que sejamos verdadeiros discípulos dele.

Os dois primeiros capítulos falam diretamente ao discipulador e, talvez, a leitura deles poderá levar muito a entenderem que, até aqui, não têm sido discípulos como Jesus espera que sejamos. Se isso ocorrer, esperamos que haja uma disposição nos corações para que se tornem, de fato, discípulos e formem outros. O terceiro capítulo mostra todos os conteúdos que o discipulador deve utilizar para que a formação do discípulo seja completa e consistente. O quarto e o quinto fazem um panorama geral do Antigo e do Novo Testamento e tratam, portanto, do conteúdo bíblico. O sexto demonstra as doutrinas que sustentam o cristianismo professado por algumas denominações, dentre elas, a Assembleia de Deus – Ministério Fama. O sétimo apresenta sugestões de como todos esses conteúdos podem ser divididos e trabalhados.

Por todo esse conteúdo trabalhado, estamos certos de que este livro dará uma boa base aos discipuladores e, portanto, promoverá o crescimento deles e dos novos discípulos. É preciso que continuemos sempre a crescer na graça e no conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo (2Pe 3. 18), pois, por falta de conhecimento é que o povo de Deus perece: “o meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento” (Os 4.6).

Este ano é o ano do crescimento. Com conhecimento, cresceremos com vigor espiritual. A Palavra de Deus é que nos torna fortes, pois o conhecimento dela nos revela a grandeza e a majestade do Deus que servimos e, assim, cresceremos resistentes como o cedro do Líbano e florescemos como a palmeira para darmos frutos na obra de Deus, mesmo na velhice, pois continuaremos viçosos e florescentes para anunciarmos as grandiosas obras de Deus (Sl 92. 12-15).

Fraternalmente,

Bispo Abigail Carlos de Almeida
Presidente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO I	
O CHAMADO: suas exigências e suas responsabilidades.....	11
CAPÍTULO II	
RELACIONAMENTOS LÍQUIDOS E RELACIONAMENTOS DURADOUROS.....	33
CAPÍTULO III	
O PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO: objetivos, conteúdos e o conteúdo devocional.....	61
CAPÍTULO IV	
O PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO: o conteúdo bíblico - Antigo Testamento.....	92
CAPÍTULO V	
O PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO: o conteúdo bíblico - Novo Testamento.....	129
CAPÍTULO VI	
O PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO: o conteúdo doutrinário.....	164
CAPÍTULO VII	
SUGESTÃO PARA A PRÁTICA DO DISCIPULADO.....	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191

1 INTRODUÇÃO

“Para sempre, ó Senhor, a tua palavra permanece no céu” (Sl 119.89). A Palavra do Senhor permanece no céu para sempre e, por isso, não muda. cremos que essa Palavra foi escrita para dar aos homens o conhecimento de Deus e da salvação que Ele planejou, antes da fundação do mundo, (Ef 1.4) para a humanidade. Entretanto, em todo o tempo histórico, o homem se rebela contra ela e questiona os seus fundamentos e os seus princípios, visto que eles confrontam os desejos carnis do coração humano. Se observamos isso em todas as idades da história, conforme é dividida pelos historiadores, veremos que, em cada uma delas, na Idade Antiga (século IV a.C. – século IV d.C.), ou Antiguidade; na Idade Média (entre os séculos V a XV); na Idade Moderna e Contemporânea (do século XVI a meados do século XX) e na Pós-Modernidade (a partir da década de 50 do século XX), ou Era da Globalização, ou Capitalismo tardio, houve questionamentos e rejeição à Palavra do Senhor, pois, desde Gênesis 4.26, sabemos que há homens que invocam a Deus e homens que não o invocam. Como Tamar se disfarçou de prostituta, sabemos que, desde essa época, a prostituição era uma prática até certo ponto comum na sociedade. A esposa de Potifar, mesmo casada, se interessou por José e desejou que o relacionamento entre eles se concretizasse, o que demonstra que o adultério também não é uma prática recente. Inúmeros são os exemplos que a própria Palavra de Deus dá acerca daqueles que se desviam dos seus preceitos e a referência às práticas de Sodoma e Gomorra evidencia o que era praticado naquelas cidades. Esses exemplos nos deixam claro que, desde a queda do homem, a promiscuidade e a desobediência à Palavra de Deus sempre existiram, mas também sempre existiu um padrão moral que definia que aquelas ações estavam fora dele.

Entretanto, ocorre algo diferente no nosso tempo histórico, cujo marco inicial é a década de 60 do século XX. Desde essa época, estamos presenciando uma tentativa de inversão dos valores, que é a destruição do padrão moral sempre existente na consciência dos homens e, com isso, práticas pecaminosas, abomináveis aos olhos de Deus, querem ser vistas como normais e, por isso, aceitas pela sociedade. Mas a palavra do apóstolo Paulo “não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2), válida para todo tempo histórico, continua, mais que nunca, válida para nós. A nossa mente deve ser transformada pelo conhecimento da Palavra de Deus e a ordem de Jesus é “ide, ensinai (ou fazei discípulos) todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mt 28.19-20). É essa ordem de Jesus que desejamos

cumprir e, por isso, não permitiremos a inversão dos valores no nosso tempo. Continuaremos renovando nosso entendimento e ensinando outros para que, também, tenham seus entendimentos renovados. Mas não paramos por aí, pois o apóstolo Paulo nos ensina algo mais. Ele ensinou Timóteo a ensinar a outros homens fiéis o que havia aprendido com ele para que eles também ensinassem a outros (Tm 2.2). Essa é a nossa tarefa e a nossa motivação: fazer discípulos e ensiná-los, também, a fazer discípulos e, assim, no que depender de nós, o padrão moral exigido pela Palavra de Deus será preservado.

Por todo o exposto, o objetivo deste projeto é formar discipuladores e discípulos para Jesus. O apóstolo Paulo afirmou que sentia dores de parto até que Cristo fosse formado (Gl 4.19) nos irmãos aos quais ensinava. Entendemos, então, que aceitar a Jesus como Senhor e salvador é, apenas, uma etapa da caminhada cristã. É preciso ser discípulo de Jesus e isso somente é possível se esse discípulo for formado por meio do discipulado pessoal, do encorajamento e do ensino sistemático da Palavra de Deus. Somente assim Cristo será formado nele e ele poderá dizer como o apóstolo Paulo: “e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim (Gl 2.20). Com isso, nos perguntamos: Quais são as atitudes e os conteúdos necessários à formação de um discipulador? Como discipular alguém para que essa pessoa, efetivamente, se torne um discípulo de Jesus? O que é um discípulo? Como construir uma amizade duradoura entre o discipulador e o discípulo? Quais são os ensinamentos básicos necessários a um novo convertido? Quais são as doutrinas bíblicas básicas que devem ser ensinadas? Perguntas como essas nos motivaram a organizar um material próprio que servirá de base à formação de todos os que desejam ser discipuladores, bem como de todos os discípulos que iremos formar para Jesus. Entretanto, desde já, ressaltamos, que essas são apenas algumas perguntas às quais desejamos responder, pois entendemos que o crescimento espiritual é contínuo e continuaremos a buscá-lo até que cheguemos à “unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.13). Isso significa que continuaremos nossa formação enquanto Deus nos permitir viver nesta terra. Isso para não sermos “meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina” (Ef 4.14).

A fim de concretizar nosso objetivo, para este projeto inicial, teremos quatro livros *Discipulador: sua base e seu crescimento*; *A formação do discípulo – básico*; *A formação do discípulo – intermediário*; *A formação do discípulo – avançado*. Neste primeiro, faremos o planejamento do discipulado: o que Jesus requer de nós para nos tornar seus discípulos; como devemos cuidar dos novos convertidos; quais atitudes devem ter um discipulador; como construir uma amizade sincera e duradoura com o discípulo que está sendo formado para Jesus; o encorajamento para as mudanças de vida que Jesus requer de nós; os conteúdos necessários

ao novo convertido: elaboração de um currículo com estágios de crescimento pessoal, bíblico e doutrinário. Para isso, dividimos este livro em sete capítulos. No primeiro, demonstraremos que a chamada de Jesus resulta em algumas exigências e em algumas responsabilidades. Não poderemos segui-lo se não renunciarmos a nós mesmos, se não formos obedientes à sua Palavra, se não tivermos submissão, se não amarmos a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a nós mesmos. Além dessas exigências, para respondermos ao chamado de Jesus, devemos ter a responsabilidade de sermos testemunhas dele e de fazer discípulos para o seu Reino.

No segundo capítulo, abordamos sobre os relacionamentos humanos. Na nossa sociedade atual, a metáfora, ou seja, a figura para a compreensão dos relacionamentos é a liquidez, visto que os relacionamentos não duram, são descartáveis. Veremos que a base do discipulado é o amor, é a compaixão pelo próximo. Se não amamos nosso próximo, não amamos a Deus. Neste capítulo, refletiremos sobre as características do nosso tempo, para não nos deixarmos dominar pelos seus valores, mas, ao contrário, continuarmos arraigados aos valores e princípios da Palavra de Deus. Sendo assim, aprenderemos que devemos construir amizades duradouras com os nossos discípulos e ensiná-los a construir relacionamentos dessa forma, pois são estes que nos proporcionam estabilidade emocional, psicológica e espiritual. Ainda nesse capítulo, refletiremos sobre a vida dos novos convertidos e sobre quais áreas de suas vidas o discipulador deve orientá-lo a ajustar. Defenderemos que um discipulado deve ser integral e, portanto, precisa considerar a vida espiritual, a emocional e a psicológica, a financeira e a profissional do discipulando. A Palavra de Deus nos mostra o caminho para termos uma vida cheia de paz, pois “muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço” (Sl 119. 165).

No terceiro capítulo, demonstraremos os objetivos do discipulado e os conteúdos que devam fazer parte dele. Consideramos que são importantes três tipos de conteúdo: o devocional, o bíblico e o doutrinário. Nesse capítulo, depois de apresentar os objetivos e os conteúdos que farão parte de todo o discipulado, desenvolveremos o conteúdo devocional que diz respeito às experiências pessoais pelas quais passarão o novo convertido, tais como: reconhecimento da condição do pecador, a salvação por meio da fé, a experiência do novo nascimento, a oração, o enfrentamento das tentações etc.

No quarto, discorreremos sobre o conteúdo bíblico relacionado ao Antigo Testamento e, posteriormente, no quinto, sobre o Novo Testamento, pois entendemos que esse conhecimento é que dá sustentação à nossa vida espiritual e, além disso, nos permite conhecer a grandiosidade do plano de Deus que finalizará com o estabelecimento do seu Reino eterno, tanto no céu, quanto na terra. O discípulo, conforme demonstraremos, em primeiro lugar,

aprende a servir a Jesus com o exemplo do seu discipulador, mas, posteriormente, sua fé deve estar firme na Palavra do Senhor. É o conhecimento da Palavra que dará a ele o amadurecimento espiritual. Nesses dois capítulos, enfatizaremos a unidade existente entre o Antigo e o Novo Testamento, a qual é evidenciada por meio da obra realizada por Jesus Cristo e pela esperança do seu retorno à terra.

No sexto, apresentaremos as doutrinas que são a base do cristianismo. Esse conteúdo é importante, pois dá clareza ao novo convertido acerca dos pontos centrais da sua fé. Nesse capítulo, abordaremos o nosso *credo* e, simultaneamente à compreensão dele, vamos expondo as seguintes doutrinas: a da revelação, a do Deus Trino, Criador e Soberano, a do homem, a de Cristo, a do Espírito Santo, a da igreja e a da vinda de Cristo. Compreendendo essas doutrinas, os novos discípulos terão compreendido a viga de sustentação que liga o Antigo ao Novo Testamento e esse entendimento dará a eles uma solidez na fé.

Finalmente, no sétimo capítulo, faremos uma programação de como os conteúdos que nos propusemos a desenvolver com os novos discípulos lhes poderão ser ministrados, ou seja, esse capítulo tem como único objetivo fazer um planejamento para nortear as ações dos discipuladores que, depois de terem feito o curso *A formação do discipulador*, farão uso dos cursos *A formação do discípulo* – básico, intermediário e avançado, para formar novos discípulos para o Reino de Deus.

Os discípulos que serão formados, posteriormente, pelos discipuladores terão que ser aprovados em todos os níveis de conhecimento e de conduta, pois aprenderão que ser discípulo é, além de aprender os ensinamentos de Jesus, viver de acordo com esses ensinamentos. Desse modo, cada um dos livros que compõem *A formação do discípulo* terá o conteúdo curricular previamente definido neste livro, *Discipulador: sua base e seu crescimento*, e serão desenvolvidos simultaneamente entre conteúdo **devocional**, relacionado à prática de vida; conteúdo **bíblico**, conhecimento sistematizado da Bíblia, e conteúdo **doutrinário**, relacionado às doutrinas básicas que sustentam o cristianismo.

Para a elaboração deste projeto, fizemos uma pesquisa para vermos o que havia nesta área no mercado editorial e encontramos excelentes publicações que foram utilizadas como base inicial do nosso material. Alguns dos nomes que, desde já, devemos dizer que foram citados no nosso trabalho são os seguintes: Josué Campanhã, *Discipulado que transforma*; William irmaMacDonald, *O discipulado verdadeiro*; Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado*; Juan Carlos Ortiz, *O discípulo*; Keith Phillips, *A formação de um discípulo*; Gary W. Kuhne, *O discipulado dinâmico*, entre outros.

Desejamos que todos tenham uma ótima leitura e ansiamos que todos os crentes que já passaram pelo processo de **Integração** no corpo de Cristo entendam que eles não têm outra tarefa senão fazer parte da equipe de **Discipulado** e de **Evangelização**, pois entenderam que precisam obedecer à ordem de Jesus: “**IDE**, fazei discípulos em todas as nações” (Mt 28. 19). Com essa compreensão, esperamos que desejem sofrer “dores de parto” (Gl 4.19) até que Cristo seja formado nos novos convertidos. Assim como o apóstolo Paulo, desejamos que todos os nascidos em Cristo não considerem suas vidas preciosas, mas sejam capazes de doá-las, afirmando com Paulo: “contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (At 20. 24).

CAPÍTULO I

O CHAMADO: suas exigências e suas responsabilidades

A história que ficou conhecida para nós como a do jovem rico – a Bíblia menciona, apenas, jovem, palavra registrada em todos os evangelhos sinóticos¹ – é um ótimo exemplo para a reflexão e a compreensão de que o chamado para seguir a Jesus, ou seja, o chamado para a salvação, é geral e universal, mas alguns não aceitam o convite pelos mais variados motivos. Segundo a história (Mt 19.16-30), um jovem se aproxima de Jesus e pergunta: “Bom mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna”? Considerando que era um jovem de posses, a pergunta dele já evidencia que ele quer fazer, ou dar, algo para conseguir a vida eterna, ou seja, por meio de uma ação sua, ele acredita poder adquirir o que deseja. A essa pergunta, entre outras coisas, Jesus responde: “Se queres, porém, entrar na vida eterna, guarda os mandamentos”. O jovem deseja saber quais mandamentos são esses e Jesus os expõe: “Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Diante dessa resposta, por certo, o jovem pensou que poderia receber um elogio de Jesus, pois ele já os cumpria desde sua mocidade. Entretanto, para ter certeza, fez mais uma pergunta: “que me falta ainda?”. No evangelho de Mateus, Jesus responde: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me”. Em Marcos, antes de dizer para vender tudo, diz “Falta-te uma coisa” e, em Lucas, “Ainda falta-te uma coisa”. Em Lucas, Jesus usa o verbo “repartir” aos pobres, em vez de “dar”.

Jesus não pediu pouco ao jovem, mas também não ofereceu pouco: “e terás um tesouro no céu”. Apesar do que ofereceu, a Bíblia diz que o jovem, “ouvindo essa palavra, retirou-se triste” (Mt 19.22) ou “contrariado com essa palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades” (Mc 10.22) ou “era muito rico” (Lc 18.23). Diante disso, Jesus afirma que “é difícil entrar um rico no Reino de Deus” (Mt 19.23) ou “os que têm muitas riquezas” (Mc 10.23). Pasmados com essa resposta de Jesus, os discípulos perguntam: “Quem poderá, pois, salvar-se?” Jesus respondeu que a salvação é impossível aos homens, mas, para Deus, não há nada que não seja possível, evidenciando que a salvação é uma iniciativa de Deus, que

¹ Esse termo foi usado pela primeira vez por J.J. Griesbach, em sua edição do Novo Testamento, em 1774-1778. Vem da palavra grega *sunoráo* e significa “ver junto”. Isso significa que esses evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas, são mais bem compreendidos quando lidos conjuntamente. Além disso, indica que esses três livros têm uma tradição e fontes comuns, diferente da tradição e das fontes do evangelho de João (HALE, 2001).

independe do bem que possamos fazer e, portanto, é dada pela graça de Deus que significa um favor imerecido.

Pedro presenciou todo o diálogo de Jesus com o jovem e viu que o jovem se recusou a seguir Jesus, pois não aceitou a condição posta: vender tudo o que tinha. Depois de ouvir a afirmação de que, para Deus, nada é impossível, esse discípulo quer saber o que os que se decidiram a seguir Jesus ganhariam, visto que deixaram tudo. Jesus responde da seguinte forma:

Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto e herdará a vida eterna.

A princípio, a palavra de Jesus parece contraditória!! Ele acabara de exigir que o jovem vendesse tudo que tinha e desse, ou repartisse, aos pobres, para segui-lo e agora diz que dará cem vezes mais aos que tivessem deixado tudo para segui-lo. Se Ele mesmo dá, por que não deixou o jovem com as propriedades que tinha? Visto que não há contradição em tudo o que Jesus disse, em tudo o que exigiu e ofereceu – ao jovem, disse que ele teria um tesouro no céu, pela escolha dele, está claro que ele preferiria esse tesouro na terra e, por isso, preferiu ficar com o que tinha e deixar de seguir Jesus – entendemos que Jesus teria dado cem vezes mais do que o jovem tinha, se ele tivesse aceitado vender tudo e seguir o bom mestre. Se ele tivesse aceitado a proposta, essa experiência poderia ser, guardadas as claras distinções, semelhante à de Abraão que comentaremos posteriormente. O resultado final que vemos nessa história é que, de fato, há algumas pessoas que não conseguem responder ao chamado de Jesus porque Ele faz algumas EXIGÊNCIAS.

As exigências do chamado

Renúncia

“Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se/negue-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me; porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á” (Mt 16.24-26; Mc 8.34-34; Lc 9.23-24). Renunciar a si mesmo ou negar-se a si mesmo significa, segundo o dicionário do Novo Testamento, inserido na *Bíblia de estudo Palavras Chave*, desconsiderar todos os interesses e prazeres, significa negar peremptoriamente, implacavelmente. Sobre essa questão, vejamos o que diz Keith Phillips (2008, p. 21):

Jesus nunca implorou que alguém o seguisse. Ele era embaraçosamente direto. Ele confrontou a mulher no poço, com o seu adultério; Nicodemos, com seu orgulho intelectual; os fariseus, com sua justiça própria. Ninguém pode interpretar “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo (Mt 4.17) como uma súplica. Jesus ordenou a cada pessoa que renunciasse a seus interesses, abandonasse os pecados e obedecesse completamente a ele. Quando o jovem rico se recusou a vender tudo o que possuía para segui-lo (Mt 19.21), Jesus não foi correndo atrás dele tentando conseguir um acordo. Ele nunca minimizou seu padrão. Jesus declarava apenas: “Quem me serve precisa seguir-me [...]” (Jo12.26).

Ainda sobre a negação de si mesmo, William MacDonald (2003, p. 14) assim se expressa: “Negação de si mesmo não é sinônimo de autonegação. Este último significa abrir mão de determinados alimentos, prazeres e bens. Mas negar-se a si mesmo significa tão completa submissão ao senhorio de Cristo, que o ego não tem nenhum direito ou autoridade”.

Por todo o exposto, a condição para seguir a Jesus é a renúncia, a negação de nós mesmos. Isso significa desconsiderarmos as vontades do nosso ego e submetermo-nos à vontade plena do próprio Deus. A condição para acharmos a nossa vida é, paradoxalmente, perdê-la por amor a Jesus. Esse processo inicial de renúncia não é fácil e, portanto, provoca os mais profundos conflitos e dilemas. Há a instauração de uma guerra no nosso interior e os nossos sentimentos, apegados a tantas coisas que Jesus quer que renunciemos, travam uma disputa com a nossa consciência e tentam convencê-la de que não são necessárias renúncias tão profundas. Entretanto, à medida que vamos permitindo que a Palavra de Deus vá moldando nossa mente: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (Rm 12.2), deixamos para trás os conflitos entre a carne e o espírito para compreender e experimentar “qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Isso significa a adequação das nossas vontades à vontade soberana de Deus e isso resulta numa harmonia entre a nossa vontade e a de Deus, pois, por sabermos que a vontade de Deus é boa, perfeita e agradável, já não mais desejamos as vontades do nosso coração, mas a harmonia entre o desejo do nosso coração e a vontade de Deus.

Além dessa renúncia do ego, às vezes, Deus nos ordena renúncias mais profundas como foi o caso da que Jesus exigiu do jovem quanto às suas riquezas e da exigência que fez a Abraão, concernente a Isaque. É sobre a renúncia de Abraão que gostaríamos ainda de refletir um pouco neste tópico.

A história de Abraão é muito conhecida, mas não custa a recordarmos em linhas gerais. Deus manda-o sair do meio da sua terra e do meio da sua parentela para uma terra que Ele lhe mostraria (Gn 12.1). Essa já foi uma grande renúncia e Abraão, nesse tempo ainda Abrão, não relutou em obedecer ao comando de Deus. Ele sai com a promessa de que seria uma grande

nação, mas o fato era que, até o momento, ele não tinha filhos e já tinha 75 anos quando saiu de Harã (Gn 12. 4). Diante do questionamento de Abraão acerca de como essa promessa poderia ser cumprida, visto que não tinha filhos, Deus lhe promete um. Depois de 10 anos de espera em Canaã, Abraão, incentivado por Sara, sua esposa, relacionou-se com Agar e, já com 86 anos, teve o filho Ismael (Gn 16.16) mas que, ainda, não era o filho da promessa que haveria de ter de Sara. Com a idade de 99 anos, Deus muda o nome de Abrão e renova a promessa para ele! Abraão teve que esperar 30 anos para Deus cumprir a promessa que lhe tinha feito e, depois de ver cumprida a promessa, Deus lhe pede nada menos e nada mais do que o sacrifício do próprio filho. Abraão não quis pensar que não era bem aquilo que Deus estava pedindo, que seria desnecessário tanto sacrifício e, na realidade, Deus queria era que Abraão entregasse o filho nas mãos de Deus. Naquele tempo, era comum o sacrifício de seres humanos aos deuses. Deus abominou isso na lei que deu a Moisés e proibiu os israelitas de copiarem essa prática, mas Abraão existiu antes da Lei ser dada por meio de Moisés e Deus quis provar sua fé e, por isso, pediu para que lhe sacrificasse o filho e Abraão, por certo com uma dor indescritível, renunciou ao seu filho a quem amava e o ofereceu a Deus. Entretanto, depois de realmente provar que sacrificaria o filho “e estendeu Abraão a sua mão e tomou o cutelo para imolar seu filho” (Gn 22.10), um Anjo do Senhor lhe bradou desde os céus: “Não estendas a tua mão sobre o moço e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus e não me negaste o teu filho, o teu único” (Gn 22.12).

Abraão vivenciou uma experiência interior, uma disposição íntima de renunciar a tudo, mesmo que lhe fosse precioso, mas o resultado é que ele tornou a receber exatamente aquilo que lhe era precioso e estava disposto a dar. Segundo Dietrich Bonhoeffer (2008, p. 55),

Abraão volta da montanha na companhia de Isaque, tal como subira, tudo, porém, estava mudado. Cristo se colocara entre pai e filho. Abraão tinha abandonado tudo e seguido a Cristo. E, no meio do discipulado, se permite a ele tornar a viver no mundo em que vivia antes. Exteriormente, tudo ficou como antes. Porém, as coisas antigas já passaram e tudo se fez novo. Tudo teve que passar através de Cristo.

Essa é uma experiência profunda pela qual, acreditamos, todos os discípulos de Jesus passam. Mas é um nível de experiência que só é conhecido plenamente pelos envolvidos. Deus exigiu o sacrifício do filho de Abraão, Jesus exigiu que o jovem vendesse tudo o que tinha e doasse aos pobres. Cremos que o que eles quiseram dizer foi exatamente isso que entendemos. Abraão teve a fé e a confiança em Deus para atender à ordem e recebeu de volta o que ia dar, o jovem, apegado às riquezas, não conseguiu se desprender delas, mesmo sabendo que teria um tesouro no céu e, por isso, não se tornou um discípulo de Jesus, pois, para nos tornarmos

discípulos, precisamos renunciar ao que Jesus pede e a cada um Ele sabe o que pedir. Da mesma forma que aconteceu com Abraão, cremos que muitos homens e mulheres de Deus, de fato, deixariam casas, filhos, pais por amor a Cristo e, por realmente terem a coragem de fazer isso, Deus permite que eles continuem discípulos, mas vivendo ao lado das suas famílias e, muitos, desfrutando de muito mais bens do que tinham quando tiveram a experiência da renúncia.

Vejamos ainda uma outra ordem presente no versículo com que iniciamos este tópico: “e tome sua cruz e siga-me”. No já citado dicionário do Novo Testamento, afirma-se que criminosos eram pregados na cruz para serem executados e essa prática era conhecida desde os persas, conforme podemos confirmar em Esdras 6.11, e os cartaginenses. Também era comum entre os romanos e foi por meio destes que foi introduzida aos judeus. As pessoas crucificadas eram, primeiramente, açoitadas e, posteriormente, tinham que carregar a própria cruz até o local de execução. Essa prática foi abolida por Constantino, imperador romano, por consideração aos cristãos. Além desse sentido literal de ter que realmente carregar a cruz, o dicionário nos aponta um outro sentido, um sentido figurado que significa enfrentamento do sofrimento, da provação, da punição, da exposição à reprovação, à vergonha, à morte. Sendo assim, o crente pode tomar a cruz ou evitá-la. Quando toma a cruz, significa que resolveu seguir Jesus e, portanto, tornar-se um discípulo, não se conforma mais aos padrões e aos valores do mundo e, por isso, sofre as afrontas. Quando evita a cruz, significa que se conformou ao mundo e, embora professe o nome de Jesus, não é discípulo dele, porque o discípulo precisa tomar a sua cruz para seguir Jesus. Sobre essa questão, assim se manifesta Phillips (2008, p. 22):

Talvez o erro fundamental cometido por muitos cristãos seja fazer distinção entre receber a salvação e tornar-se discípulo. Colocam as duas coisas em níveis diferentes de maturidade cristã, presumindo que é aceitável ser salvo sem assumir compromisso com as exigências mais radicais de Jesus, como “tomar a sua cruz e segui-lo” (Mt 10.38). Essa ideia baseia-se na crença errada de que a salvação é principalmente para o benefício do homem a fim de torná-lo feliz e evitar a condenação eterna. Embora a salvação venha ao encontro da mais profunda necessidade do homem, essa ideia humanista de fazer uma coisa em favor do bem-estar da pessoa ignora completamente a razão fundamental pela qual Cristo morreu na cruz. Deus concede a salvação aos homens principalmente para trazer glória a ele por meio de um povo que tem o caráter do seu Filho (Ef 1.12) A glória de Deus é mais importante do que o bem-estar do homem (Is 43.7).

É muito comum ouvirmos que as exigências de Jesus são altas demais e, se for assim, ninguém consegue ser seu discípulo e salvar-se. Já sabemos que Ele disse que a salvação é mesmo impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. Na realidade, Jesus não pede nada aos seus discípulos além do que Ele mesmo tenha feito. Na verdade, segundo o escritor aos Hebreus, que é desconhecido, ainda não tivemos que resistir, como Jesus, até ao sangue

para combater o pecado (Hb 12.4), isso significa que Ele fez muito mais por nós do que nós podemos fazer por Ele.

Conforme o apóstolo Paulo escreveu aos filipenses, Jesus “sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2.6-8). Jesus renunciou ao seu trono de glória para nascer entre os homens, numa condição social e econômica que não era das mais favoráveis. Teve uma vida simples, dedicada a realizar a vontade de Deus. Sendo Deus, aniquilou-se a si mesmo e se tornou um servo, fazendo-se semelhante aos homens e, como homem, humilhou-se, entregando-se à morte como um malfeitor. Como podemos pensar que Jesus exige muito dos seus discípulos? Ele exige muito menos do que Ele mesmo fez por nós.

Obediência

Não é possível ser um discípulo de Jesus sem lhe obedecer. No sermão da montanha, Jesus instrui os seus discípulos a orar e dá um exemplo de oração: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu”, (Mt 6.9-10). O discípulo de Jesus precisa compreender que Deus tem um plano de salvação da humanidade e trabalha para estabelecer seu Reino no mundo desde a eternidade: nós somos escolhidos por Deus, antes da criação, descrita em Gênesis. Há uma vontade soberana de Deus, um plano que Ele haverá de concretizar e, em cada geração, Ele tem seus discípulos para realizarem os seus desígnios eternos. Nós somos as testemunhas de Deus aqui na terra e continuadores da obra que Jesus realizou. Mas a maioria dos crentes pensa que servem a Deus para que Deus os torne pessoas prósperas e cumpram as promessas que eles escolhem como as melhores para suas vidas. Ao contrário, o discípulo de Jesus quer que a vontade de Deus, e não a dele, seja feita tanto na terra como no céu.

Mais uma vez, e sempre, aprendemos com o exemplo de Jesus. Ele nos instruiu a isso: “aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma”. Num dos momentos mais difíceis da sua vida, a sua alma estava cheia de tristeza até a morte. Quando estava no Getsêmani, orou a Deus da seguinte forma: “Meu pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.39) ou “Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua”, (Lc 22.42). A obediência não se desvincula da renúncia. Para obedecer à vontade de Deus, Jesus

renuncia à sua vontade. Quando Ele pede “se é possível, passa de mim esse cálice”, entendemos que, se fosse possível, Ele preferiria não ter que enfrentar o que estava por vir, ou seja, a morte na cruz. Mas Ele sabia do plano redentor que Deus tinha e Ele se mostrou disposto a fazer parte desse plano. É essa mesma disposição que deve ter um discípulo de Jesus. Durante todo o seu ministério, Ele sempre deixou claro que a vontade do Pai estava acima da sua: “a minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra”, (Jo 4.34).

Ensinando aos seus discípulos, disse que os que o amam, guardam, obedecem os seus mandamentos: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos”, (Jo 14.15) e “Quem não me ama não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14. 24). Ainda nessas últimas instruções que Jesus deu aos seus discípulos, ficamos sabendo que o Pai somente é glorificado se dermos muito fruto e, somente se dermos muito fruto, seremos discípulos de Jesus (Jo 15.8). Entretanto, além de darmos fruto, esse fruto precisa permanecer: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto em meu nome pedirdes ao Pai ele vos conceda” (Jo 15.16). Essa compreensão de que assim como Deus enviou Jesus, Ele nos envia (Jo 20.21) deve ser incutida na cabeça do discípulo, pois, para isso, ele foi escolhido. O discípulo, assim como os grandes líderes políticos, conhecidos como estadistas, colocam os interesses da nação acima dos seus interesses pessoais, coloca os interesses do Reino de Deus acima dos seus. Dessa forma, onde quer que esse discípulo esteja, qualquer que seja sua profissão, ele sabe que está ali e é o que é para ser usado por Deus para que o plano dele seja estabelecido. Isso porque ele compreende que

a chave da história do mundo é o reino de Deus. A história das (...) nações mencionadas no AT só tem importância quando se relaciona com o destino de Israel. E, em última instância, a história hodierna só tem importância em relação com a história do reino de Deus. Deus trabalha para o estabelecimento do seu reino e está chamando pessoas para esse reino. (LLOYD-JONES, 1995, p.23)

A consumação desse plano será a inauguração de novos céus e nova terra. Os discípulos de Jesus são embaixadores desse Reino! São eles que trabalham para Deus e representam o seu Reino na terra e estão desenvolvendo o ministério da reconciliação. Primeiramente, fomos reconciliados com Deus, por meio de Jesus Cristo e, depois disso, recebemos o ministério da reconciliação, “isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo...” (2Co 5. 18-20). Precisáramos conhecer um pouco sobre quem são as pessoas que são embaixadoras das nações terrenas para entendermos a dignidade

do cargo de embaixador do Reino de Deus e a postura que esse cargo requer. Devemos andar como é digno da vocação para a qual fomos chamados (Ef 4.1), sendo novas criaturas em Cristo Jesus (2Co 5.17), sendo santos e irrepreensíveis diante de Deus, em amor (Ef 1.4) e irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração perversa e corrompida entre a qual devemos resplandecer como astros no mundo (Fl 2.15) e não termos a mesma postura, as mesmas ações, a mesma linguagem, a mesma vestimenta, os mesmos costumes daqueles que não somente não glorificam o nome de Deus, mas o blasfemam.

O discípulo de Jesus entende que Deus é o Senhor do universo e, portanto, apesar de ser nosso Pai e cuidar de nós, levando em conta cada uma das nossas fraquezas e dificuldades, porta-se diante dele com a reverência devida. Ortiz (2007, p. 13) nos explica acerca do significado da palavra *senhor*:

A palavra *senhor* não tem hoje o mesmo significado de quando Jesus se achava na terra. Naquela época, ela significava autoridade máxima, o número um, o homem que estava acima de todos os outros, o dono de toda a criação. O vocábulo grego *kurios* (que significa senhor) com inicial minúscula era usado pelos escravos ao se dirigirem a seus amos. A mesma palavra, com inicial maiúscula, era aplicada a apenas uma pessoa em todo o Império Romano – a César. O César romano era o Senhor. Em verdade, quando os funcionários públicos ou soldados se encontravam na rua, tinham que saudar uns aos outros com as palavras: “César é o Senhor!” E a resposta invariavelmente era: “Sim; César é o Senhor!” Por isso, os cristãos tiveram que enfrentar um grande problema. Sempre que alguém os saudava com estas palavras: “César é o Senhor!”, eles respondiam: “Não; Jesus Cristo é o Senhor!”.

Reconhecer que Jesus é o Senhor significa estar totalmente sujeito à sua autoridade e, portanto, obedecer aos seus preceitos e à sua vontade. Nesse ponto, estamos plenamente de acordo com Ortiz, entretanto, discordamos dele quando afirma que a palavra *senhor* não tem o significado que tinha no tempo de Jesus. O dicionário Houaiss traz vários significados para essa palavra, tais como proprietário de feudo, aquele que possui algo; dono, proprietário, dono da casa; patrão, amo, pessoa que exerce poder, dominação, influência e, ainda dentre outras, usada num sentido absoluto Deus, na pessoa de Jesus Cristo. É fato que o significado não mudou, visto que o dicionário traz esse significado. O que mudou foi o tratamento dos cristãos. Deus e Jesus não são mais Senhores a quem se deve obedecer, mas são pessoas capazes de realizar o impossível na vida daqueles que tão somente querem os milagres de Deus e não se submeter ao seu senhorio, ou seja, não querem lhe obedecer. Ainda sobre essa questão, vejamos o que nos diz Phillips (2008, p. 41): “A obediência é o primeiro distintivo do discípulo. Obedecemos a Deus porque Ele é o Senhor soberano do Universo, e nossa obediência é a única resposta aceitável para sua inefável bondade (Rm 2.4)”. E ainda:

Quando há conflito entre a Palavra de Deus e os sentimentos, o discípulo resolve fazer o que Deus ordena. É nisso que se resume o cristianismo. Uma das grandes tragédias do cristianismo do século 20 é que muitos cristãos que conhecem a Bíblia foram educados longe da obediência. Alguns cristãos utilizam o método “mergulhe e pule” de obediência à Escritura. Eles mergulham nas promessas e pulam as ordens. Ou, então, enfatizam certos versículos “importantes” e ignoram outros, desvalorizando 2Timóteo 3.16, que declara: “*Toda a Escritura é inspirada por Deus [...]*”. (PHILLIPS, 2008, p. 47, grifo do autor)

Mais que pular as ordens, acreditamos que muitos pulam os versículos que evidenciam a necessidade de mudança de vida, do coração com suas concupiscências, seus desejos carnavais, que teimam em vencer o espírito. Dessa forma, o que vemos hoje nas igrejas são muitos cristãos que não demonstram sua fé por meio do fruto do Espírito, que é a evidência de uma vida transformada e que vive em obediência a Deus. Então, as práticas de prostituição, de impureza, de lascívia, de inimizades, de iras, de pelejas, de bebedeiras, de invejas, todas obras da carne, estão bem presentes no meio da igreja. Mas sobre isso Jesus falou: o joio cresce junto com o trigo. A falta de obediência é resultado do prazer ao pecado, à iniquidade, e isso terá sérias consequências: “Nem todo o que diz: Senhor, Senhor! Entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21). Quem faz a vontade de Deus é quem obedece².

Submissão

A submissão está muito próxima da obediência, mas um dos significados do dicionário Houaiss diz que, na submissão, há uma “disposição para obedecer, para aceitar uma situação de subordinação; docilidade, obediência, subalternidade”. Há momentos em que obedecemos porque somos obrigados, coagidos, não temos alternativas. No caso da submissão, há uma disposição interior. Dessa forma também pensa Phillips (2008, p. 49), pois, para ele, “submissão com alegria é a segunda característica de um discípulo. A submissão é muito mais que obediência. É uma atitude interior de confiança no Deus soberano, amoroso e onisciente”.

² No curso *A formação do discípulo* – básico, trataremos de questões mais práticas para compreendermos melhor a obediência. Na realidade, se somos obedientes, isso se evidencia em todas as nossas atitudes como, por exemplo, na responsabilidade no nosso trabalho, nas atitudes que temos com os nossos superiores, na prestação de contas que fazemos à nossa liderança na igreja etc. Na verdade, quem decide viver uma vida que dignifica o nome de Jesus tem respeito a todas as autoridades constituídas em todas as esferas da realidade, a menos que as autoridades confrontem a vontade de Deus (At 4. 18-19). O servo de Jesus é uma pessoa afável, benévola, tratável, por isso, deve assumir posturas exemplares e respeitar a todos os seus superiores com ações que evidenciam isso e não meramente com palavras.

A respeito da obediência, se voltarmos aos exemplos acerca de Jesus, veremos que nele há essa disposição para obedecer. Nos momentos difíceis que antecederam sua morte, quando orava, disse ao Pai que, se fosse possível, poderia evitar que ele vivenciasse tão grande sofrimento, mas também disse de forma decidida: “não seja como eu quero, mas como tu queres”, (Mt 26.39) ou “Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua”, (Lc 22.42). Ele tem a disposição de realizar a vontade do Pai, mesmo que, para isso, tenha que sofrer. Vimos anteriormente que a obediência não se desvincula da renúncia. Para obedecer à vontade de Deus, Jesus renuncia à sua vontade e, nós, para sermos discípulos de Jesus, renunciemos à nossa. Mas essa é uma decisão feita com disposição, com alegria, ainda que dela nos advenham perseguições.

A atitude de submissão leva-nos, como Jesus, a aniquilarmos a nós mesmos e, também, a humilharmos a nós mesmos: “Humilhai-vos perante o Senhor, e Ele vos exaltará” (Tg 4. 10). Foi porque Jesus agiu assim que Deus o “exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo nome” (Fl 2.9). Essa ação de entrega, de disposição à obediência, também é muito evidenciada quando Jesus diz “Por isso, o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para dar e poder para tornar a tomá-la. Esse mandamento recebi do meu Pai” (Jo 10. 17-18). Jesus disse, e já vimos isso, que quem quiser ganhar sua vida irá perdê-la, mas quem perdê-la por amor a Ele irá ganhá-la. Nós temos a mesma oportunidade que Jesus teve de entregar a nossa vida a Deus por inteiro. Ninguém nos obriga a fazer isso, nós, diante de um Deus tão poderoso e amoroso, é que queremos dar nossa vida a Ele e deixar de viver a nossa. Essa é a disposição que há no coração de um discípulo.

Vejamos o exemplo do apóstolo Paulo em, pelo menos, três momentos. No final da sua terceira viagem missionária, quando estava em Mileto, mandou chamar os anciãos da cidade de Éfeso para dar-lhes mais alguns conselhos e instruções. Nessa situação, disse que a próxima etapa de sua caminhada seria Jerusalém e ele não sabia o que poderia lhe acontecer, mas o Espírito Santo estava lhe avisando que ele enfrentaria prisões e tribulações. Depois disso, disse o seguinte: “Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (At 20.24). Paulo é avisado de que, na próxima etapa do seu ministério, ele enfrentaria prisões e tribulações! Ele não murmura, não reclama! Mas diz que sua vida não é preciosa para ele! O que ele quer é cumprir, com alegria, a vontade do Pai e não a dele. Ele quer cumprir, com alegria, seu ministério, que é ser testemunha de Jesus. Quando somos discípulos,

nada é mais importante para nós do que anunciar o evangelho e ensinar a Palavra de Deus! Para isso Jesus nos enviou.

Saindo de Éfeso, Paulo seguiu sua viagem e, logo depois que chegou a Cesareia, na casa de Filipe, um profeta, por nome Ágabo, profetizou que, em Jerusalém, Paulo seria entregue às mãos dos gentios, ou seja, ele seria preso. Os amigos e companheiros de Paulo que ouviram essa profecia lhe pediram para que não fosse a Jerusalém. Diante desse pedido, Paulo lhes respondeu da seguinte forma: “Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus” (At 21. 13). Vendo que não poderiam convencê-lo, disseram “Faça-se a vontade do Senhor”, (At 21.14) e a vontade do Senhor era que ele realmente fosse preso, pois, assim, o evangelho chegaria não somente à guarda pretoriana³, mas também a muitas autoridades da época. Aos filipenses, Paulo ensinou que a eles, e também a nós, foi concedido, “em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele” (Fl 1.29).

Quando escreveu aos filipenses, Paulo estava preso, justamente no pretório de Herodes, e estava muito feliz por isso, pois considerou essa prisão muito proveitosa para o evangelho, pois, por conta dela, muitos lugares e a guarda pretoriana ouviram o evangelho e, além disso, “muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor.” (Fl 1.14). Paulo disse ainda aos filipenses: “o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofreu a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo”. A renúncia, a obediência e a submissão de Paulo nos encantam. Ele deseja se submeter por completo ao senhorio de Jesus, ele quer conhecê-lo com profundidade! Quer conhecer “a virtude da sua ressurreição, e a comunicação das suas aflições” (Fl 3. 10), porque tudo que ele quer é chegar à ressurreição dos mortos que ele julga que ainda não alcançou, mas prossegue para alcançar e, para isso, ele segue firme, convicto: “esquecendo-se das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão adiante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fl 3. 13). Devemos nos espelhar nesses exemplos e comparar a nossa submissão à de Jesus e à de Paulo: “Sede também meus imitadores” (Fl 3.17).

Amor a Deus e ao próximo

³ O pretório era a sede administrativa do governador. Em Atos 23.35, ficamos sabendo que era de Herodes: “E mandou que o guardassem no pretório de Herodes”.

“Amarás, pois o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder” (Dt 6.5). “Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19. 18). Numa certa ocasião, um doutor da lei quis saber de Jesus qual era o principal mandamento da lei e Jesus respondeu que é amar a Deus com todo o coração, alma, poder, força, pensamento. Aproveitando a ocasião, disse também o segundo que é semelhante ao primeiro: amar o próximo como a si mesmo. Explicou ainda mais: “desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”. Sobre o amor ao próximo, assim se manifesta Ortiz (2007, p. 51): “qual é o significado deste mandamento? Ele significa que devo desejar para o meu próximo aquilo que desejo para mim mesmo. E devo empregar, em favor do meu próximo, o mesmo esforço que emprego para a obtenção de bens para mim”.

Um outro doutor da lei perguntou a Jesus o que ele deveria fazer para herdar a vida eterna. E Jesus faz a ele uma outra pergunta: “que está escrito na lei? Como lê?” Observe que à pergunta, Jesus deixa claro que a resposta já foi dada. Mas sempre questionamos porque temos dificuldade em aceitar o que está escrito. Além de perguntar o que está escrito, Jesus pergunta como lê, ou seja, como você entende o que está escrito? Muitos de nós desejam acreditar que a Bíblia pode ser interpretada de várias maneiras, por isso não sabemos exatamente o que devemos fazer. Mas, para nós, parece muito claro o que está escrito. O doutor respondeu a Jesus que está escrito o seguinte: “Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo”, (Lc 10.27). Jesus elogiou a resposta e disse que, se ele fizesse isso, viveria, ou seja, teria a vida eterna. Sempre há, todavia, mais uma pergunta quando não conseguimos aceitar o que, de fato, temos que fazer. Então, o doutor da lei quer saber quem é o próximo. A essa pergunta, Jesus responde com um exemplo concreto. Segundo ele, um homem descia de Jerusalém para Jericó e, no caminho, foi assaltado, espancado e foi deixado quase morto. Descia por esse mesmo caminho um sacerdote e, vendo-o, passou com uma certa distância. Passando também um levita, procedeu da mesma forma. Diferentemente, passou um samaritano, aproximou-se dele, viu-o e moveu-se de *íntima compaixão*. Esse é o diferencial de quem ama. É movido por uma íntima compaixão. Esse samaritano cuidou das feridas do homem, colocou-o na sua cavalgadura, levou-o a uma estalagem e cuidou dele. Quando partiu, pagou ao hospedeiro, recomendou que ele cuidasse do ferido e disse que tudo que fosse gasto com ele, seria pago quando ele retornasse àquele local. Depois de contar essa história, Jesus é quem faz uma pergunta: “Qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lc 10.36) E o doutor respondeu que foi aquele que teve misericórdia dele e Jesus lhe disse: “Vai e faz da mesma forma”.

Diante dessa história, o que resta a nós é, como nos disse Tiago (4.9), sentir as nossas misérias, lamentar, chorar e nos humilhar diante de Deus e clamar a Ele para que nos dê amor pelo nosso próximo. Amor é demonstrado por ações e não por palavras. Nós sempre temos explicações e justificativas para não obedecermos a esses mandamentos do Senhor, base da lei e dos profetas. Mas a palavra de Deus nos confronta e nos dá a dimensão de realmente quem nós somos e se somos, ou não, seus discípulos. Sobre amar a Deus e ao próximo, necessitamos refletir na profundidade da primeira carta escrita pelo apóstolo João, da qual destacaremos, apenas, as passagens que se referem ao amor a Deus e ao próximo.

Na primeira carta, depois da saudação, o apóstolo afirma que Deus é luz e nele não há nenhuma treva. Logo, se dissermos que temos comunhão com Deus e andarmos nas trevas, somos mentirosos, mas, se andarmos na luz, temos comunhão uns com os outros. Não há para onde fugir: ou temos comunhão uns com os outros e andamos na luz ou não temos e andamos em trevas. Segundo o apóstolo, há uma forma de sabermos se conhecemos a Deus: “se guardarmos os seus mandamentos” (1Jo 2.3). Quem diz que o conhece e não guarda seus mandamentos é um mentiroso. Sobre andar na luz e nas trevas, João dá mais ênfase: “Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz e, nele não é escândalo. Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos” (1Jo 2.9-11). O apóstolo diz ainda que os filhos de Deus e do diabo se manifestam: “qualquer que não pratica a justiça e não ama a seu irmão não é de Deus” (1Jo 3.10). Temos a convicção de que passamos da morte para a vida pelo fato de amarmos nossos irmãos e “quem não ama a seu irmão permanece na morte” (1Jo 3.14). Quem não ama o irmão é comparado a um homicida e “nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna” (1Jo 3.15). A forma como nós conhecemos o amor é por meio da entrega de Jesus na Cruz. Assim como ele nos entregou sua vida, “devemos dar a vida pelos irmãos” (1Jo 3.16). O nosso amor não deve ser “de palavras, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1Jo 3.18). Ainda há vários versículos que enfatizam a necessidade de amarmos uns aos outros, mas finalizaremos com este: “Se alguém diz: eu amo a Deus e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu? E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também seu irmão” (1Jo 4.20-21).

Amar aos irmãos por meio de ações concretas é uma forma de evidenciar a nossa fé. É assim que Tiago nos ensina. Somos salvos, justificados por Deus, por meio da nossa fé em Jesus Cristo, conforme nos ensinou o apóstolo Paulo, e o modo de demonstrarmos nossa fé é por meio das obras:

se algum de vós lhes disser: Ide em paz aqueantai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. Mas dirá alguém: tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. (Tg 2.16-18)

Sobre a dificuldade que temos em demonstrar nossa fé por meio das nossas obras, uma afirmação de Ortiz é muito esclarecedora: “Talvez alguns de nós tenham dificuldades com esta questão porque fomos doutrinados num evangelho anticatólico. Desvestimos totalmente as boas obras de todos os méritos. Não somos salvos por boas obras, dizemos; e isto é apenas uma parte da verdade, pois nós *somos* ‘criados em Cristo Jesus para boas obras’” (Ef 2.10, grifo do autor). As boas obras podem evidenciar nosso amor, mas pode haver outras motivações para as boas obras. Entretanto, se amamos, necessariamente, temos que evidenciar esse amor e a nossa fé por meio das nossas boas obras.

Como amar sem termos relacionamentos com nossos irmãos? Acreditamos que esse é um dos nossos maiores desafios e a Palavra de Deus nos confronta demais. Vivemos num tempo da falta de tempo. Ninguém tem tempo para amar as pessoas, para se relacionar com elas. Vivemos num tempo em que não temos tempo para visitar e, muito menos, para receber visitas, pois o pouco tempo que temos é o nosso tempo de descanso e o tempo que temos para passar tempo com os nossos familiares. A Palavra de Deus nos confronta e Ortiz (2007, p. 60) também não nos deixa numa posição confortável, dizendo que quando afirmamos não ter tempo, apenas demonstramos nosso egoísmo! Nas palavras dele,

Estamos dizendo que todo nosso tempo é empregado na edificação de nosso pequeno reino particular. Mas se estivéssemos para morrer, teríamos, para os outros, todo o tempo que fosse necessário. Jesus tinha vinte e quatro horas por dia, para os outros. Não tinha nada a fazer para si. Por quê? Porque ele carregava uma cruz sobre os ombros, e ele disse que seus seguidores tinham que fazer o mesmo.

Ao final dessas reflexões, muitos, provavelmente, chegaremos à conclusão de que não temos dado nossas vidas pelos nossos irmãos como deveríamos ou como Jesus espera. Por isso, devemos sempre ter, quando nos apresentarmos diante de Deus, a atitude do publicano que, sem conseguir levantar os olhos para o céu, batia no peito e dizia: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!” (Lc 18. 10-14). De acordo com Jesus, o publicano, por conta dessa atitude de quebrantamento e submissão, foi justificado diante de Deus. Além dessa atitude que deve ser constante em nossa vida, à medida que formos renunciando a nós mesmos para Cristo

habitar em nós, nosso amor pelo próximo será, cada vez mais, intenso, pois, por ele viver em nós, nos moveremos de íntima compaixão pelo nosso próximo que já sabemos quem é.

As responsabilidades do discípulo

Ser testemunha de Jesus

“Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo 20.21). Deus enviou Jesus para fazer a reconciliação entre Deus e o mundo e, da mesma forma, Jesus nos envia. Será que já paramos um tempo para refletirmos sobre essa questão? Será que nos damos conta da tarefa que Jesus confiou a nós? Logo após o batismo de Jesus, os céus se abriram e o Espírito de Deus desceu como uma pomba sobre Ele. Depois disso, uma voz dos céus disse “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.16-17). Jesus foi revestido pelo Espírito de Deus e, após, começou o seu ministério público. Da mesma forma, disse aos seus discípulos que eles deveriam esperar pela promessa do Pai e receber o batismo com o Espírito Santo. Assim eles receberiam a virtude do Espírito Santo para serem testemunhas em Jerusalém, na Judeia e na Samaria e até aos confins da terra (At 1.8).

O discipulador precisa saber que ele somente será discípulo de Jesus se produzir fruto, ou seja, se sua ação como testemunha de Jesus gerar resultados concretos. E isso ele também ensinará ao discípulo que está sendo formado. Depois de renunciar à sua vida, obedecer à Palavra de Deus, se submeter à Sua vontade por amor a Ele e ao próximo, essas são as exigências do chamado, deve assumir a responsabilidade da chamada que é ser testemunha e entender como é possível assumir essa responsabilidade.

Para esse entendimento, precisamos ter em mente o ensinamento de Jesus sobre a videira verdadeira. Ele é essa videira e Deus é o seu lavrador. Qualquer vara da videira que não dá fruto é retirada dela e aquelas que dão fruto são sempre limpadas pelo Pai com a finalidade de darem mais frutos ainda. Tendo a compreensão da explicação por meio da observação da realidade de uma videira, entendemos que o momento da poda é essencial para que a videira produza frutos. Na realidade, uma videira que não é podada, ou que o seja por alguém que não tenha o conhecimento necessário para isso, não dá frutos. Antes e depois da poda, que é sempre feita após a colheita, uma videira, para quem não entende do assunto, parece estar morta. A poda dela, momento doloroso, é considerada um processo decisivo para que, além de dar frutos, os dê com qualidade. A limpeza que Deus faz em nós, para que possamos dar frutos com qualidade e que permanecem, se dá por meio da sua Palavra. Ela retira de nós o que não agrada a Deus e

esse processo é, muitas vezes, bastante doloroso até que nasça em nós uma nova criatura em Cristo; depois disso, passamos a nos submeter, com muita alegria, mesmo em momentos difíceis, à vontade de Deus, expressa na sua Palavra. O segredo para darmos frutos, então, está aqui: “Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim” (Jo 15.4). Nada poderemos fazer se não estivermos em Jesus e, além disso, seremos lançados fora, como a vara, e secaremos. Mas, se estivermos nele e a palavra dele em nós, poderemos pedir o que quisermos que nos será feito. Se tivermos essa comunhão com Jesus somente pediremos o que é a vontade do Pai porque queremos que a vontade dele prevaleça em toda e qualquer situação. Quando procedemos dessa forma, o Pai é glorificado. Ele somente é glorificado se dermos frutos e, assim, Jesus diz, “sereis meus discípulos” (Jo 15. 8).

Jesus ainda nos ensina que só poderemos permanecer no seu amor, se guardarmos os seus mandamentos como, da mesma forma, ele tem guardado os mandamentos do Pai e permanecido no amor dele. Se isso acontecer, a nossa alegria será completa (Jo 15, 11). O fruto que Jesus espera da nossa vida não é um fruto temporário, passageiro. Ao contrário, Ele quer que nosso fruto permaneça e tenha resultados na eternidade. Ele nos escolheu do mundo e nos nomeou para darmos frutos. Vivemos no mundo, mas não somos dele, não fazemos parte dele e, por isso, o mundo nos despreza, pois também desprezou Jesus: “Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes os escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece” (Jo 15. 19).

Somos testemunhas de Jesus para dizer ao mundo que é possível ter esperança acerca do futuro. Somos testemunhas de que Jesus veio ao mundo, morreu e ressuscitou para dar vida aos que estavam mortos em seus pecados e, renascidos, terem o direito de fazer parte de um Reino que será estabelecido no futuro. Um Reino em que haverá paz, pois será resultado de um governo com justiça. Um Reino em que haverá repouso e segurança para sempre. Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês, um grande pensador do nosso tempo atual, diz o seguinte:

O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. Essa insegurança e essa incerteza, por sua vez, nascem de um sentimento de impotência. (BAUMAN, 2007, p.32)

Nós somos chamados para anunciar o evangelho, para anunciar as boas-novas. Nossa sociedade é marcada pelo medo, provocado pela insegurança do presente e pela incerteza do futuro. Nós somos chamados para anunciar que, ainda que andemos pelo vale da sombra e da morte, não deveremos temer mal algum, pois o Senhor está conosco. Basta aceitar a Jesus como salvador para ter a comunhão restabelecida com Deus. O medo que nós sentimos é sempre eliminado se meditarmos na Palavra do Senhor: “Lança o teu cuidado sobre o Senhor, e Ele te susterá; nunca permitirá que o justo seja abalado” (Sl 55.22); “Clamarei ao Deus Altíssimo, ao Deus que por mim tudo executa” (Sl 57. 2); “Por causa da sua força eu te aguardarei; pois Deus é a minha alta defesa” (Sl 59. 9); “Eu, porém, cantarei a tua força; pela manhã, louvarei com alegria a tua misericórdia, porquanto tu foste o meu alto refúgio e proteção no dia da minha angústia” (Sl 59. 16). Nós somos chamados para proclamar que é chegado o Reino de Deus. E quanto ao futuro? Somos as testemunhas de que o nosso futuro é fazer parte de um Reino em que haverá justiça cujo resultado será a paz. Não precisamos ter o medo que o mundo tem por conta das desordens sociais, políticas e econômicas. Apesar delas, temos a convicção de que Deus não perde o controle de nada e, no final dos tempos, estabelecerá seu Reino e nós viveremos numa cidade construída com ouro e com pedras preciosas, a Jerusalém celestial. Nós somos chamados para evangelizar o mundo. Jesus nos mandou pregar o evangelho, fazer discípulos e integrá-los no corpo de Cristo que é a igreja.

Além do medo provocado pela desordem do mundo, da instabilidade da economia que tem deixado tantas famílias em dificuldades financeiras e sem perspectivas de futuro, há outros medos, ainda mais profundos, que consomem a força das pessoas: o medo do poder superior da natureza, o medo pela fragilidade dos nossos corpos, ou seja, estamos sujeitos a doenças incuráveis e, por mais que tenhamos uma vida longa e saudável, temos a certeza de que um dia morreremos. A vida não tem sentido se não crermos na vida eterna. Qual seria o sentido de nascer, crescer, estudar, adquirir bens, ter filhos, se temos a certeza de que nada disso dura e que, por fim, tudo perderemos? A morte provoca um terror no coração daqueles que não conhecem a Deus e o salvador Jesus Cristo. Nós somos chamados para anunciar que podemos vencer a morte por meio do sacrifício de Jesus. Não pode existir melhor notícia do que esta: todo aquele que crer em Jesus, ainda que morra, viverá.

Fazer discípulos

A insegurança que, conforme temos visto, tem caracterizado nossa sociedade é ainda provocada pela maldade e pela crueldade das ações humanas. Segundo Bauman (2007, p.63),

ela é desencadeada pela suspeita em relação a outros seres humanos e suas intenções, e pela recusa em confiar na constância e na confiabilidade do companheirismo humano, e deriva, em última instância, de nossa inabilidade e/ou indisposição para tornar esse companheirismo duradouro e seguro e, portanto, confiável.

Nossa insegurança é também resultado do medo que temos de outros seres humanos! Por conta das suas más intenções, não podemos mais confiar na constância e na lealdade do companheirismo humano. O mundo moderno é marcado, de modo geral, pela falta de habilidade das pessoas e/ou pela falta de sua disposição em cultivar relacionamentos duradouros, seguros e confiáveis! Já aprendemos que devemos amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo com a nós mesmos. Nós temos a responsabilidade de fazer discípulos para Jesus, de formar Cristo nas pessoas e fazer delas novas criaturas, dispostas a fazerem o bem, a serem leais, confiáveis, amigas. Dispostas a construir relacionamentos profundos e duradouros na família e na sociedade. Jesus não nos chamou para sermos individualistas, nos chamou para vivermos fazendo parte de um mesmo corpo, a Sua igreja, da qual Ele é a cabeça. Ele nos chamou para edificar nossas casas, para amar nossos esposos e filhos. Chamou-nos para construirmos relacionamentos que durarão o tempo que durará nossa vida na terra. Além da confiança em Deus, o fato de termos pessoas amigas e leais ao nosso lado cria em nós o sentido de segurança tão necessário para uma vida plena.

O relacionamento entre Paulo e Timóteo é um grande exemplo para nós. Paulo se refere a ele como “meu verdadeiro filho na fé”. Esse nível de relacionamento tira de nós o sentimento de insegurança, de medo, pois, se enfrentarmos momentos difíceis e tivermos com quem contar, tudo se tornará mais fácil. Paulo pôde contar com Timóteo, com quem havia cultivado um relacionamento profundo. Paulo contribuiu para que Cristo fosse formado em Timóteo. Com certeza, Timóteo foi bem instruído por sua avó, Loide, e por sua mãe, Eunice, mas o preparo final dele, para ser um verdadeiro discípulo de Jesus, foi feito por meio do apóstolo.

Paulo pediu a Timóteo que ficasse em Éfeso e impedisse que lá fosse ensinada outra doutrina. O discípulo de Jesus forma outros discípulos para que outra doutrina não seja ensinada, mas somente a doutrina que sustenta o cristianismo. Não fazem sentido as discussões intermináveis que só produzem contenda e não a edificação. Paulo ensina que o fim do mandamento é o amor de um coração puro, uma boa consciência e uma fé não fingida.

As duas cartas de Paulo a Timóteo dão a este uma série de ensinamentos e advertências. Aqui queremos destacar as instruções específicas dadas em relação à vida pessoal de Timóteo, visto que estamos tratando da nossa responsabilidade de fazer discípulos para Jesus. O modo como Paulo instrui Timóteo deve ser um exemplo para nós instruímos outros discípulos para Jesus. Ele instrui Timóteo a exercitar a si mesmo na piedade. Segundo o apóstolo, o exercício corporal para pouco se aproveita, mas “a piedade para tudo é proveitosa” (1Tm 4.7-8). Apesar de Timóteo ser muito jovem, Paulo exorta-o a ensinar a igreja e ninguém deveria desprezar a sua juventude, mas, para que isso acontecesse, ele deveria ser exemplo para os fiéis. Ele deveria ser exemplo “na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza” (1Tm 4. 11). Em Provérbios, está escrito que “até a criança se dará a conhecer pelas suas ações, se a sua obra for pura e reta” (Pv 20. 11). Independentemente da idade dos discípulos que iremos formar, eles deverão ser respeitados pelo exemplo que passarão a dar aos fiéis, visto que serão novas criaturas. Timóteo ainda deveria persistir em ler, exortar e ensinar. Ele deveria cuidar de si mesmo e da doutrina. Da mesma forma, os discípulos que temos a responsabilidade de formar deverão ler a Palavra de Deus, exortar outras pessoas a viver segundo os preceitos bíblicos e ensinar esses preceitos.

O apóstolo Paulo tem uma grande preocupação com a doutrina cristã e não aceita que nada seja ensinado que não esteja de acordo com ela. Ele tinha toda razão em se preocupar com essa questão, pois uma doutrina é um conjunto de ideias essenciais que deve ser transmitido por meio do ensino e é também o conjunto de ideias básicas que sustenta um sistema filosófico ou qualquer outro sistema. No caso da doutrina à qual Paulo se refere, trata-se do conjunto de ideias que dão sustentação ao cristianismo. O que, nos parece, fica muito evidente, é o fato de haver ensinamentos no cristianismo que o sustentam e que devem ser transmitidos por meio do ensino. Por esse motivo, este livro inclui os temas fundamentais da fé cristã, bem como as doutrinas que a sustentam para que outros ensinamentos deturpados e estranhos aos ensinamentos de Jesus e de Paulo não prevaleçam na igreja, que é o corpo de Jesus. Além disso, conforme veremos posteriormente, essas doutrinas são a base de um discipulado eficaz.

De volta à instrução de Paulo a Timóteo sobre cuidar dele mesmo e da doutrina, segundo Paulo, se ele perseverasse nessas coisas ele conseguiria alcançar a salvação dele e a dos que o ouvissem (1Tm 4.16). E, se alguém ensinasse outra doutrina que não estivesse de acordo com os ensinamentos de Jesus, que se dão segundo a piedade, “é soberbo e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho” (1Tm 6.3-5). Sobre esses homens, o

conselho de Paulo é “Afastate-te dos tais” (1Tm 6. 5b). Paulo orienta Timóteo a ficar contente se tiver com o que se cobrir e o sustento, pois os que têm anseio de ficar ricos “caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína”, (1Tm 6.9). Isso porque “o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores” (1Tm 6. 10). O discípulo de Jesus deve fugir dessas coisas e seguir “a justiça, a piedade, a fé, o amor, a paciência, a mansidão” (1Tm 6.11).

Paulo, agora na segunda carta, diz para Timóteo conservar “o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus”, (2Tm 1.13). Isso nos ensina que, independentemente, do que venha ocorrer no mundo, mudanças nos valores, nos modos de vida, na conduta, o discípulo de Jesus permanece na doutrina da Palavra. E, para conservar essa doutrina, Paulo diz a Timóteo para que ele a ensine “a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinar a outros” (2Tm 2.2). O discípulo se torna uma nova criatura e, tendo passado pelo processo de **Integração** ao corpo de Cristo, que é a igreja, está apto a fazer parte das equipes de **Discipulado**, e, portanto, formará novos discípulos para Jesus, e de **Evangelização**. E, dessa forma, cumprirá o **IDE** de Jesus.

No Reino de Deus, haverá justiça, paz e segurança porque dele somente farão parte aqueles que se tornaram novas criaturas em Cristo. Portanto, não haverá razão para suspeitarmos uns dos outros, pois as intenções serão as mais puras e piedosas. Haverá constância e confiabilidade no companheirismo humano e todos nós estaremos hábeis e dispostos a fazer durar por toda eternidade os mais profundos e duradouros relacionamentos. Por isso, os sentimentos de medo e de insegurança que assolam o mundo em que vivemos não terão espaço.

Ser administrador

Os discípulos de Jesus são os administradores das propriedades e dos interesses do Reino de Deus aqui na terra. MacDonald faz uma leitura muito interessante da parábola do administrador astuto que está registrada em Lucas 16.1-13 e esse entendimento nos iluminará quanto à nossa responsabilidade de administrar os bens do nosso Senhor. De acordo com a parábola, havia um homem rico o qual tinha um mordomo. Esse mordomo foi acusado de administrar mal os bens de seu senhor. Por conta disso, o patrão chamou-o e exigiu que ele prestasse contas do trabalho e, mesmo assim, estaria dispensado dessa função. Diante dessa

situação, o mordomo pensou no que poderia fazer, pois perderia seu trabalho e não estava vendo possibilidades de se sustentar. Pensou, pensou e encontrou uma solução para quando deixasse o seu cargo. Seu plano era continuar sendo recebido nas casas dos devedores do seu senhor. Para isso, chamou cada um dos devedores e perguntou quanto eles deviam. Diante da resposta, ele entregava a conta a eles e pedia para colocarem outro valor, bem inferior à dívida. Sabendo dessa situação, o senhor dele o louvou, pois considerou que ele procedera prudentemente: os filhos das trevas são mais prudentes do que os filhos da luz. Depois de contar essa parábola, Jesus disse aos discípulos: “granjeai amigos com as riquezas da injustiça, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos. Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito. Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?”

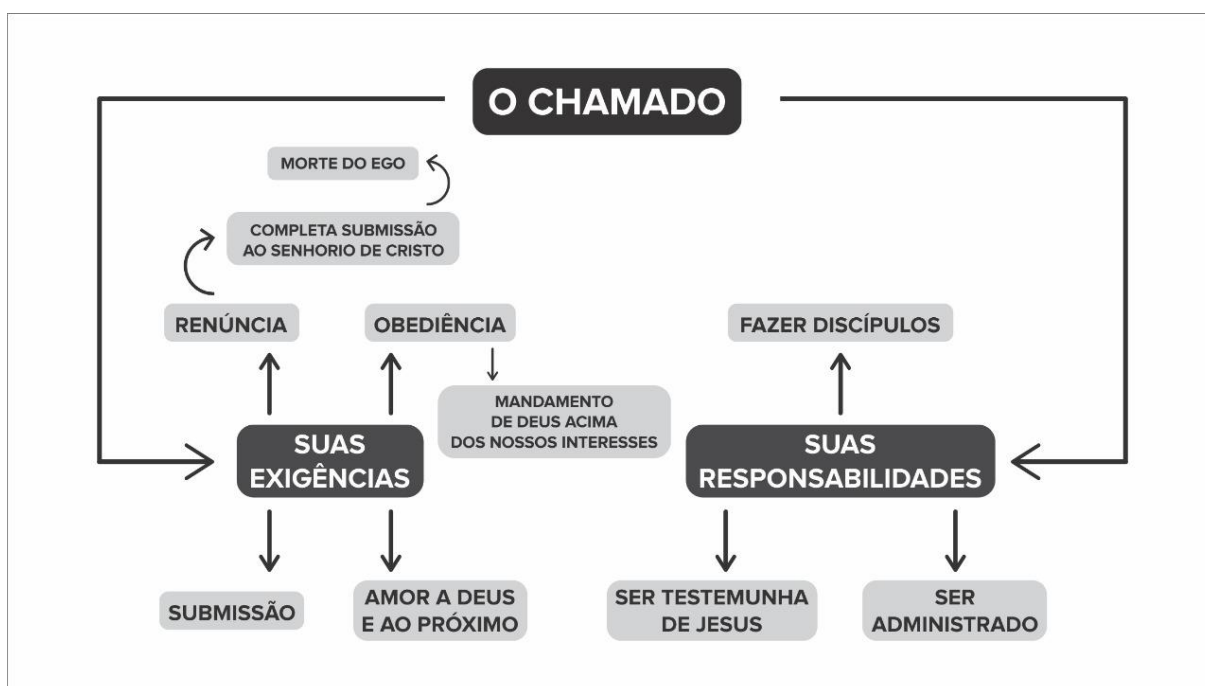
Segundo MacDonald, essa parábola apresenta dificuldades, visto que ela parece apoiar práticas desonestas, já que o proprietário louvou a atitude do mordomo. Entretanto, ele se mostra convicto de que nem Deus nem o proprietário recomendariam a desonestidade. Diante disso, ele nos pergunta como desfazer essa “aparente aprovação das práticas comerciais desonestas” (MACDONALD, 2003, p. 34). Ainda segundo ele,

independentemente de qual seja o ensinamento dessa parábola, ela não sugere que a fraude possa ser justificável. Existe apenas uma coisa pela qual o administrador astuto poderia ser elogiado, a saber, o fato de que planejou o futuro. Ele deu passos para garantir que ainda teria amigos depois de deixar aquele emprego. Ele agiu pensando no “amanhã” em vez de no “hoje”.

Então, o planejamento do futuro, a preocupação com o amanhã é, para MacDonald, e também para nós, o ponto central da parábola. É comum a preocupação das pessoas para terem uma boa aposentadoria ao final da vida, pois isso lhes dará segurança social. Nesse sentido, é que os filhos das trevas são mais prudentes dos que os filhos da luz. E, nesse caso, precisamos entender que o discípulo sabe que seu futuro, seu alvo final, não é uma boa aposentadoria, mas é o galardão que receberá no céu, é o tesouro que não estamos juntando aqui para juntar no céu, conforme a recomendação de Jesus. Então, o que a parábola diz é que os não crentes são sábios para prepararem o seu futuro na terra e os discípulos de Jesus não se preocupam em planejar o futuro no céu. Por isso, o conselho de Jesus é para que granjeemos amigos com as riquezas deste mundo, pois assim eles nos receberiam nos tabernáculos eternos. Entendemos que Jesus está falando que devemos gastar nossos recursos materiais para ganhar as almas para ele e são eles que nos receberão nas moradas eternas. Os administradores sábios planejam seu futuro não somente na terra, mas também no céu. É possível juntar um tesouro no céu quando

investimos no que vai para o céu, ou seja, nas almas. Os administradores sábios têm prazer em usar os recursos para conquistar almas para o Reino de Deus. Os administradores sábios são motivados para conquistar discípulos para Jesus, pois sabem que isso resultará em glória para Deus e bênção eterna para a vida das pessoas conquistadas.

Nosso caráter é conhecido pelo modo como lidamos com as coisas materiais: quem é fiel no mínimo é fiel no muito e quem é injusto no mínimo também o será no muito. Se somos desonestos com as riquezas deste mundo, como poderemos ser encarregados dos “mistérios de Deus” (1Co 4.1)? Se não formos fiéis com as riquezas deste mundo, quem nos confiará as riquezas verdadeiras? As riquezas terrenas não são as verdadeiras, mas os tesouros espirituais sim! Por isso, não podemos servir a dois senhores: Deus e o dinheiro. E o discípulo de Jesus ama a Deus acima de todas as coisas e cuida das suas propriedades e dos seus interesses.



CAPÍTULO II

RELACIONAMENTOS LÍQUIDOS E RELACIONAMENTOS DURADOUROS

O chamado de Deus nos faz algumas exigências e, uma delas, conforme vimos no capítulo anterior, é amar a Deus e ao próximo. Não podemos amar a Deus, que não vemos, sem amar o nosso irmão, que está tão perto de nós. O maior de todos os mandamentos é amar a Deus sobre todas as coisas e o segundo é amar ao próximo como a si mesmo. Dessa forma, é o amor que norteia nossos relacionamentos. Somos discípulos de Jesus e, por isso, fazemos mais discípulos para Jesus. Somos, então, discipuladores! Não é possível ajudar alguém a se tornar um discípulo de Jesus sem nos envolvermos com essa pessoa, sem conhecer seus sonhos, suas dores, seus fracassos, seus medos! E não é possível conhecer uma pessoa sem estabelecer com ela um relacionamento profundo. A base desse relacionamento deve ser o amor. O que deve nos mover, quando discipulamos alguém, além do amor, que é a base, é o sentimento de íntima compaixão! Como temos compaixão das pessoas que estão sofrendo por estarem longe da presença de Deus, temos, também, o desejo de formar Cristo nessas pessoas para que conheçam a vontade de Deus que é boa, perfeita e agradável (Rm 12.2).

Vimos que o amor não se demonstra com palavras, mas com ações. Somente dessa forma podemos evidenciar a nossa fé, conforme aprendemos com a carta de Tiago. Não podemos amar sem evidenciar esse amor. Necessariamente, ele deve ser demonstrado e, nessa demonstração, vamos criando vínculos mais profundos com a pessoa que estamos discipulando. Se assim procedermos, veremos que gastamos tempo com quem estamos ensinando e, assim, na nossa vida, não haverá lugar para relacionamentos líquidos, conforme sugere a metáfora para os tempos que estamos vivendo.

Precisamos entender as características do nosso tempo para percebermos o quanto estamos envolvidos nele, o quanto estamos permitindo que os valores do mundo façam parte das nossas vidas. Somente dessa forma poderemos resistir às mudanças e permanecer arraigados aos fundamentos da palavra de Deus.

A fluidez é a grande metáfora para a compreensão do nosso presente estágio⁴. Fluidez é a qualidade de líquidos e de gases e eles se diferenciam dos objetos sólidos porque podem sofrer uma constante mudança de forma. Os líquidos não mantêm sua forma. O que é fluido não se fixa no espaço e nem se prende ao tempo como os sólidos. O que é sólido tem uma dimensão

⁴ O intelectual que criou essa metáfora se chama Zygmunt Bauman. Ele é sociólogo e filósofo. Tem muitas obras publicadas no Brasil, dentre elas, *Modernidade Líquida* e *Tempos Líquidos*, as quais serão a base para nossa exposição sobre o nosso tempo histórico.

espacial clara, o que é fluido, por não ter forma e, portanto, uma dimensão no espaço, sempre muda suas formas e se move facilmente. A mobilidade dos fluidos, dos líquidos e dos gases, é o que os liga à leveza. Leveza traz a ideia de inconstância. A nossa modernidade é considerada como o “derretimento dos sólidos” (BAUMAN, 2000, p. 9). De acordo com Bauman (2000, p. 9-10),

essa intenção clamava, por sua vez, pela “profanação do sagrado”: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da “tradição” – isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente; clamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à “liquefação”.

Profanação do sagrado significa desrespeito ao sagrado, irreverência, afronta, insulto. Temos visto imagens com Jesus Cristo que nos chocam e dessas nem vale a pena falar, pois são imagens e afirmações feitas realmente por pessoas ímpias que não têm mesmo nenhuma consideração pelo Salvador da humanidade. Mas há muitas atitudes no meio evangélico que, também, são muito irreverentes, mas não são consideradas como tais. São vistas como uma atualização da forma de tratar Jesus para que Ele fique mais próximo das pessoas. Um discipulador precisa ensinar aos novos discípulos de Jesus que Ele é “Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9.6). Nele “estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2.3). A Ele foi dado “todo o poder no céu e na terra”, (Mt 28.18). O nome dele é “sobre todo nome” (Fl 2.9) e ao nome dele se dobrará “todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra” (Fl 2.10) e, além disso, toda língua confessará que Ele “é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fl 2.11). Ele é Senhor e Rei e como tal deve ser reverenciado. Todavia, temos permitido que o espírito de fluidez do nosso tempo entre no nosso meio e profane o Filho de Deus. Se há essa desconsideração com o Rei do universo, como não haveria um esfriamento do amor entre os irmãos? Como não haveria um distanciamento e amizades apenas superficiais?

Repúdio e destronamento do passado, da tradição. O cristianismo não é uma tradição que herdamos dos nossos pais e, por isso, seguimos cegamente. Há ensinamentos e condutas ensinadas pelos profetas, por Jesus e pelos apóstolos que devem ser mantidos no nosso meio e não destronados pelo fato de que tudo mudou. A Palavra de Deus não muda: “para sempre, ó Senhor, a tua palavra permanece no céu” (Sl 119. 89). Nós precisamos manter o passado no nosso presente. A ceia do Senhor é um exemplo disso: “Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei em memória de mim” (1Co 11.24). A expressão “em memória de mim” significa que nós devemos manter esse passado vivo no presente e nunca deixar para trás esse

ensinamento. Mas, além de mantermos vivo esse momento, não devemos comer do pão e nem beber do cálice indignamente, mas devemos examinar a nós mesmos para depois comermos do pão e bebermos do cálice. O exame que fazemos de nós mesmos é a verificação da nossa conduta: se ela está ou não de acordo com a lei de Deus, com seus preceitos que são retos (Sl 19.8). A Bíblia é regra de fé e de conduta. Todo aquele que professa o nome do Senhor deve moldar sua vida de acordo com esses preceitos que não mudam. Não importa o nível de modernidade da sociedade, os servos do Senhor Jesus têm uma vida guiada pelos ensinamentos dele. A nossa fé, a nossa doutrina, a nossa crença, os nossos valores devem resistir à “liquefação” da realidade.

No mundo atual, os casamentos não duram, os filhos não obedecem aos pais, os funcionários se rebelam contra seus patrões, as mulheres não respeitam a seus esposos, os esposos não respeitam a suas esposas. As relações são líquidas, elas facilmente se desfazem e outras relações, também líquidas, são estabelecidas. O resultado é crise existencial, depressão, angústia, pois nossos relacionamentos duradouros nos dão estabilidade emocional, psicológica e espiritual e isso é tudo de que precisamos para sermos felizes e termos paz na alma.

Bauman faz uma análise bem ampla da sociedade no que diz respeito às ordens econômica, política etc., mas nossa ênfase será, uma vez que esse é o nosso objetivo, a abordagem dos relacionamentos humanos, visto que, no discipulado, essa questão é central, tanto no que diz respeito à construção de um relacionamento sólido e, portanto, não fluido, entre discipulador e discípulo, quanto na orientação, ao discípulo, da importância de ele aprender a construir relacionamentos sólidos ao longo de sua vida para que tenha a estabilidade à qual nos referimos anteriormente.

Bauman cita Ulrich Beck que se refere à modernidade como tendo “categorias zumbis” e “instituições zumbis”. Essas instituições são aquelas “mortas e ainda vivas” e a família é um exemplo disso. Vejamos o que diz Beck (apud Bauman, 2000, p. 13):

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais.

Esse derretimento das relações humanas, essa fluidez, faz com que percamos os pontos estáveis que tínhamos para nos orientar, pois tínhamos padrões, códigos e regras aos quais podíamos nos conformar, mas agora, a menos que não nos afastemos da Bíblia, já não os temos.

Esta tarefa é do discipulador: ensinar que, não importa o tamanho das mudanças na sociedade, nós, cristãos, de tradição judaico-cristã, continuamos a ter padrões, códigos e regras e é por meio deles que guiamos nossa vida e nossas ações. De acordo com Bauman, a fluidez passou do sistema para a sociedade, da política para as políticas da vida. Isso significa que desceu do nível macro para o do micro, ou seja, o do convívio social.

E é dentro desse contexto que precisamos entender e pensar sobre os amigos que temos no Facebook. É muito fácil aceitar uma amizade, mas, se não concordo com as ideias desse amigo, posso bloqueá-lo e nem sofro por esse amigo que perdi. Da mesma forma, ocorre com o WhatsApp. Se alguém me disse algo de que não gostei, posso, também, bloqueá-lo, e não ser importunada por essa pessoa. Todos os desejos de feliz aniversário são expressados por meio das redes e, cada vez mais, perdemos a convivência uns com os outros e, cada vez mais, vamos perdendo o sentido profundo de amar o próximo como a nós mesmos e, com isso, vamos nos esquecendo de “quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união” (Sl 133. 1).

Bauman, citando Lessing, diz que, na era moderna, fomos libertos da crença no ato da criação, da revelação e da condenação eterna e com elas fora do nosso caminho vivemos conforme os desejos do nosso coração. Se não foi Deus quem criou todo o universo e o homem e não há condenação eterna, o homem crê na sua capacidade de criação e de desenvolvimento e, por isso, o aperfeiçoamento e o desenvolvimento tecnológicos não têm limites e, dessa forma, ser moderno “passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado” (BAUMAN, 2000, p. 40). Somos incapazes de ficar parados e ficamos sempre nos movendo porque somos incapazes de atingir a satisfação: “o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais” (BAUMAN, 2000, p. 41). O resultado prático dessa incapacidade de se sentir satisfeito é, entre outras coisas, a frouxidão moral e o consumismo. Nunca foi tão comum a busca de notícias sobre a vida de pessoas públicas, mas notícias que dizem respeito às suas vidas privadas. Entrevistas em redes de TV, vídeos no Youtube e nas redes sociais mostram confissões de pessoas famosas sobre seus deslizes, suas opções sexuais, suas traições etc. e isso tem sido modelo a seguir, visto que encoraja pessoas comuns a tomarem as mesmas decisões e a assumirem uma vida de pecado que, anteriormente, lutavam para rejeitar e não aceitar. São depoimentos desse tipo, marcados pela transgressão e pela frouxidão moral, que têm milhares de seguidores nas redes sociais e empolgam, principalmente, os jovens que se recusam a viver uma vida pura e modesta, conforme os ensinamentos de Jesus. Discipular significa resistir aos valores do nosso tempo histórico. Sobre o consumismo, assim nos diz Bauman (2000, p. 95):

Não se compra apenas comida, sapatos, automóveis ou itens de mobiliário. A busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida é também uma variedade do comprar, e uma variedade da máxima importância, seguramente, à luz das lições gêmeas de que nossa felicidade depende apenas de nossa competência pessoal mas que somos pessoalmente incompetentes, ou não tão competentes como deveríamos, e poderíamos, ser se nos esforçássemos mais.

Compramos comida, sapatos, automóveis e mobílias, mas também exemplos de vida que se tornaram famosos nas redes sociais. Queremos vencer e enriquecer como os modelos, os youtubers e a nossa exposição nas redes sociais, mostrando nosso corpo e nossos talentos artísticos, poderá fazer de nós pessoas tão bem sucedidas quanto aquelas cujo modelo seguimos e às quais queremos nos identificar. Já não queremos mais imitar Paulo, que era um imitador de Jesus Cristo, porque os valores de Jesus estão muito distantes do que anseiam os nossos corações. Essas pessoas que admiramos são famosas e conseguiram muito dinheiro e, por isso, possuem muitos bens. As empresas perceberam essa fragilidade humana e bombardeiam as pessoas com propagandas. Necessariamente, as pessoas já não se satisfazem com um modelo antigo de celular, mesmo que ele esteja conservado e ainda continue atendendo às necessidades. A busca desenfreada pela compra é, segundo Bauman (2000, p. 105), “um ritual feito à luz do dia para exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites”.

Com tudo isso em mente, vejamos como estamos distantes do modo de vida do apóstolo Paulo na ocasião em que escreveu para os filipenses com, entre outros objetivos, a intenção de lhes agradecer pela oferta que lhe haviam mandado: “não digo isto como por necessidade, porque **já aprendi a contentar-me com o que tenho**. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fl 4. 11-13).

Diante de todo esse cenário, o desafio do discipulador é construir relacionamentos profundos com seus discípulos, mas, com mais um desafio, sem tornar o discípulo dependente emocionalmente do discipulador, mas de Jesus Cristo. Cabe ao discipulador ensinar ao discípulo que vivemos num mundo onde os valores são relativos e flexíveis e, por isso, é destituído de significado estável e confiável, entretanto os preceitos bíblicos oferecem para nós um mundo de significado estável, confiável e duradouro. Cremos que Deus criou todas as coisas, que enviou seu Filho para nos salvar da condenação eterna e que vai estabelecer seu reino na terra e, de Jerusalém, governará o mundo para sempre. Nossa crença nos dá firmeza,

segurança e estabilidade. Entretanto, como construir relacionamentos duradouros em um mundo cujos relacionamentos se tornam, cada vez mais, líquidos?

Como construir relacionamentos duradouros?

Sendo acessível

O relacionamento que Jesus estabeleceu com a mulher samaritana é um grande exemplo de acessibilidade às pessoas e de profundidade do relacionamento. Indo da Judeia para a Galileia, precisou passar pela Samaria. Nessa região, foi a uma cidade chamada Sicar e ali estava a fonte de Jacó. Como estava cansado de caminhar, assentou-se junto a essa fonte e logo veio uma mulher tirar água. Essa mulher poderia ter ido à fonte, tirado a água e ido embora sem falar com Jesus. Primeiro, porque ela era uma mulher e Jesus um homem; segundo, porque ela era uma samaritana e Jesus um judeu. Todavia, Jesus nunca se deixou limitar por nenhuma barreira. Sua paixão consumidora era salvar os perdidos. Ele precisava levar as pessoas à salvação eterna e, por isso, aproveitava todas as oportunidades e era sempre acessível.

Naquela circunstância, a melhor forma de travar um diálogo com aquela mulher seria lhe pedir água, visto que era para buscar água que ela estava ali. Diante do pedido de Jesus, a mulher ficou espantada: “como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?”⁵ (Jo 4.9). À pergunta da mulher, Jesus responde da seguinte forma: “se tu conhecias o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” (Jo 4.10). A mulher, tão distante de uma vida abundante, não soube compreender acerca da água viva. Somente percebeu a limitação de Jesus para retirar a água do poço. Ela viu que Ele não tinha em mãos nada adequado para tirar água e o poço era fundo. Mas, apesar disso, ela quis saber “onde, pois, tens a água viva”? Todavia, mesmo assim, ainda revela sua incapacidade de compreender a vida numa dimensão espiritual, pois ela questiona Jesus se, por acaso, Ele seria maior que Jacó que havia feito o poço e bebido dele, juntamente com seus filhos e com seu gado. Jesus estava disposto a salvar aquela mulher e, então, explica a ela a distinção entre a água do poço e a água que Ele era capaz de dar: “qualquer que beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”. A água que Jesus queria dar àquela mulher era uma vida espiritual plena. Era a comunhão contínua com Ele, pois Ele é a

⁵ A história de Israel resultou numa rivalidade entre judeus e samaritanos, pois os judeus se consideravam puros e impuros os samaritanos por terem se misturado como outros povos.

fonte de água viva. A mulher se interessou pela água, mas ainda não compreendeu completamente a mensagem de Jesus. Ela gostaria de beber da água que Jesus estava oferecendo, mas era para não ter que voltar novamente à fonte de Jacó.

Jesus percebeu a dificuldade da mulher para entender sua mensagem, mas não desistiu dela. Ao contrário, quis aprofundar o relacionamento com aquela mulher e, sem continuar a explicação sobre a água, pediu à mulher para chamar o marido dela. A esse pedido, ela respondeu que não tinha marido e Jesus aprovou a resposta dela e disse que ela teve cinco maridos e o que agora estava com ela não era dela. Jesus começou o diálogo com a mulher a partir de um fato circunstancial: pediu água, visto que a mulher se dirigiu à fonte para, justamente, tirar água. Mas Ele sai do circunstancial e chega à história de vida da mulher, marcada por frustrações, por dores, por decepções, já que cinco relacionamentos dela tinham sido desfeitos e o atual era instável e inseguro. Essa revelação de Jesus criou na mulher um nível maior de confiança: “Senhor, vejo que és profeta”. E, sendo Ele profeta, ela pôde começar a demonstrar a sede que tinha de uma vida espiritual plena e verdadeira e, por isso, ela quis saber onde era o lugar adequado para se adorar a Deus, ao que Jesus responde que não é nem no monte do qual estavam perto e nem em Jerusalém, pois os verdadeiros adoradores adoram a Deus em espírito e em verdade e são a estes que o Pai procura. Diante da resposta de Jesus, a mulher revela que está esperando o Messias e afirma que, quando Ele vier, Ele explicará tudo aos seus adoradores. Jesus, vendo o anseio da mulher, lhe revela que Ele é o Messias que ela estava esperando.

Depois que os discípulos chegaram, ficaram maravilhados por Jesus estar conversando com uma mulher, mas não lhe disseram nada. A mulher deixou o seu cântaro e foi à cidade falar sobre Jesus. Ela anunciou o Cristo que eles estavam esperando e aqueles a quem Jesus foi anunciado foram se encontrar com Ele.

Não sabemos mais sobre o relacionamento de Jesus com essa mulher, mas o que sabemos é suficiente para percebermos como ele foi acessível, como soube conduzir a conversa até chegar à intimidade da mulher e lhe revelar que ela estava com uma vida desajustada. Também vimos que a condução de Jesus gerou, na mulher, uma confiança nele e essa confiança é a base de relacionamentos profundos. Precisamos ter uma conduta guiada por Deus para ganharmos a confiança do discípulo que estamos formando e, principalmente, preservar essa confiança, pois, se ela não existir, nossos diálogos ficarão no nível das circunstâncias e esse tipo de diálogo e relacionamento não promove nenhuma mudança significativa nas pessoas. O discipulado, todavia, tem um grande objetivo: formar Cristo na pessoa, ou seja, promover seu novo nascimento. Um relacionamento no discipulado jamais será líquido, superficial, mas a

profundidade na relação surge naturalmente, desde que o discípulo tenha confiança no seu discipulador.

Demonstrando interesse na amizade

Uma relação de discipulado e de amizade que nos serve bem de exemplo é a do apóstolo Paulo com Timóteo. Escrevendo aos coríntios, assim se refere a ele: “meu filho amado e fiel no Senhor” (1 Co 4.17). E escrevendo a ele diz “meu verdadeiro filho na fé” (1 Tm 1.2). Mais do que interesse na amizade, um relacionamento duradouro entre discipulador e discípulo deve ter uma relação filial que não gere uma dependência, mas uma interdependência, conforme vemos entre Paulo e Timóteo.

Outra amizade que devemos destacar é a entre Davi e Jônatas. A Bíblia diz que a “alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma” (1 Sm 18.1). Essa amizade nos evidencia que, sendo verdadeira, estava acima dos interesses pessoais e, além disso, um era capaz de reconhecer no outro, no caso Jônatas em Davi, um plano de Deus na vida do amigo que o poria acima da posição em que ele estava e que, do ponto de vista humano, era por direito sua. Diferentemente de Jônatas, Saul, mesmo depois de tudo que Davi lhe fizera, não conseguia ter Davi como amigo, pois o considerava uma ameaça ao seu reino, conforme podemos ver na repreensão que deu em Jônatas, por ter consideração com ele: “Filho da perversa em rebeldia; não sei eu que tens elegido o filho de Jessé, para vergonha tua e para vergonha da nudez de tua mãe? Porque todos os dias que o filho de Jessé viver sobre a terra nem tu serás firme, nem o teu reino; pelo que envia e traze-mo nesta hora, porque é digno de morte” (1 Sm 20-30-32).

Será que temos esse amor e essa maturidade? Somos capazes de realmente amar um discípulo e ensiná-lo com toda dedicação para que ele vá e dê fruto, ainda que tenhamos a certeza de que Deus o colocará em posições acima da que estamos? Ou será que conseguiremos amá-lo somente até o momento em que ele ainda não é uma ameaça para nós, como foi o caso de Saul com Davi? Precisamos entender que, se queremos que um novo convertido se torne uma nova criatura, por meio do nosso discipulado, o discípulo somente permitirá que entremos na sua vida íntima se ele perceber em nós sinceridade.

Do ponto de vista prático, ele perceberá nossa sinceridade se, de fato, gastarmos um pouco do nosso tempo com ele. O interesse numa amizade jamais será sincero se não existe tempo para essa amizade. Tempo de qualidade como, por exemplo, tempo para um passeio juntos para tomar café, almoçar, fazer compras etc. Além disso, numa amizade verdadeira, os

amigos frequentam a casa um do outro, compartilham o universo do seu dia a dia. A nossa casa diz muito de nós, pois ela revela sobre nossos gostos, nossa organização, nossas prioridades, nossas paixões, nossos hobbies. Não podemos conhecer bem uma pessoa até que convivamos mais com ela no seu espaço íntimo: sua casa. Além disso, lembrar sobre o que é a pessoa, seus gostos, suas histórias, seus sofrimentos é, também, essencial para demonstrar interesse pela amizade. Se nos esquecemos de tudo que nosso amigo nos contou é porque nossa amizade não é tão profunda. Claro que nos esqueceremos de muitas coisas, pois nos esquecemos de acontecimentos até mesmo das nossas vidas. Mas, em se tratando do novo discípulo, as questões mais marcantes da vida dele devem ser memorizadas por nós; se preciso for, devemos até fazer um registro escrito para colaborar com nossa memória. Dessa forma, a cada vez que retomarmos nossas conversas, ele perceberá que guardamos na memória as questões essenciais que nos foram compartilhadas e isso gera o sentimento de que não estamos sós no mundo com nossas dores, problemas e fracassos, mas encontramos um amigo que nos ouve, nos entende e nos ajuda a superar as dificuldades para continuarmos correndo, “com paciência, a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumidor da fé” (Hb 12.1-2).

Demonstrando com naturalidade como somos

Num relacionamento que se aprofunda, naturalmente os envolvidos vão se conhecendo mais intimamente. O objetivo básico do discipulado é formar Cristo nos discípulos: “meus filhinhos, por quem de novo sinto dores de parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4.19). O apóstolo Paulo tinha uma segurança muito grande acerca do seu exemplo de vida e, por isso, em várias ocasiões, disse “sejais meus imitadores” (1Co 4.16); “sede meus imitadores, como também eu, de Cristo” (1 Co 11.1). Se temos como objetivo formar o caráter de Cristo nos novos discípulos de Jesus, naturalmente, partimos do pressuposto de que temos o caráter de Cristo e, naturalmente, demonstraremos quem somos. Nosso exemplo de vida será uma referência para os discípulos que estamos formando. Devemos ressaltar que aqueles que anseiam se tornar discípulos de Jesus, terão como referência pessoas que imitam o apóstolo Paulo que, por sua vez, imita Jesus. Se a inspiração do discípulo continuar sendo os artistas e os famosos que transgridam os mandamentos de Jesus, dificilmente, ele conseguirá permanecer com um discipulador cuja vida imita o apóstolo Paulo, e, por consequência, jamais conseguirá se tornar um discípulo, pois não teve o desejo e a coragem de renunciar, de negar, a si mesmo.

O discipulador deve buscar uma coerência entre as suas ações e os princípios bíblicos, ensinados pelos profetas, por Jesus e pelos apóstolos. Nas situações de tensão, seja no

relacionamento com o novo discípulo, seja nos relacionamentos familiares e profissionais do novo discípulo, é preciso desenvolver a habilidade para agir sempre de acordo com princípios que tornam os relacionamentos mais eficazes. A formação do caráter de Cristo em nós nos gera equilíbrio na nossa vida pessoal, no trabalho, na igreja e é esse equilíbrio que, naturalmente, demonstraremos.

Consideramos importante, nesse contexto, alguns apontamentos acerca da diferença entre a ética da personalidade e a ética do caráter⁶. Na ética da personalidade, há dois caminhos básicos: a utilização de técnicas nas relações públicas e uma atitude mental positiva. Na atualidade, na verdade desde a Primeira Guerra Mundial, há uma tendência de deslocamento da ética do caráter para a da personalidade. A ética do caráter, base para o sucesso de qualquer relacionamento, é marcada pela integridade, humildade, fidelidade, temperança, coragem, justiça, paciência, diligência, simplicidade, modéstia e, além de tudo isso, é norteadada pela regra de ouro, ensinada por Jesus: fazer para os outros tudo o que gostaríamos que fizessem por nós (Mt 7.12).

A ética da personalidade deseja influenciar as pessoas, levá-las a realizar o que desejamos, fazê-las trabalhar mais, se sentirem mais motivadas. Para isso, procuramos ser empáticos, educados, divertidos, pois desejamos que as pessoas gostem de nós. Os relacionamentos baseados nessa ética, logo serão frustrados, pois, à medida que os relacionamentos se estreitam, revelamos defeitos profundos do nosso caráter e demonstramos nossa falta de sinceridade e de coerência entre o que ensinamos e o modo como vivemos. Em razão disso, sofreremos algumas consequências, pois o princípio da colheita também é válido para os relacionamentos que construímos. Portanto, se não existirem uma profunda integridade e força de caráter, os desafios existentes na vida farão com que meus verdadeiros motivos venham à tona e o fracasso no relacionamento substituirá o sucesso de curto prazo. Se desejamos construir relacionamentos duradouros, sejamos direcionados pela ética do caráter e pelos princípios bíblicos.

Se já somos novas criaturas em Cristo e queremos formar novas criaturas, temos que buscar as coisas que são de cima (Cl 3.1). Por isso, devemos mortificar os nossos membros que estão sobre a terra: “a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria”. Devemos nos despojar também da “ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois já vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos vestistes do novo, que se renova para o

⁶ A base para essas considerações é o livro *Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes* (2004), de Stephen R. Covey.

conhecimento, segundo a imagem que o criou” (Cl 3. 8-10). Nós somos chamados para sermos sal da terra e luz do mundo (Mt 5. 13-14) e é isso que, naturalmente, demonstraremos que somos. Se nossas ações forem diferentes dos nossos discursos, os discípulos que estamos formando para Jesus perceberão que não passamos de hipócritas, pois nossa boca fala muito de Deus, mas nossas ações o negam. Que possamos falar como Paulo falou a Timóteo: “tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, amor, paciência” (1 Tm 3.10). Agindo dessa forma, nós, discipuladores estaremos resistindo aos valores atuais da nossa sociedade, que são líquidos, e ensinando aos novos discípulos de Jesus a também os resistir para que vivam uma vida abundante, pois foi para isso que Jesus veio ao mundo e morreu por nós (Jo 10.10).

Por conta dessa necessidade de construirmos relacionamentos duradouros, é que o Projeto IDE⁷ se desenvolve nas casas das pessoas. Nossa casa é o espaço da nossa intimidade, o espaço em que mais revelamos quem somos. A partir do momento em que abrimos nossas portas para recebermos as pessoas, especialmente se for semanalmente, nossos vínculos vão se estreitando. Aos poucos, vamos conhecendo mais as pessoas e compreendendo melhor suas necessidades. Além disso, fora dos encontros semanais, amizades sólidas vão se construindo, pois outros encontros poderão ser marcados. Nesse momento histórico de relacionamento líquido, as pessoas se encontram nos shoppings, nos bares, nos cinemas, mas não em suas casas. Entretanto, como discípulos de Jesus, acreditamos que devemos estar juntos nos nossos espaços privados. Indo à casa das pessoas, teremos oportunidades não apenas de discipular aqueles que já aceitaram Jesus, mas de evangelizar os que ainda não fizeram suas decisões. No espaço da nossa casa, alcançamos nossos vizinhos e nossos amigos que, por inúmeras vezes, têm se recusado a irem à igreja. Eles não foram, mas nós vamos até eles para que sejam evangelizados, discipulados e integrados ao corpo de Cristo. Depois de passarem pelo processo de Integração estarão também aptos a participarem do **Discipulado** e da **Evangelização**.

Os novos convertidos e a mudança de vida: como e quais áreas cuidar?

⁷ O Projeto IDE é um projeto do Ministério Fama. Significa Integração, Discipulado e Evangelização. Isso significa que o objetivo do projeto é integrar pessoas à igreja por meio da evangelização e do discipulado. É uma reunião com pequenos grupos que acontece, semanalmente, nas casas. Acontece em pequenos grupos para que as pessoas sejam ouvidas nas suas dúvidas e/ou nas suas necessidades para que sejam curadas e se tornem discípulas de Jesus.

Tendo estabelecido relacionamentos sólidos e, portanto, pautados pela confiança com os discípulos que estamos formando, por certo, teremos a permissão deles para orientá-los em todas as áreas das suas vidas. Depois de terem sido evangelizados e aceitado Jesus como Salvador e Senhor de suas vidas, serão ensinados, como já expusemos anteriormente, que o chamado de Jesus possui algumas exigências e responsabilidades sem as quais é impossível se tornar um discípulo. O que Jesus exige dos seus discípulos seria impossível se não fosse a presença do Espírito Santo em nós. Ele é quem vai nos capacitar a nos despir do velho homem e a nos revestir do novo. Esse processo somente será possível se o discípulo se permitir, por meio da ação do Espírito Santo, passar por uma mudança de mentalidade. Qualquer mudança ocorre primeiramente na nossa mente, no nosso entendimento, para, depois, se exteriorizar. Assim, é preciso ensinar que devemos nos apresentar inteiramente a Deus: “apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12. 1-2).

Depois de nos oferecer inteiramente a Deus, nos dispomos a nos despojar do nosso velho homem e a nos revestir do novo (Ef 4. 22-24). Esse despojamento implica na transformação da nossa mente. O nosso pensamento será moldado pelos ensinamentos da Palavra de Deus e isso nos fará conhecer e experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus para nossas vidas, o que resultará numa vida abundante, visto que Jesus disse: “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10. 10). Ter uma vida abundante significa ter tudo de que precisamos além da medida, mais do que o suficiente. Em Jesus, podemos ter alegria completa (Jo 15.11); paz que excede todo o entendimento (Fl 4.7); celeiros transbordantes (Mt 3.10-11) e certeza da salvação eterna (Ap 2.7; 11).

O apóstolo João, escrevendo ao presbítero Gaio, disse que gostaria que “te vá bem em todas as coisas e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma” (3 Jo 2). Em Provérbios, aprendemos que “o coração com saúde é a vida da carne, mas a inveja é a podridão dos ossos” (14.30) e “o espírito do homem aliviará a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o levantará?” (18.14). As palavras de Deus “são vida para os que as acham e saúde, para o seu corpo” (Pv 4.22) e, por isso, “sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida” (Pv 4.23). Vejamos o comentário que Gordon MacDonald (2006) faz dessa passagem:

Com uma única sentença, esse escritor nos comunica uma admirável revelação. Chama de “coração” ao que eu chamo de “ponte de comando”. Ele vê o coração como uma nascente, e dá

a entender que dessa nascente brotam as energias, o discernimento e as forças que não sucumbem à turbulência externa; pelo contrário, elas a derrotam. Guarde seu coração, diz, e ele se tornará uma fonte de vida, da qual poderão beber você e os outros.

Mas o que significa “guardar” o coração? Primeiro, o escritor mostra claramente sua preocupação em que o coração seja protegido de influências externas que possam prejudicá-lo. O escritor sagrado está focalizando também a força e o desenvolvimento que o coração precisa ter para aumentar sua capacidade de comunicar ordem à vida do indivíduo.

Do coração vem a nossa força, a nossa saúde. Para isso, é preciso protegê-lo de sentimentos ruins e destrutivos. Conseguimos isso por meio do perdão, do amor, da bondade, da paciência, da longanimidade. Um coração com saúde resulta numa vida interior ordenada. Se a vida interior é ordenada, conseguimos ordenar bem toda nossa vida externa, ou seja, nossa vida pública, a vida que as pessoas podem ver. Ainda sobre o coração, vejamos o que diz John Babler et alii (2017, p. 101-102):

As atitudes, os comportamentos e as palavras de uma pessoa são apenas o fruto produzido pela raiz do coração. O *discipulador*⁸ não deve simplesmente buscar alívio para os problemas de comportamento, ou seja, para os frutos. Deve concentrar sua atenção em direção à raiz do problema, no coração. Esse órgão determina o comportamento de uma pessoa, mas a dificuldade no discipulado é que o coração não é uma máquina previsível. O coração apenas responde de acordo com sua natureza. Se uma pessoa está andando no Espírito, então ela não produzirá as obras da carne, mas o fruto do Espírito (Gl 5.16-23). O *discipulador*, por meio do ministério da Palavra e da obra do Espírito Santo, deve abordar a raiz dos problemas no interior do homem, visando a uma mudança efetiva para honrar a Deus.

Consideramos que, se decidimos cumprir o grande mandamento dado por Jesus que é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, estamos prontos para aceitar a Bíblia como Palavra de Deus revelada aos homens e, como Ele é o criador de todas as coisas e é Onipotente, Onisciente e Onipresente⁹, cremos que Ele sabe tudo o que é bom para o nosso corpo, alma e espírito e, por isso, inspirou homens para escrever tudo aquilo de que necessitamos saber e àquilo que devemos obedecer para que tenhamos uma vida abundante em Jesus Cristo: “toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir,

⁸ Onde usamos a palavra *discipulador*, em itálico, os autores usam *conselheiro bíblico*. Consideramos que as afirmações deles são válidas para o *discipulador* que é, também, um *conselheiro*. Entretanto, a prática do discipulado tem uma flexibilidade maior e é feita em todo o tempo de convivência e amizade entre o *discipulador* e o discípulo. Ao contrário, o aconselhamento exige uma formalidade maior. Normalmente, essa prática é feita, no caso do ambiente da igreja, nos gabinetes pastorais e, infelizmente, conforme nos apontam esses autores, têm usado metodologias e pressupostos que, não somente estão distantes da Palavra de Deus, mas, o que é incrível, a negam. O resultado disso é que os aconselhados recebem um alívio temporário das suas aflições, mas não conseguem transformar seus mundos interiores e desenvolver uma comunhão íntima com Deus, o que resultaria numa vida abundante.

⁹ No sexto capítulo, retomaremos essas questões quando da importância das doutrinas básicas do cristianismo para o discipulado.

para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Tm 3.16).

Toda a Escritura foi inspirada por Deus e, por meio dela, aprendemos tudo o que é necessário para termos uma vida interior organizada e sossegada: “espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus” (1 Pe 3.4). Ela nos ensina, nos redargui, nos corrige e nos instrui na justiça. Os ensinamentos bíblicos são capazes de nos fazer ordenar os nossos caminhos: “pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam bem-ordenados!” (Pv 4. 26). Conseguimos isso se não declinarmos “nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal” (Pv 4. 27). Aqueles que têm prazer na Lei de Deus e nela meditam dia e noite serão como “árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará” (Sl 1. 2).

Nós, que passamos pelo processo de **Integração** no corpo de Cristo, seremos capazes de fazer um **Discipulado** que, inicialmente, ordena a vida interior dos novos discípulos e uma **Evangelização** que atraia outras pessoas para Cristo. Depois que discipulamos, integramos o novo discípulo ao corpo de Cristo e ele, passado pelo processo de **Integração**, torna-se capaz de fazer o **Discipulado** e a **Evangelização** e, assim, sucessivamente até a volta de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Consideramos, então, que a prática do discipulado, começando com a vida interior do discípulo, visto que toda a desordem do seu mundo exterior encontra a solução no seu mundo interior, alcança todas as áreas da vida dele. No terceiro capítulo, trataremos dos aspectos devocionais que são imprescindíveis na vida do discípulo e, neste, também, daremos ênfase ao cultivo de um relacionamento profundo com Deus para que todas as áreas da vida do discípulo se ordenam e ele vá bem em tudo, na sua saúde e na sua alma. Portanto, iniciaremos com uma abordagem da área espiritual, posteriormente da emocional e psicológica e, por fim, da social, financeira e profissional.

O discipulado integral

Vida espiritual

De acordo com John Babler et alii (2017, p. 99), “o relacionamento de uma pessoa com Deus não é apenas a fonte de vida para o homem, mas todos os demais aspectos da sua vida fluem desse relacionamento principal”. Dessa forma, o relacionamento com Deus “torna-se o

ponto de origem, a partir do qual devem ser baseados todos os demais relacionamentos neste mundo” (p. 99). Sendo assim, os problemas de relacionamentos enfrentados pelas pessoas não são problemas, apenas, entre indivíduos, mas, essencialmente, entre esses indivíduos e Deus. Pelo fato de o homem ser, inerentemente, pecador, ou seja, sua maldade já se encontra no seu interior, independente das circunstâncias externas, e se encontrar no seu estado de queda, aquilo de que ele primeiramente precisa é restabelecer a comunhão com Deus, prejudicada em razão do seu pecado e constante desobediência à Palavra de Deus. De acordo com o profeta Isaías, na nossa conversão e no nosso repouso, está a nossa salvação e, no sossego e na nossa confiança em Deus, está a nossa força. Entretanto, segundo o profeta, a nação de Israel não quis isso (Is 30. 15). Por meio ainda desse profeta, Deus nos diz: “Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho que deves andar. Ah! Se tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos! Então, seria a tua paz como o rio, e a tua justiça, como as ondas do mar” (Is 48. 17-18).

Nossa vida espiritual deve se pautar pelo conhecimento e pela observação da Lei do Senhor para que não pequemos contra Ele: “escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti” (Sl 119. 9). Entretanto, muitos dizem servir a Deus, estão nas igrejas, louvam a Deus, mas os seus corações estão longe dele: “este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim. Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens” (Mt 15. 8-9; Is 29.13). Por conta disso, muitos não conseguem experimentar um relacionamento verdadeiro com Deus e, por consequência, com o seu próximo. Isso resulta, então, em sentimentos destrutivos que acabam destruindo a vida interior da pessoa que, também por isso, não consegue ajustar sua vida social, financeira e profissional, conforme veremos nos próximos tópicos.

Se toda a Escritura é inspirada por Deus e é apta a nos ensinar, a nos redarguir, a nos exortar e nos instruir na justiça, devemos aprender com os erros da nação de Israel. Por conta da desobediência desse povo, Deus teve que falar da seguinte forma:

De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o Senhor? Já estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais nédios; e não folgo com o sangue dos bezerrinhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecerdes perante mim, quem requereu isso de vossas mãos, que viésseis pisar meus átrios? Não tragais mais ofertas debalde; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, e os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade, nem mesmo o ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova, e as vossas solenidades, as aborreço a minha alma; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos e cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; praticai o que é reto; ajudai o oprimido;

fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas. Vinde, então, e argui-me, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã. Se quiserdes, e ouvirdes, comereis o bem desta terra. Mas, se recusardes e fordes rebeldes, sereis devorados à espada, porque a boca do Senhor o disse (Is 1. 11-20).

Essa passagem nos ensina que de nada valem os nossos sacrifícios e o próprio sacrifício de Jesus não alcança aqueles que obstinadamente continuam a cometer maldades (Hb 10. 26-27). Deus não se deixa impressionar pelo que oferecemos a Ele e nem com nossas festas, por mais requintadas que sejam. Ele não se impressiona com o ajuntamento de multidões, com grandes solenidades, aliás elas podem até aborrecê-lo. Estender nossas mãos também, por si só, não o satisfaz e até esconde os olhos de nós, se nossa vida não o estiver agradando. Muita oração também não o alegra, Ele nem as ouve. O que Ele deseja de nós é a purificação da nossa vida, das nossas maldades. O que Ele quer é que aprendamos a fazer o bem e a praticar o que é reto, conforme veremos adiante na epístola de Tiago. O que Deus quer de nós é que sejamos novas criaturas. Depois disso, podemos, então, questioná-lo e, mesmo sendo tão pecadores, Ele nos purifica e torna os nossos pecados brancos como a neve. Ele nos diz que, se o ouvirmos, comeremos do melhor desta terra, mas, se não o ouvirmos, se formos rebeldes, morreremos.

“A lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do Senhor são retos e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro e alumia os olhos” (Sl 19. 7-8). Se a Lei do Senhor é tudo isso e nos dá refrigério, descanso e alegria, por que haveríamos de não cumpri-la? Uma das respostas seria a decisão de não negar a si mesmo e continuar sendo desobediente, insubmisso. Podemos ter essa decisão e ter ciência de que essa pode ser a decisão de alguns que estamos discipulando, mas deveremos conhecer de perto todas as consequências.

Vida emocional/psicológica

Os problemas emocionais e psicológicos do homem, de forma geral, são abordados na Bíblia, visto serem problemas que dizem respeito ao interior humano¹⁰. Como foi Deus quem

¹⁰ Toda e qualquer categorização de doenças mentais registradas pelos centros especializados de psicologia não fogem às angústias e às ansiedades descritas na Palavra de Deus; todavia, quando não tratadas, se agravam a ponto de as pessoas cometerem suicídio ou se tornarem pessoas agressivas de difícil, muitas vezes impossível, convivência. Acreditar que surgem doenças da alma que não podem ser curadas pela Palavra de Deus é crer, mesmo que inconscientemente, que a Bíblia não é suficiente para lidar com os problemas da alma do homem. Ou cremos que a Bíblia é inspirada e suficiente ou não cremos. Se Deus é Onipotente, Onipresente e Onisciente, Ele, por certo, conhece os problemas humanos em qualquer tempo e em qualquer lugar. Além disso, não podemos nos esquecer de que a Palavra de Deus é eterna (Sl 119.89). Adiante, quando tratarmos dos temas confessados pela igreja e das doutrinas que sustentam o cristianismo, retomaremos essas questões.

criou este homem e revelou a sua vontade por meio da sua Palavra, cremos que Ele tem conhecimento o bastante para lidar com esses problemas:

porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração e não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar (Hb 4. 12-13).

Não existe conhecimento humano capaz de penetrar no homem até a divisão da alma e do espírito. A ciência consegue lidar com os aspectos físicos do homem porque pode tocar, pode fazer experiências, pode observar. Não é assim com a alma e com o espírito. Não é possível fazer experiências com esse tipo de conhecimento. O homem é complexo e seu mundo interior só pode ser discernido por Deus. Ele sabe os pensamentos e as intenções e não há nada dentro de nós que Ele não saiba. Não há desenvolvimento científico capaz de discernir os pensamentos e as intenções do homem e a Bíblia diz que o homem que não é regenerado por Deus, por meio do sacrifício de Jesus e da ação do Espírito Santo, é mal porque “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3. 23). “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam” (Is 64. 6). Além de ser mau por natureza, por conta do pecado, nosso coração é enganoso: “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” (Jr 17. 9).

Todos nós pecamos e estávamos destituídos da glória de Deus. A morte de Jesus restabelece nossa comunhão com Deus. Para quem não aceitou a Jesus como Salvador, o discipulador evangeliza; para quem já o aceitou, o discipulador ensina o caminho que ele agora deve trilhar. O novo discípulo precisa conhecer claramente a nossa condição humana: somos imundos, nossa justiça é trapo de imundícia e o nosso coração é enganoso. Por tudo isso, precisamos da regeneração do Espírito Santo, ou seja, nos despojar do velho homem e nos revestir do novo. Se não fizermos isso, é porque ainda não nos decidimos amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Também ainda não nos decidimos renunciar a nós mesmos e a nos submeter ao senhorio de Cristo. Portanto, o resultado será o que a condição inerente de pecador gera no homem ao longo das suas experiências dolorosas de vida: ira, falta de perdão, amargura, ansiedade, temor a homens, vida que demonstra as obras da carne, pesar, imoralidade e impureza, orgulho e egoísmo, sofrimento. De acordo com Cheryl A. Bell et alii (2017), esses são os tópicos tratados no aconselhamento bíblico e, com certeza, também, no discipulado.

Na nossa convivência com o discipulando, visto que falamos da importância da construção de relacionamentos profundos e duradouros, certamente, se ele enfrentar esses problemas, eles se manifestarão. E o discipulador precisa estar preparado para lidar com essas dificuldades, pois elas tornam a vida do discipulando insuportável, uma vez que os problemas que enfrenta afetam sua via social, financeira e profissional. Trataremos de cada um desses tópicos, a partir da abordagem dos autores mencionados anteriormente.

Ira, falta de perdão e amargura

De acordo com os autores mencionados, “a ira é uma das muitas expressões de intensos sentimentos negativos/destrutivos em resposta ou reação a uma percepção de ter sido atacado ou ofendido” (2017, p. 313). Jesus nos ensinou que “o que sai do homem, isso é que contamina o homem. Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem” (Mc 7. 20-23). Na ira, a pessoa coloca para fora tudo que está dentro do seu coração: “o homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mal, do mau tesouro do seu coração, tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca” (Lc 6. 45).

A ira provoca mudança no semblante da pessoa: “por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?” Essa pergunta Deus fez a Caim (Gn 4.6). Dependendo do nível da ira, ela provoca aceleração dos batimentos cardíacos, tensão nos músculos, palavras duras e agressivas. De acordo com os ensinamentos de Provérbios, “a ira do louco se conhece no mesmo dia, mas o avisado encobre a afronta” (12. 16); “a resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (15.1); “o homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apaziguará a luta” (15. 18); “melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade” (16. 32); “a estultícia do homem perverterá o seu caminho, e o seu coração se irará contra o Senhor” (19.3); “o entendimento do homem retém a sua ira; e sua glória é passar sobre a transgressão” (19. 11); “pesada é a pedra, e a areia também; mas a ira do insensato é mais pesada do que elas ambas” (27. 3). De forma resumida, o que é sábio, o que tem entendimento, retém a sua ira, pois, por meio do Espírito Santo, consegue ter domínio próprio; porém o insensato, o tolo, o louco, sempre expande sua ira e provoca abalos em seus relacionamentos.

A ira não controlada progride para a falta de perdão e para a amargura. Com esses sentimentos, nossos discípulos jamais conhecerão a vida abundante que Jesus dá. Ao contrário,

serão sempre vencidos por Satanás: “e a quem perdoardes alguma coisa também eu; porque o que eu também perdoei, se é que tenho perdoado, por amor de vós o fiz na presença de Cristo; para que não sejamos vencidos por Satanás” (2 Co 2. 10).

No discipulado, é preciso que o novo discípulo reconheça esse pecado, se é o caso de ele sempre ter acessos de ira. É preciso o esforço para controlar as emoções e procurar a reconciliação e o perdão nos casos em que relacionamentos ficaram abalados, antes que a amargura se instale no coração: “tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem” (Hb 12.15).

Ansiedade

Em algumas situações que nos provocam medo, incerteza, insegurança, o sentimento de ansiedade é normal à condição humana. O problema é quando esse sentimento se torna grande demais e, portanto, desproporcional às circunstâncias externas. De acordo com Cheryl A. Bell et alii, “as Escrituras descrevem essas reações como cuidado (Sl 55.22), coração aflito (Jo 14. 27), pensamentos ansiosos (Sl 139. 23,24) e muitas preocupações quanto à vida (Mt 2.25; Lc 10. 38-42)” (2017, p. 315). Os autores ainda citam os sintomas de ansiedade, segundo a *Mayo Clinic* (2017, p. 316):

- Sensação de apreensão,
- Sensação de impotência,
- Sensação de perigo iminente, pânico ou desgraça,
- Aumento do ritmo cardíaco,
- Respiração rápida (hiperventilação),
- Suor,
- Tremor,
- Sensação de fraqueza ou cansaço.

A Palavra do Senhor diz que “Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (2 Tm 1. 7). Também diz para nos humilhar “debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de nós” (1 Pe 5.7). Diante do que expõe a Palavra de Deus, Cheryl A. Bell et alii afirmam que há, nas Escrituras, uma relação estreita entre a nossa ansiedade e o medo exagerado, desproporcional. Além disso, que uma fé que não está firmada totalmente em Deus

permite que o indivíduo tenha esse tipo de sentimento. Para os autores, a solução é temer a Deus, crescer na fé, confessar o orgulho e buscar a humildade e confessar a ansiedade como pecado.

Temor a homens

O salmista diz que “em Deus louvarei a sua palavra; em Deus pus a minha confiança e não temerei; que me pode fazer a carne?” (Sl 56. 4) e “em Deus tenho posto a minha confiança; não temerei o que me possa fazer o homem” (Sl 56. 11). Se tememos mais alguns homens do que a Deus, implicitamente, estamos dizendo que alguns homens têm mais poder do que Deus, por isso, devemos agradecer-lhes mais do que a Deus e reverenciá-los mais do que a Deus. A Bíblia nos ensina a dar honra a todos: “honrai a todos. Amai a fraternidade (...) Honrai ao rei; mas temer somente a Deus: “temei a Deus” (1 Pe 2.17). Para que possamos temer a Deus, é preciso conhecer a Ele, bem como o plano que Ele tem de salvar a humanidade para restabelecer seu domínio completo em todo o universo. Em razão disso, adiante comentaremos de uma forma geral toda a Bíblia para que os novos discípulos saibam que nem o reino mais poderoso da terra pode determinar algo se Deus não permitir. Ainda que o mundo jaza no maligno, dominado por Satanás, desde a queda do homem, Deus tem o controle de toda a história humana, de todos os reinos que se levantam e caem; portanto, nenhum fio de cabelo cai da nossa cabeça, se não tiver a permissão de Deus. Conhecendo o que é possível ao homem conhecer da sua glória, da sua majestade, da sua soberania, o discípulo aprenderá a colocar sua confiança em Deus e não nos homens, pois os “de classe baixa são vaidade, e os homens de ordem elevada são mentira; pesados em balanças, eles juntos são mais leves do que a vaidade” (Sl 62. 9). Que possamos, juntamente com os novos discípulos, dizer como o salmista: “ainda que um exército me cercasse, o meu coração não temeria; ainda que a guerra se levantasse contra mim, nele confiaria (...) porque no dia da adversidade me esconderá no seu pavilhão; no oculto do seu tabernáculo me esconderá; pôr-me-á sobre uma rocha” (Sl 27. 3, 5). Aleluia!!!!

O fruto do Espírito x O fruto da carne

No capítulo terceiro, trataremos dos conteúdos devocionais e, entre eles, da busca pelo Espírito Santo. Jamais conseguiremos passar pelo processo de regeneração se não formos revestidos pelo Espírito de Deus. O método bíblico eficaz no processo de mudança da nossa vida, conforme já mencionamos, é o ato de nos despojarmos do velho homem e nos revestirmos

do novo, conforme nos ensina, explicitamente, o apóstolo Paulo na carta que escreveu à igreja de Éfeso: “quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pela concupiscência do engano e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e vos revistais do novo homem, que segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef 4. 22-24). Essa é a grande tarefa do discipulador: ajudar o discípulo a se revestir do novo homem. A tarefa do evangelista é pregar as boas-novas e convencer as pessoas a aceitar a Jesus Cristo como único Senhor e Salvador das suas vidas; a do discipulador é formar o caráter de Cristo nessas pessoas que o aceitaram.

Se os novos discípulos se revestirem do novo homem, quem mentia não mentirá mais; quem ficava irado conseguirá reter a ira e não expandi-la; quem dava lugar ao diabo não dará mais; o que furtava começará a trabalhar e repartirá do que tem com os outros; quem falava palavras torpes passará a falar somente o que edifica. Sendo revestidos do novo homem, não mais entristecerão o Espírito Santo e no coração deles já não haverá “amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e malícia” (Ef 4. 32), pois tudo isso foi removido do coração. A nova criatura é sempre benigna, misericordiosa, sempre perdoa quem a ofende, pois entende que foi perdoada por Jesus Cristo (Ef 4. 25-5.14). O fruto do Espírito demonstra sempre bondade, justiça e verdade. Quem é cheio do Espírito de Deus só pode demonstrar, nas ações, o que há dentro do coração. Da mesma forma, quem não tem o Espírito de Deus será conhecido pelas suas ações, que evidenciarão as obras da carne que, como o fruto do Espírito, claramente, se manifestam nas suas relações sociais e familiares.

Pesar

Todos nós, em alguns momentos da nossa vida, sentimos pesar. Segundo Cheryl A. Bell et alii (2017, p. 322), “pesar é o luto pela perda de alguém ou pela perda ou falta de algo”. Todos nós, quando perdemos entes queridos, temos nosso tempo de luto. Se perdermos bens materiais, poderemos ter nosso tempo de pesar pela perda. Portanto, se o problema do discipulando é algum tipo de pesar, ele precisa de consolo: “alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm 12.15). Todavia, esse pesar não pode durar indefinidamente e nem se deve atribuir a Deus a responsabilidade pelas perdas e nem, muito menos, permitir que o relacionamento com Deus fique prejudicado pelo fato de se pensar que Deus não o livrou desse sofrimento. Quando isso ocorre, o discípulo precisa entender que pecou contra Deus e precisa restabelecer a plena comunhão com Ele. Nesse caso, com muito amor, o discipulando

precisa ser exortado: “exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado” (Hb 3. 13).

Imoralidade e impureza

O apóstolo Paulo ensina aos romanos que o pecado não deve reinar em nossos corpos. Não devemos obedecer às nossas concupiscências, ou seja, aos nossos desejos carnavais. Isso significa que não devemos apresentar nossos membros “ao pecado por instrumentos de iniquidade” (Rm 6. 12,13). Ele explica ainda que o pecado não terá domínio sobre nós, pois não estamos debaixo da lei, mas da graça. Isso significa que, por meio da regeneração, conseguimos purificar os nossos pensamentos e desejos, pelo conhecimento da palavra: “vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15.3) e, tendo feito isso, o pecado não será consumado. Tiago nos ensina que, primeiro, o desejo pecaminoso é concebido e, posteriormente, dá “à luz o pecado; e o pecado sendo consumado, gera a morte” (Tg 1.15). Nossa tarefa constante é termos o nosso coração purificado. Não é dele que procedem as saídas da vida? E como faremos isso? O salmista nos responde: “observando-o conforme a tua palavra” (Sl 119. 9). Sem a Palavra de Deus, não conseguimos limpar o nosso coração e, necessariamente, devemos limpá-lo, pois “bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (Mt 5.8).

Orgulho e egoísmo

Segundo Steve Gallagher (2008, p. 13), o orgulho significa “ter um conceito exagerado de sua própria importância e uma preocupação egoísta com seus próprios direitos. É uma atitude que diz: ‘Sou mais importante que você e, se necessário, irei promover minha causa e proteger meus direitos em detrimento dos seus’”. Ainda segundo esse autor,

o orgulho é algo tão natural para o homem caído que brota em seu coração como ervas daninhas em um jardim regado ou como juncos em um brejo. É um pecado que se impregna e que cobre tudo, como a poeira nas estradas ou a farinha nos moinhos. Sua presença sempre é maligna. Você pode até conseguir capturar essa raposinha, e pensar que a destruiu, mas “surpresa!”, pode acabar se orgulhando disso. Ninguém tem mais orgulho do que os que sonham que não têm nenhum. O orgulho é um pecado com mil vidas, parece impossível matá-lo.

O que a Bíblia nos ensina sobre os orgulhosos é que Deus resiste a eles: “Deus resiste aos soberbos, dá, porém, graça aos humildes”; por isso, o caminho ideal é “senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo, em tristeza. Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 6-10).

O oposto do orgulho e do egoísmo, e a melhor opção, é a humildade. Devemos nos humilhar perante o Senhor, reconhecendo que, sem Ele, não somos nada e não podemos fazer nada. Devemos compreender as limitações humanas, por mais poderosos que sejam alguns homens, terão o mesmo fim: a morte física, pois a condição humana é limitada por tempo e por espaço. E, além disso, devemos nos humilhar a nós mesmos diante de Deus porque foi esse o sentimento de Jesus. O apóstolo Paulo, escrevendo aos filipenses, disse que deveria haver neles o mesmo sentimento que houve em Jesus Cristo que, sendo Deus, não usurpou do fato de ser igual a Deus. Mas, ao contrário, ele aniquilou-se a si mesmo, e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo homem, humilhou-se ainda mais, visto que foi obediente e se dispôs a morrer na cruz como se fosse um malfeitor. Todavia, porque Ele se humilhou dessa forma, “Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo nome” (Fl 2.5-11). Todos os discípulos de Jesus devem ter o mesmo sentimento que houve nele: disposição de colocar os interesses do Reino de Deus acima de quaisquer interesses pessoais.

Sofrimento

O sofrimento, sentido por meio de angústia, pode ser físico, mental e emocional ou conjugar essas três dimensões. Na Bíblia, é identificado como provações (Tg 1.2-4); aflições (Jo 16.33); tentações (Tg 1.13-15); fogo ardente (1 Pe 4. 12,13). Nossa grande expectativa futura é o estabelecimento do Reino de Deus em todo o universo, pois, nesse tempo, viveremos cheios de paz e de alegria na cidade de Jerusalém e “nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor” (Is 65. 19). Todavia, até que esse dia chegue, por mais que tenhamos paz e alegria em Jesus, no mundo, teremos aflições (Jo 16.33). Os discípulos de Jesus precisam saber disso e precisam saber lidar com o sofrimento sem chegar ao desespero: “amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós, para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo” (1 Pe 4. 12,13).

De acordo com Steve Gallagher et alii (2008, p. 329), há três causas para o sofrimento: “o pecado pessoal, o pecado dos outros e o mundo corrompido pelo pecado”. Os nossos pecados

devemos assumir, confessar e deixar. Mas, infelizmente, também podemos sofrer por conta dos pecados de pessoas que fazem parte do nosso convívio. Nesse caso, a Palavra de Deus nos consola por meio do apóstolo Pedro. Ele nos explica que, se sofrermos, mesmo fazendo o bem, estamos seguindo o exemplo de Jesus que “padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas” (1 Pe 2. 18-24). Os desastres naturais também fazem as pessoas sofrerem, pois podem perder bens materiais e vidas podem ser ceifadas ou feridas. Por conta dessas dificuldades que encontramos na vida, a satisfação plena do servo de Deus está na certeza de fazer parte de um Reino onde não haverá nenhum desses sofrimentos.

Que estamos todos sujeitos a esses sofrimentos é fato, a questão é como reagimos a eles. Para Steve Gallagher et alii (2008, p. 332),

nas Escrituras, Deus deixa claro que respondemos a Ele de uma maneira ou de outra à medida que a crise produzida pelo sofrimento expõe nosso coração. Embora possamos culpar nossas circunstâncias pelas respostas que damos, Deus deixa claro que essas circunstâncias revelam o que já está em nós. Confiamos em Deus e O buscamos, ou confiamos em nosso próprio entendimento, nossos caminhos e recursos (Pv 3.5-7; Os 10.12,13).

A tarefa do discipulador é lidar com o que expõe o coração do novo discípulo diante do sofrimento e levá-lo a confiar em Deus: “entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará” (Sl 37.5).

Vida social

A nossa vida social diz respeito ao nosso padrão de comportamento com a sociedade por meio das relações que estabelecemos com a família, com os amigos, com os colegas de trabalho etc. Esses relacionamentos precisam seguir as regras que são estabelecidas para que haja uma boa convivência. Daí que viver em sociedade nos impõe responsabilidades e compromissos que devemos cumprir e, se não os cumprirmos, seremos penalizados. No nosso caso, servos de Deus, discípulos de Jesus, nosso compromisso vai além das regras estabelecidas pela sociedade, visto que ela aceita algumas condutas que negam o que a Palavra de Deus nos ensina. Portanto, como sempre, nossa referência é a Bíblia. Nela conheceremos nossas responsabilidades de acordo com cada papel social que temos.

O apóstolo Paulo nos ensina que devemos ser todos sujeitos às autoridades superiores porque todas são constituídas por Deus e, portanto, ordenadas por Ele e, por isso, quem resiste à autoridade, resiste ao próprio Deus e trará sobre si graves consequências. Jamais teremos

problemas com as autoridades se fizermos o bem, então, não haverá motivos para resistir a elas (Rm 13.1-3). Vivemos, então, em sociedade de forma pacífica sem ter nenhum tipo de resistência aos que, hierarquicamente, estão acima de nós, a menos que as ordens que nos forem dadas nos obriguem a ir contra a Palavra de Deus. Nesse caso, devemos agir como Pedro e João e dizer: “julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvi-vos antes a vós do que a Deus” (At 4.19).

Na família, nossas responsabilidades estão bem definidas em Ef 5. 22-6.4. Da mesma forma que a sociedade tem hierarquia, na nossa casa também: o marido é a cabeça da mulher assim como Cristo é a cabeça da igreja e, portanto, o marido deve amar a esposa como Cristo amou a igreja e a mulher deve honrar seu esposo. Os filhos são sujeitos aos pais, mas os pais devem tratar os filhos de forma que eles não se irrite. A convivência será harmoniosa somente se cumprirmos nossas responsabilidades e não devemos nos esquecer de que nossas ações são o resultado do que está dentro do nosso coração do qual procedem as saídas da vida. Na nossa vida familiar, de fato, revelamos se produzimos o fruto do Espírito ou as obras da carne.

No trabalho, a Bíblia também nos orienta a sermos fiéis aos nossos patrões e a quem devemos servir mesmo se eles estiverem longe e não apenas quando estão perto, vendo o nosso trabalho. É esse tipo de conduta que evita muitos desastres financeiros nas famílias, pois alguém que não se submete à hierarquia dificilmente fica empregado por muito tempo e o resultado é o sofrimento por conta de dificuldades financeiras. Não estamos satisfeitos com o nosso trabalho? Podemos arrumar outro, temos essa liberdade, mas não deixemos de honrar e de respeitar o patrão e devemos sair, deixando as portas abertas. Por outro lado, os patrões precisam também ter temor de Deus e saberem tratar seus empregados e jamais ameaçá-los, pois Deus não faz acepção de pessoas (Ef 6.5-9).

Vida financeira

Nossa vida espiritual, emocional e psicológica está bastante entrelaçada com a nossa vida social, financeira e profissional. Conforme vimos anteriormente, a base de tudo é o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Se isso for verdade na nossa vida, ou seja, se o nosso mundo interior estiver bem ordenado, nossa vida exterior também terá ordem. O servo de Deus sabe que é também um administrador não somente das coisas de Deus, mas de tudo que Deus lhe deu de bens materiais, seja pouco, seja muito. E quem for fiel no pouco sobre o muito será colocado (Mt 25. 21, 23). Portanto, se quisermos ser obedientes a Deus, deveremos observar os ensinamentos de sua Palavra que nos levarão a ter uma vida financeira tranquila.

A primeira coisa é que devemos ser contentes com o que temos (Fl 4.11). Não é possível agradar a Deus se somos descontentes com o que Ele já nos deu. Não é possível sermos abençoados por Deus sem levar à sua casa nossos dízimos e nossas ofertas. Se os levarmos, para que haja mantimento, recursos, na casa do Senhor, poderemos fazer prova dele: “e depois fizeti prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância” (Ml 3. 10). Entretanto, devemos ensinar aos novos discípulos que o fato de levarmos os dízimos e as ofertas na casa do Senhor não significa que podemos gastar mais do que ganhamos. Não. Na verdade, quem tem a disciplina de separar os dízimos e as ofertas tende a ter disciplina para não comprar além do que necessita, mas nem sempre. Há muitos que entregam os dízimos e as ofertas, mas, apesar disso, vivem com as contas descontroladas. Talvez porque não observam outras recomendações da Palavra de Deus, tais como: “por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão? E o produto do vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer? Ouvi-me atentamente e comei o que é bom, e a vossa alma se deleite com a gordura” (Is 55. 2). Sabemos que o anseio de comprar objetos que não são necessários e que estão acima das nossas possibilidades, pelo menos no momento, é resultado de um anseio de satisfação e falamos um pouco sobre o consumismo anteriormente. Por falta de uma satisfação profunda, pensamos que adquirir alguns objetos nos fará mais felizes, assim como fazer viagens, mesmo que estejamos sem dinheiro, e muitas outras coisas mais. O resultado é que teremos que conviver com a angústia de ficar financeiramente apertados e, muitas vezes, devendo dinheiro a outras pessoas: “ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis, uns aos outros” (Rm 12. 8).

Em vez de gastar mais do que ganhamos, devemos olhar para o exemplo das formigas, elas são impotentes, mas preparam sua comida no verão e, por isso, quando chega o inverno, elas têm o suficiente (Pv 6. 6-8; 30.25) Nesse ponto, devemos ainda apontar mais algumas orientações que a Palavra de Deus nos dá sobre nossas finanças: não devemos ser preguiçosos (Pv 6.6; 12. 27; 20.13); devemos ser diligentes (Pv 10.4; 12. 24; 21. 5); não devemos ser fiador, a menos que seja de valores que estão completamente dentro do nosso orçamento para o caso de termos que pagar (Pv 17. 18; 20.16; 22.26); se formos patrões, não devemos assalariar pessoas descompromissadas (Pv 26. 10).

Essas orientações bíblicas são o fundamento dos ensinamentos de George S. Clason, embora ele não tenha nenhum compromisso com a Palavra de Deus (2013). Segundo ele, de tudo que ganharmos, devemos guardar a décima parte. Isso significa que devemos tirar dos nossos ganhos os 10% de dízimos e 10% para nossas economias. Conseguimos fazer isso se deixarmos de comprar para satisfazer nossos desejos, que nunca poderão ser satisfeitos, a menos

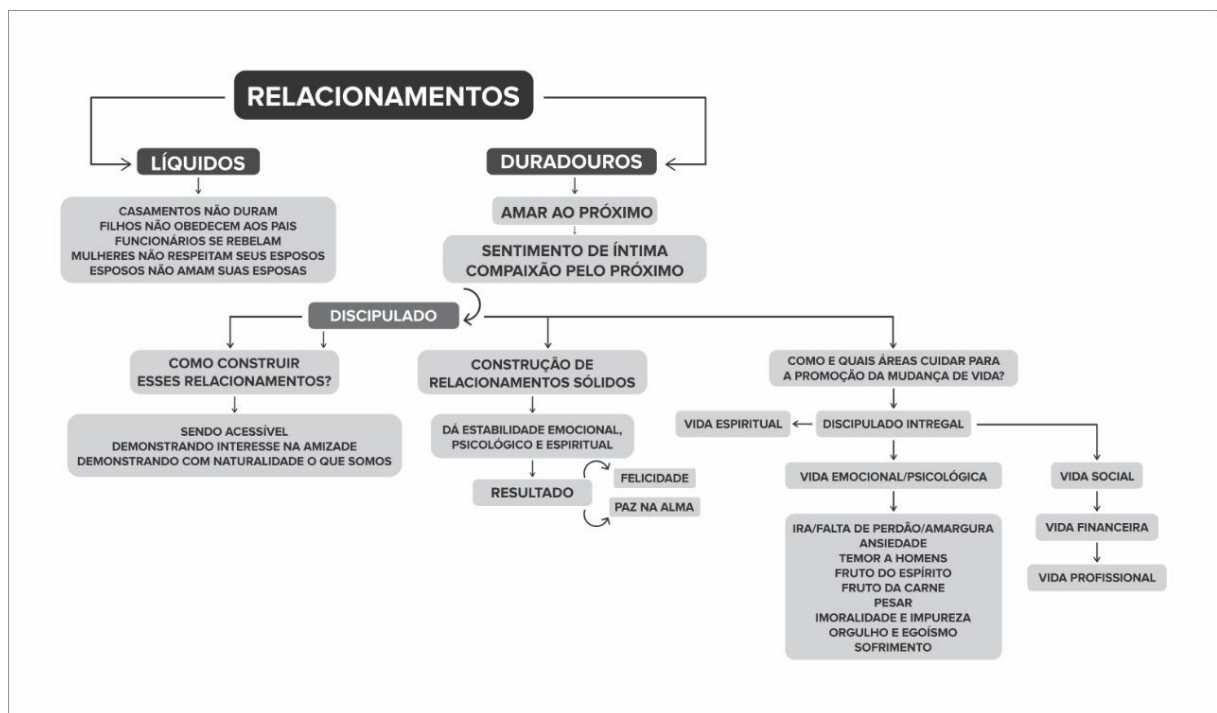
que nosso mundo interior esteja em ordem, e estejamos contentes com o que temos. Nossas despesas precisam ser controladas. Precisamos colocar nossas receitas e todas as despesas que são necessárias e ter disciplina para não gastar além da receita, pois o ideal é guardar os 10% de economia. Não devemos guardar mais que isso, pois é preciso que o dinheiro gire e outras pessoas sejam abençoadas com ele. Depois de termos uma reserva, devemos tentar ganhar mais dinheiro com ele, por exemplo, adquirir alguns produtos para serem vendidos. Devemos, como as formigas, pensar no nosso futuro não no sentido de ajuntar tesouros na terra, mas no sentido de saber ordenar uma vida financeira tranquila para o tempo em que não teremos mais força para o trabalho. Além de tudo isso, devemos quitar todas as nossas dívidas e não comprar o que não podemos pagar; devemos suprir todas as necessidades da nossa família; fazer um testamento para que nossos bens sejam repartidos igualmente; devemos ser compassivos com os enfermos e com os necessitados. Por fim, devemos cultivar nossas habilidades intelectuais, estudar, nos instruir. Podemos seguir todos esses conselhos e orientações, mas, ao final das contas, “a bênção do Senhor é que enriquece, e ele não acrescenta dores” (Pv 10. 22). Devemos ser prudentes e ter uma vida disciplinada, mas Deus é quem nos faz herdar bens permanentes aos que o amam e encher os seus tesouros (Pv 8. 21).

Vida profissional

Os jovens que estão sendo discipulados devem ser bem orientados acerca da profissão que deverão escolher. Cremos que Deus é quem nos dá nossas habilidades e dons naturais e eles podem ser desenvolvidos por meio do estudo e do aprendizado de técnicas. Na hora de escolher uma profissão, o que deve ser colocado como prioridade não é se é ou não uma profissão rentável, pois ela pode ser para alguns e não para outros. O que deve ser levado em conta é quais as habilidades naturais que o jovem tem e que ele gostaria de desenvolver a ponto de passar boa parte da sua vida dedicando-se a isso. No livro de Êxodo, há uma passagem que nos demonstra como Deus dá habilidades específicas para as pessoas:

Eis que eu tenho chamado por nome a Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o enchi do Espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência em todo artifício, para inventar invenções, e trabalhar em ouro, e em prata, e em cobre, e em lavramento de pedras para engastar, e em artifício de madeira, para trabalhar em todo labor. Eis que eu tenho posto com ele a Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã, e tenho dado sabedoria ao coração de todo aquele que é sábio de coração, para que façam tudo o que te tenho ordenado. (Ex 31. 2-6)

Foi dada essa sabedoria a Bezalel e a Aoliabe para eles fazerem, entre várias outras coisas, a tenda da congregação e todos os seus utensílios. Toda a nossa vida deve ser dirigida pelo Senhor e a escolha da nossa profissão não é diferente. Tendo identificado os dons naturais que temos, Deus nos enche ainda mais de entendimento e de ciência para desenvolvermos melhor nossas habilidades de forma que, ainda que seja nossa profissão, resulte em glória para o nome dele. Toda a nossa vida deve resultar em glória para Ele: “para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradável a si no Amado” (Ef 1.6,12, 14). Tudo que somos e tudo que fazemos deve honrar o nome de Deus. Então, nossa profissão, assim como toda a nossa existência devem ser entregues a Deus.



CAPÍTULO III:

O PLANDEJAMENTO DO DISCIPULADO: objetivos, conteúdos e o conteúdo devocional

Consideramos importante a elaboração de um planejamento sistemático do discipulado. Isso significa que concebemos, de uma forma geral, à luz da Bíblia, o perfil de um discípulo de Jesus e, com base nele, sistematizamos conteúdos que julgamos necessários para formarmos esse perfil desejado. Muitos dos novos discípulos serão, no futuro, líderes, ou seja, serão pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos etc. e, portanto, devem ter as qualidades definidas pela Palavra de Deus para a liderança. Neste capítulo, serão apresentados os conteúdos que, durante o discipulado, serão aprendidos de forma simultânea: conteúdo devocional, bíblico e doutrinário.

Fazendo essas abordagens, enfocaremos a vida pessoal do discípulo, bem como suas práticas devocionais e seu conhecimento bíblico, fundamental para lhe dar firmeza e equilíbrio diante de falsos ensinamentos e de situações difíceis que enfrentamos na vida. Por fim, tratamos do doutrinário que lhe dará conhecimento acerca dos princípios que regulamentam e sustentam a fé cristã de forma geral e, especificamente, a denominação Assembleia de Deus, do Ministério Fama. Esses conteúdos, portanto, são considerados um conjunto de experiências e/ou conhecimentos necessários à formação do discípulo e, por isso, o discipulador fará uso deles para que o discipulado avance da etapa mais básica à mais profunda. Dessa forma, acreditamos que a motivação dos discípulos aumentará, visto que eles somente avançarão para etapas superiores se cumprirem todos os requisitos, desde a primeira etapa: *A formação do discípulo – básico*.

Neste capítulo, portanto, vamos apresentar os objetivos do discipulado e tratar de forma sucinta todos os tópicos dos conteúdos que serão abordados. Depois disso, desenvolveremos, ainda neste capítulo, o primeiro conteúdo: o devocional. Os conteúdos bíblico e doutrinário, por conta da extensão, serão desenvolvidos nos capítulos seguintes¹¹.

Os objetivos do discipulado

Gerar no discípulo a alegria da salvação;

¹¹ Esses conteúdos serão divididos e retomados nos livros *Formação do discípulo – básico*; *Formação do discípulo – intermediário* e *Formação do discípulo – avançado*. Nesses livros, os conteúdos serão abordados de uma forma mais didática, em forma de aulas, acompanhadas de um mapa conceitual que as resume de forma visual, para facilitar a operacionalização deles pelo discipulador.

Formar o caráter de Cristo no discípulo;
Ensinar as doutrinas cristãs básicas;
Capacitar o discípulo a aplicar a Palavra de Deus em sua própria vida;
Gerar independência/dependência do discípulo;
Proporcionar estabilidade na vida do discípulo: emocional, física, social/financeira, espiritual;
Orientar o discípulo a formar novos discípulos.

O conteúdo do discipulado

Conteúdo devocional

Reconhecimento da condição de pecador;
Salvação: ninguém poderia salvar a si mesmo;
Novo nascimento/Nova criatura;
Oração;
Enfrentamento das tentações;
A busca pelo Espírito Santo;
Obediência;
Justificação x boas obras;
Compreensão e desejo de realizar o propósito de Deus;
Mordomia cristã;
Igreja: corpo de Cristo;
Leitura bíblica;
Métodos de estudo bíblico.

Conteúdo bíblico

Introdução ao Antigo Testamento: essência e abordagem de cada livro

Pentateuco;
Livros Históricos;
Livros poéticos;

Profetas maiores;
Profetas menores.

Introdução ao Novo Testamento: essência e abordagem de cada livro

Evangelhos;
Livro histórico;
Epístolas paulinas;
Epístolas universais;
Apocalipse.

Conteúdo doutrinário

Temas confessados pela igreja

A suficiência das Sagradas Escrituras;
A corrupção da natureza humana;
A morte de Cristo na cruz como única forma de expiação para o pecado do homem;
A justificação pela graça recebida somente pela fé;
A necessidade da conversão do coração como resultado de uma nova criação operada pelo Espírito Santo;
A ligação inseparável entre a fé verdadeira e a santidade pessoal.

Doutrinas básicas do cristianismo em ordem lógica

Doutrina da revelação;
Deus Trino, Criador e Soberano;
O ser humano e o pecado (Soteriologia: dois termos gregos σωτήριος [Soterios], que significa “salvação” e λόγος [logos], que significa “palavra”, ou “princípio”);
A Pessoa e obra de Cristo (cristologia);
Vida no Espírito Santo (Pneumatologia: “pneuma” é a palavra grega para “respiração”);
Comunhão dos Santos na igreja (eclesiologia);

Vinda de Cristo (Escatologia: do grego antigo εσχατος, “último”, mais o sufixo –logia.

Conteúdo devocional

Reconhecimento da condição de pecador

O apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos, deixa clara a condição de todos os homens diante de Deus: todos estão debaixo do pecado e “não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que busque a Deus” (Rm 3.9-11). Como todos nós pecamos, estamos também destituídos da glória de Deus (Rm 3.23). Essa condição deve ser profundamente compreendida por quem se decide seguir a Jesus Cristo, inclusive, por pessoas que tenham o perfil de Cornélio, que a Bíblia diz ter sido “piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa” (At 10.2). A aceitação da condição de pecador cria uma contrição e um arrependimento no coração e essa é a condição para que a pessoa, nesse caso que não é como Cornélio, piedoso e temente a Deus, mude completamente de atitudes. O significado mais profundo dessa palavra é uma mudança de mente, mudança de atitude interior, visto que houve uma lamentação pelos atos e pensamentos cometidos, resultantes de uma desobediência a Deus e aos seus preceitos. Decidimos, interiormente, a não mais nos rebelar contra Deus, mas nos submeter a Ele.

Nossa condição de pecador, “em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51. 5), está relacionada ao pecado original de Adão e Eva, que foram enganados pela serpente e pelo desejo de seus corações de serem iguais a Deus. A serpente disse à mulher: “certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (Gn 3.4-5). Assim, Eva viu que a árvore era boa e “agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela” (Gn 3. 6).

O pecado é a violação de uma ordem, uma insubmissão. Deus havia criado todas as coisas, “os céus, e a terra, e todo o seu exército” (Gn 2. 1), e, depois disso, criou o homem, plantou um jardim, no Éden, e o pôs ali. Vendo que não era bom que ele ficasse sozinho, criou a mulher para ser sua adjutora. Mas Deus havia dado uma ordem a Adão: “de toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2. 16-17). Visto que Adão pecou, Deus o lançou fora do jardim do Éden para que ele não comesse da árvore da vida e vivesse eternamente. A desobediência de Adão resultou na morte da humanidade, pois Deus

disse: “se comer dessa árvore morrerá”; por isso o apóstolo Paulo escreveu: “porque o salário do pecado é a morte” (Rm 6. 23). Alguns questionam porque o pecado de Adão e Eva resultou no pecado de toda humanidade. Precisamos entender que Deus deu autoridade para Adão sujeitar a terra (Gn 1. 28), sob a autoridade de Deus; todavia, uma vez que Adão preferiu atender ao pedido de Eva, que foi enganada pela serpente e pelo desejo do seu coração de conhecer o bem e o mal, ele entregou o domínio que Deus lhe havia dado para Satanás e, desde então, o mundo jaz no maligno (1 Jo 5.19). Jamais haverá injustiça em Deus, da mesma forma que por um homem, Adão, entrou o pecado no mundo, por um homem entrou a salvação: Jesus Cristo, (1 Co 15. 21-22).

Entender a condição de pecador significa entender que, sem Jesus Cristo, toda a humanidade já está condenada à morte eterna. A queda do homem o privou da comunhão com Deus e a condição de pecador o afasta, cada vez mais, dele e, “se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós” (1 Jo 1.8).

Em nenhum momento das nossas vidas, podemos nos esquecer da nossa condição de pecador. Somente quando, do fundo do nosso coração, reconhecemos isso e temos a convicção de que o nosso arrependimento e a nossa salvação resultam inteiramente da graça e da misericórdia de Deus, seremos justificados por Ele. A parábola do fariseu e do publicano, (Lc 18. 9-14), demonstra essa realidade. Jesus disse essa parábola para alguns que “confiavam em si mesmos”, pensavam que era justos e “desprezavam os outros”.

Segundo a parábola, dois homens subiram ao templo para orar: um era um fariseu¹² e o outro um publicano¹³. O primeiro ficou de pé e orava a Deus, agradecendo por não ser como os outros homens que eram “roubadores, injustos e adúlteros”. Também agradecia por não ser igual ao publicano. Ele também se gabava de jejuar duas vezes por semana e de entregar o dízimo de tudo que possuía. Ao contrário, o publicano, estando também de pé, mas de longe, de olhos baixos, batia no peito e dizia: “ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!”. Jesus afirma que quem saiu justificado para a sua casa foi o publicano, porque “qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado”.

¹² Literalmente significa *separados* porque viviam plenamente separados dos outros povos e dos judeus não fariseus. Constituíam uma das principais seitas judaicas, tendo aparecido, aproximadamente, no III século a.C. para combater a influência helênica e a paganização que desencadeou, após as conquistas de Alexandre, O Grande. Nasceram de um espírito de fervente patriotismo e devoção religiosa, tornando-se, mais tarde, uma seita formalista, hipócrita e proclamadora de justiça própria.

¹³ Cobrador de impostos no Império Romano.

Salvação: ninguém poderia salvar a si mesmo

Com a Adão, a morte entrou no mundo e, com Jesus, entrou a ressurreição (1 Co 15. 21-22). “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3. 16). Por isso, Paulo disse aos romanos que não se envergonhava do evangelho de Cristo, pois “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Rm 1. 16). Livramo-nos da sentença de morte decretada por Deus para o pecador quando aceitamos Jesus, pois Ele aceitou morrer no nosso lugar e pagar a nossa dívida. Precisamos entender porque Deus teve que enviar seu Filho como homem para vencer Satanás. Deus poderia vencê-lo, mas, para manter sua justiça, se foi o homem quem pecou, teria que ser o homem quem deveria morrer. O sacrifício de Jesus foi aceito por Deus e nós fomos salvos porque Ele pagou a nossa dívida e fez com que Deus mantivesse sua justiça. Como Ele não tinha pecado, a morte não teve poder sobre o corpo Dele e, por isso, Ele ressuscitou ao terceiro dia. Tendo morrido, por meio dele, restabelecemos nossa comunhão com Deus. Não somente restabelecemos a comunhão, mas nos tornamos filhos dele e herdeiros, juntamente com Jesus.

Precisamos entender um pouco sobre a justiça de Deus. Ele é amor, mas também justiça. Seu amor não invalida sua justiça e isso precisa ser bem compreendido e ensinado ao discípulo. Está escrito na Bíblia que “o que justifica o ímpio e o que condena o justo abomináveis são para o Senhor, tanto um como o outro” (Pv 17. 15) e “o que disser ao ímpio: Justo és, os povos o amaldiçoarão, as nações o detestarão” (Pv 24. 24). Vemos, portanto, que a justiça se cumpre quando o ímpio é condenado e o justo justificado, absolvido. Dessa forma, Deus não poderia dar a salvação ao homem sem que a sua dívida fosse paga. Se Ele fizesse isso, estaria justificando o ímpio e isso é abominável diante dos seus olhos. Sendo assim, Deus viu um modo de provar o seu amor pela humanidade, sem violar sua justiça: a morte do seu Filho e, assim, fomos “justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3. 24). Se fomos justificados pela fé, “temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1-2). Deus se apresenta, ao mesmo tempo, justo e justificador: “para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.25).

Por tudo isso, não há outro meio de salvação a não ser por Jesus Cristo. Não há nada que possamos fazer, nenhuma obra: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Ef 1.8-9). E não

há outro nome em que há salvação: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4. 12).

Novo nascimento/Nova criatura

Tendo nos arrependido da nossa vida de pecado e de insubmissão a Deus, decidimos, então, renunciar a nós mesmos e servir inteiramente ao nosso Salvador. Demonstramos essa decisão por meio do batismo: “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28. 19); “Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”, (Mc 16.16). Para nos batizar, precisamos de fé e de arrependimento. No batismo, quando imerso na água, dizemos que fomos sepultados com Cristo e que renascemos nele. Somos agora uma nova criatura, “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Co 5.17). O batismo nas águas é, pois, um testemunho público da nossa fé e um símbolo externo da obra regeneradora que foi, interiormente, realizada em nós.

Acreditamos que, facilmente, o novo convertido compreende que recebemos a salvação pela graça de Deus, por meio do sacrifício de Jesus na cruz do calvário. Mas é um desafio para o discipulador fazê-lo entender sobre o novo nascimento, sobre ser uma nova criatura. É preciso que o discipulador deixe muito claro que “aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3. 3). Jesus morreu para, por meio da sua vitória contra Satanás, nos dar a condição de, depois de nos arrepender, recomeçar nossa vida dentro dos padrões estabelecidos por Deus porque sua morte nos capacita a vencer o pecado e a nos libertar do jugo de Satanás. Em Cristo, temos a capacidade de dizer não ao pecado, embora não saíamos da condição de pecadores. Com o batismo, morremos para nós mesmos e para o mundo, negamos a nós mesmos para vivermos uma vida que imita a de Cristo: “Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus. Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl. 2. 19-20). Nós negamos a nós mesmos para que Cristo habite em nós e tenhamos as mesmas atitudes e os mesmos pensamentos que Ele teve. Os interesses do Reino de Deus eram colocados acima de qualquer coisa, a sua comida e a sua bebida eram fazer a vontade do Pai (Jo 4. 34).

Nós somos livres em Cristo (Jo 8. 36): “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres”. Somos livres do jugo do pecado e o apóstolo Paulo nos explicou que a liberdade que temos em Cristo não é para dar ocasião à carne (Gl 5. 13). Ao contrário, estando em Cristo, devemos andar em Espírito e o que evidencia que andamos no Espírito são ações que

demonstram “amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gl 5. 22). O apóstolo João nos disse que Deus se manifestou “para tirar os nossos pecados” (1 Jo 3. 5) e qualquer que nele permanece não continua a prática do pecado e, se continua, é porque ainda não o conhece (1 Jo 3. 6). Diz ainda que “quem pratica o pecado é do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo. Qualquer que é nascido de Deus não vive na prática do pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode viver pecando, porque é nascido de Deus” (1 Jo 3. 8-9). Jesus veio desfazer as obras do diabo e, portanto, todos os que o aceitam como Salvador saem do jugo do pecado. Ele não morreu para continuarmos pecando e sermos perdoados porque Ele pagou nossa dívida. Ele morreu para que deixemos o jugo do pecado e sejamos uma nova criatura nele para a glória de Deus.

A morte de Jesus nos purifica dos nossos pecados. O apóstolo João diz para não pecarmos, mas, como somos pecadores e sujeitos à queda, se pecarmos, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo. Essa situação é bem diferente de quando, voluntariamente, depois de termos experimentado da graça de Deus, decidimos pecar porque amamos o pecado e queremos concretizá-lo de uma forma desafiadora contra Deus. Com essa atitude, o escritor aos hebreus diz que nos resta apenas o juízo, pois profanamos o Filho de Deus:

Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários. Quebrantando a lei de Moisés, morre sem misericórdia, só pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do testamento, com que foi santificado e fizer agravo ao Espírito da graça? (Hb 10. 26-29).

O escritor aos hebreus nos encoraja a permanecermos na fé. Nós podemos entrar com ousadia no Santuário de Deus, por conta do sacrifício de Jesus, pois Ele abriu um novo e vivo caminho que nos permite entrar na presença de Deus. A presença de Deus nos enche de alegria, de paz, de força para enfrentarmos as dificuldades da vida. Ele nos dá uma vida abundante e nos garante a salvação eterna, nos garante fazer parte do seu Reino que nunca terá fim e onde habitará a justiça. Perseveremos até o fim e falemos como o apóstolo Paulo: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4. 7). Se assim fizermos, uma coroa de justiça também será preparada para nós (2 Tm 4. 8).

Oração

Desde os primeiros passos na fé, o novo convertido precisa compreender a importância de cultivar uma vida diária de oração. Por meio dela, ele aprenderá a ser dependente de Deus e buscar nele alívio para suas angústias, suas tristezas e suas ansiedades. Entretanto, o discipulador precisa ensinar os princípios da oração. O Senhor Jesus, no Sermão da Montanha, nos ensinou acerca da oração. Por incrível que pareça, a primeira lição dele sobre a oração é que ela não deve ser feita para que sejamos vistos pelos homens: “E, quando orares, não seja como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens”, (Mt 6.5). Se assim fizermos, receberemos apenas o galardão dos homens e não o de Deus. O problema, evidentemente, não é orar na igreja e de pé. O problema está na motivação, ou seja, se orarmos desejosos de sermos admirados pelos homens por conta da nossa espiritualidade e fervor da nossa oração e/ou de causar impacto pelo bom uso que fazemos das palavras.

Nesse sermão, Jesus nos ensina a cultivar o hábito de oração – além de mantermos o compromisso de orar no templo, junto como os irmãos, como nos dão exemplo os irmãos da igreja primitiva – em casa, no nosso aposento, sozinhos com o nosso Criador, com o nosso Sustentador, aquele que tudo pode fazer por nós. Se fizermos assim, o nosso Pai, que vê o que está oculto, nos recompensará.

Para orar, não devemos usar vãs repetições. Mas devemos estabelecer um diálogo com Deus. Entretanto, esse diálogo não deve se restringir aos nossos problemas e aos nossos anseios e todo o tempo dizermos o que queremos e o que precisamos. Jesus, na verdade, nos deu um modelo de oração. Nossa oração deve tomar por base esse modelo. Vejamo-lo:

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal; porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém! (Mt 6. 9-13)

A brevidade dessa oração não deve fazer nossas orações serem breves. Mas devemos aprender a passar longos momentos na presença de Deus. Essa oração somente nos dá o caminho e, em primeiro lugar, quando orarmos, devemos exaltar o nome de Deus e reconhecer a sua santidade. Vejamos o comentário desse versículo que se encontra na *Bíblia de Estudo Pentecostal*:

O maior empenho em nossas orações e na nossa vida deve concentrar-se na santificação do nome de Deus. É da máxima importância que o próprio Deus seja reverenciado, honrado, glorificado e exaltado (cf. Sl 34. 3). Em nossas orações e em nosso viver diário, devemos ter o máximo zelo com a reputação de Deus, da sua igreja, do seu evangelho e do seu reino. Fazer

algo que cause escândalo para o nome e o caráter do Senhor é um pecado horrível que o expõe à vergonha pública.

Nessa oração, depois de exaltar o nome de Deus e de reconhecer a sua santidade, demonstramos interesse pelo estabelecimento do Reino de Deus: “Venha o teu Reino”. O discipulador deve ensinar ao discípulo que a principal preocupação dele deve ser com o Reino de Deus. Deus nos chamou para sermos embaixadores deste Reino na terra (1 Co 5. 20). O discípulo deverá ocupar-se com o Reino de Deus nesta terra e deve ansiar e clamar pelo estabelecimento deste Reino, no futuro e, por isso, deve orar pela volta de Jesus e pelo estabelecimento do Reino eterno de Deus no novo céu e na nova terra (Ap 21.1). Devemos orar para que Deus desfaça a operação do reino das trevas nesta terra e cure os enfermos e salve os perdidos. O discípulo de Jesus deve orar para que a vontade de Deus seja feita tanto na terra quanto no céu. Ele deseja que a vontade de Deus seja estabelecida porque sabe que ela é boa, perfeita e agradável (Rm 12. 2). O discípulo deseja que os planos eternos de Deus sejam estabelecidos na sua vida.

Somente depois de exaltar a Deus, de reconhecer sua santidade, de solicitar que sua vontade seja feita, é que o discípulo busca em Deus o suprimento das suas necessidades diárias, por isso, ele pede o pão de cada dia. Ele não pede riquezas. Ele não deseja se enriquecer por meio do Reino de Deus, mas quer o suprimento das necessidades diárias e deseja ajuntar tesouros no céu. Depois, suplica pelo perdão de Deus, mas relaciona o perdão de Deus ao nosso perdão. Deus perdoa nossas dívidas, nossos pecados, ofensas, assim como perdoamos nossos irmãos. Seria egoísmo nosso desejar obter o perdão de Deus e não perdoar os nossos irmãos. O perdão de Deus está condicionado ao nosso: “se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós” (Mt 6. 14). Por fim, pede para não nos induzir à tentação, mas para nos livrar de todo mal porque de Deus é o Reino e o poder. A reflexão, mesmo que superficial, desse modelo de oração, nos permite compreender que há muitas orações sendo feitas fora dele e, pelo modo que se dirigem a Deus, parece que Ele é o servo que deve atender às ordens do seu senhor.

Enfrentamento das tentações

Depois que Jesus foi batizado, foi conduzido ao deserto pelo Espírito Santo. Lá foi tentado pelo diabo. Depois de ter jejuado quarenta dias e quarenta noites, teve fome.

Aproveitando-se dessa fragilidade de Jesus, ou seja, a fome, o diabo disse a ele: “Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães”. O diabo estava desafiando Jesus a realizar um milagre somente para provar que era Filho de Deus e também o desafiava a vencer uma privação momentânea porque era Filho de Deus. Entretanto, Jesus usou o conhecimento que tinha da Palavra de Deus e disse: “Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4.4; Dt 8.3). Depois, transportou-o à Cidade Santa e o colocou sobre o pináculo do templo e disse: “Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui para baixo” (Mt 4.6). Como Jesus tinha usado a Palavra de Deus para se defender anteriormente, o diabo agora também a usa: “porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra” (Mt 4. 6; Sl 91. 11). Como a Palavra do Senhor tem sido usada ao longo dos anos de forma inadequada, descontextualizada e em benefício próprio! Quem conhece a Palavra de Deus, precisa conhecê-la na sua totalidade para não ser tentado e enganado por Satanás. O engano dele continua sendo o mesmo, desde Adão e Eva, ele quer levar os servos de Deus a errar apenas distorcendo um pouco a Palavra de Deus. Mas Jesus sabia que a Palavra é o nosso escudo! É com ela que nos defendemos (Pv 30. 5). E, por isso, Jesus lhe respondeu: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus” (Mt 4. 7; Dt 6.16). Quantos têm usado a Palavra para errar!!! Mas os sinceros de coração pedem a Deus o seguinte: “Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei e observá-la-ei de todo o coração” (Sl 119.34); “dá-me inteligência para que aprenda os teus mandamentos” (Sl 119. 73); “seja reto o meu coração para com os teus estatutos, para que eu não seja confundido” (Sl 119.80).

A última tentação de Jesus é uma das mais perigosas e devemos vigiar nosso coração para não cair nela: o desejo de riqueza e de poder! O diabo mostrou para Jesus todos os reinos do mundo e a glória deles e disse que tudo aquilo seria dele se, prostrado, Jesus o adorasse. Nesse momento, Jesus quis que aquele diálogo se encerrasse e disse que está escrito que devemos adorar e servir somente a Deus. Na parábola do semeador, o Senhor Jesus nos fala sobre a sedução das riquezas. Sabemos, pela parábola, que o semeador saiu para semear sementes e, quando semeava, algumas caíram ao pé do caminho e as aves as comeram; outras caíram em pedregais e, como não havia terra o bastante, nasceram rápido, mas logo secaram por conta do sol; outras caíram entre espinhos e eles cresceram e as sufocaram; outras caíram em boa terra e deram frutos. Na explicação dessa parábola, vemos que há algumas pessoas que ouvem a Palavra, mas “os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocam a Palavra, e fica infrutífera” (Mt 13. 22). Somente conseguimos vencer as tentações depois que renunciamos a nós mesmos e vivemos em inteira submissão a Deus. Depois que passamos a amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Quando isso ocorrer,

o mais importante da nossa vida será agradar a Deus e servi-lo com inteireza de coração, assim, colocaremos os interesses do Reino de Deus acima dos nossos e, nesse caso, usaremos sempre a armadura de Deus para lutar contra os principados e potestades. A Palavra será sempre usada por nós, como foi por Jesus e assim, como Ele, sempre sairemos vitoriosos das tentações.

A busca pelo Espírito Santo

Nas últimas instruções que Jesus deu aos seus discípulos, entre tantas orientações e promessas, disse que rogaria ao Pai para que Ele lhes desse o Consolador para ficar com eles para sempre: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre” (Jo 14. 16). No momento que antecedeu sua volta ao céu, Jesus determinou que os discípulos permanecessem em Jerusalém e “esperassem a promessa do Pai” (At 1.4), da qual Ele havia falado anteriormente. Jesus explicou que os discípulos tinham sido batizados, por João, na água, mas deveriam ser batizados com o Espírito Santo. Esse batismo seria um revestimento do poder de Deus para capacitar os discípulos a serem testemunhas em Jerusalém, na Judeia e na Samaria e até os confins da terra (At 1. 8). No capítulo 2 de Atos, vemos o cumprimento dessa promessa: “todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhe concedia que falassem” (At 2.4).

Podemos compreender bem o que significa esse revestimento de poder pela transformação que ocorreu na vida de Pedro. Nos momentos mais difíceis da vida de Jesus, sabemos que Pedro o negou. Teve medo de também ser preso e sofrer duras consequências por ser seguidor de Jesus. Mas, depois de revestido da virtude do Espírito Santo, teve coragem não somente de assumir que seguia Jesus, mas também de pregar com ousadia a Palavra do Senhor e, numa única pregação, quase três mil almas aceitaram a Jesus como Salvador (At 2.41).

Com a compreensão de que, além de ser nosso Consolador, o revestimento do poder de Deus, por meio do Espírito Santo, nos capacita a sermos testemunhas de Jesus, o discipulador deve incentivar o discípulo a buscar, intensamente, esse batismo, bem como os dons espirituais: “porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas” (1 Co 12. 8-11). O apóstolo Paulo nos orienta a não nos embriagar com vinho, mas a encher-nos do Espírito Santo (Ef 5.18). Para que a Palavra de Deus alcance os corações, devemos viver uma vida santa, de acordo com os ensinamentos bíblicos e termos a graça e a unção do Espírito, caso

contrário, as pessoas ouvirão nossas palavras, mas elas não produzirão efeitos profundos no interior delas.

Justificação x boas obras

No tópico sobre a salvação, aprendemos que fomos justificados pela fé em Jesus Cristo e, por isso, não há do que nos gloriar. Tendo nos justificado por meio da fé, Deus se apresenta, ao mesmo tempo, como justo e justificador. Para demonstrar essa verdade, o apóstolo Paulo usou o exemplo de Abraão. Ele foi justificado pela fé e não pelas obras: “creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça” (Rm 4.3). A promessa que Deus fez a Abrão não foi feita pela Lei, a promessa foi feita cerca de 430 anos antes de ter sido dada a Moisés. Assim, Paulo argumenta, se os que são da Lei são os herdeiros da promessa, a fé de Abrão foi vã e aniquilada. Mas Paulo continua: “Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós” (Rm 4. 16). Abraão creu que seria pai de muitas nações, mesmo já sendo velho, quando teve Isaque tinha quase 100 anos e Sara já tinha o ventre “amortecido”, conforme expressão do apóstolo Paulo. Abraão não duvidou dessa promessa, antes “foi fortificado na fé, dando glória a Deus” (Rm 4. 20), e isso “lhe foi imputado como justiça” (Rm 4. 22). Aos gálatas, o apóstolo Paulo fala da seguinte forma: “tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti” (Gl 3. 8).

Sendo, pois, justificados pela fé, por meio do sacrifício de Jesus, temos paz com Deus (Rm 5. 1). Permanecemos firmes nessa fé e nos gloriamos “na esperança da glória de Deus”, (Rm 5. 2). Além disso, “nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança” (Rm 5. 3-4). Essa esperança que temos nos dá uma firmeza e uma segurança e, portanto, nunca nos deixa ficar confundidos. A justificação pela fé demonstra alguns resultados: ela nos reconcilia com Deus, nos santifica, nos liberta e nos torna filhos de Deus. Por conta desses resultados, é que nós não somos salvos pelas obras que fazemos, mas, como somos salvos pela fé, praticamos boas obras e são essas obras que evidenciam a nossa fé, conforme aprendemos na epístola de Tiago.

Esse apóstolo nos faz uma pergunta confrontadora: “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?” Para responder a essa pergunta, dá exemplo de um irmão ou de uma irmã que está passando necessidades. Se

nós os virmos e dissermos: ora, vão em paz e não lhe dermos o que eles necessitam que proveito haverá aí? A nossa fé, se não tivermos obras, é “morta em si mesma” (Tg 2. 17). Confronta-nos mais ainda dizendo-nos que alguém poderá dizer: “Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tg 2. 18). Ainda nos dá, também, o exemplo de Abraão e o de Raabe para evidenciar que a fé não se limita à nossa vida interior, pois ela deve ser, sempre, demonstrada.

A nossa justificação ocorre, inicialmente, no nosso interior e há algumas evidências internas da salvação: o Espírito de Deus testifica com o nosso espírito (Rm 8.16); a nossa consciência e o nosso coração ficam tranquilos diante de Deus (1 Jo 3. 19-21); sentimos aversão ao pecado (1 Jo 3.9). Entretanto, esses acontecimentos de conversão que ocorrem no nosso interior, se de fato ocorreram, se evidenciam, também, no nosso exterior. Só podemos mostrar que renascemos em Cristo se mudamos de pensamentos e de atitudes. Sendo assim, as evidências externas da nossa salvação são as nossas obras: demonstramos que houve uma mudança na nossa prática de vida (1 Co 5.17); produzimos bons frutos, boas obras (Mt 3.8; Mt 5.16); vencemos o mundo (1 Jo 5.4); demonstramos o amor aos irmãos (1 Jo 4.7).

Compreensão e desejo de realizar o propósito de Deus

Assim disse o Senhor ao profeta Jeremias: “Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes que saíesses da madre, te santifiquei e às nações te dei por profeta” (Jr 1.5) e a Ananias, se referindo a Paulo: “Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel”. O propósito de Deus no mundo é implantar o seu Reino eterno de justiça. Para isso, Ele salva quem os estavam destinados à morte e os comissiona: IDE, FAZEI DISCÍPULOS em TODAS as nações (Mt 28. 19); “e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos CONFINS DA TERRA” (At 1.8).

Diante da compreensão do propósito de Deus, devemos nos comportar como o apóstolo Paulo e dizer “em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (At 20.24). Sabendo do alerta da sua futura prisão, ele diz que está disposto não somente a ser preso, mas ainda a morrer pela causa do seu Senhor (At 21. 13). No final da vida, depois de tantas aflições e de momentos de desespero, (2 Co 1.4-10), pôde falar com ousadia: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4. 7). Paulo conclamava os irmãos a serem seus imitadores, pois ele era de Cristo. Da mesma forma, devemos dizer aos

novos discípulos: sede meus imitadores, pois sou imitador de Cristo e, por isso, a nossa comida deve ser “fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4. 34).

Acreditamos que, em cada geração, Deus levanta homens e mulheres dignos de serem imitados e todos eles somente o são porque dedicaram suas vidas como embaixadores do Reino de Deus. David Livingstone, um famoso missionário britânico que realizou a obra do Senhor no interior do continente africano, no século XIX, foi um dos homens dignos de serem imitados. Ele disse que tinha proposto no seu coração a não parar jamais até chegar ao fim e haver terminado a tarefa que Deus lhe havia dado para realizar.

Nós não temos desculpas a dar para não realizarmos a obra de Deus. Devemos fazer de acordo com nossas forças, com nossas capacidades, com os talentos que nos foram dados. A parábola dos talentos, (Mt 25. 14-30), nos ensina essa verdade. A parábola conta a história de um homem que resolveu partir para fora da sua terra e, para isso, chamou os seus servos e “entregou-lhes os seus bens”. A distribuição dos bens foi segundo a capacidade de cada um dos servos, por isso, um recebeu cinco talentos, outro dois e outro um. Depois disso, o senhor se ausentou e deixou que cada um cuidasse do que havia recebido. Após muito tempo, o senhor voltou e “ajustou contas com eles”. Os servos que receberam cinco e dois talentos foram chamados de “servo bom e fiel”, pois cada um deles apresentou ao senhor o dobro do que tinha lhes sido confiado. O senhor considerou que foram fiéis no pouco e decidiu dar a eles muito mais do que lhes havia dado anteriormente. O que havia recebido somente um talento tinha uma série de justificativas para não ter produzido nada e as justificativas não se relacionavam às suas limitações e dureza de coração, mas à dureza do seu senhor: “eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste e, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu”. O senhor não ficou satisfeito com essa atitude e as consequências para o servo não foram boas. O pouco que ele tinha foi tirado e dado ao que já tinha dez talentos, além disso, foi lançado nas trevas.

Que possa brotar no nosso coração um desejo ardente de realizar a obra para a qual fomos chamados e que esse desejo seja resultado da gratidão a Deus por tudo que Ele nos fez, pela vida que nos deu, pela salvação. Realizar a obra de Deus deve ser, para nós, um privilégio e uma honra.

Mordomia cristã

Não basta que nos consideremos ministros de Cristo e mordomos dos mistérios de Deus, é preciso que “os homens nos considerem” (1 Co 4.1) e, além disso, é necessário que sejamos

mordomos fiéis (1 Co 4.2). Um mordomo tem a responsabilidade de administrar, em residência alheia, todas as tarefas relacionadas à casa. Entretanto, ele pode, e deve, distribuir as tarefas a uma equipe de empregados. Sabemos que não é qualquer casa que tem a condição e a necessidade de ter um mordomo para fazer sua administração. Geralmente, são as famílias aristocráticas, possuidoras de uma alta posição social e econômica e habituadas a maneiras sofisticadas e requintadas, que têm essa exigência. Ser mordomo é alcançar a mais alta posição na administração de uma mansão.

No livro *Os vestígios do dia* (2017), de Kazuo Ishiguro, o mordomo Stevens faz uma longa meditação sobre a natureza da profissão de mordomo. Essa reflexão partia da seguinte questão: “o que é um grande mordomo?” Suas considerações partem dos critérios estabelecidos pela Sociedade Hayes que era famosa por somente admitir mordomos de “primeiríssima linha”. O critério decisivo para um grande mordomo é que ele “possua uma dignidade adequada à sua posição”. Nesse caso, a grande questão seria saber em que consiste a dignidade. Stevens considerava que o sujeito que não a possuísse por si mesmo, poderia conquistá-la, com empenho, ao longo da carreira. Nesse ponto, vemos que o mesmo acontece conosco, pois, mesmo sendo vis pecadores, podemos ser transformados por Jesus Cristo e, sendo novas criaturas, podemos adquirir, por meio da instrução pela Palavra de Deus, a dignidade adequada a um mordomo ao longo de nossa caminhada cristã.

Acompanhando a história e as reflexões de Stevens, vemos que a dignidade adequada à posição do mordomo se relaciona à renúncia dos seus sentimentos pessoais, visto que os interesses do seu senhor são colocados acima de tudo. Dignidade tem a ver com a capacidade de o mordomo não abandonar suas responsabilidades por conta dos seus problemas pessoais. Ele não se deixa abater por acontecimentos externos, por piores que sejam. O excelente mordomo sabe controlar suas emoções, pois entende que toda a administração da mansão sob sua responsabilidade deve ser impecável e, quanto mais impecável for, mais seu senhor será louvado e engrandecido pelos seus amigos: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está no céu” (Mt 5.16).

O nosso Senhor, o Rei do universo, espera que sejamos mordomos dignos e coloquemos os interesses do seu Reino acima dos nossos interesses pessoais: “Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração?” (Lc 12. 42). Cada um de nós deve administrar aos outros, conforme o dom que recebemos e de maneira digna. Nós, por meio da igreja que é o corpo de Cristo, apresentamos, ao mundo, a “multiforme graça de Deus” (1 Pe 4. 10), pois Deus nos deu dons, talentos diferentes e, nessas diferenças, podemos demonstrar a multiforme graça: “Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus;

se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá, para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo” (1 Pe 4. 11).

Igreja: corpo de Cristo

A palavra igreja vem do termo ECLESIA - ἐκκλησία - e significa chamar para fora, convocar. Historicamente, essa palavra designava as convocações de cidadãos importantes para as reuniões que se realizavam com fins específicos nas cidades-estados da Grécia. Somente os convocados poderiam participar da assembleia. É, essencialmente, essa ideia que está presente na compreensão de Igreja ou Assembleia, pois é formada por aqueles que são convocados por Jesus Cristo para fazerem parte de um povo santo, zeloso e de boas obras (Tt 2.14).

O apóstolo Paulo compara a igreja de Cristo ao corpo humano, pois “assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também” (1 Co 12. 12). Formamos um só corpo porque fomos “batizados em um Espírito” (1 Co 12. 13). No corpo, todos os membros são extremamente importantes e cada um tem uma função específica; além disso, todos eles trabalham simultaneamente, desempenhando, sem conflitos, suas respectivas funções. E, mesmo que um membro diga que não faça parte do corpo, nem por isso deixa de sê-lo. Também, não é possível todo o corpo desempenhar uma mesma função, pois, se todos fossem olhos, como seriam desenvolvidas as funções do ouvido, por exemplo? Mesmo os membros que parecem ser mais fracos ou menos importantes são muito necessários. O corpo, então, tem muitos membros, mas é apenas um. “Há um só corpo e um só Espírito (...) um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos” (Ef 4. 4.5). Por isso, nesse corpo não deve haver divisões, ao contrário, os membros precisam cuidar, com amor, uns dos outros de tal forma que “se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele” (1 Co 13. 26).

Quando atendemos à ordem de Jesus: “IDE por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16. 15), estamos fazendo evangelização; mas Ele também ordenou “ensinai todas as nações” (Mt 28. 19); quando ensinamos, estamos

discipulando o novo convertido. Mas Jesus também mandou: “batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28. 19); quando batizamos o novo discípulo, estamos fazendo a integração dele no ao corpo de Cristo. Depois de evangelizar e de discipular, precisamos, então, integrar o novo discípulo ao corpo de Cristo e ajudá-lo a compreender qual função Deus quer que ele exerça no corpo. Quando o processo de Integração é bem feito, o novo discípulo fará parte da equipe de Discipulado e da de Evangelização. Se tivermos essa compreensão, perceberemos a importância dos trabalhos realizados no IDE local e no IDE Nações, pois esses trabalhos atendem ao comando de Jesus para sermos testemunhas dele tanto em Jerusalém, como na Judeia e na Samaria e até os confins da terra (At 1. 8). Para o nosso contexto, significa sermos testemunhas de Jesus, em Goiânia, em Goiás, no Brasil e em todas as nações da terra.

Jesus deu duas ordenanças à sua igreja: o batismo e a ceia. O primeiro significa imergir completamente e, conforme já vimos anteriormente, representa a morte e o sepultamento do velho homem e o nascimento de uma nova criatura em Cristo. “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus” (Cl 2.12). A segunda foi instituída por Jesus no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos. Na realidade, essa foi a última páscoa de que Jesus participou com seus discípulos. O verdadeiro significado da páscoa é o sacrifício de Jesus. Uma vez que o Cordeiro de Deus foi sacrificado, já não faz mais sentido a continuação da Páscoa. Mas, para lembrar sua morte e sua ressurreição, até que Ele retorne, celebramos a ceia. O pão e o vinho são os elementos da ceia. O pão significa receber vida de Jesus, por meio da fé, assim como o pão nos alimenta fisicamente, Jesus nos alimenta espiritualmente, pois Ele é o pão vivo que desceu do céu (Jo 6. 48-51). O cálice e o vinho simbolizam o sangue que Ele derramou por nós. Ninguém pode participar da ceia do Senhor com sua vida desconcertada (1 Co 11. 26-31).

Leitura bíblica

Os que têm prazer na Lei do Senhor e nela meditam de dia e de noite serão “como árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará” (Sl 1. 2-3). Por que não haveríamos de ter prazer na Lei

do Senhor? Ela nos traz vida, nos faz produzir muito e nos faz prosperar. Isso porque ela ordena o nosso caminho e nos faz aprender a vontade de Deus para nós. Assim como temos de nos alimentar todos os dias para dar saúde ao nosso corpo, devemos ler e meditar na Bíblia todos os dias para dar saúde à nossa alma. O apóstolo João desejou que Gaio tivesse saúde e tranquilidade na alma. Tudo isso encontraremos na leitura diária da Palavra do Senhor.

Vejam os amor e a dedicação que o salmista tem pela Palavra do Senhor. Faremos um percurso no salmo 119. Serão felizes os que andam segundo a Lei do Senhor, v. 1, os que “guardam os seus testemunhos e o buscam de todo o coração”, (v.2). Conhecer os estatutos de Deus, também, nos alegra, (v. 16). O salmista anseia que os seus olhos sejam desvendados para que possa compreender o quão maravilhosa é a Lei do Senhor, (v. 18). Ele quer aprender os estatutos de Deus para que possa guardá-los, (v. 33); ele quer entendimento porque quer guardar a Lei e observá-la com todo o seu coração, (v. 34). Se não fosse a alegria que a Lei do Senhor dá, o salmista teria perecido na sua angústia, (v. 92). O amor do salmista pela Lei é expresso nos versículos 97, 113, 119, 127, 128, 140, 159, 163, 167. Isso sem contar os que expressam que ela é o seu prazer. O salmista também diz que “muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço”, (v. 165).

Se ensinarmos aos novos discípulos a prática diária da leitura bíblica, veremos o quanto eles crescerão saudáveis na fé e o quanto aprenderão, nas suas caminhadas cristãs, a depender cotidianamente do Senhor, pois “no temor do Senhor, há firme confiança, e ele será um refúgio para seus filhos” (Pv 14. 26), “o temor do Senhor é uma fonte de vida para preservar dos laços da morte” (Pv 14. 27). Além disso, eles não serão “meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina” (Ef 4.14). Crescerão na graça e no conhecimento e, no tempo adequado, poderão ser mestres e sairão logo dos rudimentos da Palavra de Deus, pois serão capazes de se alimentarem com alimentos sólidos, ao contrário dos que por toda a vida continuam necessitando de leite (Hb 5. 12).

Noções básicas de Exegese e de Hermenêutica¹⁴

Além da leitura devocional que nos enche de deleite, de conforto e de paz, é preciso que o novo discípulo compreenda que a Palavra de Deus deve ser estudada não somente para

¹⁴ As considerações desse tópico já foram desenvolvidas por Grangeiro nos livros *Métodos de estudo da Bíblia*, do curso de Teologia Básico do Seminário Seifa, e *Hermenêutica e Homilética* do curso de Missões do Projeto Um Milhão de ASAS, distribuído, também, pelo Seminário Seifa. Neste tópico, sofreram pequenas alterações para que o texto se adequasse aos objetivos almejados para a boa formação do discipulador.

aumentar nosso nível de conhecimento e nos livrar das nossas angústias e fraquezas, mas também, e principalmente, para mudar nosso modo de viver, conforme temos dado ênfase ao longo deste livro, pois essa mudança é que promove o refrigério da nossa alma. Para isso, é preciso ensinar o discípulo a estudar a Bíblia e a fazer a contextualização dela para os dias atuais, bem com a aplicação dela na sua própria vida. Todavia, para fazermos a contextualização e a aplicação, é preciso muito critério. Ninguém que ama a Palavra de Deus pode se aventurar a fazer contextualização e a aplicação, sem considerar algumas regras da Exegese¹⁵ e da Hermenêutica¹⁶. João Calvino, considerado o maior exegeta da reforma, acreditava que o “primeiro dever de um intérprete é permitir que o autor diga o que realmente diz, ao invés de lhe atribuir o que pensamos que devia dizer”. (EETAD, 1989). Por isso, antes de fazer uma aplicação bíblica, devemos ter em mente alguns conhecimentos básicos. Dada a importância desse tópico – que, consideramos, irá nortear todos os demais, visto que o modo como fazemos a abordagem dos textos bíblicos define, ou não, uma reta compreensão deles – o estenderemos um pouco mais do que os anteriores.

Gordon D. Fee e Douglas Stuart, no livro *Entendes o que Lês?*, faz importantes considerações sobre a Exegese e a Hermenêutica e será a partir delas que encaminharemos nossa reflexão. Segundo esses autores, uma interpretação que visa à originalidade pode ser resultado de orgulho do intérprete, pois deseja ser mais sábio do que os outros; de falso entendimento da espiritualidade, pois o intérprete acredita que a Bíblia possui mistérios tão profundos que serão apreendidos somente por pessoas espiritualmente sensíveis; ou por interesses escusos, ou seja, tentativa de encontrar textos que sustentem doutrinas e ensinamentos distorcidos que venham dar sustentação à prática de vida distante dos propósitos de Deus.

Sendo assim, por mais que seja possível a iluminação do Espírito Santo, pois, de fato, há ocasiões em que temos uma compreensão de determinado livro, capítulos, ou, até mesmo, de passagens que, até então, não tínhamos compreendido: “então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24. 45); e, por mais que precisemos ser espiritualmente sensíveis à voz de Deus para compreendermos a Palavra dele, devemos ter sempre em mente que uma boa interpretação estará sempre baseada nas **diretrizes do bom-senso**. A seguir, discorreremos um pouco acerca da natureza da Palavra de Deus e apresentaremos algumas regras da hermenêutica que, necessariamente, devem ser consideradas no momento de interpretar a Bíblia. Depois de tudo isso, proporemos algumas possibilidades de aplicação de

¹⁵ Estudo sistemático da Escritura para descobrir o significado original que foi pretendido por Deus.

¹⁶ Arte de interpretar textos; cuida de encontrar a relevância, para nossos dias, dos textos sagrados.

algumas passagens bíblicas¹⁷. Todo este estudo somente fará sentido e terá bons resultados se o coração do discípulo for como o do salmista que escreveu o salmo 119: cheio de amor pela palavra e ansioso para aprendê-la para guardá-la no coração e não pecar contra Deus. “Ensina-me, ó Senhor, o caminho dos teus estatutos, e guardá-lo-ei até o fim. Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei e observá-la-ei de todo o coração” (Sl 119. 33-34).

A Natureza da Palavra de Deus

Não devemos desconsiderar que a boa compreensão da Bíblia exige a aceitação de que ela, mesmo sendo a Palavra de Deus e, portanto, inspirada pelo Espírito Santo, possui uma dimensão humana, visto que foi escrita por homens, em diversos contextos históricos e culturais. Isso significa compreender que a Palavra de Deus, mesmo sendo eterna: “para sempre, ó Senhor, está firmada a Tua Palavra no céu” (Sl 119.89), foi dada aos homens em contextos históricos específicos e em situações específicas, o que não significa que essa Palavra não valha para **todos os homens**, em **todas as épocas** e em **todos os contextos históricos**, mas sim que, inicialmente, essa Palavra deve ser compreendida dentro do contexto em que ela foi dita inicialmente para, posteriormente, ser aplicada nas mesmas situações ou em situações semelhantes em outras épocas e em outras gerações¹⁸. Daí a necessidade de cooperação entre a Exegese e a Hermenêutica. Sobre a questão humana e divina da Bíblia, assim se expressa Gordon D. Fee (2011, p.28):

Porque a Bíblia é a *Palavra de Deus*, tem *relevância eterna*; fala para toda a humanidade em todas as eras e em todas as culturas. Porque é a Palavra de Deus, devemos escutar – e obedecer. Mas porque Deus escolheu falar Sua Palavra através das *palavras humanas na história*, todo livro na Bíblia também tem particularidade histórica; cada documento é condicionado pela linguagem, pela sua época, e pela cultura em que originalmente foi escrito (e nalguns casos também pela história oral que teve antes de ser escrito). A interpretação da Bíblia é exigida pela *tensão* que existe entre sua *relevância eterna* e sua *particularidade histórica*.

¹⁷ No livro *A formação do discípulo* – avançado, daremos continuidade a esse assunto apresentando alguns métodos de estudo da Bíblia.

¹⁸ É muito comum ouvirmos pessoas comentando sobre alguma passagem bíblica não ser mais para o nosso tempo. Se fosse assim, a Bíblia não seria universal e atemporal, ou seja, válida em qualquer cultura e em qualquer tempo. Evidentemente, há situações muito ligadas a elementos culturais e/ou voltadas para situações políticas e econômicas da época, porém, ainda que seja assim, se atentarmos para o princípio da recomendação, veremos que serve para nós, ainda hoje. Por exemplo, em Deuteronômio 22. 8, diz, quando houver a construção de uma nova casa, para colocar um parapeito no telhado. Era costume usar o telhado para alguma atividade como, por exemplo, secar grãos. A recomendação para esse parapeito é por conta da segurança; é para que ninguém caia do telhado e o dono da casa seja considerado culpado por isso. Não temos esse costume de usar o telhado, mas o princípio permanece de manter a segurança, especialmente, por conta de crianças e idosos e é por isso que engenheiros, arquitetos e construtores de um modo geral ficam atentos à segurança, princípio válido em qualquer tempo.

E é exatamente porque Deus escolheu falar no contexto da história humana que as mesmas palavras sempre falarão novamente em **nossa história real**, conforme tem ocorrido ao longo da história da igreja (FEE, 2011, p. 29). Deus, ao falar por meio de pessoas reais, numa variedade de circunstâncias e de tempo, falou por meio do vocabulário e dentro dos padrões de pensamento das pessoas que Ele usou para falar e daquelas para quem Ele falou; por isso, primeiramente precisamos saber o que Deus dizia aos seus ouvintes originais e por quê. Nesse sentido, **a tarefa de interpretar se relaciona à compreensão do que foi dito ao povo de Deus dentro do contexto histórico deles e à compreensão do que diz essa mesma Palavra no aqui e agora**. Esses aspectos são de extrema importância para se evitarem **interpretações mirabolantes** ou se justificarem práticas de vida inadmissíveis aos olhos de Deus e, por isso, é fundamental que o discipulador tenha conhecimento e domínio dessas questões.

Ainda referente à natureza da palavra de Deus, devemos compreender que, para comunicar Sua Palavra para todas as condições humanas, Deus escolheu os mais diversos tipos de comunicações. Assim, encontramos na Bíblia “história em narrativa, genealogia, crônicas, leis de todos os tipos, poesia de todos os tipos, provérbios, oráculos proféticos, enigmas, dramas, esboços biográficos, parábolas, cartas, sermões e apocalipses” (FEE, 2011, p. 30). Se quisermos alcançar uma boa interpretação da Bíblia, devemos compreender algumas particularidades desses tipos de escrita, visto que a interpretação de cada um difere consideravelmente. Um exemplo disso poderia ser a referência às inúmeras mulheres de Salomão, pois, até mesmo pessoas que se dizem servas de Deus, questionam o fato de Ele ter permitido isso na vida de Salomão e o pior é que alguns pretendem justificar a prática abominável do adultério em função de histórias como as de Salomão. Portanto, é essencial que saibamos que muitas das histórias bíblicas são muito mais exemplos do que **não** devemos fazer do que o contrário, especialmente por, essas mesmas histórias, também, nos mostrarem os fracassos nas vidas desses homens de Deus, como foi o caso de Salomão, apesar de sabermos como, ao final da vida, ele considerou tudo vaidade e, segundo ele, “de tudo que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo homem” (Ec 12.13). O que ele fez não é para justificar nossas ações, mas justamente nos fazer raciocinar sobre as consequências que obteremos se resolvermos agir da forma que ele agiu. Por tudo disso, o discipulador deve dominar e ensinar ao discípulo que existem algumas regras que, necessariamente, devem ser observadas quando nos dispomos a estudar a Bíblia.

Entretanto, antes de expormos as regras, será necessário compreendermos o que vem a ser método¹⁹ e estudo hermenêutico. Vejamos algumas definições: “método é a maneira ordenada de fazer alguma coisa. É um procedimento seguido passo a passo, destinado a levar o estudante a uma conclusão” (HENRICHSEN, 1997, p.16). Segundo o dicionário Houaiss, a hermenêutica é a “ciência, técnica que tem por objeto a interpretação de textos religiosos ou filosóficos, esp. das Sagradas Escrituras”.

Trataremos aqui da hermenêutica (do grego *hermenevein*) que faz parte da Teologia exegética e trata, segundo Lund e Nelson (1981), da reta inteligência e interpretação das Escrituras Bíblicas. Quando empregada nas Sagradas Escrituras, sua missão passa a ser descobrir o que realmente disseram os profetas e os apóstolos. A origem dessa palavra é grega e se relaciona à mitologia, visto que Hermes, deus grego, tinha a incumbência de transmitir, aos homens, o conhecimento. Quando se trata da necessidade de se estudar a hermenêutica sagrada, deve-se levar em conta que a reta compreensão da revelação divina ficou comprometida por conta da queda do homem; por isso, ele tende sempre a errar nas suas interpretações, especialmente porque, muitas vezes, deseja moldar a Palavra de Deus aos seus desejos e não o contrário. Além disso, é preciso compreender, e aceitar, que as diferenças sociais, culturais, políticas e idiomáticas entre os homens não são justificativas para as diversas interpretações bíblicas (2 Pe 1.20). As mais distintas culturas devem se ajustar aos preceitos da Palavra de Deus. Feitas essas considerações, vejamos algumas regras básicas que o discipulador deve, necessariamente, ensinar ao discípulo de Jesus que está sendo formado por ele.

REGRA GERAL

A Escritura é explicada pela Escritura

Todas as passagens difíceis da Bíblia somente poderão ser bem compreendidas se outros textos as explicarem. A regra básica é **A Bíblia explica-se a si mesma**. Se ela não se explicar não é necessário recorrer a outras fontes, sejam elas de origens histórica, psicológica ou teológica, para elucidar passagem mais obscura e, então, devemos entender que “as coisas encobertas são para o Senhor, nosso Deus; porém as reveladas são para nós e para nossos filhos, para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei” (Dt 29.29). Ela mesma traz todas as

¹⁹ Esse conteúdo de métodos de estudo bíblico será estudado de forma específica no livro *A formação do discípulo* – avançado, pois, para o início do estudo sistematizado da Palavra de Deus, é preciso haver um alicerce mínimo que, acreditamos, tenha sido feito no livro *A formação do discípulo* – básico e intermediário. A abordagem feita dessa forma demonstra que estamos de acordo com autores como, por exemplo, Campanhã e Kuhne, que veem o discipulado como progressivo e isso exige a definição de um currículo com os temas básicos que devem ser ensinados e a sequência na qual devem ser ensinados de acordo com o progresso do discípulo tanto no nível de conhecimento, quanto no de conduta.

respostas necessárias, entretanto, não de forma cronológica, o que exigirá do estudante uma atenção bem mais rigorosa. A Bíblia não é de “particular interpretação” (2 Pe 1.20) e é “perfeita e refrigera a alma” (Sl 19.7).

Outras regras também merecem ser ressaltadas, como por exemplo:

PRIMEIRA REGRA

As palavras devem ser tomadas, sempre que possível, em seu sentido usual e comum

Qualquer pessoa que se proponha a escrever um texto tem um objetivo básico que é ser compreendido pelo receptor. Nesse sentido, pressupõe-se que os escritores da Bíblia utilizaram as palavras usuais e comuns dentro de seus contextos históricos. Essa regra é de particular importância, pois sua violação implica numa extrapolação do sentido de passagens bíblicas, causando distorções, muitas vezes, irreparáveis ao reino de Deus. Deve-se ter em mente, todavia, que ler as palavras em sentido usual e comum não quer dizer sempre o sentido literal e, tratando-se de tradução, nem ao pé da letra, por causa da peculiaridade da expressão e da estrutura de cada língua.

SEGUNDA REGRA

As palavras devem ser tomadas no sentido que indica o conjunto da frase

Isso significa que os significados das palavras devem ser construídos a partir do contexto no qual estão inseridas. Ex. Fé significa, normalmente, confiança. Entretanto, assume outro significado em contexto diferente; por exemplo na frase *agora prega a fé que outrora procurava destruir* (Gl 1. 23) a palavra *fé* assume o significado de *Evangelho* (Is. 45.7).

TERCEIRA REGRA

As palavras e expressões devem ser lidas no sentido indicado no contexto

Levar em conta o contexto significa considerar os versículos que precedem e seguem o texto em questão, posteriormente o livro em que a passagem está inserida e, ao final, todo o contexto bíblico. A análise isolada de textos leva, normalmente, a interpretações muito equivocadas, como por exemplo, *posso todas as coisas naquele que me fortalece* (Fl 4. 13). A descontextualização desse versículo tem levado a interpretações errôneas, pois muitos assumem uma posição de soberba e arrogância, pensando que tudo que põem em mente, conseguem.

Entretanto, esse versículo revela uma verdade bem diferente, pois o versículo que antecede a este diz o seguinte: “sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade”. Paulo podia tudo porque aprendera a viver na privação, no sofrimento; tudo suportava por amor ao evangelho.

QUARTA REGRA

O objetivo com que foi escrito o livro ou passagem deve ser levado em conta

Isso significa que, além do contexto linguístico, é necessário considerar o histórico, o situacional. Esse procedimento nos ajuda a desvendar passagens obscuras e textos que parecem ser contraditórios. Por exemplo, na epístola escrita aos romanos, Paulo diz que o homem é justificado pela fé, sem obras e, na epístola de Tiago, diz que este é justificado pelas obras, e não somente pela fé. Essa aparente contradição nas ideias de Paulo desaparece se levarmos em conta o objetivo com que cada livro foi escrito. Em Romanos, Paulo quer refutar o ensinamento daqueles que insistiam nas obras da lei mosaica para justificação; enquanto que, em Tiago, Tiago condena alguns que se apegavam à fé e desconsideravam a necessidade de o cristão demonstrar sua fé com boas obras.

QUINTA REGRA

As passagens paralelas devem ser consultadas

Essa regra é importante, pois é ela que ajuda a reforçar determinado ensinamento, aclará-lo ou, até mesmo, refutá-lo. Por exemplo, em Gálatas 6. 17, Paulo diz *trago no corpo as marcas de Jesus*; em 2 Co 4. 10 é que encontramos uma expressão que melhor explica essas *marcas*: *levando sempre no corpo o morrer de Jesus*, ou seja, elas se relacionam com seu intenso sofrimento, por causa do Evangelho. Podemos mencionar os seguintes paralelos:

1. Paralelos de Ideias: Gl 3.27; Rm. 13.13,14;
2. Paralelos de Palavras: Mt 16.18; 21.42,44; 1 Pe 2.4,8;
3. Paralelos de Ensinos Gerais: Rm 3.28.

Feitas todas essas considerações, vamos propor a contextualização, a aplicação e a unidade existente entre o Antigo e o Novo Testamento de dois livros bíblicos²⁰: o de Gênesis e o de Números.

Síntese/Esboço do livro de Gênesis²¹

1) O livro de Gênesis

1) Esboço

1–11 - As origens:

- a criação;
- o paraíso;
- Adão e Eva;
- o pecado;
- Caim e Abel;
- Noé;
- o dilúvio;
- a Torre de Babel.

12–50 - Os patriarcas hebreus:

12 – 36 - Abrão – Isaque – Jacó

37 – 45 - José e os seus irmãos

46 – 50 - os israelitas no Egito

2) Propósito

Foi escrito para deixar claro que

²⁰ Uma forma de compreender bem essa contextualização e essa unidade entre o Antigo e o Novo Testamento de forma simples é a leitura dos estudos introdutórios de cada livro bíblico da *Bíblia de estudo das profecias*.

²¹ A síntese de todo o Antigo Testamento foi apresentada por Grangeiro no livro *Introdução ao Antigo Testamento* do curso de Missões do Projeto Um Milhão de ASAS, comercializado pelo Seminário Seifa por extensão.

- Deus é o Criador de todas as coisas;
- Ele deu origem ao mundo, ao ser humano, à família, às nações, ao seu povo em particular;
- Deus escolheu um povo com vocação missionária para anunciar suas verdades às outras nações da terra.

3) Considerações gerais

No **hebraico** aparece: *No princípio* (*Bereshit*). Em **grego**, **Gênesis**, **princípios**, **gerações**, **significa origem e, também, nascimento; narra como tudo iniciou.**

Em Gênesis encontramos

- o princípio do mundo;
- do gênero humano;
- da família;
- do pecado;
- das diversas línguas;
- do povo hebreu e
- das primitivas nações.

Princípio refere-se ao início do tempo em nosso universo e demonstra que a **matéria teve uma origem definida; não é eterna**, nem começou por si própria, mas pela **determinação de Deus**. No livro de **Gênesis**, encontramos **narrativas** que, primeiramente, foram transmitidas de **forma oral**, como **narrativas das famílias, clãs e tribos**. Uma das mais antigas partes do Antigo Testamento poderia ser o *cântico de Miriam* (Ex 15:20s). O **período histórico** abordado pelo livro é de **2370 anos – da criação à morte de José**. Muitos fatos não foram registrados nesse livro, mas foram incluídos cinco acontecimentos importantes:

- a criação;
- a queda do homem;
- o grande dilúvio;
- a distribuição da humanidade;
- a escolha de Abraão e
- o estabelecimento do pacto com ele e com seus descendentes.

O término do livro deu-se ao redor de 1425 a.C.

Contextualização, aplicação e unidade entre o Antigo e o Novo Testamento²²

Jesus Cristo em Gênesis: é a descendência da mulher (3.15); é da linhagem de Sete (4.20); de Sem (9.27); é o descendente de Abraão (12.3), de Isaque (21.12), de Jacó (25.23) e da tribo de Judá (49.10).

Adão, Abel, Melquisedeque e José: são tipos (ilustram uma verdade espiritual) de Jesus.

Aplicação para a vida de cada crente individualmente: Jesus e José foram amados por seus pais e odiados por seus irmãos, foram traídos e vendidos, foram condenados, embora fossem inocentes, venceram as dificuldades e triunfaram diante de Deus e dos homens. Quantas vezes não nos achamos nessas condições?! Como reagimos? Com vingança ou esperando em Deus como fizeram José e Jesus?

Lições para a condução da família: José, por ser o preferido do pai, sofreu perseguição dos seus irmãos. Devemos tratar nossos filhos com igualdade.

Promessas de Deus a Abraão: promessa de uma terra, de uma nação e de uma grande bênção. Nós também temos essas promessas, mas nossa terra é celestial, é a Jerusalém Celestial. Ponto fundamental do livro: chamado de Abraão! Nós também temos um chamado!! Aliança que fez com Abraão é confirmada a Isaque e a Jacó! Jacó é transformado! Deixa de ser egoísta e interesseiro para ser pai das doze tribos de Israel. A mesma transformação Deus quer fazer em nós.

Síntese/Esboço do livro de Êxodo

²² A unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, conforme veremos posteriormente, é vista por meio da Escatologia, ou seja, toda a Bíblia aponta para a vinda de Jesus, desde Gênesis. O livro de Gênesis começa com a criação do céu e da terra e Apocalipse, antes das admoestações finais, termina com a criação de novo céu e nova terra e “todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”. Isso significa que toda pregação da Bíblia deve convergir para Jesus! O reinado de Davi só tem sentido quando entendemos que a vinda de Jesus é o cumprimento das promessas que Deus fez a Davi. Toda a Bíblia é a demonstração do plano de Deus para salvar a humanidade. O discipulador deve ter ciência e domínio para que o discípulo conheça a grandeza de Jesus, pois nele “estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2.3) e o nome dele foi posto sobre todo nome “para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fl 2. 9-11). O discipulador precisa levar o discípulo a compreender, de fato, quem Jesus é. Ele não é o cara; Ele não é um *coach* que nos ajuda no nosso desenvolvimento profissional; Ele não é um psicólogo; ele não é apenas um homem sábio. Ele é Senhor, é o Filho de Deus, é o salvador da humanidade. O discípulo de Jesus precisa conhecer a voz dele.

O livro de Êxodo

1) Esboço

1 –15: Da escravidão no Egito à liberdade

1: A escravidão no Egito

2–4: Moisés

5–11: Moisés, Arão e o rei do Egito

12–15: A Páscoa e a saída do Egito

15–18: Do Mar Vermelho ao Monte Sinai

19–24: A Lei e o acordo

25–40: A Tenda Sagrada e mais instruções

2) Propósito

O livro de **Êxodo** continua a relatar a história do povo de Deus, dos descendentes de **Abraão**, depois de um **intervalo de 275 anos**, em que ocorreram dois fatos marcantes: a população de **75 pessoas** se transformou em **2,5 milhões** e, agora, eram **escravos dos egípcios**.

As diferenças entre as narrativas de Gênesis e as de Êxodo são marcantes:

- Enquanto **Gênesis descreve Deus como o Deus dos patriarcas**, da família eleita, **Êxodo o descreve como o Deus do concerto**, da aliança com a nação hebraica.

3) Considerações Gerais

O **nome do livro em hebraico é: Nomes (Shemot)**. Em **grego, Êxodo (Exodus)** significa saída e o livro narra a saída do povo hebreu da escravidão do Egito, abrangendo um período de 216 anos, de 1706 a 1490 a.C.

É uma história de luta na qual o líder **Moisés tem um papel decisivo**. Aqui encontramos o verdadeiro desejo de Deus que se prolonga até o Novo Testamento: **Deus quer que as suas criaturas sejam livres**, para viverem em **aliança com Ele e em paz uns com os outros**. Para conseguir esse projeto, Deus ordena os **princípios básicos de uma vida com dignidade e com igualdade: o Decálogo – os Dez Mandamentos**. A partir daí, surge o **código da aliança**, que responde às necessidades de vários contextos bíblicos para possibilitar uma **convivência, uma vida boa e digna**.

Contextualização, aplicação e unidade entre o Antigo e o Novo Testamento

Jesus Cristo em Êxodo: Moisés é um tipo de Jesus: são profetas, sacerdotes e reis, Moisés não foi coroado, mas atuou como governante. São libertadores de um povo escravo, renunciaram a riquezas e poder, são legisladores e mediadores.

A páscoa deixa claro que Jesus é o Cordeiro Pascal.

As festas representam alguns aspectos do ministério de Cristo.

O êxodo relaciona-se ao batismo, pois o batismo simboliza a morte do velho homem e o renascimento do novo.

O maná e a água representam a Jesus, que é o pão da vida.

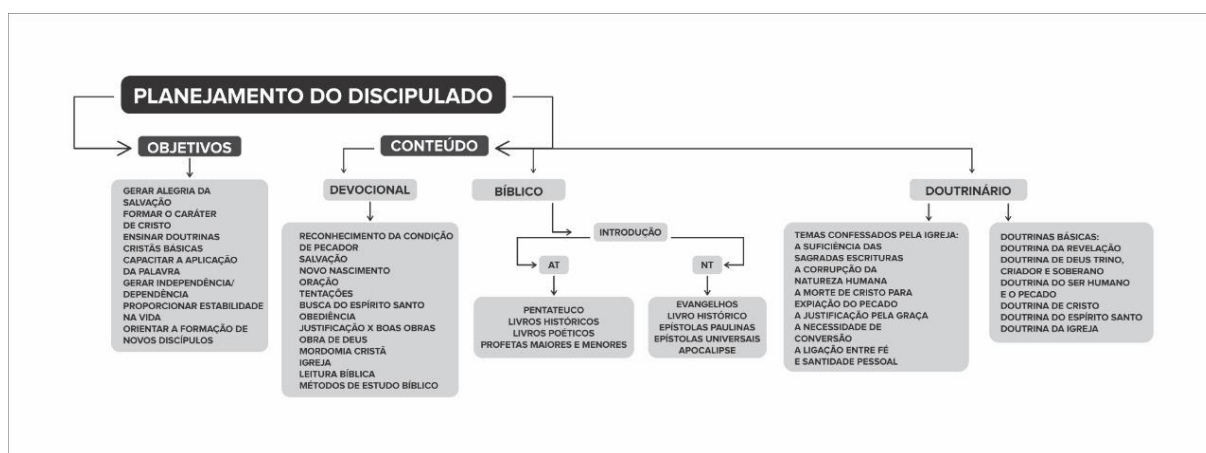
Tabernáculo: fala da pessoa de Cristo e do caminho da redenção. Nós somos o tabernáculo de Deus.

O sumo sacerdote prenuncia o ministério de Cristo que é o nosso sumo sacerdote.

O êxodo é o evento central do Antigo Testamento, assim como a cruz o é para o Novo. Assim como o povo peregrinou pelo deserto, peregrinamos nesta terra até alcançarmos a nossa pátria celestial. Moisés recebe no Monte Sinai as leis morais, civis e cerimoniais assim como os planos para a construção do tabernáculo. O povo foi liberto e, portanto, deveria andar conforme as leis de Deus. Da mesma forma, fomos resgatados do mundo (Egito) para vivermos segundo os padrões estabelecidos na Palavra de Deus.

Temos dado ênfase, neste curso, ao fato de que conhecer a Bíblia deve resultar em nós bem mais do que conhecimento, mas mudança, transformação de vida. Sendo assim, consideramos importante, dentro do conteúdo devocional, o estudo sistematizado da Palavra de Deus e, por isso, ensinaremos aos discípulos de Jesus alguns métodos que tornam o estudo da Bíblia mais eficiente. Veremos que é diferente uma leitura bíblica de um estudo bíblico. Ambos são inteiramente importantes, mas o estudo sistematizado é que faz aumentar o amor, a admiração e o encantamento com a Palavra de Deus e, além disso, nos ajuda a construir um conhecimento mais sólido ao longo da nossa vida até chegarmos a manejar bem a Palavra da verdade, que é a recomendação do apóstolo Paulo a Timóteo (2Tm 2.15). Métodos mais comuns de estudos bíblicos são os seguintes: *análise de versículos*, *método analítico*, *sintético*, *tópico*

e *biográfico*. Cada um desses métodos será dividido em quatro partes essenciais: *coleta de dados, interpretação, inter-relação e execução prática*²³.



²³ Esses métodos serão desenvolvidos, conforme já foi dito, no livro *A formação do discípulo – avançado*, pois consideramos que, para o início de um estudo bíblico sistematizado, é preciso que, antes, o discípulo já tenha alguns conhecimentos básicos que serão apresentados em *A formação do discípulo – básico e intermediário*. Havendo interesse de já conhecer um pouco desses métodos, ver Grangeiro, *Métodos de estudo da Bíblia*, livro publicado pelo Seminário Seifa.

CAPÍTULO IV

O PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO: o conteúdo bíblico – Antigo Testamento

Uma vez que nos submetemos às exigências do chamado de Deus: renúncia, obediência, submissão, amor a Deus e ao próximo, humildade e assumimos as responsabilidades do discípulo: ser testemunha de Jesus, fazer discípulos e ser administrador, percebemos que nossa mente passou por mudanças profundas e, por isso, nos tornamos novas criaturas. Dessa forma, não permitimos que os valores deste mundo regulamentem nossas vidas, ao contrário, nossa conduta é direcionada pelos valores da Palavra de Deus e, assim, nos esforçamos para construir relacionamentos duradouros. Compreendemos que somos pecadores e necessitamos de um salvador. Tendo reconhecido essa condição, nos tornamos novas criaturas em Cristo. Aprendemos que vencemos nossas dificuldades adorando a Deus e mantendo uma comunhão com Ele por meio da oração; que vencemos as tentações que nos sobrevêm pela Palavra do Senhor, então, precisamos compreender essa Palavra na sua totalidade. Em momentos de tristezas e angústias, a leitura da Palavra nos consola, mas é o conhecimento dela, na sua totalidade, que nos dá firmeza na fé. O discípulo de Jesus deve manejar bem a palavra da verdade²⁴ (2 Tm 2. 15) e seu comprometimento com o Reino de Deus faz com que, necessariamente, ele busque o conhecimento dessa Palavra para que desempenhe bem sua função de embaixador do Reino de Deus na terra (2 Co 5. 20).

Conforme temos apontado deste o início deste livro, entendemos que a formação do discípulo compreende os níveis de conduta e, também, de conhecimento. O discípulo aprende, inicialmente, com o exemplo do discipulador, a viver uma nova vida em Cristo, mas, simultaneamente, vai adquirindo conhecimento bíblico e doutrinário para que sua mente se transforme e se ajuste à vontade plena de Deus, revelada por meio da sua Palavra. Dessa forma, cremos que, tendo começado a imitar a conduta do discipulador, ele irá dar continuidade a esse novo modo de vida não somente porque aprendeu com alguém em quem passou a confiar e, portanto, se tornou uma referência na sua vida, mas também porque, tendo a sua mente

²⁴ Atualmente, é muito comum vermos pregadores que não conhecem a Bíblia, mas apenas algumas passagens dela, normalmente de batalhas ganhas pelo povo de Deus. Geralmente, as batalhas em que o povo de Deus é derrotado não são mencionadas. Também é muito comum ouvirmos frases feitas, ditas por vários pregadores. Isso é resultado de cópia e de imitação de algum pregador que tenha feito, por algum tempo, sucesso. Em busca de serem grandes pregadores, os novatos começam a repetir e nós, os ouvintes, ouvimos essas frases feitas, mas elas não geram, no nosso coração, nenhum efeito. Regra geral, a essência desse tipo de palavra é levar as pessoas a vencerem batalhas e, por consequência, serem vencedoras e conquistarem o que desejam: uma boa posição social, por meio do emprego, da empresa, do ministério etc. e, quase nunca, levar o povo à contrição, ao arrependimento, à consciência do pecado e à consciência de que são embaixadores do Reino de Deus e, por conta disso, devem se envolver mais com a obra de Deus.

transformada pela Palavra de Deus, entendeu qual é a conduta que Deus espera que tenha os discípulos de Jesus. Em consequência, o discípulo vai crescendo na graça e no conhecimento do nosso Salvador Jesus Cristo, pois a ele são ensinadas, simultaneamente, as práticas de vida de um ser humano que renasce em Cristo, o ensino sistematizado da Bíblia e as doutrinas básicas que sustentam a fé cristã. No tópico anterior, vimos os conteúdos relacionados às práticas de vida e, agora, veremos sobre o conteúdo bíblico e, posteriormente, o doutrinário²⁵.

No que concerne ao conhecimento bíblico, a primeira informação que o discípulo deve ter é que a Bíblia, inspirada por Deus, é um todo indissociável, formada pela **unidade entre o Antigo e o Novo Testamento**. Assim, formaremos discípulos com solidez no conhecimento bíblico²⁶, o que é essencial para vencer ações de rebeliões e entrada de doutrinas estranhas no nosso meio. Somente com conhecimento bíblico sólido é possível formar crentes maduros na fé, responsáveis e com caráter, visto que não há nada que pode transformar o coração do homem, senão a Palavra de Deus.

A **unidade entre o Antigo e o Novo Testamento** é evidenciada por uma doutrina teológica cristã que dá coesão entre os Testamentos: a **Escatologia**, a Vinda de Cristo, ou seja, toda a Bíblia, desde o livro de Gênesis, dá testemunho de Jesus, que viria, na plenitude dos tempos, para salvar a humanidade. Sobre a unidade dos Testamentos, assim se expressa Walther Eichrodt (2004, p. 12):

o fluxo histórico que leva do Antigo ao Novo Testamento corresponde, pois, ao refluxo de *um movimento vital que vai do Novo ao Antigo Testamento*: é a única chave capaz de dar-nos a interpretação total das ideias veterotestamentárias. Esse movimento, sem o caráter histórico, pressuposto na relação entre os testamentos, rompe com o excesso de historicismo e volta à velha e sempre nova tarefa de captar a fé veterotestamentária em sua **unidade estrutural** e interpretá-la em seu sentido mais profundo, atendendo, de um lado, ao mundo religioso que a rodeia e, por outro à sua relação essencial com o Novo Testamento (2004, p.17).

Isso significa, ao mesmo tempo, uma tentativa de compreender a Bíblia numa perspectiva histórica – visto que ela narra uma história, no caso do Antigo Testamento, além da criação, narra os eventos relacionados à nação de Israel e, no Novo, a vinda de Cristo para o

²⁵ Não nos esqueçamos que estes conteúdos serão divididos no curso *A formação do discípulo* – básico, intermediário e avançado. O ensino abordará, simultaneamente, esses três conteúdos, pois, assim, os discípulos de Jesus terão uma formação sólida e não serão levados pelos ventos de doutrina. Além disso, desejamos reforçar que esses conteúdos serão elaborados de forma bem didática e de forma aplicada às nossas vidas.

²⁶ Essa parece uma afirmação óbvia, mas, infelizmente, não é. Temos observado a falta de conhecimento bíblico sistematizado não somente nos novos convertidos, mas também, sem desconsiderar os vários que possuem uma formação sólida, nos obreiros, inclusive, dirigentes de igreja. Isso resulta numa mistura doutrinária e, portanto, numa falta de conhecimento sobre as doutrinas que sustentam o cristianismo e, especificamente, o credo que sustenta as Assembleias de Deus.

cumprimento das promessas feitas a Abraão e a Davi, além da inauguração da igreja e seu desenvolvimento – e numa perspectiva estrutural, que é o que Eichrodt chama de “fixação do conteúdo principal da fé”, que seriam as doutrinas que sustentam a fé e que devem, por isso, ser ensinadas aos novos convertidos²⁷.

Introdução ao Antigo Testamento: essência e abordagem de cada livro

A Bíblia divide-se em duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Antigo Testamento = Antigo pacto ou aliança e Novo Testamento = Novo pacto ou aliança. A somatória dos livros do Antigo e do Novo Testamento é 66. Foram escritos num período de 16 séculos e tiveram cerca de 40 escritores. Essa divisão por assunto vem da septuaginta²⁸, através da Vulgata²⁹.

Os 39 livros do AT estão divididos em 4 grupos de acordo com seus assuntos. Esse conhecimento é indispensável ao discípulo de Jesus:

- *Lei*. São 5 livros: de Gênesis a Deuteronômio. São, também, conhecidos como Pentateuco.
- *Históricos*. São 12 livros: de Josué a Ester. Retrata a história de Israel em seus vários períodos:
 - a) *Teocracia*. Período dos Juízes;
 - b) *Monarquia*. Período dos reinados de Saul, Davi, Salomão;
 - c) *Divisão do Reino e cativeiro*;
 - d) *Pós-cativeiro*. Período em que Zorobabel, Esdras e Neemias estavam à frente do trabalho da obra de Deus.

²⁷ A abordagem desse conteúdo será feito no capítulo VI, O PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO: o conteúdo doutrinário.

²⁸ Conforme o dicionário Houaiss, designação pela qual é conhecida a mais antiga tradução em grego do texto hebreu do Antigo Testamento, feita para uso da comunidade de judeus do Egito no final do século III a.C. e no II a.C.; teria sido realizada por 72 tradutores, donde o nome (por simplificação: LXX, em latim).

²⁹ De acordo com Houaiss, tradução latina da Bíblia feita por são Jerônimo (340-420), que foi declarada a versão oficial da Igreja romana pelo Concílio de Trento.

- *Poéticos*. São 5 livros: de Jó a Cantares de Salomão. São chamados poéticos por causa da forma como foram escritos e, também, pelo conteúdo.
- *Proféticos*. São 17 livros: de Isaías a Malaquias. São divididos em
 - a) *Profetas Maiores*: de Isaías a Daniel e
 - b) *Profetas Menores*: de Oseias a Malaquias.

Pentateuco

Pentateuco é uma palavra grega que significa “cinco livros” e abrange os livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Em hebraico, os nomes dos cinco livros referem-se às palavras iniciais dos livros; os nomes que aparecem em nossa Bíblia originaram-se da tradução para a língua grega. Contém, além de ditos, cânticos e sagas, que foram transmitidas, desde os primórdios de Israel, leis de vários tipos: desde a exigência de prestar culto exclusivo a um só Deus; o regulamento sobre o dever de restituição, em caso de danos causados por um animal; o mandamento de amar o próximo até às prescrições sobre o vestuário dos sacerdotes.

O conteúdo geral do primeiro conjunto de livros do Antigo Testamento é a história de Israel, que vai da criação do mundo e dos seres vivos à morte de Moisés, incluindo as narrativas dos patriarcas, o tempo da escravidão no Egito, o êxodo e a peregrinação no deserto.

O livro de Gênesis

Foi escrito para deixar claro, conforme já vimos anteriormente, que Deus é o Criador de todas as coisas. Ele deu origem ao mundo, ao ser humano, à família, às nações, ao seu povo em particular. Quer mostrar, também, que Deus escolheu um povo com vocação missionária para anunciar suas verdades às outras nações da terra. No hebraico aparece: *No princípio (Bereshit)*. Em grego, Gênesis, princípios, gerações, significa origem e, também, nascimento; narra como tudo iniciou.

Em Gênesis encontramos, conforme vimos anteriormente, o princípio do mundo, do gênero humano, da família, do pecado, das diversas línguas, do povo hebreu e das primitivas nações. Princípio refere-se ao início do tempo em nosso universo e demonstra que a matéria

teve uma origem definida; não é eterna, nem começou por si própria, modernamente falando, não houve um big-bang. No livro de Gênesis, encontramos narrativas que, primeiramente, foram transmitidas de forma oral, como narrativas das famílias, clãs e tribos.

O período histórico abordado pelo livro é de 2370 anos, da criação à morte de José. O cenário onde se dão os acontecimentos são os seguintes: do capítulo 1 ao 11, no crescente fértil³⁰, por um período de mais de 2000 anos; do capítulo 12 ao 36, em Canaã, Israel, por um período de 200 anos; do capítulo 37 ao 50, no Egito, onde os descendentes de Jacó ficaram por cerca de 430 anos, período que se estende para o livro de Êxodo, até a libertação feita por meio de Moisés. Tudo que diz respeito à origem do mundo, da humanidade e do pecado está registrado até o capítulo 11. E, a partir do capítulo 12, começa a história dos patriarcas, que vai até o final do livro, no capítulo 50³¹.

A chamada de Abrão (Gn 12. 1-3): “Sai-te da tua terra (...) Far-te-ei uma grande nação³² (...) e em ti serão benditas todas as nações da terra, já aponta para o Messias, somente por meio dele, Deus abençoaria as nações da terra”, evidencia a articulação existente entre o Antigo e o Novo Testamento. A promessa feita a Abraão foi confirmada a Isaque, seu filho: “porque a ti e à tua semente darei todas essas terras e confirmarei o juramento que tenho jurado a Abraão, teu pai (...) E em tua semente serão benditas todas as nações da terra” (Gn 26. 2-5), e a Jacó, seu neto: “(...) E te darei a ti a terra que tenho dado a Abraão e a Isaque e à tua semente depois de ti darei a terra” (Gn 35. 9-12).

O término do livro deu-se ao redor de 1425 a.C., quando todos os descendente de Jacó já se encontram no Egito.

O livro de Êxodo

O livro de Êxodo continua a relatar a história do povo de Deus, dos descendentes de Abraão, depois de um intervalo de 275 anos, em que ocorreram dois fatos marcantes: a

³⁰ Atualmente, compreende os atuais estados da Palestina, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano e Chipre, bem como partes da Síria, do Iraque, do Egito, do sudeste da Turquia e sudoeste do Irã.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Crescente_Fértil

³¹ Deus preserva e registra a genealogia de Jesus, desde Adão, conforme vemos no evangelho de Lucas 3. 23-38. Por um homem entrou o pecado no mundo, conforme já vimos anteriormente, e por um homem, seu descendente, entrou a salvação no mundo.

³² O auge dessa nação se deu nos reinados do rei Davi e Salomão. A genealogia de Jesus registrada em Mateus estabelece essa ligação, demonstrando que o Rei e Messias esperado pelos judeus, resultantes das promessas feitas a Abraão e, também, a Davi havia chegado.

população de 75 pessoas que se dirigiu ao Egito se transformou em 2,5 milhões que, agora, eram escravos dos egípcios.

O nome do livro em hebraico é: *Nomes (Shemot)*. Em grego, Êxodo (*Exodus*) significa saída e o livro narra a saída do povo hebreu da escravidão do Egito, abrangendo um período de 216 anos, de 1706 a 1490 a.C. É uma história de luta na qual o líder Moisés tem um papel decisivo.

Tanto o livro de Êxodo quanto o de Números são narrativas acerca das origens de Israel como povo de Deus e têm como propósito demonstrar o cumprimento da promessa que Deus havia feito aos patriarcas: Abraão, Isaque e Jacó. Porém, esses dois livros mesclam essa história do povo de Deus com as leis que Deus deu para que esse povo o servisse em conformidade à santidade de Deus.

Êxodo registra a lista dos descendentes de Jacó no Egito, o nascimento de Moisés, seu anseio de libertar o povo de Deus e sua fuga para Midiã. Depois de 40 anos longe do Egito, Deus chama Moisés para a grande obra de libertação do povo. Do capítulo 4 ao 12, vemos toda a preparação de Moisés, as pragas e a saída do Egito. A sequência história desses acontecimentos vai até o capítulo 18. Após três meses da saída do Egito, os israelitas chegam ao monte Sinai e lá acampam. Do capítulo 19 de Êxodo ao 9 do livro de Números, não há movimento do povo. Durante todo esse período, estão acampados enquanto Moisés está recebendo a Lei diretamente do Senhor e é a descrição dela que lemos do capítulo 20 de Êxodo até o 10.10 de Números. Nessas leis, estão incluídas a descrição do tabernáculo, as ofertas para sua realização e a sua construção. O livro se encerra com o tabernáculo levantado.

O livro de Levítico

Não há avanço na narrativa, mas amplia o registro encontrado em Êxodo acerca do código legal de Israel. Dentro do tabernáculo, Moisés recebeu detalhes relacionados aos sacrifícios, ao sacerdócio, às festas e a outras questões. A ênfase do livro é a santidade, a partir do modelo e do ensino dos sacerdotes. A nação santa precisava conservar-se assim em meio a outros povos, pagãos. Essa santificação não significava isolamento, mas testemunho. O livro é um manual de regras para os sacerdotes e o culto de Israel. Esse manual quer ensinar à nação de Israel o caminho para Deus e como andar nesse caminho.

Em hebraico, o nome do livro é *E chamou (Wa-yqra')*. Levítico em grego (*Leuitikon*) – significa *acerca dos levitas*; provém do nome Levi, a tribo que serviu em Israel no sacerdócio.

A identidade de Israel é centrada no culto, no qual o povo encontra-se com o seu Deus. Temos os rituais para os sacrifícios, um ritual para a ordenação dos sacerdotes e os critérios da distinção entre o puro e o impuro. Para exercer uma santa vida e uma adoração adequada, foi dada a Lei da Santidade. Porque o próprio Deus é santo (19:20), ele quer, também, um povo santo, mas isso não é um ideal nas nuvens, concretiza-se em atos de justiça e de amor em relações concretas que são vividas no dia a dia de cada um.

Tendo sido libertados do jugo dos egípcios e cientes de que obteriam suas próprias terras, deveriam aprender as maneiras certas de servir àquele que lhes havia dado a libertação. A essência do livro de Levítico é como ter um comportamento governado pelo amor, que é o centro da vida cristã. Também aprendemos por meio deste livro que o culto do servo do Senhor, do discípulo, é sustentado por um viver santo e irrepreensível: “Ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus” (Lv 20. 26); “Santos serão a seu Deus e não profanarão o nome do seu Deus” (Lv 21. 6). Jesus coloca fim aos sacrifícios porque Ele foi nosso sacrifício perfeito. Toda purificação exigida no livro de Levítico é possível por meio de Cristo que nos purifica de todo o pecado.

O livro de Números

Registra a caminhada de Israel do Monte Sinai até Moabe, lado oriental do rio Jordão. Retoma o curso interrompido em Êxodo 40.17. Fala da incredulidade do povo de Deus e do castigo recebido: aquela geração não alcançou a terra prometida.

Em hebraico aparece: *No deserto (Ba-midhbar)*. Em grego, o título Números (*arithmoi*) indica a contagem do povo (recenseamento, numeração). Abrange um período de 39 anos no deserto, de 1490 a 1451 a.C. A formação do povo progrediu nos anos da peregrinação no deserto – foi um tempo de preparação, para, no final, entrar na terra prometida.

Os israelitas saíram do Egito no 15º dia do primeiro mês (Nm 33.3). Chegaram ao monte Sinai no terceiro mês (Êx 19.1). O tabernáculo foi levantado dois anos após a saída, no primeiro dia, do primeiro mês (Êx 40. 17). Quando começa o livro de Números, ainda estão no monte Sinai: “Falou mais o Senhor a Moisés, no deserto do Sinai, na tenda da congregação, no primeiro dia do segundo mês, no segundo ano da sua saída da terra do Egito” (Nm 1. 1). Permanecem no Sinai até o capítulo 10. 10. A partir do versículo 11, a partida para Cades se inicia. A partir do capítulo 11, uma série de acontecimentos, que desagradam a Deus, se inicia: o povo começa a murmurar. O povo ficou acampado em Cades enquanto os espias foram

enviados para verem a terra de Canaã. Quando retornam, com exceção de Calebe e Josué, colaboram para aumentar o desânimo e as murmurações do povo. O resultado é que queriam levantar um capitão e voltar ao Egito (Nm 14. 4), mesmo depois de ter visto todas as maravilhas que Deus havia feito, abertura do mar vermelho e livramento do exército egípcio, por exemplo. O resultado foi uma grande punição de Deus: “Porém, tão certamente como eu vivo e como a glória do Senhor encherá toda a terra, todos os homens que viram a minha glória e os meus sinais que fiz no Egito e no deserto, e me tentaram estas dez vezes, e não obedeceram à minha voz, não verão a terra de que a seus pais jurei, e até nenhum daqueles que me provocaram a verá” (Nm 14. 21-22)³³. O período que o povo passou no deserto foi para que o povo se renovasse. Os que saíram do Egito, acima de 20 anos, morreriam no deserto para não entrarem na terra prometida (Nm 14. 29).

Dos capítulos 15 a 19, há ainda narrativas de rebelião e algumas leis. A partir do capítulo 20, são registrados os últimos acontecimentos em Cades e, no 22, acampam nas campinas de Moabe. Lá ouviram toda a repetição da Lei, visto que a geração se renovou, e, depois de fazerem um concerto com Deus, se preparam para entrar na terra, conforme veremos no livro de Josué

Livro de Deuterônômio

É um livro de oratória, contendo uma série de discursos de Moisés, nas campinas de Moabe, durante os 40 dias em que ficaram acampados, antes de entrarem em Canaã. É um livro de transição, em que são repetidos os ensinamentos para a nova geração. Não avança na história do povo. Serve para recordação dos preceitos de Deus. De forma bem simplificada, Moisés disse à nova geração que observasse as consequências sofridas pela geração anterior. Por conta da desobediência e das murmurações, foram impedidos de entrar na terra, então, que eles optassem por escolher obedecer: “Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois a vida, para que vivas, tu e a tua semente” (Dt 30. 19).

Estas são as palavras (Ellah had Debarim) é o nome do livro na língua hebraica. A palavra grega *Deuterônômio* (*Deuteronomion*) significa *A Segunda Lei*. Temos aí uma

³³ Escrevendo aos coríntios, o apóstolo Paulo disse para não tentarmos a Cristo como os israelitas tentaram. O que aconteceu com eles deve nos servir de exemplo e os acontecimentos foram escritos para nos alertar: “Aquele, pois, que cuida estar de pé, olhe que não caia” (1Co 10. 1-13); aos romanos escreve: “Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, teme que te não poupe a ti também. Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus; para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a benignidade de Deus, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também tu serás cortado” (Rm 11. 21-22).

adaptação da Lei, tendo em vista a vida do povo de Israel já na terra prometida; já havia uma nova geração entre o povo que precisava da orientação correta na Lei divina. O livro como o temos hoje data de três séculos depois da situação histórica que nele encontramos, tanto que há comentários em que Moisés é colocado na terceira pessoa. Desenha o projeto da nova sociedade, cheia de amor e de justiça. Deus é chamado de Pai (1:31) e os membros do povo de Deus são chamados, entre si, de irmãos e de irmãs.

O pensamento central nesse livro é de que Israel vai viver feliz, contente e próspero se for fiel à aliança com Deus; se for infiel, terá a desgraça e vai acabar perdendo a terra (a queda do reino do Norte já estava perto). O compromisso fundamental com Deus é o amor (6: 4-9); a seguir, apresenta um amplo ensino, isto é, como pôr em prática esse amor: na vida pessoal, na social, na política e na religiosa (as Leis do Deuteronômio, cap. 12–26). É um longo ensino de como viver sua relação com Deus, com as autoridades, com os outros homens e mulheres, e até com os seres da natureza.

É importante observar que essa *Lei* (cap. 12–26) nasceu numa época de grande desenvolvimento econômico, com muita injustiça e desigualdade social: riqueza e poder na mão de uma pequena minoria privilegiada, enquanto a grande maioria sofria injustiça e miséria! *Lei* não significa um código judicial no sentido moderno, mas um ensino, uma educação, uma orientação espiritual para criar uma sociedade justa e fraterna, na qual as pessoas se irmanem.

É de fundamental importância que o discípulo aprenda que algumas promessas de Deus são incondicionais. As que fez para Abraão e Davi são deste tipo, pois, independente do que faça o povo, Deus estabelecerá seu Reino na terra e este durará para sempre. Entretanto, outras são condicionais. A leitura do livro de Deuteronômio nos revela isso: “se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tenho cuidado de guardar todos os mandamentos que eu te ordeno hoje, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra” (Dt 28, 1); “se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus (...) sobre ti virão todas estas maldições e te alcançarão” (Dt 28. 15). A quem não obedecesse à Lei de Deus, fica a sentença: o Senhor “vos espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da terra até à outra extremidade da terra” (Dt 28. 64). A condição de receberem a terra e permanecerem nela era a obediência. Moisés estabeleceu os princípios e os profetas exigiram o cumprimento deles na sua época, visto que eles aplicavam a Lei aos problemas vivenciados pelo povo em cada tempo histórico³⁴.

³⁴ Em Mateus, Jesus declarou que não veio destruir a Lei, mas a cumprir (5.17). Com a vinda de Jesus, os sacrifícios e os rituais de purificação já não fazem mais sentido, pois Ele “uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hb 9.26); “porque, com uma só oblação(oferta), aperfeiçoou para sempre os que são

Livros Históricos

Nos livros históricos, veremos a conquista da terra, a ascensão, a queda e dispersão da nação de Israel, visto que seus membros optaram por não obedecer à Lei de Moisés, e o retorno à terra, depois do exílio. Depois da queda da nação, a história de Israel é uma constante busca para a reconquista da terra, um período de mais ou menos 800 anos, do século XIII ao século V a.C. No tempo em que Jesus veio, a nação era dominada pelo Império Romano e, como sempre, os judeus esperavam um líder, um rei, o Messias para os livrar daquele domínio. Considerando que Jesus não tinha o perfil de líder que eles desejavam, foi rejeitado: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que creem no seu nome” (Jo 1. 11-12). A rejeição de Jesus pelos judeus, revela o mistério de Deus “que desde os séculos, esteve oculto em Deus, que tudo criou” (Ef 3. 9), ou seja, a igreja³⁵.

O livro de Josué

santificados” (Hb 10. 14). Há, muitas vezes, uma falta de compreensão sobre o Novo Testamento, sobre o tempo da dispensação da graça! Jesus aperfeiçoou a Lei dada a Moisés porque, com sua morte, os homens, por meio do sacrifício dele, conseguiriam vencer o pecado. Ele aperfeiçoou porque, na Lei de Moisés, estava escrito: “Não matarás”; quem matasse seria réu de juízo; mas assim diz Jesus: “Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo” (Mt 5. 21-22). Dependemos de Jesus para nos purificar das nossas maldades, mas a decisão de segui-lo é nossa e, para isso, se decidirmos segui-lo, precisamos ser novas criaturas.

³⁵ O estudo de Escatologia que, conforme dissemos, dá unidade ao Antigo e ao Novo Testamento, nos permite compreender que o período da igreja é um intervalo de tempo estabelecido por Deus e que finalizará com o arrebatamento da igreja. Após esse evento, a história de Israel é retomada para o cumprimento da septuagésima semana de Daniel, 9. 24-27. O estudo dessas semanas nos permite entender que já aconteceu tudo o que diz respeito às primeiras 69 semanas e, portanto, falta, ainda, o cumprimento de uma semana que é a da Grande Tribulação, descrita no livro de Apocalipse. Ao final dela, cremos que se cumprirá o que disse o apóstolo Paulo aos romanos: “todo o Israel será salvo” (Rm 11. 26). Durante o período da igreja, todos os judeus que aceitam Jesus como Salvador são salvos, mas, ao final da Grande Tribulação, acreditamos que a toda a nação de Israel será salva, pois o povo, encurralado pelas nações da terra que decidiram destruir Israel, reconhecerá a Jesus – que nessa ocasião, voltará em glória e todo o olho o verá – como o Messias que eles tanto esperavam e, depois do final dessa grande batalha, a nação de Israel governará na terra, por meio da liderança de Jesus, e, finalmente, a promessa que Deus fez a Abraão e a Davi será plenamente cumprida. Depois desse reinado, durante o qual Satanás estará preso, haverá novamente uma rebelião das nações, liderada por Satanás, que será solto. Depois disso, Satanás será vencido para sempre. Haverá o juízo final e a criação de novo céu e nova terra. A cidade de Jerusalém descenderá do céu para ser o centro administrativo do reino de Deus que, finalmente, será estabelecido eternamente. Deus, por meio da Bíblia, nos revela seus planos da criação à nova criação que nunca terá fim. Para fazermos parte desse Reino, é que temos prazer de renunciar à vida de pecado e de desobediência a Deus. Os novos discípulos precisam compreender que, apesar de todas as coisas excelentes que Deus nos dá nesta terra, nossa grande esperança é fazer parte do Reino que será estabelecido somente no futuro e nós somos embaixadores desse Reino e os novos discípulos precisam entender que eles também devem ser e não devem esquecer de que Deus precisa ser bem representado para que seja glorificado.

É a narrativa a partir dos últimos fatos de Deuteronômio: morte de Moisés e missão de Josué de atravessar o Jordão e de entrar em Canaã. Registra a conquista da terra, demonstrando a fidelidade de Deus em fazer da semente de Abraão uma grande nação.

Josué foi testemunha ocular dos acontecimentos. Alguns versículos não foram escritos por ele (24.29,30; 24.31-33); entretanto, ele é considerado o autor do livro. Era filho de Num e também chamado de Oseias (Nm 13.8). Seu nome significa Jeová é a minha salvação; em grego se traduz por Jesus. Assim como o primeiro Jesus conquistou a terra da mão do inimigo³⁶, o segundo JESUS conquistou vitoriosamente o céu, pela vitória sobre o pecado.

O período que o livro abrange é de 30 anos, aproximadamente: da morte de Moisés à morte de Josué, com 110 anos (24.29), em 1390 a.C.

O livro de Josué inicia a segunda grande divisão da Bíblia. Josué recebeu duas grandes responsabilidades: destruir o poder cananeu da terra e distribuir a terra entre os israelitas. Ele destruiu, fielmente, as principais cidades, num total de trinta e um reis (12.24). Depois de distribuída a terra entre as tribos, cada uma se responsabilizaria pela eliminação dos cananeus de seu território. Segundo Deuteronômio 7 e 20, os israelitas podiam fazer concertos com outras nações, contanto que não estivessem dentro dos limites de sua possessão.

Para realizar sua missão, Josué recebeu a garantia da presença e da bênção de Deus (1 1-9). A conquista da terra de Canaã ocorreu em três etapas: Canaã central (Jericó, Ai, Gibeão, Bete-Horom); Canaã meridional (Jerusalém e Hebrom); Canaã setentrional (Hazor). A conquista de Jericó significou as primícias da terra e foi realizada de maneira sobrenatural, obedecendo-se inteiramente às ordens de Deus.

A distribuição da terra também foi feita em três etapas: em primeiro lugar, foram distribuídas as terras ao leste do Jordão, ainda sob a liderança de Moisés; foram entregues às tribos de Ruben, Gade e metade de Manassés; em Gilgal, Judá, Efraim e a outra metade de

³⁶ Entretanto, por ser o homem limitado, não conseguiu realizar toda tarefa: “Era, porém, Josué já velho, entrado em dias; e disse-lhe o Senhor: Já estás velho, entrado em dias; e ainda muitíssima terra ficou para possuir” (Js 13.1). No reinado de Davi, toda a terra prometida por Deus foi conquistada. Além disso, não destruíram todos os cananeus como Deus havia mandado destruir: “E não expeliram os cananeus que habitavam em Gezer; e os cananeus habitaram no meio dos efraimitas até ao dia de hoje; porém serviam-nos, sendo-lhes tributários” (Js 16. 10). Desobediência que sempre custará caro ao povo, pois, entre vários outros motivos, a presença de outros povos no meio do povo de Deus não lhe dava a coesão social e religiosa, conforme era propósito de Deus, o que contribuiria, no futuro, para o esfacelamento da nação.

Manassés receberam suas terras; a terceira etapa ocorreu em Siló, depois que foi levantado o tabernáculo – as sete tribos restantes receberam ou conquistaram seu território.

Livro de Juízes

Depois da morte de Josué e de toda sua geração, a Bíblia registra que a geração nova não conhecia a Deus e nem o que Ele fizera pelo povo de Israel, por isso “fizeram os filhos de Israel o que parecia mal aos olhos do Senhor” (Jz 2. 11). Daí que o livro registra as experiências de Israel durante a era da teocracia, mostrando muitos fracassos, pois, por conta da desobediência, Deus permitia que outros povos escravizassem o povo. Quando o povo clamava, por conta da dura servidão, Deus levantava um juiz para libertá-los e dar-lhes paz. Depois de certo tempo de paz, desobedeciam a Deus novamente, novamente vinha o jugo, o clamor e a libertação. Portanto, o livro mostra a ação de diversos libertadores do povo, levantados por Deus em situações emergenciais. Uma vez que o povo possuía sua terra e suas leis, cada território seria defendido pela tribo que o ocupava. A teocracia significava a liderança de Deus acima de qualquer líder humano.

Segundo a tradição judaica, quem escreveu o livro foi Samuel, último juiz. Os acontecimentos do livro abrangem um período de 400 anos (At 13.20), entre 1375 e 1050 a.C., da morte de Josué à magistratura de Samuel. O sistema político adotado pela nação de Israel era um ajuntamento de tribos, havendo um centro religioso fixo (tabernáculo). Política e religião eram a mesma coisa.

O livro dá continuidade à narrativa do livro de Josué. Mostra como as tribos dos hebreus habitavam dentro da terra dos cananeus: não possuíam chefes que governassem o povo; em tempos de grandes dificuldades, Deus levantava pessoas carismáticas, que uniam os chefes das famílias e clãs, para defender a sobrevivência do povo de Deus. 13 juízes atuaram para defender o povo de Deus.

O livro de Rute

O livro faz parte das narrativas dos Juízes. Revela que havia pessoas piedosas durante a época da teocracia: enquanto, em Israel, alguns apostatavam de sua fé em Deus, indo após os ídolos, Rute, uma mulher gentia, deixa seus ídolos e se volta para Deus. Rute entrou na genealogia de Davi e de Jesus Cristo, o que demonstra que Deus nunca fez acepção de pessoas,

pois permitia que uma moabita aparecesse na genealogia tão cuidadosamente preservada, desde Adão (Mt 1. 5). É mais provável que seu autor tenha sido Samuel e na época de Davi (4.22). A data é do ano 1000 a.C.

Provavelmente, o livro foi colocado à parte do de Juízes porque era lido pelos judeus em festas como a das Colheitas ou a do Pentecostes, principalmente. No centro, encontramos uma estrangeira, uma moabita, que, pela própria vontade, quis fazer parte do povo de Deus.

Num tempo cheio de tensão e de insegurança a respeito dos povos estrangeiros, o autor deste livro é muito corajoso: mostra que o amor de Deus não é nacionalista, não se preocupa com fronteiras. Vemos, nessa história familiar, o exemplo de uma situação vivida por Israel em diversas ocasiões e também por nós, nos dias de hoje. No tempo do Exílio na Babilônia, o povo de Deus experimentou uma vida dentro de uma situação dominada por um povo pagão, com todas as tentações que surgem dessa experiência. Por outro lado, a solução não está em separar-se de outros povos ou continuar o ódio por eles, mas manter-se fiel a Deus, testemunhando seu poder.

Os livros de Samuel

Esses livros não relatam apenas os fatos, mas preocupam-se em revelar o caráter de Deus. Oferecem o relato da transição da teocracia para a monarquia; Samuel é a pessoa central de I Samuel. O segundo livro continua o relato do primeiro, sendo Davi, o maior rei de Israel, seu personagem central. O livro expõe os elementos do pacto davídico.

Os dois livros, originalmente, eram um só; foram divididos no século III a.C. O Talmude admite que Samuel escreveu uma parte do primeiro livro (cap. 1 a 24) e que Natan e Gade escreveram o restante (1 Cr 29.29). Mesmo que não tenham sido eles, o autor utilizou seus escritos, bem como as crônicas de Davi (1 Cr 27.24) e a literatura poética nacional, como os livros de Jasar ou dos Justos (2 Sm 1.18). A data mais aceita é 971 a.C., ano do término do reinado de Davi. Os dois livros cobrem um período de 90 anos (o primeiro) e 40 anos (o segundo).

Os dois livros de Samuel contam a história de Israel entre os anos 1040 e 971 a.C., com a grande novidade: o aparecimento da realeza em Israel e, conseqüentemente, a história dos primeiros dois reis, Saul e Davi. Samuel, um dos grandes profetas de Israel, aparece no início

como o último dos juízes (I Sm 7.22s) que entrega o poder político a um rei. Nesses livros encontramos antigas fontes (por exemplo, I Sm 4. 4: a arca da aliança; e II Sm 9–20 e I Rs 1-2: a história da sucessão ao trono de Davi) que, finalmente, foram compiladas pouco antes do exílio babilônico ou durante o mesmo.

O rei Davi representa, nesses livros, o modelo ideal de um rei justo – essa versão tem razão! Mas não podemos esquecer que ele, também, cometeu graves erros: foi guerrilheiro dos filisteus (I Sm 27), adulterou com Bate-Seba e assassinou Urias. Com o reinado de Davi, Deus cumpre a promessa a Abraão e promete a Davi que o seu reino será eterno: “Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti: teu trono será firme para sempre³⁷” (2 Sm 7. 16).

Os livros dos Reis

Relatam a continuidade da monarquia, sob a liderança de Salomão, e a divisão do reino em Norte e Sul. Comentam as causas espirituais que originaram aqueles fatos históricos. O segundo livro relata a história dos reinos divididos, bem como os cativos: o assírio e o babilônico.

Os livros dos Reis eram, originalmente, um só livro; foram divididos na Bíblia Hebraica, no século XVI d.C. O autor é desconhecido. Os comentaristas concordam que os livros foram recopilados antes do cativeiro de Judá; alguns creem que o autor foi um exilado na Babilônia; outros atribuem a autoria a Jeremias. O término de sua redação ocorreu por volta de 561-539 a.C. O primeiro livro cobre um espaço de 125 anos, de Salomão a Josafá; o segundo começa com Acazias e termina com Zedequias, último rei de Judá, cobrindo um espaço de 250 anos, aproximadamente.

Na compilação dos livros, foram utilizados: o Livro dos Atos de Salomão; o Livro das Crônicas dos Reis de Judá; o Livro das Crônicas dos Reis de Israel. O editor seguiu um plano de narrativa, mencionando o nome do rei, a idade, a extensão do reinado, a mãe e outros fatos

³⁷ Deus consegue, ao mesmo tempo, castigar seus filhos e manter suas promessas. Na Lei de Moisés, conforme vimos, para permanecer na terra, o povo deveria obedecer a Deus, por meio da observância das leis. Veremos que não obedeceu e Deus fez com que o povo perdesse a terra e fosse disperso. Entretanto, Deus preservou a linhagem de Jesus, por meio da tribo de Judá, uma das duas tribos que formaram o Reino do Sul de Israel. Com a divisão da nação, antes do cativeiro, dez tribos formaram o Reino do Norte e duas tribos, de Judá e de Benjamin, o Reino do Sul. Com a vinda de Jesus, como rei de Israel, embora não tenha sido aceito pelos judeus, Deus manteve as promessas que fez para Abraão e para Davi, mesmo tendo castigado a nação. Entretanto, o pleno cumprimento dessas promessas se dará no futuro, na ocasião em que, de fato, Jesus será rei de Israel e governará as nações da terra.

como a opinião a respeito do reinado, as fontes onde colheu informações, o local do sepultamento do rei e o sucessor do rei.

Os dois livros dos Reis continuam a contar a história da monarquia, que se divide em dois reinos, depois da morte de Salomão:

- O reino do Norte / Israel, capital: Samaria;
- O reino do Sul / Judá, capital: Jerusalém.

Ambos caíram em poder estrangeiro:

- O Norte, no ano 721 a.C., quando os assírios destruíram Samaria;
- O Sul acabou em 586 a.C., com a conquista de Jerusalém pelos babilônios.

A história não é apenas tudo isso! Todos os reis e reinados foram julgados sob o critério de fidelidade ou não a Deus. Seguindo essa ótica, quase todos os reis do Norte e a maioria dos reis do Sul foram considerados reis maus. Por isso, o (dividido) povo de Deus sempre esteve ameaçado por inimigos de fora; no século IX a.C., os egípcios atacaram o Sul e os arameus, o Norte; no século VIII a.C., agravou-se a situação com a intervenção dos assírios na região; mais tarde, os babilônios. Todos esses acontecimentos resultaram da posição do povo e dos reis diante de Deus, ou seja, resultaram da desobediência à Lei de Deus. Durante todo esse período, os profetas jamais deixaram de alertar o povo e conclamá-lo a retornar aos caminhos de Deus, mas não deram ouvidos às proféticas palavras.

Os livros das Crônicas

Esses livros significam um fortalecimento à história do Reino do Sul ou Judá e demonstram que Deus continuava com o seu povo; o cativo abatera a nação, mas ela ressurgiria. Sua verdadeira glória estava relacionada ao pacto com Deus. As obras foram escritas depois do cativo, com o objetivo de serem um alento e uma advertência: alento quanto à proteção de Deus e advertência quanto à apostasia e à idolatria do povo. O autor buscou respostas às questões da razão do exílio, do culto a Deus, da importância do templo.

O autor compilou as obras de dez fontes diferentes (I Cr 9.1; 2 Cr 12.15). Crônicas, Esdras e Neemias estão intimamente ligados. Há quem diga que Esdras e Crônicas eram, no início, um só livro. Aponta-se, como o autor de Crônicas, o próprio Esdras (II Cr 36.22; Ed 1.1,2). Se foi, a data é posterior ao exílio babilônico, isto é, 450 a.C. De qualquer forma, foram

escritos depois do Decreto de Ciro. O estilo dos livros, sua teologia, a discussão de assuntos religiosos apontam para um período posterior ao exílio.

À primeira vista, os livros de Crônicas parecem uma mera repetição dos livros de Samuel e Reis. Mas não são. Samuel e Reis referem-se à história do Reino do Norte e do Reino do Sul e foram escritos antes do cativeiro. Os livros de Crônicas destacam apenas o Reino do Sul.

1. A primeira parte, I Cr 1–9, é uma genealogia desde Adão até Saul³⁸, com preferência do serviço dos Levitas.
2. Os relatórios históricos são continuados até o tempo em que os escritores estão escrevendo (início do século IV a.C.) – certamente levitas.
3. Os livros das Crônicas são um reflexo da luta na comunidade judaica: quem deve governar numa sociedade centralizada, bem religiosa: os descendentes de Sadoc ou os descendentes de Arão, os levitas? Expulsos de Judá por Salomão (I Rs 2.26ss), os levitas sobreviveram no Reino do Norte. Depois do exílio, esses levitas deveriam ser meros servidores dos sacerdotes.
4. Nesses livros, falta a história do reino do Norte porque, depois da dominação assíria, esse povo do Norte se misturou com os pagãos – nasceram os samaritanos, considerados como povo impuro.

O conteúdo do livro de I Crônicas equipara-se a I e II Samuel; o de II Crônicas, ao de I e II Reis.

Os livros de Esdras e Neemias

Esdras registra a fidelidade de Deus e o restabelecimento dos judeus em sua terra. Neemias também mostra a obra de Deus através de seu servo fiel, reedificando os muros e a cidade, fortificando o povo e realizando uma reforma religiosa.

Esdras foi o autor do livro com seu nome, tinha capacidade para tanto, pois era escriba versado (Ed 7.11); a data é de 450 a.C., aproximadamente. Neemias escreveu o livro com seu nome, em 425 a.C. mais ou menos, durante o reinado de Artaxerxes, da Pérsia.

³⁸ Conforme apontamos anteriormente, Deus preserva a linhagem de Davi, por meio do Reino do Sul, especificamente da tribo de Judá, daí porque Jesus é chamado de Leão da tribo de Judá. A presença da genealogia ao longo da Bíblia é, conforme já dissemos, para provar a linhagem de Jesus.

Inicialmente, os dois livros formavam um só, pois aparecem na Septuaginta como I Esdras. Esses livros podem ser considerados como continuação dos livros das Crônicas: por ordem do rei da Pérsia, grupos de exilados voltam a Jerusalém. O templo e as muralhas são reconstruídos. Além disso, são realizadas várias reformas religiosas e sociais.

O material é de muito valor, pois traz informações sobre a volta do cativo babilônico. O povo voltou a Jerusalém com Zorobabel na liderança, edificando um altar, comemorando a Festa dos Tabernáculos, lançando os alicerces do templo, que depois foi inaugurado, com a celebração da Páscoa. Em seguida, voltou outro grupo, sob a liderança de Esdras, que mandou buscar os levitas, apregoou um jejum e fez oração de confissão pelos pecados do povo. O livro de Neemias fala das condições precárias da Judeia; Neemias recebe permissão do rei e reconstrói os muros e a cidade. Esdras é convidado a ler a Lei e a iniciar uma reforma. Com o retorno de Neemias à Pérsia, o povo abandona o culto, obrigando Neemias a voltar mais uma vez a Jerusalém e iniciar outra reforma, principalmente dissolvendo os casamentos mistos³⁹.

O livro de Ester

Este livro tem como objetivo mostrar a providência de Deus em salvaguardar seu povo, mesmo em situação de cativo e numa condição espiritual de depressão. Fiel ao pacto feito com Abraão, Deus jamais permitiria o extermínio dos judeus. Narra as bênçãos sobre os amigos de Israel e a maldição sobre seus inimigos. Os eventos nele relatados acontecem sob o Império Medo-Persa, portanto, nos dias de Esdras e Neemias.

³⁹ Com Neemias, finaliza a história do povo de Deus, no Antigo Testamento. Até a vinda de Jesus, há um intervalo de tempo, conhecido como 400 anos de silêncio, em que Deus não usa nenhum profeta. Depois de Malaquias, que profetizou no tempo de Neemias, o primeiro profeta usado por Deus foi João Batista. Entretanto, os acontecimentos históricos desse período foram revelados pelo profeta Daniel. Depois de retornarem à Jerusalém, sob o Império Medo-Persa, os judeus foram dominados pelos gregos, pelo Egito, pela Síria e, finalmente, no tempo de Jesus, pelos romanos. Durante todo esse tempo, os judeus lutavam bravamente para reconquistar a autonomia política e religiosa. Por um breve intervalo de tempo, sob a liderança de Judas Macabeu, reconquistou a autonomia política, até que foram vencidos pelos romanos. Os romanos preservaram a autonomia religiosa deles. A leitura dos evangelhos sobre o julgamento de Jesus, nos permite compreender isso. Ele foi julgado pelas autoridades religiosas dos judeus e pelas romanas. Os romanos permitiam que fatos relacionados à desobediência à Lei de Moisés fossem julgados pelos sumo sacerdotes, entretanto, a pena de morte tinha que ser autorizada pelo Império Romano, daí que Jesus teve que comparecer diante de Pilatos. As autoridades romanas não encontraram nenhuma falta em Jesus digna de pena de morte, mas temeram a pressão feita pelos judeus que acusaram Jesus, inclusive, de tentar usurpar o poder de César, ou seja, do imperador de Roma (Lc 23.2; Jo 19.12; Jo 19.15).

O autor não é identificado, mas era uma testemunha ocular dos fatos ali narrados. Provavelmente foi Mardoqueu. Foi escrito durante os dias do rei Assuero (Xerxes); assim, sua data provável é 475 a.C., aproximadamente.

Esse livro é uma novela que mostra a luta dos judeus pela sobrevivência física e pela preservação de sua integridade religiosa.

Os judeus foram muitas vezes objeto de hostilidade e nós, por outro lado, consideramos a reação dos judeus contra os inimigos, para evitar sua extinção, muitas vezes chocante, mas isso tem a ver com o entendimento e a convicção da eleição pelo próprio Deus.

Os judeus atribuem um grande valor a esse livro, pois seu espírito patriótico fortalece as esperanças dos judeus em meio a grandes perseguições.

Livros poéticos

Estão agrupados nesta divisão cinco livros: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cânticos. São, também, chamados Livros de Ensino. Eles transmitem uma sabedoria que não vem do conhecimento intelectual, mas sim do relacionamento com Deus; relacionam as experiências da vida do dia a dia com o saber, afirmando que Deus está sempre presente nessas experiências. Expressam reflexões e meditações sobre a vida diante de Deus.

O livro de Jó

O livro de Jó trata do sofrimento das pessoas justas. O sofrimento não significa a ausência da ação de Deus. O livro demonstra a fragilidade humana e a soberania divina. Ensina a não dar respostas absolutas ou interpretações fixas em relação ao sofrimento das pessoas. Mostra a fidelidade do servo de Deus em meio ao sofrimento.

Como o autor não está explícito, também, não se sabe a data de sua composição. Os comentaristas sugerem Moisés como seu autor ou o próprio Jó. Alguns afirmam que Jó era contemporâneo de Moisés; outros, que o livro foi escrito no tempo de Salomão, mesmo que Jó tenha vivido nos tempos patriarcais. De qualquer modo, Jó foi um personagem histórico (Ez 14.14; Tg 5.11). Jó viveu muitos anos; depois de seu infortúnio, viveu mais 140 anos; era o sacerdote de sua família, papel normal no contexto dos patriarcas; não há referência à Lei de

Moisés e às revelações dos profetas nas discussões teológicas de Jó e de seus amigos. A data dos fatos é ao redor de 1521 a.C.

Jó trata do sofrimento humano; mais do que isso, do sofrimento de um justo! Os fiéis daquele tempo pensavam que sofrimentos e doenças eram resultados de pecado. Por isso, os três amigos de Jó argumentam intensamente que ele deveria ser um pecador, visto que foi tão punido; esse entendimento pressupõe o fato de que Deus é justo e sempre recompensa os bons e castiga os maus. No entanto, Jó se revoltou contra essa explicação e dirigiu-se a Deus.

O que nem Jó nem seus amigos sabiam (prólogo) é que os sofrimentos vêm de Satanás e não de Deus, embora com sua permissão, e representam uma provação da fidelidade de Jó. No final, os amigos conselheiros e adversários mostram que estão errados: Jó confia na justiça de Deus, arrepende-se por ter usado tais palavras violentas e duras. Deus o recompensa e lhe restitui todos os bens, inclusive, os filhos e as filhas.

O livro de Salmos

Apesar de diversos temas contidos nos Salmos, o seu motivo primordial é o louvor a Deus. O livro dos Salmos constitui um hinário para Israel; uma das características principais do culto é o louvor a Deus. Os Salmos refletem toda sorte de emoções dos seres humanos, servindo para expressar a sua alegria e a sua dor, a sua depressão e o seu júbilo; quando está em trevas ou em luz. A expressão desses sentimentos se dá de forma simultânea à revelação dos planos de Deus com a nação de Israel e com o Messias que haveria de estabelecer, para sempre, o Reino de Deus. Muitos desses sentimentos se relacionam a momentos históricos vividos pelo povo de Israel, no passado, e, também, a eventos que ainda ocorrerão. Servem de base para diversos cânticos cristãos, tanto da Antiguidade quanto dos dias atuais.

Dois terços dos Salmos possuem o nome de seus autores; a outra terça parte é de autores desconhecidos. Dos 100 Salmos identificados, 73 pertencem a Davi; Asafe, um dos músicos da corte de Davi, escreveu 12; dez foram escritos pelos filhos de Coré; um é de Salomão e outro, de Moisés. A grande maioria foi escrita num período de 100 anos, isto é, de 1030 a 930 a.C. Enquanto o Espírito Santo ia inspirando os autores a comporem as poesias, os Salmos iam sendo agrupados em coletâneas. O mesmo Espírito preservou aqueles que haveriam de entrar no Cânon Sagrado. Geralmente, o editor final é identificado como sendo Esdras, o escriba.

Um salmo é uma oração cantada, numa forma fixada, parcialmente acompanhada com instrumentos musicais. Nos Salmos encontramos o coração da religião do Antigo Testamento;

relacionam-se, portanto, à criação, à história do povo de Deus, à Lei, à profecia e à sabedoria. Formam uma coleção de hinos e de orações que abrangem todos os aspectos da vida: louvor e alegria, tentação e perseguição, angústia e libertação, confissão e lamentação, pedido e agradecimento.

O livro de Provérbios

Ensina sobre a verdadeira sabedoria, que não pode ser confundida com inteligência, mas com a visão da vida segundo a perspectiva divina. Um provérbio é uma frase curta empregada para comunicar muita verdade. São palavras sábias e concisas empregadas para governar nossas vidas. O livro foi escrito para nos levar à sabedoria e a uma vida disciplinada: “Para se conhecer a sabedoria e a instrução; para se entenderem as palavras da prudência; para se receber a instrução do entendimento, a justiça, o juízo e a equidade; para dar aos simples prudência, e aos jovens conhecimento e bom siso; para o sábio ouvir e crescer em sabedoria, e o instruído adquirir sábios conselhos (Pv 1.2-5). Salomão está convencido de que a verdadeira sabedoria começa com a correta relação com Deus (1.7; 9.10).

A maior parte do livro foi escrita por Salomão; o livro fala de sua autoria, assim como I Reis 4.29-32 fala de sua sabedoria e de seus escritos. A data do livro é de 950 a.C., aproximadamente. Os dois últimos capítulos foram escritos por Agur e pelo rei Lemuel.

Um provérbio expressa, numa curta frase, uma verdade que ilumina um acontecimento, um comportamento, uma observação – sua finalidade sempre é ensinar e orientar o povo para uma vida melhor, para o bem-estar. Encontramos, nesse livro, uma sabedoria popular desses tempos que, claramente, está vinculada com Deus, que quer um bom viver do seu povo, mas punirá os vícios opostos.

O paralelismo, assim como nos Salmos, é um elemento importante em sua interpretação. Há um paralelismo sinônimo identificado pelas palavras *que, assim, como*. O paralelismo antitético é reconhecido pelas palavras: *mas, no entanto*. O paralelismo sintético se identifica com a palavra *e*.

Destacam-se as palavras: *sábio, sabedoria, conhecimento, entendimento, temor de Jeová* que são repetidas muitas vezes no livro. O livro fala de sabedoria, com dois significados distintos:

- a) religião prática, retidão inteligente, qualidade humana (10-31);

- b) sabedoria personificada como soberana, sobre a vida, a ajudadora de *Yahweh*, em sua criação, diretora dos negócios dos homens (1-9).

O livro de Eclesiastes

Fala da dificuldade de o ser humano encontrar significado e satisfação na vida. A vida é vazia longe de um relacionamento com Deus. Apenas quando o ser humano conhece o seu Criador pode encontrar paz e satisfação. Tudo é vaidade.

Em geral, se aceita que Salomão foi o seu autor, embora alguns textos deixam dúvida quanto à sua autoria. O autor diz que é filho de Davi, menciona diversas construções realizadas em Jerusalém, fala de sabedoria e de riqueza – tudo corresponde a Salomão. Por sete vezes, o autor se denomina *kohélet*, que significa pregador. Eclesiastes não deixa de ser um sermão em que o pregador coloca suas conclusões. O mais certo é que Salomão o escreveu já no final de sua vida, depois de ter-se arrependido e refletido sobre todos seus atos. Como ele morreu em 931 a.C., a data do livro é de alguns anos antes disso.

O título do livro em português vem do grego *ekklesiastes*, tradução próxima do hebraico *kohélet*, pregador de uma assembleia, um ajuntamento. A palavra vaidade aparece 37 vezes, junto com a expressão *debaixo do sol* (27 vezes), é a chave para a interpretação do livro. Vaidade é a vida vivida longe de Deus; *debaixo do sol* fala da preocupação do homem puramente secular, natural, mundano.

O contraste do livro é que ele mostra que, sem Deus, o ser humano é o mesmo que nada. Mostra a vida do ponto de vista puramente humano, materialista. Grande é a fragilidade humana quando vivida longe de Deus. Quando olha sua vida com seus próprios olhos, o ser humano tem uma visão extremamente pessimista, olhando para a morte como a única certeza. Desse ponto de vista, fica mais fácil compreender 3.19-22 e 7.14. A vida com verdadeiro significado, depois da morte, depende da vida vivida com Deus.

O autor quis mostrar ao ser humano que o conhecimento, o prazer, as riquezas, as possessões materiais, e, até mesmo, o trabalho duro, não oferecem um contentamento permanente. Na realidade, faz uma apologia para que o ser humano viva conforme as normas de Deus (12.13).

O livro de Cantares

Eleva o amor sexual ao plano desejado por Deus. Exalta a pureza e beleza do amor de um casal. A Bíblia adverte contra a imoralidade, mas também exalta as bênçãos da conduta moral. O livro fala de recordações do esposo e da esposa. Mostra o gozo e a alegria que há dentro do âmbito do compromisso matrimonial. A mensagem básica é a pureza e o caráter sagrado do amor e do casamento.

O livro foi escrito por Salomão, em torno do ano 960 a.C., isto é, nos primeiros anos de seu reinado. Alguns estudiosos contestam essa autoria, mas os rabinos judeus e os acadêmicos cristãos mais tradicionais a aceitam.

Esse livro é um diamante da poesia de amor e é de um altíssimo valor poético. Descreve o amor do rei Salomão e da Sulamita, uma jovem do interior do país, com quem se casou. Pinta a beleza de um amor puro que se transforma numa intensa devoção mútua.

Alguns estudiosos tentam utilizar o poema como uma alegoria, comparando-o a Cristo e sua Igreja, mas essa interpretação é forçada. Embora a Igreja seja comparada à noiva de Cristo, o livro não pode ser aplicado a esse relacionamento.

Não há uma estrutura dramática contínua e completa, pois o propósito do autor é ilustrar a força e a fidelidade do amor, por meio do diálogo repetido. O poema descreve o gozo e o prazer do casal, assim como algumas dificuldades que passam juntos. O amor verdadeiro que se expressa no carinho e no sexo, dentro do compromisso matrimonial, é maravilhoso e satisfatório.

Quando o homem e a mulher leem juntos este poema, certamente podem descobrir a força e a suavidade do amor. Não precisamos ter vergonha de falar sobre o amor humano, porque ele também vem de Deus. O sexo é uma das maravilhas da criação. A ênfase não está apenas no aspecto físico do amor, mas também na espiritualidade do mesmo. Demonstra a liberdade que o casal deve ter entre si. Depois de Salomão e a Sulamita vencido muitos momentos difíceis, o amor tornou-se indestrutível: “As muitas águas não poderiam apagar esse amor nem os rios afoga-lo; ainda que alguém dessa toda a fazenda de sua casa por este amor, certamente a desprezariam” (Ct 8. 7).

Profetas maiores

O período histórico em que os profetas começaram suas atividades, a partir do século VIII a.C., foi marcado por um notável desenvolvimento intelectual do homem. Foi nesse período, também, que apareceram os grandes *orientadores espirituais* da humanidade, como, por exemplo, Zoroastro, Confúcio e Sidarta. Enquanto Sofonias anunciava a desgraça de Jerusalém e Naum, a de Nínive, Zoroastro reformava a religião iraniana; e, simultaneamente às exortações de Jeremias e Ezequiel para que retornasse à pureza do culto a Deus, Confúcio dava à religião da China uma forma definitiva e Sidarta lançava as bases do Budismo.

O livro de Isaías

O profeta Isaías apregoou o julgamento de Deus sobre Judá, em vista de seus pecados constantes. Isaías foi um dos últimos profetas a oferecer ao povo, como nação, a oportunidade de arrependimento, antes de Deus enviá-lo em cativeiro. É um dos maiores profetas anunciadores da vinda do Messias; por isso, é conhecido como o profeta messiânico.

Alguns críticos querem atribuir o livro a mais de um Isaías, afirmando que os capítulos 40-66 são da autoria de um Deutero-Isaías. Entretanto, os estudiosos tradicionais aceitam um único Isaías como seu autor. Seu nome significa *salvação de Yahweh*. Não apenas era profeta, mas também historiador e estadista. Escreveu mais dois outros livros: *A vida do rei Uzias* e outro sobre Ezequias e os reis de Judá e de Israel (2 Cr 26.22; 32.32). A data do livro é de 740 a.C. Isaías era um nobre e tinha livre trânsito na corte do rei.

Foi contemporâneo de Oseias. Quando este profetizava, Isaías era um adolescente. Diz a tradição que Isaías era primo do rei Uzias. Exerceu um longo ministério durante os reinados de Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá. Passou sua vida toda em Jerusalém. Era casado e tinha dois filhos, pelo menos, que receberam nomes com significados proféticos (7.3 e 8.3). Viveu no período em que a Assíria era uma grande nação e dominava o Oriente Médio; enquanto Isaías profetizava no Reino do Sul, a Assíria invadia e levava cativo o Reino do Norte.

Anunciou sua mensagem numa época de prosperidade e de corrupção de uma minoria que oprimia o povo com muita injustiça social. Isaías pregou sobre a fé prática e sobre a confiança em Deus. Em muitas situações, exortou os reis de Judá e o povo a confiarem somente na força libertadora de Deus e a não se aliar nem com o Egito nem com a Assíria. Foi um

conselheiro dos reis, embora nem sempre fosse ouvido. Diz a tradição que foi serrado ao meio, provavelmente pelo filho do rei Ezequias, o ímpio Manassés.

Isaías também é conhecido como o profeta messiânico, pelas profecias relacionadas ao Messias. É conhecido como o profeta evangélico, pois prega mais mensagens relacionadas ao evangelho do que qualquer outro profeta do Antigo Testamento. Também foi um poeta, pois grande parte de sua profecia foi escrita em forma de poesia. Designa-se, porém, como servo de Deus, pois suas qualidades intelectuais e conhecimentos políticos foram todos utilizados para o fim último de proclamar as verdades de Deus aos reis e ao povo.

A mensagem de Isaías está direcionada a três enfoques principais, a saber:

- ☐ o povo ofendeu a Deus em sua santidade e justiça;
- ☐ Deus avisa e pede ao povo que retorne;
- ☐ aos fiéis, Deus promete a redenção.

O livro de Jeremias

A mensagem do livro de Jeremias foi dirigida ao povo, aos governantes e aos reis; significava uma mensagem do julgamento irreversível de Deus sobre Judá. É considerado o profeta chorão. A maioria do povo menosprezou essa mensagem.

Jeremias, filho de Hilquias, foi o autor do livro. Seu nome significa: Jeová estabelece. Vivia na cidade sacerdotal de Anatote, a poucos quilômetros de Jerusalém. Seu ministério durou mais ou menos 50 anos, cobrindo o reinado de cinco reis: de Josias a Zedequias. Jeremias ficou 40 anos em Judá (626 a 586 a.C.) e o restante na Babilônia e no Egito, pregando ao remanescente rebelde. Possuía um amanuense, chamado Baruque (36.4).

Jeremias, um camponês da tribo de Benjamim, do interior de Judá, foi um verdadeiro *sofredor*: quis abandonar a chamada de Deus (20.7-18); foi perseguido, severamente, pelas autoridades; sofreu muitas pressões e oposição à sua mensagem; por fim, foi levado cativo à Babilônia e depois ao Egito por um grupo de rebeldes. É uma figura impressionante, porque confia totalmente em Deus e não desiste de sua carga, mesmo sendo punido por causa da sua mensagem. Sua linhagem sacerdotal lhe dá a compreensão acerca da negligência dos sacerdotes quanto às suas responsabilidades, culpando-os pela situação precária do povo, em termos espirituais.

O pano de fundo histórico de Jeremias se encontra em II Reis 21-25. Naquela época, o reino da Assíria já estava enfraquecido e surgia outra nação poderosa: a Babilônia. Jeremias experimenta a reforma religiosa e política do rei Josias em Jerusalém, mas sofre muito sob os sucessores dele, porque luta, incansavelmente, para confiar em Deus e não em reinos passageiros. Experimenta a primeira deportação (597 a.C.) para a Babilônia e a tomada de Jerusalém pelos babilônios (587 a.C.).

O livro de Lamentações

Foi escrito justamente para lamentar a destruição da cidade de Jerusalém, após um longo período de cerco pelos babilônios. Expressa profunda dor espiritual, emocional e física. À luz da sequência dos acontecimentos em II Reis 25 e Jeremias 40-44, é provável que Jeremias tenha escrito o livro quando estava em Mizpá, em 586 a.C., depois da destruição de Jerusalém, pois há profunda tristeza e dor expressas no texto.

Os lamentos:

- ☐ o primeiro lamento descreve e explica as aflições de Jerusalém;
- ☐ o segundo descreve o desastre com maiores detalhes; a destruição foi consequência do julgamento de Deus contra o pecado;
- ☐ o terceiro descreve alguns fatores desse julgamento;
- ☐ o quarto lamento destaca algumas lições aprendidas por Jerusalém;
- ☐ o quinto fala da atitude de Jerusalém, diante do sofrimento, de buscar a misericórdia de Deus e esperar a restauração.

O livro de Ezequiel

Vivendo na Babilônia, o profeta Ezequiel alerta aos judeus ali cativos sobre o julgamento divino dos pecados de Judá e também fala da glória e da esperança no futuro. Fala também aos judeus de coração endurecido que permaneceram em Judá. A pregação no exílio tinha por objetivo manter um grupo remanescente fiel para o cumprimento dos propósitos redentores de Deus.

O autor do livro é o próprio Ezequiel, cujo nome significa *Deus fortalece*. Escreveu o livro junto ao rio Quebar, onde se reunia com os anciãos. Ezequiel recebeu o chamado de Deus para ser um profeta. Iniciou o seu ministério no quinto ano de Joaquim (605 a.C.). A data do livro é de 570 a.C., por causa de suas profecias finais (29.17).

Ezequiel profetizou numa época de humilhação profunda: o rei Nabucodonossor ameaçou e conquistou a terra de Judá, destruiu o templo e deportou o povo de Deus para a Babilônia. O profeta era casado e sua esposa morreu quando Jerusalém foi destruída (24.18). Viveu nos dias de Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias. Foi contemporâneo de Jeremias.

Ezequiel recebeu as suas mensagens por meio de visões (capítulos 1 a 3; 8 a 11; 37; 40 – 48) e anunciou a vontade de Deus por meio de palavras, de alegorias, de ações e de relações simbólicas. Esses meios de revelação aparecem em Ezequiel, muito bem elaborados, com detalhes importantes. Suas profecias são muito bem colocadas historicamente, pois registrou datas em suas pregações (1.1,2; 8.1; 20.1; 24.1; 26.1; 29.1 etc.).

O conteúdo de suas mensagens é simples, conforme se pode ver abaixo:

- O fracasso do sistema político de Israel e de Judá tem a ver com o pecado individual e coletivo do povo de Deus – esse sistema se corrompeu totalmente e se distanciou da Lei de Deus;
- Não basta criar umas poucas reformas; é preciso se converter profundamente a *Yahweh* e, a partir daí, construir uma nova sociedade – esse é o projeto de Deus (37).

O livro de Daniel

Não foi escrito apenas para os exilados na Babilônia, mas para todo o Israel de Deus. Lembra ao povo que Deus não encerrara seu concerto com eles; nos acontecimentos futuros, Israel está dentro dos planos de Deus. O livro é conhecido como o Apocalipse do Antigo Testamento.

Daniel, autor do livro, viveu na Babilônia entre 605 e 536 a.C. Não foi apenas profeta, mas um grande estadista. O livro foi escrito, provavelmente, no final desse período. Embora os

estudiosos mais modernos queiram colocar o livro numa data mais recente, os manuscritos do Mar Morto confirmam a posição dos biblistas tradicionais. Ezequiel referiu-se a Daniel (14.14, 20; 28.3). Jesus Cristo (Mt 24.15), também, mencionou o profeta.

O livro do profeta é um escrito apocalíptico com imagens e com ideias estranhas, mas o profeta explica o significado das visões que recebe. As visões apocalípticas servem para alcançar esta finalidade: o nosso Deus tem toda capacidade de superar todos os poderes, por maiores que sejam. Os poderes de hoje são frágeis e prontos para serem derrubados. Embora fale do futuro, quer encorajar a fidelidade e a perseverança da própria identidade religiosa, no presente, e nutrir a esperança em relação ao futuro.

O livro fala de acontecimentos na corte do rei Nabucodonossor da Babilônia, no tempo em que o povo de Deus estava ali cativo. O jovem Daniel fora levado para lá ainda adolescente e viveu lá até o final de sua vida. Não somente fala do ministério de Daniel, mas de sua pessoa, destacando sua devoção ao Senhor, sua lealdade e seu dedicado serviço ao Senhor em terra estrangeira, através de seu dom de interpretação dos sonhos e de sua palavra de sabedoria. Por causa de sua fidelidade, Deus permitiu que se destacasse no império e assumisse posição de grande importância: era a segunda pessoa do reino; portanto, abaixo somente do rei.

Profetas menores

É importante ressaltar que os Profetas Menores, cujos livros estão em nossas Bíblias, exerceram seu ministério no período dos reis, até o cativeiro e depois dele. Alguns profetizaram no Reino do Norte e outros, no do Sul. Alertavam os governantes e o povo acerca de seus pecados, do juízo iminente, da necessidade de arrependimento; também proporcionavam esperança ao povo, divisando um tempo de restauração que ocorreu no tempo de Esdras e de Neemias. Essa esperança, em Daniel, estende-se até os confins dos tempos, aguardando o Dia do Senhor, o apocalipse.

Os Profetas Menores são assim designados não por serem menos importantes, mas porque seus livros contêm menos capítulos. A ordem dos comentários segue a mesma que está em nossas Bíblias, embora não seja a ordem cronológica da atuação desses profetas.

O livro de Oseias

Foi a última profecia ao Reino do Norte, antes de sua destruição. Objetivava resgatar algumas pessoas de sua vida de desobediência a Deus. A mensagem de juízo se cumpriria dentro de alguns anos. O que se conhece de Oseias é a informação encontrada no próprio livro: filho de Beeri; profetizou nos dias do rei Jeroboão II, de Israel, quando em Judá reinavam Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias. Era casado e teve filhos (1.1-9; 3.1-3). A data provável de sua profecia é 750 a.C.

O nome Oseias significa *salvação* e corresponde a Josué. Na vida do profeta Oseias, misturam-se, inseparavelmente, a sua mensagem e a sua vida pessoal: casou-se com uma mulher, Gômer, que o abandonou; não obstante, continuou amando-a e a recebeu de novo. Os filhos de Oseias receberam nomes que simbolizavam o julgamento de Deus: Jizreel – *Deus espalha* (1.4,5), Lo-Ruama – *Desprezado* (1.6,7) e Lo-Ami – *Não é meu povo* (1.8,9). É provável que o ministério de Oseias fosse contemporâneo ao de Amós, no Norte, e ao de Isaías e de Miqueias, no Sul. Foi, inclusive, influenciado por Amós.

O contexto de sua mensagem encontra-se em II Reis 14 a 17, onde se lê que houve expansão territorial e econômica, durante o reinado de Jeroboão II (786-746 a.C.); voltou-se ao culto a Baal, banido por Jeú (2 Re 10). Depois que Jeroboão morreu, sucederam-no cinco reis até 722 a.C., quando o Reino do Norte foi destruído e o povo foi levado cativo à Assíria. Desses cinco reis, apenas um morreu de morte natural; os outros foram assassinados. A decadência moral e espiritual do povo se assemelhava às nações que haviam sido expulsas por Josué.

O livro de Joel

A profecia é destinada a Judá, o Reino do Sul. Joel vivia no centro do culto público, em Jerusalém, e dirigia-se aos sacerdotes que ali ministravam. Quando fala Israel, refere-se ao povo de Deus e não ao Reino do Norte. O autor é Joel, filho de Petuel (1.1), de quem pouco se conhece. Parece que não pertencia à classe sacerdotal, pois se dirige aos sacerdotes como não pertencendo ao grupo (2.17). Joel não se refere a rei algum, por isso fica mais difícil determinar a data da profecia. Provavelmente, é de 830 a.C. Essa data é determinada a partir de uma comparação com a profecia de Amós, que parece ter utilizado a parte final de Joel para introduzir a sua profecia (Jl 3.16; Am 1.2 e Jl 3.18; Am 9.13).

O significado do nome é *Jeová é Deus*, nome muito comum nos tempos do Antigo Testamento; sua profecia está voltada para Jerusalém, para o culto, para o templo, para os sacerdotes. Se a data da profecia é, de fato, 830 a.C., quem reinava era o rei Joás, piedoso, temente a Deus. Esse rei fora apoiado pelo sacerdote Joiada, grande homem de Deus (II Cr 23.1 a 24.14).

Uma praga de gafanhotos serve ao profeta como imagem de um exército inimigo; a praga se torna apenas uma comparação para exemplificar o *Grande Dia*, o *Dia de Javé*, no qual será feito o julgamento por Deus. Por isso é conhecido como o profeta do Dia do Senhor. O julgamento, porém, não é a última palavra: o povo alcançaria, pelo arrependimento e pelo jejum, a misericórdia de Deus e, por isso, esse *Dia de Javé*, também, seria o dia da recuperação e salvação.

O livro de Amós

Embora o profeta Amós fosse natural do Sul, Deus o chamou para profetizar ao Norte, que estava envolvido na adoração aos bezerros de ouro. Uma das cidades em que pregou foi Betel, um dos centros de cultos idólatras. Apregoa uma justiça prática resultante da autenticidade da vida religiosa.

Amós não se considerava profeta, nem era filho de profeta. Era boiadeiro e cultivador de sicômoros (Am 1.1; 7.14,15). Era de Tecoa, a vinte quilômetros de Jerusalém. Seu ministério profético ocorreu durante o reinado de Uzias e de Jeroboão II, isto é, entre 787 e 746 a.C. A data do livro é de 760 a.C. Estêvão referiu-se a Amós, confirmando sua autoria (At 7.42,43).

O nome Amós significa *Sustentado*. Criava e apascentava, principalmente, carneiros nos desertos de Tecoa. Cultivava sicômoros, figueira brava, alimento para os pobres. Cultivador pôde referir-se à atividade da poda das árvores ou à de espremer os figos para que amadurecessem mais depressa. Visitando Betel, para vender seu produto, Amós entrou em contato com a vida de pecados do povo.

Sob Jeroboão II, o Reino do Norte estava rico e próspero; não havia guerras. A nação enveredara pela idolatria e pela corrupção moral. Os ricos oprimiam os pobres e, até mesmo, os vendiam como escravos. Havia muita injustiça social. Amós pregou de maneira enérgica, repreendendo o povo, o sacerdote, o rei, e declarando o julgamento divino.

A mensagem desse profeta merece a nossa atenção especial porque ele denuncia, duramente, as distorções dentro da sociedade de Israel: a opressão do povo pelos ricos e poderosos; o suborno na justiça; a violência contra os pobres; a hipocrisia da vida cultural e a corrupção. Elias e Eliseu haviam profetizado entre eles, mas não adiantou: afastaram-se do verdadeiro Deus.

O livro de Obadias

A mensagem da profecia de Obadias dirigia-se aos edomitas, vizinhos de Israel. Eram descendentes de Esaú e eram hostis aos descendentes de Jacó (o povo de Israel). Recebe o nome de Abdias em algumas versões da Bíblia. Era um profeta desconhecido, pois não há informações em seu livro acerca de sua descendência, local de nascimento, período em que profetizou. Atribui-se a data de 845 a.C. ao livro, o que significa que foi o mais antigo dos profetas. A chave para a data está nos versículos 10 a 14. Esse acontecimento pode ser aquele narrado em II Reis 8.20-22 e II Crônicas 21.8-17, nos dias do rei Jorão, isto é, em 845 a.C. Há evidências, também, em Jeremias, Amós e Joel, profetas que mostram sua familiaridade com Obadias. Outra data provável é 587 a.C., quando o povo de Judá estava sendo levado para o cativeiro, uma vez que os edomitas são mencionados como aliados de Nabucodonosor (Sl 137.7; Lm 4.21,22; Ez 25.12-14; 35.5-7).

Obadias é o mais curto dos livros proféticos. Seu nome significa *O que adora a Jeová*. O nome era comum no Antigo Testamento, tanto que 13 pessoas recebem esse nome.

Se aceitarmos a data de 845 a.C., Obadias pregou nos dias de Jorão, rei de Judá. Foi um rei malvado; por causa de sua maldade, Deus permitiu que Edom se rebelasse. Deus julga Edom por seus pecados de soberba e pelos danos causados a Judá. Os edomitas consideravam-se seguros pelos desfiladeiros e posição estratégica de sua capital. Entretanto, Obadias deixa clara a sua destruição. Deus daria o seu território, mais tarde, a Judá.

A profecia contra Edom se cumpriria quatro anos depois da destruição de Jerusalém. O território foi destruído pelos babilônios.

O livro de Jonas

Deus também deseja a salvação dos gentios e lhes estende a sua graça. Ensina contra o preconceito de raça, comum entre os judeus. Deus escolheu a nação de Israel, mas não desprezou as outras. Pela informação do próprio livro, Jonas, filho de Amitai, é o seu autor (1.1). Era profeta no Reino do Norte, no tempo de Jeroboão II (II Re 14.25). Era natural de Gate-Hefer, uma vila que ficava a uns cinco quilômetros de Nazaré, ao Norte de Israel. A data do livro é de 780 a.C.

Jonas foi um profeta autêntico que não escondeu seu preconceito nacionalista, sua dificuldade em aceitar a misericórdia de Deus para com os gentios e a consequente conversão deles. O que ele temia é que Deus fosse misericordioso, também, com essa capital mundial que derramara tanta miséria e humilhação em Israel. O profeta não errou: Deus fora misericordioso com Nínive, com os homens e com os animais.

Jonas é um livro profético especial: descreve, de forma poética, que Deus quer que todos sejam salvos. É biográfico, no sentido de que Deus começa e termina falando com o profeta que narra sua experiência. Conta uma história real e não uma alegoria; prova disso é que Jesus mesmo referiu-se a ela (Mt 12.39,40; 16.4; Lc 11.29,30).

É um ensinamento contra todo particularismo e, também, *nacionalismo*, seja religioso ou político – a misericórdia de Deus estende-se mesmo ao inimigo mais odiado de Israel!

O livro de Miqueias

Este profeta denuncia os líderes pela opressão aos pobres e por utilizarem sua posição em seu próprio benefício. Proclamou o juízo próximo contra Judá, Reino do Sul. A esperança do povo estaria vinculada ao Messias. O profeta Miqueias, morastita (1.1), que atuou de 738 a 698 a.C., é o autor do livro. A data do livro é de 735 a. C.

Miqueias significa *Quem é como Yahweh*. Era um camponês que morava em Moresete-Gate, cidade perto de Gate, no norte da Filístia, a 32 quilômetros de Jerusalém. Pouco se sabe a seu respeito, exceto que profetizou durante os reinados de Jotão, Acaz e Ezequias; foi contemporâneo de Isaías e Oseias. Seu ministério centrou-se no Reino do Sul; certamente influenciou Ezequias em suas decisões. As mensagens de Miqueias e de Isaías eram

semelhantes, mas os auditórios, diferentes: Isaías pregou à corte; Miqueias, ao povo (Mq 4.1-3, 5.2-4 com Is 2.2-4 e 9.6,7).

Utilizou uma linguagem bem concreta, até mesmo brutal, com imagens e jogos de palavras. Apontou os pecados morais e as faltas religiosas; condenou os ricos sem misericórdia e os crentes sem compaixão; os comerciantes fraudulentos; as famílias divididas; os profetas e os sacerdotes gananciosos, os chefes tirânicos e os juízes corruptos. O contrário de todas essas atitudes indignas seria esta atitude: *praticar o direito, gostar do amor e caminhar humildemente com Deus* (6.8) – um resumo preciso e impressionante de tudo o que Deus quer.

O livro de Naum

Esse profeta relata o juízo sobre uma nação que fazia o que não era correto aos olhos de Deus. Há 100 anos, havia ouvido a mensagem através de Jonas, havia se arrependido, mas agora os seus pecados traziam a condenação de Deus, justo juiz de todas as nações.

Naum não é mencionado em outro lugar. Chama-se de elcosita, nascido em Elcos, uma aldeia na própria Assíria ou perto de Jerusalém. A provável data do livro é entre 650 e 615 a.C., embora Naum não se tenha referido a rei algum. O juízo declarado contra a Assíria ocorreria em 612 a.C.; Naum também fala da destruição da cidade de Tebas, que ocorreu em 663 a.C. (3.8-10).

Naum significa *confortado por Yahweh*. Quando profetizou, o Reino do Norte já havia sido destruído pela Assíria. O cativo de Judá estava próximo. A Assíria não aproveitou a chance que lhe fora dada por Deus, através de Jonas, e voltou a pecar contra Ele.

Nínive, capital de Assíria, dominou o Oriente Médio durante 150 anos, mas, em 612 a.C., os babilônios conquistaram esse símbolo da opressão e da crueldade. O profeta vê a queda de Nínive, com toda a paixão contra o inimigo hereditário, poucos anos antes desse acontecimento histórico.

Judá se encontrava dominada pela Assíria, que lhe impunha tributos excessivos, pesada escravidão. Judá havia procurado aliança com outras nações e abandonado a promessa de Deus. Por isso, a vida nacional e a espiritual do povo definhavam, pouco a pouco. Nesse contexto, surge a voz de Naum, afirmando que Nínive cairá.

O livro de Habacuque

A mensagem profética relaciona a santidade e a paciência de Deus com a questão do pecado. Através de um diálogo com Deus, o profeta Habacuque questiona sobre a pecaminosidade do povo de Judá.

O autor é Habacuque (1.1) que se denomina profeta; parece que era aceito como tal, pois Deus manda que grave sua mensagem em tábuas. Não é identificado pela linhagem familiar e nem pelo local de nascimento. A data provável é 609 a.C., pois o ministério de Habacuque foi anterior à invasão babilônica na Palestina, talvez na época do rei Joaquim.

Seu nome significa *Lutador*. Foi contemporâneo dos profetas Jeremias, Naum e Sofonias – por volta do ano 612 a.C. Um novo poder político – os babilônios – um povo cruel, iria derrotar a Assíria, mas já existia o perigo de, também, destruir Jerusalém. Entretanto, a Babilônia também seria condenada por Deus, assim como fora a Assíria. De fato, a profecia se cumpriu nos dias de Alexandre Magno, que derrotou o império caldeu.

Enquanto os outros profetas se dirigiam da parte de Deus para o povo, Habacuque se dirige a Deus, da parte do povo. Os babilônios eram pecadores; haveria julgamento para eles? O profeta pergunta a Deus: *Onde está a sua justiça? Como ficaria impassível enquanto uma nação ímpia estava dominando um povo mais justo do que ela?* (1.13). A resposta de Deus é clara: haveria destruição da Babilônia também (2.6-20). *O justo viveria por sua fidelidade* (2.4). Um salmo conclui essa luta pela justiça de Deus (3).

O livro de Sofonias

O objetivo da profecia de Sofonias é ajudar o rei Josias a fazer Judá voltar-se a Deus. Entretanto, estava tarde para Judá, pois o julgamento já estava se aproximando, embora alguns pudessem ser salvos. Sofonias era descendente do rei Ezequias (1.1) e parente do rei Josias. A data da profecia é 635 a.C.

Sofonias significa *Jeová guardou*. Profetizou poucos anos antes de Jeremias. Foi contemporâneo, também, de Habacuque. Antes do rei Josias, Manassés fora o rei mais ímpio de Judá; reinou durante 55 anos (II Re 21.1-18). Por causa desse rei, Deus pronunciou um juízo irreversível, pois Judá nunca mais voltaria a ser como antes: o mal se impregnará no povo de

modo a não mais retornar a Deus. Nem mesmo a reforma efetuada pelo rei Josias pôde mudar a situação. Os três profetas não puderam reverter o castigo iminente.

O tema predominante é o *Dia do Senhor* – um acontecimento que destruiria todas as nações, mas também Judá, por suas falhas morais e religiosas. A expressão *Dia do Senhor* aparece sete vezes no livro; se incluirmos o *dia*, totalizam 13 vezes. Esse dia seria iminente, haveria juízo pelo pecado, seria um tempo de terror, haveria grandes convulsões na natureza, somente sobreviveria um remanescente. Sofonias pensou, profundamente, sobre o pecado e assim tirou suas conclusões: salvação só para um *resto* humilde e modesto (3.12,13).

O livro de Ageu

A profecia de Ageu é uma chamada ao povo para voltar às prioridades divinas. É uma mensagem aos líderes e ao povo que voltava para Jerusalém, após o exílio babilônico⁴⁰. Estimula a reconstrução do templo e adverte contra a desobediência. O profeta Ageu foi o primeiro profeta pós-exílico, em meio ao remanescente de Judá. Viera com o primeiro grupo. É identificado como o profeta (1.1; Ed 5.1; 6.14). O ano da profecia é 520 a.C., mais ou menos 15 anos após o retorno.

Ageu foi contemporâneo de Zacarias. Também é chamado de *enviado do Senhor* (1.13). Sua linguagem é simples, mas profunda, o que o torna um grande profeta. Era idoso (2.3), pois contemplou o templo antes de sua destruição. Coloca datas em sua profecia de modo que se pode localizá-las no tempo. Sabemos exatamente o período da atividade de Ageu: de agosto a dezembro do ano 520 a. C.

⁴⁰ Os profetas Ageu, Zacarias e Malaquias foram os últimos profetas de Israel e pregaram após o retorno dos judeus a Jerusalém. Como a nação de Israel não foi fiel a Deus, inicialmente, Deus permitiu a sua divisão em Reino do Norte e Reino do Sul, conforme já sabemos. Nos livros dos reis, está relatada essa divisão. Depois dela, o Reino do Norte foi levado pela Assíria e, anos depois, o do Sul, pela Babilônia. Mas o profeta Jeremias, que advertiu sobre o cativo, disse que o povo ficaria na Babilônia apenas por 70 anos e, depois disso, retornaria. Dessa forma, temos os profetas que profetizaram antes do exílio, e advertiram o povo para evitá-lo, durante o exílio e após o exílio. Conforme apontamos anteriormente, Ageu, Zacarias e Malaquias profetizaram após o retorno do exílio. Daniel e Ezequiel profetizaram durante o exílio e, portanto, todos os outros profetas desenvolveram seus ministérios antes do exílio. É esse conhecimento da grandeza e da fidelidade de Deus que nos sustenta nos momentos difíceis da nossa fé. É esse conhecimento que nos faz ter a certeza de que vale a pena ser fiel a Deus, pois Ele, de fato, exige o cumprimento da sua Lei, mesmo sendo altamente misericordioso até com aqueles que foram cruéis com seu povo, como foi o caso dos ninivitas. Deus os perdoou, na ocasião da pregação do profeta Jonas, entretanto, cerca de 100 anos depois, voltando às mesmas maldades, foram realmente destruídos, conforme profetizou o profeta Naum. O discípulo de Jesus, necessariamente, deve conhecer o modo como Deus age: com amor e misericórdia, mas também com justiça. Tendo alcançado o limite da dureza de coração, o amor de Deus já não pode agir, visto que, na condição de justo, necessariamente, deve condenar o injusto. Nossas fraquezas sempre serão perdoadas por Deus, mas nossa rebeldia e obstinação, não.

Os primeiros judeus já haviam retornado da Babilônia para reconstruir o templo; as casas deveriam ser reconstruídas; os campos deveriam ser semeados; a vida civil e a política deveriam ser organizadas. Esdras e Neemias cooperaram para tanto. Eram 50 mil pessoas, mais ou menos, que responderam ao convite de Ciro. Os inimigos do povo começaram a desanimá-lo e a coragem e a vontade iniciais foram fenecendo. Ageu (e Zacarias) encorajaria, fortemente, a continuação das obras. Com a reconstrução do templo, o profeta esperava um reavivamento da religiosidade judaica.

Com Ageu, começa o último período profético, posterior ao exílio. A mudança dos conteúdos das mensagens é significativa:

- ☐ Antes do exílio, prevaleceu o anúncio do castigo;
- ☐ Durante o exílio, a consolação e a esperança;
- ☐ Depois do exílio, a exortação à restauração.

O livro de Zacarias

A profecia é dirigida aos judeus que retornaram a Jerusalém e haviam recomeçado a reconstrução do templo; a mensagem agora é de conforto e de promessa quanto às futuras bênçãos sobre a nação, para encher o povo de valor e esperança.

Zacarias se identificou como o autor da profecia (1.1); era filho de Baraquias, filho de Ido. Segundo Neemias 12.4, 16, Ido era um dos sacerdotes que regressaram a Judá; Zacarias era outro sacerdote chamado ao ofício profético. A profecia é de 520-518 a.C., pois Zacarias também data suas profecias. Em Esdras 5.1 e 6.14, Zacarias aparece ao lado de Ageu. Enquanto Ageu é mais prático em suas colocações, Zacarias fala mais da parte espiritual; sua linguagem é mais apocalíptica.

Zacarias começou sua profecia com um alerta sobre a atitude do passado e do presente. Seguem-se oito visões, de cunho apocalíptico, recebidas numa única noite; para sua interpretação, Zacarias precisa do auxílio de um anjo. No final das visões, há a coroação de Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote, como símbolo do aparecimento do Messias, grande sacerdote e rei.

Depois das visões, a profecia traz mensagens de restauração, de exortação e de esperança da presença do Messias. Seria necessário cuidar da vida espiritual para que não se

degenerasse numa religiosidade exterior e ritualista. Na parte final, há sentenças pesadas acerca dos povos opressores do povo de Deus, mas há, também, mensagens que contemplam a glória de Jerusalém; são mensagens que apontam para o futuro, cumprindo-se em Jesus Cristo. Pela grande quantidade de temas abordados por Zacarias, este profeta poderia ser colocado entre os profetas maiores. Fala do tempo dos gentios, da vinda do Messias e dos dias gloriosos do reino. Eram mensagens de esperança para um povo vulnerável e frágil, recém chegado do cativeiro; um povo que estava reiniciando a vida nacional.

O livro de Malaquias

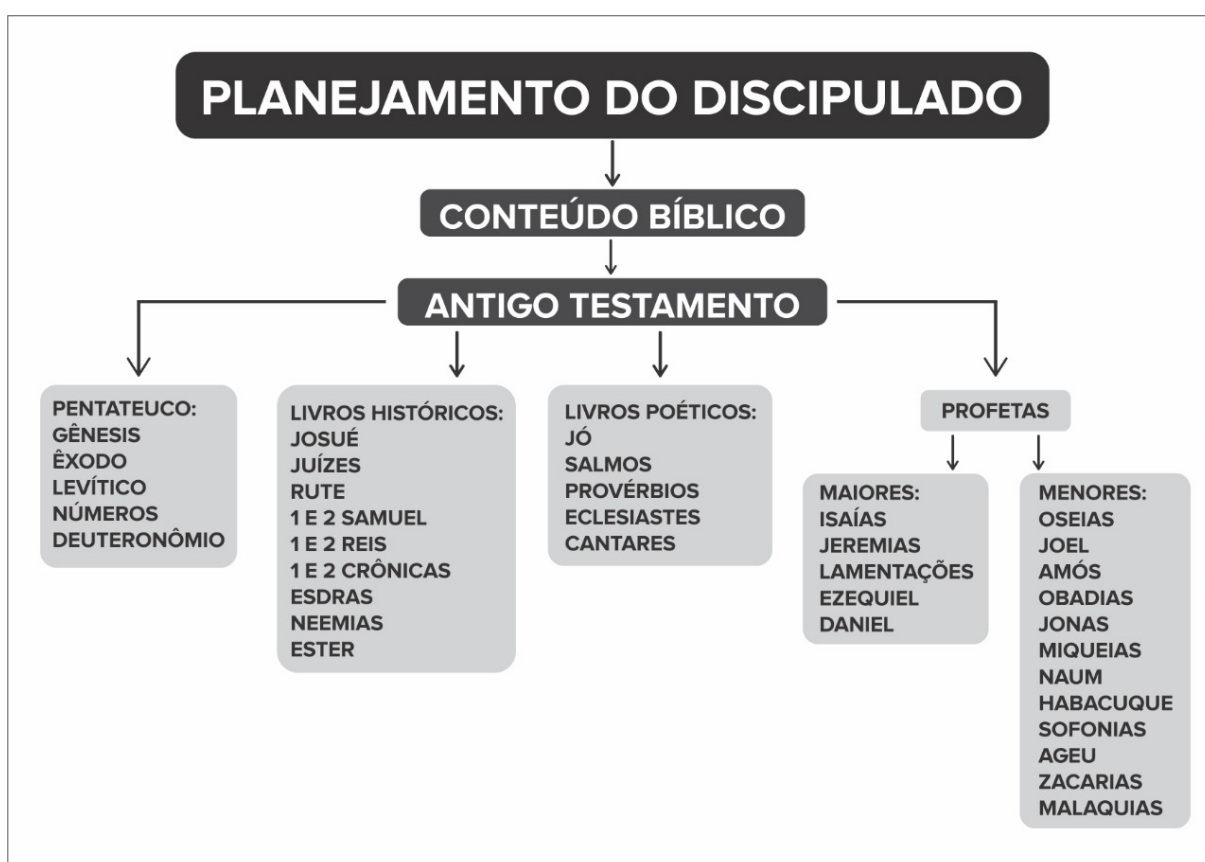
A profecia é uma mensagem aos príncipes, aos sacerdotes e ao povo de Jerusalém, exortando-os a que levassem a sério a Deus e assim seus caminhos seriam corrigidos. O autor do livro é Malaquias, cujo nome significa *Meu mensageiro*. Alguns estudiosos pensam que não era propriamente um nome, mas um enviado do Senhor. Entretanto, uma vez preservado no Cânon, é mais certo que Malaquias fosse, realmente, o nome de seu autor. Pelas evidências internas, conclui-se que o ano da profecia foi o de 430 a.C.

Provavelmente, Malaquias exerceu seu ministério no tempo de Neemias, pois se referiram a questões semelhantes, como o fato de o templo estar pronto, mas ser mal utilizado (Ml 1.7-10 e Ne 3.10); o de haver corrupção do sacerdócio (Ml 1.7-2.9 e Ne 13.1-9) e o de haver casamentos mistos (Ml 2.11-16 e Ne 13.23-28). O ministério de Malaquias deu-se um pouco depois de Neemias ou no período em que este esteve ausente de Jerusalém. Malaquias foi o último profeta antes dos séculos de silêncio.

No período pós-exílico, o povo voltou à sua vida normal. O povo pensava que a reconstrução do templo satisfaria a Deus; o povo poderia viver de maneira imoral, por exemplo, com matrimônios mistos. O profeta exorta o povo a começar a levar a sério a vontade de Deus, tendo um comportamento de respeito e de amor (1.6) e um relacionamento social baseado na justiça (3.4-5).

A base de toda a Palavra de Deus é o amor e uma vida santa, dedicada a Deus. Os judeus tiveram dificuldades de compreender isso porque pensavam que, por terem sido escolhidos por Deus, poderiam viver de qualquer forma e Deus, ao final das contas, teria misericórdia deles e não destruiria a nação de Israel. A história nos evidencia que estavam enganados. O compromisso de Deus é o com a sua Palavra. Da mesma forma, muitos cristãos ficam confiados

na misericórdia e no amor de Deus. Sendo tão grande, enviou seu Filho para morrer no lugar dos pecadores. Isso é fato, Deus provou seu amor pela humanidade quando enviou seu Filho, mas as exigências dele continuam as mesmas. Ele quer ser amado acima de todas as coisas e quer nos amemos uns aos outros. Além disso, deseja que seu nome seja glorificado por meio das boas obras que realizamos e que todas as tribos, povos e nações conheçam o seu nome por meio da nossa pregação do evangelho. É essa a compreensão que um discípulo de Jesus deve ter e é responsabilidade do discipulador dar-lhe esse entendimento.



CAPÍTULO V

O PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO: o conteúdo bíblico – Novo Testamento

Introdução ao Novo Testamento: essência e abordagem de cada livro

Conforme temos apontado, há, entre o Antigo e o Novo Testamento, uma unidade e, em linhas gerais, estamos evidenciando-a. A mensagem do Novo Testamento é a revelação da Nova Aliança exposta por meio das palavras de Jesus Cristo e dos seus discípulos àqueles aos quais ele enviou. O Novo Testamento é formado por vinte e sete obras distintas, de nove autores diferentes. Foi escrito num período de pouco mais de meio século, provavelmente nos princípios de 45 d.C. até cerca do ano 100 d.C. As alusões históricas que nele ocorrem dizem respeito a todo o primeiro século e o seu fundo de pensamento cultural recua até ao século IV ou V a.C.

Novo Testamento e sua estrutura

Seus 27 livros estão divididos em quatro grupos de acordo com o assunto a que pertencem:

- a) *Biográficos*. São os quatro evangelhos. Retratam a vida terrena do Senhor Jesus e o seu ministério;
- b) *Histórico*. É o livro de Atos dos Apóstolos. Retrata a história da igreja primitiva;
- c) *Epistolares*. São 21 cartas: de Romanos a Judas. Contêm a doutrina da igreja. Dessas, 13 são paulinas e 7 são consideradas universais, apesar de que, a segunda e a terceira epístolas de João são endereçadas a indivíduos;
- d) *Profético*. Livro de Apocalipse ou Revelação. Retrata a volta do Senhor Jesus e o que acontecerá posteriormente.

Autores

Todos eram judeus, exceto Lucas (gentio que falava o grego). Mateus, Pedro e João faziam parte do grupo dos doze. Marcos, Judas e Tiago tinham trabalhado na igreja primitiva, e estado em contato com o grupo apostólico, ainda antes da morte de Jesus. Lucas e Paulo,

apesar de não terem sido testemunhas oculares da vida de Cristo, eram bem conhecidos dos que o foram e podiam conferir com estes os seus escritos.

OS EVANGELHOS

O EVANGELHO DE MATEUS

Por que há quatro evangelhos? Isso pode ser explicado facilmente pelo fato de ter havido, nos tempos apostólicos, quatro classes representativas do povo: os judeus, os romanos, os gregos e esse corpo tomado de todas as três classes – a igreja, assim como são quatro os cantos da Terra em que vivemos – Norte, Sul, Leste e Oeste.

O tema central desse evangelho é Jesus, o Rei Messias (Mt 27.37). Mateus, escrevendo aos judeus e conhecendo as suas grandes esperanças, apresenta Jesus como o único que cumpre as escrituras do Antigo Testamento em relação ao Messias. Por meio de numerosas citações do Antigo Testamento, ele mostra o que o Messias deve ser. A repetição frequente das palavras *reino* e *reino dos céus* revela outro tema importante do evangelho de Mateus, ou seja, a Constituição, as leis do Reino de Deus. Atribui-se a autoria deste evangelho a Mateus Levi, um coletor de impostos do governo romano que foi chamado pelo Senhor para ser seu discípulo e apóstolo (Mt 9.9; Mc 2.13-14; Lc 5.27-28).

Evidentemente, o livro foi escrito para toda a humanidade em geral, mas para os judeus em particular. E a intenção de ser dirigido aos judeus, vê-se pelos seguintes fatos:

- a) o grande número de citações do Antigo Testamento – cerca de sessenta. Porque alguém que prega aos judeus deve provar a sua doutrina pelas Escrituras;
- b) as primeiras palavras do livro são a genealogia de Jesus Cristo. Somente a um povo que dava imensa importância a isso, poderia ser destinado tal evangelho;
- c) a ausência geral de explicações dos costumes judaicos demonstra que o evangelista escreveu a um povo familiarizado com os mesmos.

Entre todos os evangelistas, Mateus é aquele que arranjou o seu Evangelho de maneira didática, intercalando narrativas e discursos; os discursos são o esboço das narrativas, que se referem às ações, às curas, aos milagres e a outros feitos de Jesus. Mateus apresenta as palavras de Jesus agrupadas em seis grandes discursos: o Sermão do Monte (5-7); o envio em missão (10); as parábolas (13); a vida em comunidade (18); aos fariseus (23); e o discurso sobre a vinda do Filho do Homem (24, 25). O coração de Mateus bate fortemente pelos judeus, mas tem uma

visão cristã universalista: a salvação só é alcançada dentro da igreja cristã (16:18ss; 18.17ss); o evangelho atravessa as limitações de Israel e abrange todos os povos (21.19, 40-46; 8.10-12; 22.7, 11-14; 24.25).

No primeiro e no último capítulo do seu Evangelho, Mateus apresenta Jesus como *Emanuel* (1.23; 28.20), que significa *Deus está conosco*; nas ações e palavras de Jesus, o próprio Deus está presente. No final do Evangelho, Jesus se despede dos seus discípulos com uma promessa: *Estarei convosco até a consumação dos séculos*.

Uma palavra-chave desse evangelho é *justiça* – palavra e comportamento fundamental do povo do Antigo Testamento – mas o novo povo de Deus precisa cumprir mais: *Se a vossa justiça não exceder em muito à dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus* (5.20).

Precisamos levar os novos discípulos a compreenderem que a vinda de Jesus dá continuidade aos mistérios de Deus, ocultos desde a eternidade, antes da fundação do mundo (Ef 1.4) e, por isso, Jesus não veio para destruir a Lei: “não cuideis que vim destruir a lei ou profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido” (Mt 5.18,18). Na realidade, Jesus cumpriu todas as exigências na Lei de Deus e, por ter pagado a dívida da humanidade de uma vez por todas, fez alguns ajustes na Lei. O novo nascimento é ensinado de forma explícita no Novo Testamento. Toda a base da Lei e dos profetas, ou seja, do Antigo Testamento e do Novo, é o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Se tivermos esse amor, não teremos dificuldades em cumprir os ensinamentos dos profetas, de Jesus, de Paulo, que estão descritos na Bíblia. Se esse amor é verdadeiro, poderemos facilmente cumprir este ensinamento: “tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas” (Mt 7. 12). Precisamos entender que Deus não deseja mais que conquistemos, pelas armas, uma terra específica! Portanto, não temos mais esse tipo de batalha. Nossa armadura agora é outra: “ revesti-vos de toda armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo” (Ef 6.11). Nossa batalha é contra o nosso coração enganoso. Ele mente para nós, nós acreditamos e, por isso, nos distanciamos de Deus. Por isso começamos este curso com as exigências e as responsabilidades da nossa chamada, pois Jesus faz questão delas, basta lermos bem os evangelhos e as cartas. Nós, que nos dispusemos a aprender com Jesus que é manso e humilde de coração, somente encontraremos descanso para nossas almas se realmente aprendermos com Ele e permitirmos que sejamos, de fato, transformados pela Palavra que Ele nos ensinou (Mt 11. 28-30). Nós precisamos ter o espírito quebrantado, sermos mansos, termos fome e sede de justiça, sermos misericordiosos, limpos de

coração, pacificadores, temos que sofrer perseguição por causa da justiça e não por causa dos nossos erros, temos que nos alegrar quando formos perseguidos (Mt 5. 3-12). Os ensinamentos de Jesus nos capítulos 5, 6 e 7 de Mateus são a base da Lei do Reino de Deus, cuja essência é o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. O discípulo precisa aprender a seriedade da Palavra de Deus. Ela é eterna e, necessariamente, se cumpre nas nossas vidas, quer acreditemos, quer não: “os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt 24.35).

O EVANGELHO DE MARCOS

A mãe de Marcos, Maria, nascida, aparentemente, numa família rica, era uma figura importante na igreja de Jerusalém (At 12.12). Pedro o chama de filho (1 Pe 5.13), sugerindo que ele conduzira Marcos ao Senhor, e estava com ele quando este escreveu sua primeira epístola. Marcos viajou a Antioquia com Paulo e seu primo Barnabé, acompanhando-os na primeira viagem missionária (At 12.25; 13.5 – João era o seu nome hebreu; Marcos, o latino). Marcos demonstrou ser útil a Paulo e o ajudou durante o tempo em que esteve em prisão domiciliar em Roma (Cl 4.10, Fl 24), apesar de sua deserção (At 15.38-40). Marcos, provavelmente, aprendeu com Pedro sobre a vida de Cristo. Portanto, a tradição é bem segura e unânime em atribuir o segundo evangelho a Marcos, como intérprete de Pedro, escrevendo o que este lhe contara das palavras e dos feitos de Jesus. Durante a segunda prisão de Paulo em Roma, ele pediu a visita de Marcos (II Tm 4.11), mostrando, assim, que um fracasso, ou seja, Marcos não quis prosseguir na primeira viagem missionária (At 13. 13), nem sempre impede a utilidade da pessoa para sempre.

Marcos escreveu aos gentios, possivelmente aos romanos, e temos, portanto, explicações de costumes judaicos para pessoas que não os entendiam (7.3). Temos, também, explicações de palavras judaicas (3.17; 5.41; 7.11, 34). Notamos ainda o uso de palavras latinas como *legião* e *centurião*. Para o gentio, a genealogia de Jesus não teria interesse e, portanto, Marcos começa logo com o relato do ministério de Jesus. O romano se interessava mais pela ação do que o ensino, e é interessante notar que a metade do livro de Marcos é narrativa e metade ensinamentos e discursos, enquanto que nos demais evangelhos, os ensinamentos de Cristo ocupam uma proporção bem maior: em Mateus três quartos do todo; em Lucas, dois terços; em João, cinco sextos do total. Portanto, trata-se de um livro de ação, a palavra *imediatamente* aparece mais de 40 vezes. É, geralmente, aceito que esse evangelho foi o primeiro a ser escrito, provavelmente, entre 50-65 d.C.

Cristo – o Servo (Mc 10.45). No entanto, devemos lembrar que, enquanto Cristo como Servo é a ênfase de Marcos, o evangelista nunca se esqueceu de que Jesus é o Filho de Deus, conforme mencionado no primeiro versículo do livro.

Pode-se concluir que Marcos escreveu para leitores não judeus porque explica costumes judaicos, utiliza expressões aramaicas e muitas expressões latinas.

Marcos não se preocupou com os discursos de Jesus, mas com sua atividade; por isso, o estilo do evangelista é direto e breve. Mais de quarenta vezes, afirma que algo sucedeu *em seguida*; por 150 vezes emprega o tempo *presente histórico* ou *gerúndio* do verbo, modo mais enérgico de narrar um acontecimento: “Vendo-lhes a fé...”; “Tendo Jesus ouvido isto...”; “Olhando-os ao redor...” (2.5; 17; 3.5). Esses verbos indicam uma ação presente, mas não acabada.

Desde o início, Marcos deixa bem clara qual a finalidade do seu evangelho: ele quer apresentar a *boa nova de Jesus Cristo, Filho de Deus* (1.1). Essa boa nova não é apenas uma forma de ensinamento e sim a própria pessoa e a obra de Jesus. Jesus não queria que fosse anunciado o que Ele é, enquanto não tivesse chegado o momento certo; por isso, proíbe os demônios (1.24, 34; 3.12) e os curados (1.43; 7.36) de o revelarem. Ao mesmo tempo, o evangelista demonstrou que Jesus Cristo devia morrer e ressuscitar (8.31; 9.30-32; 10.32-34) e, assim, haveria a salvação para todos. Diante do tribunal, afirmou ser o Messias e o Filho de Deus (14.61-65). É significativo que, após a morte de Jesus, um gentio centurião romano confessa a Jesus como *Filho de Deus* (15.39). Jesus foi o Messias escondido durante o seu tempo terreno e, somente após a morte e a ressurreição (9.9; 16.7), foi revelado e confessado quem Ele é realmente.

Com Jesus, o Reino de Deus se aproximou (1.15); isso foi demonstrado em suas ações, como por exemplo, perdoar pecados (2.5); suas ações causaram profundos conflitos com as autoridades judaicas (2.6-11). A esse conflito Jesus não sobreviveu – mas Deus o chamou para uma nova vida na ressurreição. As ações de Jesus causaram conflitos com as autoridades judaicas porque elas nunca entenderam a base da Lei de Deus, que é o amor. Além disso, os judeus sempre quiseram ter o domínio político da nação de Israel como tinha sido nos dias de Davi e Salomão, portanto, os ensinamentos de Jesus não faziam sentido para eles. Negar-se a si mesmo, carregar a sua cruz, ser servo. Isso era incompreensível para eles e não deve ser para nós, pois, da mesma forma que Jesus, sendo Deus, se tornou servo, demonstrando isso pelas suas ações, devemos, também, por meio das nossas ações, demonstrar que também somos servos, discípulos de Jesus.

O EVANGELHO DE LUCAS

É o mesmo autor de Atos dos Apóstolos. Era um médico e fora, aparentemente, o único gentio a escrever qualquer parte do Novo Testamento. Segundo Eusébio, era natural de Antioquia. Seu curso médico deve ter sido feito em Alexandria, Atenas ou Tarso. Ele é o “médico amado” de Colossenses 4.14; o companheiro fiel de 2 Timóteo 4.11; o cooperador de Filemon 24. Lucas escreve como historiador, cuidando em dar os dados históricos com certa ordem e riqueza de detalhes (Lc 1.1-4), a Teófilo (1.3), pessoa de certa importância, que, aparentemente, não era cristão, quando o evangelho lhe fora enviado. Em função de Teófilo ser gentio, o evangelho é dirigido a todos os gentios. É bem provável que a data da escrita seja cerca de 60 d. C.

Lucas apresenta Jesus Cristo como o homem perfeito. Emprega o termo *Filho do Homem* 24 vezes; foi um título que Jesus muito usou, referindo-se a si mesmo. Oferece uma visão abrangente da história de Deus com o mundo: mostra como Jesus percorreu a Galileia anunciando a boa nova até morrer em Jerusalém, de onde a igreja iria se espalhar pelo mundo inteiro. Esse caminho da igreja é apresentado no segundo livro, Atos dos Apóstolos (At 1.1). O que Deus prometeu no Antigo Testamento cumpria-se agora na história da salvação, na própria pessoa de Jesus, o que evidencia a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento.

Escrevendo aos gregos, Lucas apresenta Jesus Cristo como o Salvador para os gentios também, e não apenas para os judeus. Mais de 50% do seu relato lhe é peculiar, ou seja, só encontramos essas informações neste evangelho. Somente ele nos dá certas informações cronológicas importantes (2.1; 3.2, 23). É mais abrangente que os outros Evangelhos, começando com o nascimento de João, o Batista, e terminando com a ascensão de Jesus Cristo. Alguns temas foram desenvolvidos especificamente pelo autor: Jesus, o Salvador de todas as pessoas; a importância das relações sociais; o valor do indivíduo; a proeminência das mulheres; a ênfase ao Espírito Santo, à oração, ao júbilo.

O EVANGELHO DE JOÃO

Era o irmão mais jovem de Tiago, da família de Zebedeu. Fazia parte, juntamente com Pedro e Tiago, do círculo íntimo dos doze discípulos de Cristo. Era judeu. Os debates entre os judeus e os líderes religiosos, em Jerusalém, sobre as questões mais delicadas da interpretação que os judeus faziam da lei, não eram fáceis de entender ou registrar, naquele tempo, por um autor que não fosse um judeu. O evangelista também foi uma testemunha ocular dos fatos que

registrou (Jo 13.23; 19.26, 34-35; 20.2; 21.24). Em três importantes ocasiões do ministério terreno de Jesus, João é mencionado em companhia de seu irmão Tiago e de Pedro: na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.27), na hora da transfiguração (Mc 9.2) e no jardim do Getsêmani (Mc 14.33). Foi bispo em Éfeso. É, também, o autor de três epístolas e do Apocalipse. O objetivo do quarto evangelho está claramente expresso em João 20.31. A data é cerca de 90 d.C. João apresenta a plena divindade de Cristo da seguinte forma:

- a) Pelos títulos de Jesus: 1) Verbo (1.1); 2) Messias (1.41); 3) Salvador do mundo (4.42); 4) Senhor e Deus (20.28);
- b) Pelas afirmações do próprio Jesus: *Eu Sou* (6.35; 8.12; 10.7, 9; 10.11; 11.25; 14.6; 15.1). Em João 10.30, onde a palavra *um* no gênero neutro indica que Jesus e Deus são um só em sua natureza;
- c) Pelos sinais: 2.1-11; 3.1-2, entre outras passagens;

Há palavras que João usa com frequência e elas podem nos ajudar a encontrar os temas principais ou a teologia do quarto evangelho: a fé, o amor, a vida eterna, a verdade, a vida, o testemunho, a luz, o novo nascimento, as trevas, o conhecimento, o mundo, o julgamento, a glória, o Espírito Santo, o Filho de Deus, o Verbo.

Enquanto os três evangelhos sinóticos⁴¹ apresentam a biografia de Jesus, João apresenta a doutrina do Senhor. Os sinóticos apresentam parábolas, João não as apresenta. Os sinóticos dizem o que Jesus fez, João dá a razão daquilo que Jesus fez. João apresenta Jesus Cristo como Deus, desde o prólogo até o término (1.1; 20.28). João não adota o plano geográfico e cronológico dos outros Evangelhos: conta três vezes sobre uma festa de Páscoa (2.13; 6.4; 11.55), uma sobre a das Tendas (7.2), uma sobre a da Dedicção (10.22) e mais uma não especificada (5.1). Isso nos deixa concluir: João conta três anos e meio do ministério de Jesus. O livro é cheio de detalhes concretos; o autor conhece, perfeitamente, os costumes religiosos judaicos, a mentalidade rabínica, bem como os lugares na Galileia ou em Jerusalém, onde Jesus atuou.

⁴¹ Termo usado por J.J. Griesbach, em sua edição do NT grego, em 1774-1778. Sinótico vem da palavra grega *sunoráo* que significa “ver junto” e chama a atenção para o material comum a todos os três e indica que são mais bem compreendidos quando estudados juntos. Os evangelhos sinóticos, então, possuem uma tradição comum e o quarto, o de João, uma tradição distinta. Isso significa que muitos relatos se repetem nos três primeiros evangelhos e os relatos de João são muito particulares, pois nenhum outro evangelho revela tanto a divindade de Jesus, bem como seu relacionamento com o Pai.

Esse Evangelho respira uma visão espiritual, é quase uma meditação. Todos os acontecimentos com Jesus, todas as suas palavras, são penetrados por um sentido espiritual. Dentro deles, devem-se descobrir mistérios divinos: Jesus veio ao mundo como a luz que combate as trevas; sua morte é o julgamento do mundo para quem não quer crer nele e naquele que o enviou (5.24); a morte de Jesus é considerada por João como exaltação e glorificação (12.28, 12.16, -13.31ss). Toda a vida de Jesus é a realização das grandes figuras messiânicas do Antigo Testamento: Ele é o Cordeiro de Deus (1.29), o novo Templo (2.21), a serpente salvadora erguida no deserto (3.14), o pão da vida que substitui o maná (6.35), o bom pastor (10.11), a verdadeira videira (15.1). Mais que nunca, esse evangelho explicita a unidade indissociável entre o Antigo e o Novo Testamento.

Além disso, esse evangelho aponta para a importância da Palavra de Deus e como a sua observação é condição para nos tornarmos discípulos de Jesus: “se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos” (Jo 8.31); “em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte” (Jo 8.51). Jesus veio para salvar o mundo e não para julgar o mundo. Mas nós seremos julgados pela Palavra: “e, se alguém ouvir as minhas palavras e não crer, eu não o julgo, porque eu vim não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. Quem me rejeitar a mim e não receber as minhas palavras já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último Dia” (Jo 12.47,48). Vimos, anteriormente, sobre a justiça de Deus. Ele não pode negar sua essência, portanto, não é possível ficarmos no engano, desobedecendo obstinadamente à Palavra de Deus e ficar esperando pela sua misericórdia. As misericórdias do Senhor se renovam a cada manhã, mas ela alcança o contrito, o quebrantado, aquele que, mesmo errando, deseja e ama a Lei de Deus e anseia por cumpri-la. Deus, por conta da sua justiça, não tem como julgar se não for com base na Palavra; portanto, ao final, somos julgados pela própria Palavra.

LIVRO HISTÓRICO

ATOS

Atos dos Apóstolos também é conhecido como Atos do Espírito Santo. Registra a história da igreja cristã, isto é, o desenvolvimento do cristianismo, desde a ascensão de Jesus Cristo até o ministério de Paulo em Roma. É um livro de atividade missionária. Compõe a parte chamada Histórica do Novo Testamento. Em Atos, encontramos a continuidade dos relatos iniciados no

Evangelho de Lucas. Muitas coisas no Novo Testamento somente são compreendidas à luz das narrativas desse livro, sem o qual quase não teríamos registros dos fatos ocorridos no início da expansão do evangelho pelo mundo. “Atos forma uma ponte entre os Evangelhos e as Epístolas; o Evangelho prevê a igreja, e as Epístolas pressupõem a igreja” (HALE, p. 169).

O livro de Atos foi escrito seguindo um plano bem definido, correto do ponto de vista histórico e importante do ponto de vista teológico. Cada parte do livro está relacionada a algum problema que separava as pessoas do evangelho; mostra como essas pessoas são alcançadas pelo Espírito Santo, por meio da proclamação do evangelho.

O autor utilizou o plano da expansão geográfica para demonstrar o desenvolvimento teológico da igreja, de um conceito nacionalista estreito para uma religião sem barreiras entre as pessoas. O evangelho foi vencendo as barreiras geográficas, raciais e religiosas e se tornou de caráter universal. Se fôssemos demonstrar o movimento do evangelho na igreja primitiva, utilizaríamos uma espiral, em que, bem ao centro, estariam os judeus, expandindo-se em direção aos samaritanos, os tementes a Deus (Cornélio), e aos gentios (com o apóstolo Paulo). A palavra de Deus crescia e a igreja se multiplicava, gradativamente, nessa direção, até que, no último capítulo, o autor afirma que o evangelho progredia “sem impedimento algum” (At 28.30, 31).

O autor é o mesmo Lucas que escreveu o terceiro evangelho (At 1.1). Ele viajou com Paulo em muitos trechos das viagens missionárias registradas nesse livro, sendo, portanto, uma testemunha ocular de muitos dos eventos. É possível saber quando Lucas estava com Paulo, porque ele diz: *nós* nestes textos: 16.10-17; 20.5-21.18; 27:1 – 28.16. Lucas escreveu esse livro em, aproximadamente, 63 d.C.

Atos 1.8 é conhecido como o versículo-chave do livro. Sendo assim, podemos então afirmar que o livro de Atos é o relato do cumprimento desse versículo e de seus resultados.

Muitos têm sugerido que o melhor título para o livro seria **Atos do Espírito Santo**. Mencionado cerca de cinquenta vezes, o Espírito Santo é quem capacita, quem dirige, quem lidera, quem fala, quem orienta, quem aprova e quem reprova os apóstolos do Senhor Jesus Cristo.

Na verdade, apenas dois personagens ocupam as principais páginas do livro de Atos: Pedro e Paulo. O primeiro ocupa os quase dez capítulos do livro e o segundo apóstolo, o restante dessa obra literária.

Apesar de abranger um período comparativamente breve da história (30-63 d.C.), trata-se de um período de suma importância na história cristã e na história geral, pois diz respeito à

fundação da igreja do Senhor Jesus Cristo. Apesar desse breve período relatado, sabemos que a história da igreja do Senhor continua desde esse tempo e só finalizará com o arrebatamento da igreja. Nesse livro, temos o cumprimento da profecia de Joel: “e há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões” (Jl 2. 28-32) e “todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4). Jesus, antes de subir ao céu, depois de ter ressuscitado, tinha dito aos discípulos que permanecessem em Jerusalém para esperarem o cumprimento da promessa do Pai. Foi o cumprimento dessa promessa, o revestimento de poder, da virtude do Espírito Santo, que capacitou os discípulos de Jesus a enfrentarem todas as perseguições que enfrentaram sem nunca pensar em deixar de servir a Jesus. Da mesma forma hoje, precisamos desse revestimento para cumprirmos o IDE de Jesus, tanto em Goiânia, como no Brasil e nas nações da terra. O Projeto IDE Local e IDE Nações, portanto, está dando continuidade à obra que começou no capítulo 2 de Atos. Integrados ao corpo de Cristo, vamos ser usados por Deus para o Discipulado daqueles que ouviram a nossa Evangelização e nosso alvo, assim como o do apóstolo Paulo, é jamais retroceder, mas continuar avançando até alcançarmos o máximo de nações possível durante o tempo em que Deus nos permitir ficar nesta terra.

AS EPÍSTOLAS PAULINAS

As epístolas foram as mais antigas escrituras do Novo Testamento. Isso significa que a Bíblia foi organizada de forma lógica e não cronológica. Crescendo a Igreja, havia necessidade que recebesse orientação quanto a diversas questões, tanto doutrinárias quanto éticas. As epístolas são cartas escritas a pessoas ou a igrejas, com o objetivo de ajudá-las em seu crescimento espiritual. No Novo Testamento, temos 21 epístolas, encaminhadas de alguém para alguém (Epístola de Paulo aos Romanos), de alguém (Epístola de Tiago) ou para alguém (Epístola aos Hebreus). O apóstolo Paulo valeu-se da forma de expressão de uma carta porque trazia certas vantagens, tais como: dava-lhe mais liberdade para escrever do que um tratado formal; respondia a certas questões circunstanciais que ocorriam em determinado local; ajudavam-no a dar conselhos e instruções. As epístolas sempre eram mais longas do que as cartas comuns daquele tempo; uma carta de Cícero ou de Sêneca, normalmente, tinha 200 palavras; as epístolas de Paulo não tinham menos de 1.300 palavras; a Epístola aos Romanos tem 7.100 palavras.

EPÍSTOLA AOS ROMANOS

O objetivo dessa epístola era preparar a igreja de Roma para uma futura visita do apóstolo. Paulo, então, apresentou-se à igreja, que não o conhecia, para ali estabelecer uma nova base para sua missão, como acontecera com Antioquia (1.10-13; 15.22-29). Queria alcançar a Espanha, com o apoio da igreja em Roma⁴². A carta também era um pedido de oração em favor de seu ministério junto aos cristãos em Jerusalém, para que houvesse reconciliação com os cristãos gentios (15.30-33). Orienta, por outro lado, em relação a certos problemas, tais como a liberdade cristã em face da tendência antinomista, a influência dos judaizantes, o orgulho cristão.

Paulo estava em Corinto, depois de passar por Éfeso (At 19.21, 22; 20.1-3). Recolhera as ofertas dos irmãos da Acaia em favor dos cristãos necessitados de Jerusalém (Rm 15.26), para onde iria a seguir. Era o inverno de 55, 56, e Paulo tinha tempo e sossego para escrever uma epístola bem organizada e bem pensada, a melhor de todas as suas cartas. Enviaria a carta através de Febe, uma irmã da igreja de Cencreia, quem recomenda aos cristãos em Roma.

A justiça de Deus mediante a fé é o tema da primeira seção da carta⁴³. Paulo prepara o caminho para esse tema ao explicar por que foi necessário que Deus manifestasse sua justiça e porque os seres humanos podem experimentar essa justiça mediante a fé. O pecado, diz Paulo, subjugou todas as pessoas, e somente um ato de Deus, um dom gratuito, mediante a fé, poderia romper esse jugo (1.18 – 3.20). A ira de Deus, sua cólera santa, que irrompe condenadora, paira sobre todos os pecadores. E com toda razão, pois Deus se fez conhecido a todas as pessoas por intermédio da criação; o fato de se terem afastado dele, indo atrás de deuses, que elas próprias fabricam, torna-as *indesculpáveis*. Ainda menos desculpa têm os judeus, pois possuem, em sua lei, uma expressão clara e detalhada da *vontade divina*. A simples posse dessa lei ou o fato de ter no corpo o sinal exterior da aliança com Deus (a circuncisão), não bastam para proteger os judeus da ira divina (2.1 – 3.8). Desse modo, conclui Paulo, todas as pessoas, judeus ou gentios,

⁴² A leitura atenta da Palavra de Deus nos dá compreensão do modo como Deus orienta os seus servos a realizarem a sua obra. No tempo de Paulo, Deus deu a ele a percepção da importância de estabelecer bases missionárias em lugares estratégicos para facilitar sua locomoção e alcançar as pessoas próximas à base. Como a Espanha era o extremo mais distante da terra – toda a terra de Portugal nesse tempo pertencia ao que se chamava Espanha, pois as nações europeias do modo como as conhecemos começam a se definir a partir do século XII, já na Idade Média –, era necessário estabelecer uma base em Roma, pois a Espanha ficava muito longe de Antioquia, base missionária no oriente. Da mesma forma, o Projeto IDE Nações vai atuar. Sua base missionária no Brasil é na sede do Ministério Fama e a construção de sua primeira base missionária fora do país será em Matola, em Moçambique, na África. Como devemos alcançar os confins da terra, deveremos construir bases missionárias na Europa ocidental, central e oriental, na América Latina, na América Central, na América do Norte, no Oriente Médio, na Ásia, na África central e ocidental, na Oceania.

⁴³ Abordamos esse tempo no capítulo III, no tópico *Justificação*.

são escravos impotentes do pecado e, não importa o que façam, são incapazes de estabelecer um relacionamento com Deus (3.9-20).

Depois de mostrar como os seres humanos pecadores podem ser declarados justos diante de Deus, mediante a fé, Paulo, na segunda seção da carta, desenvolve a importância desse ato tanto para o juízo futuro, quanto para a vida terrena presente. Ser justificado significa alcançar a *paz com Deus* ou a reconciliação com Ele e, especificamente, uma firme esperança de justificação no dia do juízo (5.1-11). A base dessa esperança é o relacionamento entre o crente e Cristo.

Um tema-chave, ao longo de Romanos (1-8), é a questão das relações entre a lei e o Novo Testamento, e judeus e gentios. Esse é o assunto da terceira seção da carta. Será que a transferência dos privilégios da aliança de Israel para a Igreja significa que Deus invalidou as promessas que fez a Israel? De forma nenhuma, é o que Paulo responde. Primeiramente, as promessas de Deus jamais tiveram a intenção de assegurar a salvação de cada israelita por nascimento. Em segundo lugar, o próprio povo de Israel é culpado por deixar de acolher a justiça de Deus em Cristo, especialmente por causa da clara mensagem de Deus a esse povo (9.30 – 10.21). Além disso, alguns israelitas, como Paulo, estão sendo salvos, e as promessas de Deus estão se cumprindo neles (11.10). Finalmente, na parte culminante de sua demonstração, Paulo refuta as declarações arrogantes de alguns cristãos gentios, lembrando-os de que foi *somente por intermédio de Israel que a salvação chegou até eles* e está por vir o dia em que a promessa de Deus a Israel se cumprirá, plenamente, e todo Israel será salvo (11.12-36).

A última seção do tratado teológico de Paulo é dedicada ao resultado prático da atuação da graça de Deus no evangelho. Numa declaração inicial concisa, Paulo lembra a seus leitores que essa graça de Deus deve estimular a entrega sacrificial de si mesmo ao seu serviço (12.1-2). Esse serviço pode assumir várias formas à medida que os múltiplos dons que Deus concedeu a seu povo são exercidos (12.3-8). Os muitos detalhes desse serviço a Deus devem ser permeados pelo amor (12.9-21). Paulo adverte que servir a Deus não significa que o cristão pode desatender às reivindicações legítimas que o governo nos impõe (13.1-7).

EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS

Primeira Carta

Paulo havia recebido uma carta da igreja com diversas dúvidas para serem solucionadas. Escreve, então, com o objetivo de admoestar acerca daqueles problemas e ajudar a igreja a aplicar sua fé na prática cotidiana. Foi escrita em Éfeso, durante a terceira viagem missionária do apóstolo, provavelmente entre 54 e 55.

Após o preâmbulo ou saudação (1-1.3) e a ação de graças pela obra benéfica de Deus aos crentes da igreja em Corinto (1.4--9), Paulo começa a tratar das profundas divisões internas da igreja e dos mal-entendidos fundamentais sobre a natureza da liderança cristã. Com base em informações levadas a Paulo por pessoas *da casa de Cloé* (1;11), o apóstolo ficou sabendo do espírito divisionista dos vários setores da igreja, pois os irmãos se identificavam com líderes específicos, e, segundo parece, cada grupo se jactava de sabedoria. Os ensinamentos *dessa sabedoria* chocavam-se com tudo o que Paulo prezava; tanto que, caso esses ensinamentos prevalecessem, o próprio evangelho poderia ser rejeitado como loucura de Deus (1.18-25).

Paulo diz que tornar-se cristão significaria tornar-se louco (1.26-31), especialmente se o evangelho fosse pregado sem eloquência manipuladora e autopromocional, mas com a dependência singela da veracidade e do poder da mensagem do Messias crucificado. O que transforma o homem é a mensagem direta do evangelho e não manipulações humanas com a finalidade de ganhar a simpatia do público (2.1-5). De modo inverso, se a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria do mundo; se os cristãos se regozijam com o fato de que Deus escolheu os *loucos* a fim de envergonhar os *sábios* e deixar claro que somente Cristo é nossa *sabedoria da parte de Deus*; se as prioridades de Paulo na pregação são básicas, então a procura da sabedoria do mundo, por parte dos coríntios, contradizia, implicitamente, sua própria profissão de fé cristã.

Não está claro se os demais problemas abordados por Paulo nos capítulos 5 e 6, chegaram ao conhecimento do apóstolo também por intermédio de Cloé ou se por outra fonte – talvez Estéfanos, Fortunato e Acaico (16, 17).

Três temas dominam esses capítulos. O primeiro é um caso de incesto (5.1-13), o segundo tema trata do problema de litígio entre crentes (6.1-11) e o terceiro diz respeito a alguns homens na congregação de Corinto que tinham uma ideia tão errônea de sua suposta espiritualidade que achavam que estavam livres para se relacionarem com prostitutas, presumivelmente com base no raciocínio de que isso envolvia apenas o corpo. Com isso, vemos que em todo o tempo há pessoas que distorcem a Palavra de Deus com o fim de atender às suas próprias concupiscências.

Em resposta a uma indagação por escrito, enviada pelos coríntios (7.1), provavelmente levada a Paulo por Estéfanos, Fortunato e Acaico (16, 17), Paulo passa a tratar dos assuntos que levantavam. O primeiro diz respeito ao casamento e aos temas correlatos (7.1-40). O segundo trata de comida sacrificada a ídolos (8.1-11). No capítulo 8.1-13, Paulo insiste que divergências de opinião, sobre se é adequado comer comida que foi sacrificada a ídolos, precisam ser resolvidas com base no amor sacrificial e não nas alegações de possuir conhecimento superior.

O capítulo 9, em parte redigido como defesa de Paulo ao seu apostolado, mostra que o apóstolo enxerga a ligação entre esse problema e o divisionismo tratado nos capítulos 1-4. Nos dois casos, prevalece o triunfalismo descomedido. Paulo combate esse mal e trata dos dois problemas ao apontar para o seu compromisso com a abnegação, como a marca do seu apostolado, pois, a despeito de seus direitos como apóstolo, ele, voluntariamente, os coloca de lado para ganhar o maior número de almas possível para Cristo. Esse modelo de controle próprio e abnegação deve caracterizar todos os cristãos (9.24-27).

No capítulo mais claramente teológico, Paulo trata da ressurreição dos crentes (15), insistindo que o protótipo correto é a ressurreição de Jesus Cristo, negando que seja possível estabelecer qualquer distinção de espécie entre essas duas ressurreições. Desse modo, leva seus leitores a dirigirem o olhar e as aspirações para o triunfo final.

SEGUNDA CARTA

Tem o objetivo de alcançar a reconciliação. Havendo ainda um grupo que se opunha ao apóstolo, na igreja de Corinto, escreve para reforçar sua autoridade apostólica, preservando, assim, a saúde espiritual da igreja. Agradecia, também, pela resposta favorável a seu respeito, da maioria da igreja. Há profundas declarações teológicas, movidas por um sentimento profundo de dor, por causa das acusações sofridas.

O que deu ocasião à epístola foi o ressurgimento do antagonismo contra a autoridade apostólica de Paulo, e o seu objetivo foi a justificação dessa autoridade, feita por ele mesmo.

Paulo estava preocupado quanto à maneira como a igreja de Corinto receberia sua primeira carta. Querendo saber como teriam recebido suas repreensões, mandou Tito e, talvez, Timóteo, a Corinto para verificar o resultado da epístola. Durante a sua terceira viagem missionária em Filipos, Tito o informou de que a maioria da igreja havia recebido com bom espírito, mas alguns duvidaram dos seus motivos e chegaram mesmo a negar seu apostolado, dizendo que ele não tinha credenciais necessárias a um apóstolo. Talvez pensassem assim porque ele não pertencera ao grupo original dos doze. Foi escrita na cidade macedônica de

Filipos, entre 55 e 56. Paulo fora procurar por Tito, seu colaborador, para obter notícias de Corinto (2 Co 2.12, 13; 7.4-16).

Depois da saudação (1.1-2) – há um longo trecho de ações de graças (1.3-11); as ações de graças encontradas em 2 Coríntios são, particularmente, longas e emotivas ocupando-se bem mais das experiências de Paulo – lança-se, imediatamente, a uma defesa de seus planos de viagem (1.12 – 2.13). Ele nega que tenha agido com mundanismo ou por capricho (1.12-14). Depois de repassar os seus planos (1.15-22), explica o motivo porque os alterou: relutava em dar tristeza aos coríntios tanto quanto dera numa visita anterior (1.23 – 2.4). Isso leva à instrução sobre como perdoar e consolar alguém que a congregação havia, devidamente, castigado, aparentemente, por se ter oposto a Paulo e, desse modo, causado danos aos crentes de Corinto (2.5-11).

Paulo passa, então, a listar os acontecimentos que o levaram a escrever a presente carta (2.12-13), mas a lista é interrompida com um arroubo (encanto) de louvor e uma demorada explicação sobre a natureza e propósito de seu ministério (2.14-7.4).

Paulo começa essa longa seção insistindo em dizer que o próprio Deus lhe dera competência para realizar esse ministério, o qual causa a divisão das pessoas ao seu redor entre *os que são salvos* e *os que se perdem*, à medida que ele serve como o “bom perfume de Cristo” (2.14-3.6). Isso leva a uma comparação e a um contraste entre os ministérios da antiga e da nova aliança (3.7-18). Visto que, pela misericórdia de Deus, recebeu esse ministério da nova aliança, está, integralmente, comprometido com a proclamação do *evangelho da glória de Cristo*, e não importa como ele próprio é recebido (4.1-6). O tesouro é Cristo, Paulo e seu ministério são o vaso de barro dentro do qual está o tesouro (4.7-18).

A natureza da relação entre os capítulos 1-9 e 10-13 é objeto de debates, mas esses últimos capítulos parecem descrever a reação de Paulo a um novo surto de oposição ao seu ministério em Corinto. Paulo pede que haja uma fé obediente (10.1-6) e condena a oposição por sua repulsiva jactância e atitude de superioridade (10.7-18). Em 11.1-15 ele desmascara os falsos apóstolos que usurparam a autoridade na igreja e denuncia os critérios falsos deles. Depois, respondendo à altura da tolice deles, Paulo se permite gabar um pouco, invertendo todos os critérios de seus adversários e gabando-se de coisas que eles desprezariam (11.16-33). De fato, Paulo gaba-se da fraqueza, de sorte que o poder de Deus se aperfeiçoa nela (12.1-10).

EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

Foi escrita para defender a autoridade apostólica de Paulo, para reafirmar a verdade que a salvação é apenas por meio da fé em Jesus Cristo, para combater os erros do legalismo e defender o conceito de liberdade cristã. Os estudiosos apresentam várias datas para a epístola aos Gálatas. As opiniões oscilam entre 48 e 60. Consideramos essa carta como a mais antiga escrita pelo apóstolo, pouco depois de sua primeira viagem missionária, no final de 48 e início de 49, em Antioquia da Síria.

Numa saudação concisa, Paulo insiste em sua condição de apóstolo enviado por Deus e lembra a seus leitores que Cristo se entregou para nos livrar “deste mundo perverso” (1.1-5). Ele se mostra atônito pelo fato de os gálatas estarem abandonando o evangelho, passo ao qual ele se opõe com veemência (1.6-10). Ele insiste em dizer que seu evangelho foi revelado por Cristo e conta que tinha sido perseguidor e que teve poucos contatos com os apóstolos mais antigos, isso para mostrar que seu evangelho não poderia ter tido sua origem na mera repetição do que eles diziam (1.11 – 2.5). Ele indica uma divisão de trabalho: Pedro atuando como apóstolo dos judeus, e ele, como dos gentios. Quando, mais tarde, Pedro se retirou da comunhão à mesa com gentios cristãos, Paulo polemizou com ele e lembrou “que nem ao menos os judeus eram salvos por obras da lei, mas mediante a fé em Cristo” (2.11-16). Pecadores que são justificados em Cristo morreram para a lei e vivem “pela fé no Filho de Deus” (2.17-21).

Num apelo emotivo, Paulo lembra aos gálatas que o Espírito Santo lhes foi dado não por observarem a lei, mas com base na fé que tinham em Cristo (3.1-5). Abraão foi um exemplo de fé (3.6-9).

EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Não foi escrita para tratar de nenhum problema ou controvérsia. Foi escrita para um grupo de igrejas, para instruir os cristãos da Ásia Menor acerca dos privilégios e das responsabilidades da igreja, corpo de Cristo. Era uma carta circular. É uma das cartas escritas da prisão em Roma. Paulo morava na casa que alugara (prisão domiciliar). As cartas aos Efésios, a Colossenses e a Filemon foram escritas mais ou menos no mesmo período; a carta aos Filipenses, mais tarde. Conclui-se isso pelas mesmas pessoas mencionadas nas três cartas: Tíquico, Onésimo e Arquipo. A data é entre 58-60.

A carta começa com uma seção que dá forte ênfase à ação divina de operar a salvação. Paulo fala das bênçãos espirituais em Cristo, desfrutadas pelos crentes, e passa a dizer que Deus os escolheu antes da criação do mundo (1.4, 11). A salvação deles não aconteceu porque a mereciam, mas porque Deus a planejou, pela sua própria vontade.

A obra salvadora de Cristo é ressaltada na introdução. Essa ênfase permeia toda a carta. Em todos os textos, está bem claro que a pessoa de Cristo e a sua obra são cruciais no caminho cristão⁴⁴. É Ele quem opera a reconciliação de judeus e gentios na igreja. O Próprio Cristo é a nossa paz (2.14). É algo mais do que a vitória sobre a hostilidade humana. Parte da obra de Cristo é fazer convergir nele todas as coisas, tanto as do céu como as da terra (1.10). Os poderes, nas esferas celestiais, hão de conhecer a multiforme sabedoria de Deus por intermédio da igreja (3.10). A obra salvífica de Cristo é de uma importância que somos incapazes de aquilatar, e a existência da igreja é de uma importância que não conseguimos compreender.

A igreja é um santuário dedicado ao Senhor, um edifício em que Cristo é a pedra angular, habitação de Deus no Espírito (2.20, 22). De outro ponto de vista, os membros da igreja são, ao mesmo tempo, concidadãos dos santos e da família de Deus (2.19). Uma família cujo nome procede do Pai, que possui membros nos céus e, também, na terra (3.14, 15). O fato de gentios e judeus se tornarem membros de um único corpo é definido como mistério (3.4,6). Uma verdade profunda e oculta, que nenhum de nós poderia ter descoberto, mas agora foi revelada por Deus. Há uma unidade que os crentes devem se esforçar por preservar (4.3), pois há um só Espírito, um só Senhor, um só Deus e Pai, um só corpo e uma só esperança, uma só fé e um só batismo (4.4,6), muito embora haja diversos ministérios: de apóstolos, profetas e outros mais na igreja (4.11,13). Paulo deseja que seus leitores captem a esplêndida visão de uma só igreja, totalmente unida no Senhor e equipada por Deus para prestar serviço significativo neste mundo. Somente um discipulado eficaz é capaz de fazer o discípulo compreender seu papel no corpo de Cristo e essa é a grande tarefa do discipulador.

Nessa carta, assim como na que foi enviada aos colossenses, o apóstolo Paulo explicita o método bíblico do despojar-se/revestir-se que, efetivamente, promove nossa mudança: “quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem que se corrompe pelas concupiscências do engano e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e vos revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef 22,23). Depois dessa afirmação,

⁴⁴ Conforme temos apontado, a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento se dá por meio da vinda de Jesus. Nele, Deus cumpre as promessas feitas no Antigo Testamento. A primeira menção à vinda de Jesus Cristo está em Gn 3.15. Portanto, quando ensinarmos ou pregarmos algum texto ou livro do Antigo Testamento, é preciso sempre apontar a relação que este estabelece com Jesus Cristo, pois Ele é quem concretiza a obra de Deus de salvar a humanidade do pecado e criar, no futuro, novo céu e nova terra. Dessa forma, é a volta de Jesus que todos esperamos, pois sua volta, nós, os assembleianos pentecostais, acreditamos que se dará em dois momentos: no arrebatamento e na vinda em glória, será mais uma etapa do desenvolvimento do plano de Deus, cujo fim é estabelecer seu Reino para sempre. A Bíblia diz que, quando nos alegamos no Senhor, Ele cumpre o desejo do nosso coração (Sl 37. 4). Entretanto, o discípulo de Jesus também se alegra quando é usado por Deus para que esse os planos divinos se estabeleçam, conforme vimos no modelo de oração que Jesus nos ensinou: “seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu” (Mt 6. 10).

ele explicita o que deve ser tirado das nossas vidas: mentira, dar lugar ao diabo, furto, palavras torpes, amargura, ira, cólera, gritaria, blasfêmias, malícia, prostituição, impureza, avareza, parvoíces, chocarrices. Devemos nos despojar de tudo isso e ajudar os novos discípulos a, também, se despojarem de todas essas coisas. Todos nós devemos andar em amor, “como também Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave” (Ef 4. 25-5. 14).

EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Paulo escreveu para agradecer, aos filipenses, a oferta que lhe fora enviada. Embora prisioneiro, o evangelho continuava a prosperar. Sua intenção era visitá-los, novamente, caso lhe fosse possível. A carta tem um tom bastante pessoal e é permeada pelo tema da alegria, sua tônica principal. Paulo escreve da prisão em Roma, a data mais provável é 62.

Podemos identificar algumas situações que podem ter criado a necessidade dessa carta. Em primeiro lugar, há a questão de Epafrodito. A igreja de Filipos havia enviado esse homem a Paulo para atendê-lo em suas necessidades (2.25). Aparentemente, Epafrodito tinha cumprido sua tarefa, mas caíra doente, a ponto de quase morrer. Os filipenses souberam da enfermidade, e Epafrodito ficou preocupado com isso (2.26,27). Paulo torna a mencionar a gravidade da doença (2.30). Os filipenses talvez não tivessem percebido quão gravemente enfermo Epafrodito tinha estado ou, talvez, alguns estivessem criticando o tempo em que ele havia ficado com Paulo. Por isso, Paulo lhes mandou honrar homens como esse (2.29). Ele deixa bem claro, aos filipenses, que o mensageiro que haviam enviado cumprira bem sua tarefa, mas havia corrido grande perigo ao realizá-la. Envia-o de volta, com um elogio cordial.

Em segundo lugar, há o fato de a igreja de Filipos ter enviado um presente a Paulo (4.14-18; 2.25). Ele deixa para mencionar isso só no final da carta e expressa uma apreciação sincera por tudo que os filipenses haviam feito por ele.

Em terceiro lugar, Paulo dá aos filipenses notícias de sua própria situação (1.12). Os filipenses vinham orando por ele (1.19) e Paulo os reconhece como seus parceiros no evangelho (1.5).

Em quarto lugar, embora a igreja em Filipos fosse, de modo geral, uma comunidade cristã próspera, havia alguns problemas. Paulo reconhece que eles carecem de unidade e roga, especificamente, a duas determinadas mulheres que estejam em paz uma com a outra (4.2). Faz advertência contra os falsos mestres (3.2,4), pessoas que são inimigas da cruz de Cristo (3.18).

Finalmente, outros motivos para escrever podem ter sido o de recomendar Timóteo a eles; bem como preparar o caminho a uma visita, que ele próprio faria (2.19,14). A recomendação de Timóteo indica que os filipenses não o conheciam muito bem. Paulo quis assegurar que seu jovem colega recebesse calorosas boas vindas quando chegasse a Filipos.

EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Foi escrita para dar estabilidade doutrinária à igreja que estava enfrentando sérias heresias sutilmente ensinadas aos cristãos, em Colossos. É uma carta apologética, isto é, em defesa da fé cristã. Foi escrita da prisão em Roma, por volta de 61.

A igreja de Colossos não foi fundada por Paulo (2.1). Ao que tudo indica, Epafras foi o pregador que levou o evangelho cristão a essa cidade (1.7). Paulo o descreve como fiel ministro de Cristo para conosco, o que parece ter o sentido de que Paulo o enviara a Colossos.

Paulo não podia pregar em todos os lugares, portanto fazia sentido enviar colaboradores de confiança para proclamar o evangelho em lugares aonde não podia ir pessoalmente. Apesar disso, acompanhava a caminhada dessas igrejas e interessava-se pelo seu progresso, e é bem possível que essa carta tenha sido ocasionada por esse interesse. O apóstolo tinha ouvido que alguns falsos mestres haviam chegado a Colossos, de sorte que escreveu para refutar os erros deles, a fim de que a nova e pequena igreja não sofresse dano. Ele queria destruir os ensinamentos heréticos, sutis e perigosos que ameaçavam desviar os membros da igreja de Cristo. Paulo dá uma ênfase à supremacia de Cristo (1.15, 19), pois os falsos mestres, de alguma forma, tinham criticado uma cristologia elevada. Paulo, também, fala de filosofias vãs e enganadoras (2.8). Os ensinamentos falsos tinham como alvo a adoração de espíritos. Os judeus não adoravam, mas tinham bastante interesse neles. O culto dos anjos (2.18) pode ser referência a algum desenvolvimento da especulação judaica sobre esses seres celestiais. A guarda do sábado (2.16) era claramente judaica, e as festas religiosas e as comemorações de lua nova, às quais está ligada, também.

O ensino falso, na verdade, era uma mistura de ensinamentos judaicos e helenísticos. Quando surgiu, na era cristã, exerceu atração sobre cristãos neófitos e deficientemente instruídos⁴⁵.

⁴⁵ Em todo tempo, surgem falsos ensinamentos que penetram na igreja do Senhor. O conhecimento bíblico é necessário para afastar e refutar esses falsos ensinamentos. Os falsos ensinamentos sempre entram por meio da própria Palavra. Temos que ter esse entendimento. Se não fosse usada a Palavra, não haveria engano. Mas, conforme vimos na tentação de Jesus, Satanás usa a Palavra de Deus para enganar e, infelizmente, engana os que têm pouco conhecimento bíblico. Além disso, os falsos ensinamentos nunca falam de pecado, arrependimento, mudança de vida e foco na salvação da alma dos sofrimentos eternos. Regra geral, são palavras motivadoras que levam as pessoas a crerem que, independente, do modo como vivem, Deus fará grandes coisas nas suas vidas. O discípulo de Jesus ouve a voz dele e a reconhece: “ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; e elas ouvirão a minha voz e haverá um rebanho e um Pastor” (Jo 10. 16). Só há um rebanho e nós temos que fazer parte dele.

Paulo escreve para protegê-los dessa ameaça. As referências sobre a circuncisão (Cl 2.11; 3.11) mostram que também havia elementos judaicos nesse ensino.

EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES

Primeira Carta

Não conseguindo dar todas as orientações à nova igreja, quando esteve em Tessalônica, Paulo enviou Timóteo para lá; ele trouxe notícias da igreja, apontando alguns problemas e necessidades. Paulo escreveu para defender seu ministério, para esclarecer sobre a doutrina da volta de Cristo, mal compreendida, e para estimular os cristãos a viverem uma vida santa. Paulo escreveu a carta quando estava em Corinto, provavelmente no ano 51, sendo um dos mais antigos documentos do Novo Testamento.

Adversários judeus da igreja estavam caluniando Paulo. Se conseguissem persuadir os convertidos de que ele estava, simplesmente, procurando arrancar dinheiro deles e que a mensagem que ele pregava provinha dele próprio, sem autorização divina, dificultariam a permanência dos cristãos na fé. De sorte que Paulo gasta um bom espaço, nos três primeiros capítulos, refutando o tipo de acusação que poderia ser feita contra ele. Ele tem como objetivo fortalecer seus amigos numa época de perseguição (2.14) e incentivá-los a viverem vidas verdadeiramente cristãs, não adotando padrões sexuais pagãos (4.3, 8). Havia um outro problema na igreja de Tessalônica: parece que muitos crentes achavam que Cristo voltaria logo e, quando alguns deles morreram, os sobreviventes acharam que os falecidos perderiam todos os espetáculos da volta de Cristo, de sorte que Paulo escreveu para corrigi-los quanto a esse assunto (4.13, 18). Semelhantemente, havia necessidade de ensino sobre os últimos tempos (5.1, 11). Alguns dos crentes eram ociosos, dependendo do sustento de outros (4.11, 12).

Outros problemas relacionavam-se ao fato de que a autoridade dos líderes talvez tenha sido questionada (5.12, 13) e que o papel dos dons espirituais não estava claro para todos (5.19, 20). Os crentes de Tessalônica constituíam uma igreja nova, não tendo estado na fé o tempo suficiente para compreenderem muitas coisas que já eram ponto pacífico para os cristãos mais amadurecidos. Paulo, o seu pai espiritual, estava interessado neles e escreveu para ajudá-los a prosseguirem no serviço de seu Senhor.

SEGUNDA CARTA

Foi escrita para corrigir alguns erros existentes na igreja: o erro doutrinário de que o Dia do Senhor (tribulação) já havia chegado e a necessidade de disciplinar os crentes problemáticos. Foram erros já ventilados na primeira carta, mas que não haviam sido solucionados. Paulo queria encorajar os enfraquecidos pelas perseguições; repreender os que estavam ociosos, dependendo dos outros para a sobrevivência e ensinar mais sobre a volta de Cristo. Embora haja algumas dúvidas a respeito da data em que foi escrita, a melhor ocasião e data é logo após a primeira, ainda no ano 51.

Em 2 Tessalonicenses, há, basicamente, o aprofundamento dos mesmos assuntos. Em alguns aspectos, a primeira carta tinha tido sucesso e não havia necessidade de repetições. Paulo passa boa parte do tempo em 1 Tessalonicenses defendendo-se de ataques caluniosos, mas não trata disso na segunda carta. É evidente que ele havia calado a oposição. Mas, em outros aspectos, ele enfrenta os mesmos problemas. Existe ensino novo (como na questão do iníquo: 2.8), mas, na maior parte da carta, parece que Paulo está reforçando aquilo que escreveu na anterior. O problema da ociosidade persistia e, portanto, recebe mais ênfase nessa segunda epístola (3.6, 13). Mal entendidos sobre a volta de Cristo tinham de ser corrigidos; os vacilantes tinham de ser encorajados, pecadores tinham de emendar seus caminhos. 2 Tessalonicenses é mais uma obra de aconselhamento pastoral, um meio de pôr a jovem igreja no caminho certo.

EPÍSTOLAS A TIMÓTEO

1 e 2 Timóteo e Tito compreendem as chamadas epístolas pastorais, assim denominadas porque Paulo escreveu-as para jovens pastores que tinham responsabilidades pastorais e estavam incumbidos, também, de nomear pastores. Elas contêm instruções concernentes às responsabilidades administrativas de Timóteo e de Tito nas igrejas locais.

As três cartas constituem uma unidade pelo fato de serem as únicas cartas neotestamentárias dirigidas a indivíduos com essas responsabilidades.

Primeira Carta

Paulo a escreveu para orientar Timóteo na supervisão da igreja, recordando-lhe sua autoridade e suas responsabilidades ministeriais; também visou a orientar os líderes da igreja. Depois que esteve com Timóteo em Éfeso, Paulo foi para a Macedônia e esperava voltar logo (1 Tm 1.3; 3.14,15). Timóteo ficara em Éfeso para refutar os falsos ensinamentos. Como demorava a voltar, Paulo resolveu escrever a primeira carta, em 62. Talvez a tenha escrito por ocasião da sua despedida de Corinto e antes de sua chegada a Éfeso.

Após a saudação (1.1,2), Paulo adverte Timóteo quanto aos falsos mestres da lei que promovem controvérsias em vez de fazerem progredir o trabalho de Deus: “como te roguei (...) para advertires a alguns que não ensinem outra doutrina” (v. 3). Explica que a lei é boa, usada legitimamente e aplicada aos infratores, aos ímpios e aos pecadores e nunca aos justos: “a lei não é feita para os justos, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos...” (v. 9-11). Logo após, dá ações de graças pela maneira como a misericórdia e a graça de Deus estiveram operando nele (1.12, 17). Essa epístola tem o propósito de ajudar Timóteo a “combater o bom combate, conservando a fé e a boa consciência” (v. 19). Paulo insiste em que sejam feitas orações por todos, especialmente por aqueles em posição de autoridade, a fim de que promovam condições em que as pessoas possam chegar à salvação, pois o desejo de Deus é salvar a todos os homens e levá-los ao conhecimento da verdade que consiste na existência de um só mediador e salvador – Jesus Cristo, homem. Do comentário sobre a oração feita com atitude correta, Paulo passa para a maneira como as mulheres devem se vestir e viver. Estas devem ter trajas honestos, sem exagero, como é próprio da mulher salva; não devem ser autoritárias, mas aprender com humildade, lembrando-se de que a sua transgressão originou-se por um espírito de liderança; será salva, no entanto, voltando à missão para a qual Deus a criara: dando à luz filhos, permanecendo com modéstia na fé, na caridade e na santificação (v. 15).

Depois, analisa as qualificações que se devem buscar em bispos (3.1, 7) e diáconos (3.8, 10-13), com um trecho curto sobre esposas de diáconos (3, 11). Paulo afirma ser legítimo o desejo de ser bispo, porém insiste que tal homem deve ser abalizado por um comportamento impecável na sociedade, na família e na igreja; além disso, não poderia ser neófito. Ao final, dá instruções para que Timóteo saiba lidar com todas as pessoas que constituem a igreja.

SEGUNDA CARTA

Paulo escreveu a Timóteo para consolá-lo no exercício de seu ministério; exortou-o a ser forte e fiel; advertiu-o a conhecer os problemas que enfrentaria, tanto na igreja quanto no mundo; pediu-lhe para visitá-lo em sua prisão em Roma. Foi escrita em Roma, por volta de 64. Alguns a colocam em época mais tardia, em 67.

Essa carta foi escrita quando Paulo via sua morte aproximar-se⁴⁶; por isso, ela tem o caráter de instruções deixadas em testamento. Há algo especialmente solene numa carta escrita

⁴⁶ O livro de Atos termina com o apóstolo preso em Roma. Durante esse período, escreveu as conhecidas epístolas da prisão: Efésios, Colossenses, Filipenses e Filemon. Ao final de dois anos, Paulo foi liberto e continuou seu ministério. Nesse período, é que, crê-se, ele foi à Espanha. Depois de um certo tempo, que a Bíblia também não

nessas circunstâncias. Ela começa como uma fórmula normal de saudação (1.1, 2) e passa a palavras de ações de graças e de incentivo (1.3, 7). Isso leva a uma exortação a Timóteo para que não se envergonhe de Paulo, porque este não se envergonha do evangelho (1.8, 14). Dessa exortação de Paulo, infere-se que Timóteo passava por momentos difíceis de fraqueza na fé, diante de tanta pressão.

Depois de algumas reminiscências (1.15, 18), Timóteo é instado a ser forte na graça de Cristo. Paulo lembra-o dos elementos essenciais do evangelho (2.8, 13) e exorta-o a ser um trabalhador que não precisa se envergonhar, mas que ensina com fidelidade: “procura apresentar-te a Deus como obreiro aprovado que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da Verdade” (3.15). A isso acham-se ligadas as advertências contra falsos mestres e exortações quanto ao viver em retidão (2.14, 16). Paulo tinha a convicção de que só a fidelidade do homem de Deus, fortificado na graça que há em Cristo e conhecedor da Palavra de Deus, poderia lutar contra os falsos mestres e vencê-los. Ao apóstolo são reveladas as dificuldades nos últimos tempos, quando florescem todas as formas do mal (3.1, 9).

EPÍSTOLA A TITO

Paulo orientou Tito quanto à organização da igreja em Creta; incentivou-o a ensinar as doutrinas da fé⁴⁷ para refutar os falsos mestres e pediu-lhe que fosse encontrá-lo em Nicópolis (3.12). Paulo escreveu essa epístola enquanto estava em Éfeso, em 63. Alguns a colocam em 66.

A saudação introdutória (1.1, 4) é mais longa do que a saudação paulina usual e contém o lembrete de que Deus prometeu vida eterna e a trouxe no devido tempo.

Paulo deixou Tito em Creta para pôr as coisas em ordem na igreja e agora o insta a nomear presbíteros em cada cidade, dando orientações sobre o tipo de pessoa exigida para essa função: aquele que for irrepreensível (1.5, 9). Há contraste com os muitos subordinados encontrados em Creta; Paulo alerta Tito contra eles: “repreenda-os severamente, para que sejam sãos na

revela, foi preso novamente e, dessa vez, só saiu para enfrentar a morte. Foi nessa segunda prisão que escreveu a segunda carta a Timóteo. Se lermos com atenção, veremos que, na segunda carta a Timóteo, ele já tem o sentimento de que seus dias na terra estavam para se findar, o que é bem diferente do sentimento que tinha nas outras cartas que escreveu na sua primeira prisão.

⁴⁷ Em todo os tempos históricos, essa deve ser a preocupação dos discípulos verdadeiros de Jesus: ensinar o que sustenta o cristianismo, visto que ele não é marcado por experiências místicas individuais. Embora tenhamos experiências significativas que marcam nossas vidas, os discípulos precisam saber que essas experiências devem ser observadas à luz dos ensinamentos bíblicos e das doutrinas que os sustentam, conforme veremos no próximo capítulo.

fé⁴⁸” (1.10, 16). Ele passa a detalhar o que deve ser ensinado aos homens mais velhos: sejam sóbrios (2.2); às mulheres mais velhas: sejam sérias no seu viver e ensinem as mais novas a serem prudentes, a amarem seus maridos (2.3,5); aos homens mais novos: sejam moderados, (2.6, 8) e aos escravos, que se sujeitem a seu senhor, (2.9, 10). Todos os crentes devem viver corretamente⁴⁹, aguardando a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo (2.11, 15). Deve-se obedecer às pessoas em posição de autoridade: “admoesta-os a que se sujeitem aos principados e potestades” (3.1, 2). Há um contraste entre a maneira como as pessoas viviam antes de se tornarem cristãs e a vida de bondade que se segue à obra salvífica de Cristo nelas. Também devem ser evitadas divisões tolas (3.9, 11).

EPÍSTOLA A FILEMON

Paulo escreveu a seu amigo Filemon para interceder em favor de seu escravo Onésimo, que havia fugido. Convertera-se em Roma e Paulo o enviava de volta ao seu senhor. A carta (ou bilhete) foi escrita em 61, da prisão em Roma.

O propósito dessa epístola é evidenciado com clareza logo que examinamos o texto. Por ele, entendemos que Filemon era um amigo pessoal do apóstolo Paulo. Aparentemente, um homem de grandes posses e conhecido pela sua generosidade para com os irmãos necessitados.

Onésimo, seu escravo, tinha fugido, provavelmente, com alguns recursos financeiros do seu senhor. Na fuga, encontra-se com o apóstolo Paulo que, através do evangelho, leva Onésimo ao verdadeiro arrependimento e fé em Cristo. Motivado pelo amor e pela gratidão, Onésimo afeiçoou-se a Paulo e começou a prestar-lhe serviço pessoal.

Paulo, encarcerado, apreciou sobremaneira esses serviços, mas sentiu inconveniência em reter o servo de seu amigo, portanto, persuadiu Onésimo a voltar para seu senhor. Resolve, então, escrever uma epístola para explicar a Filemon o fato de Onésimo ter se arrependido, e que, portanto, agora lhe era muito útil, conforme o seu próprio nome, que significa “útil”.

Em sua saudação de praxe, o apóstolo Paulo apresenta-se como prisioneiro de Jesus Cristo, mudando assim seu modo de se apresentar, usado em outras epístolas, como apóstolo ou como servo. Isso não nos dá evidência de um homem de caráter dubio, mas demonstra a sua

⁴⁸ Nossos discípulos, com muito amor, precisam ser, também, repreendidos. Esse não é um papel fácil e, às vezes, nos esquivamos dele, todavia é responsabilidade do discipulador fazer isso para que o novo convertido seja sã na fé.

⁴⁹ Os ensinamentos de Paulo esclarecem esse viver corretamente. O discipulador vai ajudar o novo discípulo a viver corretamente, ou seja, a ter uma vida ordenada, disciplinada. Assim conhecerá a vida abundante que Jesus nos oferece.

imensa sabedoria. Na ocasião em que essa epístola fora escrita, Paulo estava encarcerado; aproveita-se da situação na qual se encontrava, para dar o tom a ser tratado na epístola.

EPÍSTOLAS GERAIS

São também chamadas de Epístolas Católicas ou Universais, são elas: Hebreus, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João e Judas. Não há características comuns que estabeleçam esse agrupamento, senão apenas o fato de não serem de origem paulina. A designação de Epístolas Gerais surgiu um pouco antes do terceiro século, mas definiu-se no quarto século, com o historiador Eusébio de Cesareia e Jerônimo, tradutor da Bíblia para o latim. Podemos chamar de gerais ou universais: a de Tiago (Tg 1.1), as Epístolas de Pedro (1 Pe 1.1; 2 Pe 1.1), a de Judas (Jd 1.1) e a primeira de João; o termo não se aplica, entretanto, à segunda de João (v. 1) e à terceira de João (v. 1), escritas para duas pessoas: à senhora eleita e ao amado Gaio. Entretanto, se levarmos em consideração que os escritos do Novo Testamento, mesmo sendo escritos para pessoas, ou para igrejas específicas, servem para todos os cristãos, a designação de Epístolas Gerais ou Universais tem o seu propósito. O importante é que todos os 27 livros do Novo Testamento foram inspirados por Deus, considerados Escrituras Sagradas e, portanto, são princípios de vida para os discípulos de Jesus de todas as épocas e de todos os lugares.

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

O autor dessa epístola, que é desconhecido, preocupava-se com o afastamento de seus leitores da fé em Jesus Cristo. Escreveu-lhes para adverti-los contra a deserção da verdade, estimulando-os a procurarem a maturidade espiritual em Cristo; por isso, mostra que Cristo é superior a todos os aspectos, considerados relevantes, da antiga aliança. Quem sempre foi apontado como autor aos Hebreus foi o apóstolo Paulo. Entretanto, muitos estudiosos rejeitam sua autoria pelo estilo literário, vocabulário e pelo anonimato da obra. Há uma certeza: o Espírito Santo moveu o escritor desse belíssimo texto para instruir toda a Igreja através dos tempos.

A data mais provável é entre 63 e 64, isto é, antes da destruição de Jerusalém, em 70. Havia perseguições aos cristãos, tempos difíceis (12.4), o que sugere o início da perseguição movida pelo imperador Nero.

Não é, propriamente, uma carta: falta-lhe uma introdução; o autor e os destinatários não são identificados; o estilo é bem impessoal. Parece mais um sermão por escrito. No dizer de A. T. Robertson, o livro se inicia como se fosse um tratado teológico, prossegue como um sermão e é encerrado como se fosse uma carta (13.20-25). No segundo século, foi acrescentado o seu título: Aos Hebreus, pois se refere, constantemente, ao ambiente de imagens e instituições do Antigo Testamento. Os grandes líderes: Moisés, Arão, Josué, o culto e os sacrifícios e o serviço do Sumo Sacerdote, encontram-se no centro desse tratado. Essa carta é uma das que mais explicita a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento. Nela, compreendemos que a lei foi dada como “a sombra dos bens futuros e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam” (Hb 10. 1). Essa carta só pode ser plenamente compreendida pelos servos do Senhor que conhecem bem o livro de Levítico, o qual só encontra seu pleno significado quando lido juntamente com essa epístola destinada aos hebreus.

Embora não se tenha certeza acerca do autor aos hebreus, sabe-se que: não foi discípulo direto de Jesus (2.3, 4); baseou-se na tradição da igreja primitiva (2.17, 18; 4.15; 5.7-9; 7.14; 12.2, 3; 13.12); não foi um dos fundadores da igreja (13.7), mas estava familiarizado com o início e com o desenvolvimento da mesma (5.11-14); estava intimamente ligado à igreja (6.9-12; 10.32-39; 12.1-11); estava ligado a Timóteo e tinha relações com a Itália (13.23, 24); era judeu, pois conhecia todos os rituais do judaísmo (2.2; 9.4, 21; 11.37; 12.21); possuía boa retórica, pois parece que estava fazendo um discurso falado a ser oralizado (2.5; 5.11; 8.1; 9.5; 11.32).

Os destinatários da carta não foram identificados, mas tem-se um perfil dos mesmos por meio de seu conteúdo: conheciam o sacerdócio araônico e levítico e o Antigo Testamento; eram cristãos da segunda geração (2.3, 4); haviam sofrido perseguição, mas não a ponto de morrerem (10.32-34; 12.4); eram generosos e liberais para com os perseguidos (6.10; 10.34); não progrediam na fé cristã (2.1-4; 3.12-19; 6.4-6; 10.25-29; 12.14-16); alguns se separavam da comunidade (10.25). De qualquer maneira, esse perfil aplica-se, perfeitamente, aos cristãos dos dias de hoje. A comunidade cristã estava ameaçada pelo enfraquecimento da fé (5.11 – 6.12; 10.23-25), pela imaturidade espiritual (5.12-14), pela incredulidade e apostasia (3.12-14) e pela falta de realização da salvação final (3.14; 6.12; 10.36). Esses são os mesmos perigos enfrentados por uma segunda ou terceira geração de cristãos; imagine pela nossa. O desafio do cristianismo é manter cada geração com pleno conhecimento da Palavra de Deus para que suas

vidas não se afastem dos seus ensinamentos, pois são eles que refrigeram a nossa alma e nos conduzem à vida eterna com Cristo.

Em contrapartida, são feitos apelos fortes e claros: ser fiel, firme e perseverante até o fim (3.6, 14; 4.14); não se afastar de Deus para não perder a promessa (3.12; 4.1; 6.4-8); no final haverá a plenitude de nossa união com Deus, como fruto da esperança e das boas obras (10.19-24; 13.1-6, 16). No centro dessa carta, encontramos a apresentação de Jesus Cristo como o Eterno Sacerdote (7.13 – 10.18), que supera todas as instituições culturais da antiga aliança. Ele mesmo é o sacrifício, que torna supérfluo todos os serviços do Antigo Testamento. Jesus não realizou ofertas religiosas nos moldes culturais judaicos: em lugar de uma ação sagrada realizada no recinto do templo, ele morreu fora do templo da cidade santa, como criminoso, eliminado da sociedade do povo de Deus (13.12), derramando o seu sangue e, assim, apresentando o sacrifício definitivo: uma vez, por todos.

Tiago

Tiago, mas qual deles? O Novo Testamento nos fala de três *Tiagos*: o filho de Zebedeu, o filho de Alfeu, e Tiago, o justo, irmão do Senhor, que, provavelmente, é o escritor dessa carta. Parece que o meio da conversão de Tiago foi quando Jesus se apresentou a ele vivo (1 Co 15.7). Tiago logo despontou entre os crentes de Jerusalém. Foi ele quem presidiu o 1º Concílio da Igreja em Jerusalém (At 15.13). Respeitado pelos judeus em geral, foi martirizado em 62. O seu martírio é contado por Josefo.

Essa carta foi dirigida aos judeus da Dispersão (1.1), aos judeus crentes que saíram da Terra Santa por causa da perseguição. A data é incerta, porém, é tido, também, como um dos mais antigos escritos do Novo Testamento e pode ter sido escrito cerca do ano 45.

O estilo de Tiago é claro e muito franco. Ele usa frases empolgantes e fáceis de serem lembradas. Tiago não se preocupa com doutrina. A sua ênfase é prática. A carta é, também, caracterizada pelas ilustrações memoráveis: como “o que duvida é semelhante à onda do mar” (1.6); a língua é comparada ao leme do navio (3.4-5); a vida é comparada à neblina que logo passa (4.14) etc.

Já foi dito que, em nenhuma outra epístola, há tantas referências aos ensinamentos de Cristo, como estes aparecem nos Evangelhos, em espaço tão pequeno. Os conselhos dados, pela sua ênfase sobre a santidade prática, nos lembram, vivamente, o Sermão do Monte, especialmente Mateus 5.20 e 6.1, que são uma síntese do *Manifesto de Jesus*.

Esse uso extensivo dos ensinamentos de Cristo torna a epístola de suma importância para nós. É nela que aprendemos a ser praticantes da Palavra e não meramente ouvintes (Tg 1.22). É nela, conforme já vimos anteriormente, que aprendemos a demonstrar nossa fé por meio das nossas ações, visto que a “fé sem obras é morta” (Tg 2. 26). Por isso, devemos nos despojar do velho homem e nos revestir do novo para sermos novas criaturas em Cristo, somente nosso modo de vida e ações podem evidenciar se somos, ou não, novas criaturas.

1 PEDRO

Essa carta foi escrita cerca do ano de 64, seu versículo-chave é 1.3, que fala da misericórdia de Jesus que, por meio dela, “nos gerou de novo para uma viva esperança”. A evidência da própria epístola é que o seu escritor foi Pedro, o apóstolo de Jesus Cristo; evidência universalmente aceita pela igreja primitiva. Lembramos que Pedro foi levado a Cristo pelo seu irmão, André. Pescador por profissão, recebeu, na ocasião da sua chamada ao discipulado, a seguinte promessa: “serás pescador de homens” (Lc 5.1-11). Em Atos, ele é a figura principal dos primeiros doze capítulos e é mencionado em Gálatas 1 e 2 e em 1 Coríntios 9.5. Nada se sabe, com certeza, da última parte da sua vida, se bem que a tradição declara o martírio de Pedro, em Roma, cerca do ano 67. Alguns acham que Pedro morreu na Babilônia.

A excelência do grego, o melhor do Novo Testamento, é a razão dada pelos críticos para disputar a autoria da carta, dizendo ser bom demais para ser usado por um simples pescador. Porém, em 1 Pedro 5.12, aprendemos que quem fez essa parte prática foi Silvano, fiel companheiro de Pedro e Paulo (2 Ts 1.1). Provavelmente, Silvano é o mesmo Silas do qual lemos em Atos (15.22, 27, 32).

Essa carta foi escrita em tempo de intensa perseguição (1.6-7; 3.4; 4.12; 5.9), portanto o propósito do apóstolo ao escrever foi o de animar os crentes e prepará-los para enfrentar as perseguições desencadeadas sobre os cristãos, depois do fogo de Roma em 64. Essa carta é um documento maravilhoso do cristianismo; faz referência, especialmente, a Isaías, aos Salmos e aos Provérbios e, portanto, é muito explícita ao estabelecer a relação que há entre o Antigo e o Novo Testamento. A carta não é somente inspiradora e prática, mas contém passagens evangelísticas como 1.18-19; 2.24-25. Além delas, a carta aborda os seguintes temas:

- a) *A Grande Salvação* – mesmo no meio do sofrimento, o crente pode regozijar-se na esperança maravilhosa a qual está sendo guardada por Deus (1.3-12);
- b) *A Chamada à Santidade* – como Paulo, Pedro usa a doutrina como base para a sua exortação prática: “Portanto... sede vós, também, santos...” (1.13; 2.10);

- c) *A Pedra e as Pedras (2.4-8)* – é interessante comparar esse trecho ao de Mateus 16.18. Pedro, ao menos, não duvida sobre quem era a Pedra Principal, o Fundamento da igreja. As demais pedras dependiam da Pedra Angular predita em Isaías 28.16;
- d) *Os Deveres Cristãos (2.11 – 3.12)* – aqui temos conselhos de como se portar no estado (2.13-14), na sociedade incrédula (2.12), no emprego (2.18), na família (3.1-7) e na igreja (3.8-13);
- e) *Sofrimento e Glória (3.13 – 4.19)* – Pedro mostra como as perseguições trazem grande galardão e glória. Porém é preciso que sejam perseguições de verdade e não o justo castigo por algum mal que o crente fez (4.15);
- f) *Humildade e Serviço (5.1)* – até os líderes da igreja devem exercer o seu ministério com toda humildade e, assim, receberá do Sumo Pastor seu galardão.

2 PEDRO

Tem havido muita discussão quanto à autoria dessa carta que demorou a ser aceita como inspirada ou canônica; isso porque há diferenças de estilo e de matéria da primeira carta; mas isso é natural quando lembramos que essa foi escrita com um propósito diferente e, provavelmente, por outro amanuense. Entretanto, há muitas semelhanças de palavras e frases, não só nas duas epístolas, mas, também, em Atos e (nos discursos de Pedro) em Marcos. A própria epístola diz ser de “Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo” (1.1). É o mesmo autor da primeira carta (3.1) escrita às mesmas pessoas. Pouco antes do martírio de Pedro (1.14), mais ou menos em 66 ou 67.

Enquanto a primeira carta foi escrita para animar e fortalecer os cristãos sob perseguição e provações, a segunda tinha por objetivo preveni-los contra falsos mestres e suas doutrinas corrompidas. Isto é, enquanto a primeira carta foi para consolar, a segunda foi para advertir.

Na primeira carta, Pedro exorta os crentes para que sejam pacientes nos sofrimentos, mas nessa recomenda-lhes perseverança na verdade para não cair nos erros daquele tempo. Para isso, deveria haver uma piedade progressiva (1.3-11). Eles encontrariam uma prova clara da verdade das Escrituras no cumprimento das profecias e no testemunho dos santos de Deus. Em termos enérgicos, Pedro os avisa contra os falsos mestres que seriam reconhecidos pelas suas vidas corruptas e pelo abuso das doutrinas da graça, tornando a liberdade em libertinagem (2.1-22, especialmente o verso 19), assegurando-lhes que a segunda vinda do Senhor é certa (3.1-13).

Em seguida, Pedro aconselha os cristãos a serem diligentes e santos (3.14-18), apelando para os ensinamentos de Paulo (vs. 15-16) com confirmação das suas ideias; adverte que aqueles ensinamentos tinham sido torcidos por homens indoutos com o fim de justificarem as mais perniciosas práticas. Pedro termina a sua carta com uma exortação para a perseverança na verdade e crescimento na graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo.

1 João

O autor dessa carta é o apóstolo João, filho de Zebedeu, segundo o testemunho de Policarpo e de Papias, que foram discípulos de João, e provas internas em comparação com o evangelho por ele escrito (cf. 1 Jo 1.1-14). No seu próprio evangelho, João nunca cita o seu nome. Apresenta-se sempre como o “discípulo a quem Jesus amava” (Jo 2.17, 13.23). A data da escrita é, mais ou menos, em 90 d.C.

“Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus” (1 Jo 5.13). *Saber* é, portanto, a palavra-chave da epístola. João demonstra as três características do verdadeiro conhecimento de Deus:

- a) Santidade de vida (5.18, cf. 1.6; 2.15; 3.6);
- b) Amor aos irmãos em Cristo (4.7, cf. 3.14; 4.10-11);
- c) Doutrina certa (4.3, 15).

Após a introdução (1.1-5), João ensina que o caráter divino deve determinar o caráter da vida dos crentes (1.5 – 2.11); adverte-os contra as doutrinas heréticas e contra a influência mundana (2.12-29). Em seguida, insiste sobre a necessidade de fazerem sempre o que é justo e permanecerem no amor de Deus (caps. 3 e 4). Diz que é bastante que, verdadeiramente, creiamos que Deus dá a vida eterna em Cristo para sermos santos e felizes e para sermos perdoados e santificados (5.1-12). Na conclusão, ele resume as doutrinas ensinadas (5.13-21).

João estava combatendo o gnosticismo, que negava a pessoa de Cristo e praticava a imoralidade. Ele mostrou que o verdadeiro conhecimento e comunhão com Deus são sempre distinguidos pela santidade de vida, pelo amor fraternal e pela fé em Jesus como Deus encarnado.

As frases *nós sabemos* e *vós sabeis* são usadas cerca de 20 vezes. Combateu as heresias por meio de fatos verdadeiros no Evangelho, procurando edificar os crentes e converter os incrédulos.

2 João

O autor é também o apóstolo João (o Presbítero, conforme 1 Pedro 5.1) e a carta foi destinada “à senhora eleita e aos seus filhos” (1.1). Alguns acham que era uma senhora cristã com o nome de *Kyria* que, em grego, quer dizer *senhora*. Outros supõem que representa uma igreja.

A epístola foi escrita, aparentemente, para advertir os amigos contra a heresia e a associação com falsos mestres, vs. 7-11.

3 João

O apóstolo João escreveu essa carta a Gaio. Ele desejava que esse seu amado irmão fosse bem em todas as coisas: “e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma” (v. 2). Pelo teor da carta, entendemos que o apóstolo discipulou Gaio e estava muito feliz porque ouvia sobre o bom testemunho dele: “muito me alegrei quando os irmãos vieram e testificaram da tua verdade, como tu andas na verdade. Não tenho maior gozo do que este: o de ouvir que meus filhos andam na verdade” (vv. 2,3). Essa também deve ser nossa alegria. O apóstolo, apesar de já ter ouvido sobre o bom testemunho de Gaio, ainda aconselha: “procedes fielmente em tudo o que fazes para com os irmãos e para com os estranhos” (v. 5).

Nessa carta, o apóstolo revela a Gaio uma insatisfação: a falta de hospitalidade de Diófrefes e como ele fala mal do apóstolo. Mas, a Gaio, diz para seguir o bem, pois quem faz o mal não “tem visto Deus” (v. 11).

JUDAS

“Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago” (1.1), era, portanto, irmão do Senhor (Mt 13.35; Mc 6.3). O verso 17 dá a entender que não era apóstolo, mas que se converteu depois da ressurreição, como o seu irmão Tiago, e se dedicou a servir àquele que tinha rejeitado por tanto tempo (At 1.14). A data é muito incerta, mas, possivelmente, cerca de 67.

A preocupação da epístola é combater a heresia nascente daqueles dias – o gnosticismo com suas tendências imorais (v. 4).

Depois da saudação (v. 1-2), Judas assinala o motivo de escrever (v. 3), anuncia a condenação reservada aos falsos mestres e define a apostasia no seu caráter (v. 4) e características (vs. 12, 16, 19). Ele dá várias ilustrações da sua natureza e o resultado, quais

sejam: Israel na sua incredulidade (v. 5), os anjos na sua rebelião (v. 6), Sodoma e Gomorra na corrupção (v. 7), Caim na sua justiça própria (v. 11), Balaão na sua avareza e Coré na sua presunção (v. 11b). Mostra, então, qual deve ser o dever do cristão em tais circunstâncias (v. 17-23) e termina com uma rica doxologia (v. 24-25).

As características dos falsos mestres:

- a) Vida dissoluta (vs. 16, 19);
- b) Amor ao dinheiro (vs. 11, 16);
- c) Arrogantes (v. 16);
- d) Desprezo da sã doutrina (v 11).

Os discípulos são conservados por Jesus Cristo (v. 1) e por Aquele que é poderoso para guardá-los de tropeçar (v. 24), mas isso não lhes tira a responsabilidade de andar com cuidado, edificando-se, cada vez mais, na fé (Fl 2.12-13).

LIVRO PROFÉTICO

APOCALIPSE

O Apocalipse é o cumprimento da promessa do Senhor Jesus aos apóstolos, em João 16.31: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade... e vos anunciará as coisas que hão de vir”. Sendo assim, o Apocalipse é a última palavra de Deus aos homens. Se a mensagem dos profetas dava a Israel uma última oportunidade de voltar-se para Deus, a mensagem profética do Apocalipse, que fecha o cânon das Escrituras, é como se fosse a última advertência do Senhor à sua igreja e à humanidade em geral. Se estes não escutarem, chegará o momento em que não haverá mais esperança para eles, como no tempo em que não houve mais remédio para Israel.

O Apocalipse é a história escrita, antecipadamente. Isaías, Amós e Jeremias anunciaram a queda de Samaria e de Jerusalém, o cativeiro babilônico e os sofrimentos resultantes disso – e essas profecias se cumpriram ao pé da letra. Então, não podemos esperar outra coisa do livro profético do Novo Testamento.

O termo apocalipse é formado por dois vocábulos gregos: o verbo *kalypto* = *cobrir*, *envolver*, *ocultar*, *pôr véu em*, mais a preposição *apo*, que aqui tem a ideia de *afastamento*.

Assim, apocalipse significa *remover o véu, revelar, descobrir algo que está encoberto*. Em inglês, o título é *Revelation*, e as primeiras três palavras do livro são: *Revelação de Jesus Cristo*.

As evidências históricas creditam o Apocalipse à última década do primeiro século, quando César Domiciano era imperador de Roma (81-96 d.C.).

O apóstolo João, o mesmo autor humano do evangelho e das três epístolas, é o autor do Apocalipse (1.1, 4, 9; 22.8). Quem era esse João? Pelo estilo do livro, podemos deduzir que ele era um cristão de origem hebraica e, portanto, conhecia, de ponta a ponta, o Antigo Testamento. Alguns afirmam que João tinha cerca de 80 anos quando recebeu essa revelação do Senhor Jesus Cristo. Mas é bom lembrar que João foi o recipiente, não o autor do Apocalipse, pois a revelação é de Jesus Cristo.

João estava na ilha chamada Patmos. Era uma entre diversas ilhas pequenas a sudeste da costa da Ásia Menor. Era uma ilha vulcânica e tinha elevações de até 300 metros. Na literatura romana, encontramos indicações de que ilhas, como essa, eram usadas para exilar criminosos políticos. No caso de João, parece que ele foi acusado de subversão pelo governador da Ásia por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus (1.9). Vale lembrar que, desde o começo, a igreja tem sido acusada de subversão política (At 17.7).

João recebeu essas revelações para mostrar aos discípulos de Jesus as coisas que em breve deveriam acontecer. Deus não faz as coisas sem propósito. O Apocalipse foi uma bênção para a fé dos primeiros cristãos e para as igrejas da Ásia. É certamente verdade que a Escritura estaria incompleta sem o Apocalipse – e isso se encaixa, perfeitamente, ao que disse o profeta Amós: “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas” (Am 3.7).

A Bíblia começa com uma revelação da eternidade passada, com a majestosa frase de Gênesis 1.1: “No princípio criou Deus os céus e a Terra”. Nós não conheceríamos os detalhes da criação, do começo, se não fosse a revelação do Senhor a Moisés (cf. Ex 33.11; Dt 5.4; 34.10). Da mesma forma, não conheceríamos a revelação do fim se não fosse a revelação dada a João. E as coisas do Apocalipse **DEVEM ACONTECER**. Por isso se diz que o Apocalipse é *história escrita antecipadamente*. O livro, também, foi escrito por causa da obediência do apóstolo ao Senhor: “(...) ouvi por detrás de mim grande voz, como de trombeta, dizendo: O que vês, escreve em livro e manda às sete igrejas” (1.10-11).

A Divisão-Chave do Apocalipse (1.19)

- a) As coisas que viste (capítulo 1);

- b) As que são (capítulos 2 e 3);
- c) As que hão de acontecer depois destas (capítulos 4 a 22).

O livro de Apocalipse dá continuidade ao livro de Daniel. Ao final das revelações de Deus a Daniel, Ele ordena que ele feche as palavras e, por isso, diz: “sela este livro; até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará” (Dn 12.4). No capítulo 5 de Apocalipse, João nos fala sobre um “livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos” (5. 1). Não podemos ter certeza de que este é o livro selado por Daniel, mas aquilo de que temos certeza é que Deus não revelou o que mandou Daniel selar e o livro de Apocalipse é uma revelação dos acontecimentos que ainda estão por vir para, finalmente, Deus cumprir, integralmente, suas promessas a Abraão e a Davi.

O discípulo de Jesus precisa compreender o comprometimento de Deus com o cumprimento dos seus propósitos. Seu grande objetivo é fazer a terra ser habitada, mas com justiça, e isso somente é possível com o estabelecimento do seu Reino nela. Apocalipse nos revela que a criação atual, cujo registro está em Gênesis, não servirá mais aos propósitos de Deus. Ele decidiu criar “um novo céu e uma terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe” (21. 1). Depois da criação desse novo céu e dessa nova terra, descera do céu a nova Jerusalém, uma cidade que foi preparada por Deus, construída com ouro e com pedras preciosas (21. 2-27). É esse novo mundo que os discípulos que formaremos devem amar. O alvo deles deve ser viver na nova Jerusalém e eles devem, também, entender que somos embaixadores desse Reino, levantado por Deus e que “não será jamais destruído; e esse reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre” (Dn 2. 44).

É por amar a Deus sobre todas as coisas que desejamos ardentemente o estabelecimento do Reino dele e é por isso que aceitamos as exigências da chamada de Jesus e suas responsabilidades. É por amor a este Reino que não aceitamos nas nossas vidas os valores deste mundo e, por isso, continuamos a construir relacionamentos sólidos e duradouros na nossa família e com os amigos que conquistamos. É por amor a este Reino que mudamos toda a nossa vida e nos dispomos a viver uma vida disciplinada, ordenada que dê sempre bom testemunho em tudo, pois somos chamados para ser luz e sal desta terra, somos chamados para brilhar como astros neste mundo cheio de trevas. É por amor a este Reino que reconhecemos a nossa condição de pecadores e aceitamos passar pelo novo nascimento. É por amor a este Reino que nos dedicamos a conhecer a Palavra de Deus na sua totalidade e compreender o grande plano dele

para salvar a humanidade. É por amor a este Reino que nos interessamos pelos temas confessados pela igreja de Jesus e pelas doutrinas básicas que a sustentam. É porque amamos a Deus sobre todas as coisas, com toda a nossa força, com todo o nosso entendimento, com todo o nosso coração e ao próximo como a nós mesmos que obedecemos ao IDE de Jesus e temos, ardentemente, no nosso coração o desejo de que o evangelho seja pregado entre todos os povos, tribos, línguas e nações. Por tudo isso, é que nós nos dispusemos a, enquanto vivermos, gastar nosso tempo, nosso talento, nossa força para fazermos discípulos para este Reino que nunca terá fim.



CAPÍTULO VI

O PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO: o conteúdo doutrinário

O escritor aos hebreus nos diz que devemos reter “firmes a confissão da nossa esperança” (Hb 10.23). O estudo sistemático da Bíblia fez com que fossem estabelecidas as doutrinas, ou seja, os princípios básicos sobre os quais a fé cristã está firmada. Para retermos firmes a nossa confissão, devemos ter clareza dela e ensiná-la aos novos convertidos para que, posteriormente, após integrados à igreja de Jesus Cristo, ensinem a outros.

Devemos, desde já, ressaltar que o conhecimento da pessoa de Deus, que se revela nas Escrituras, está acima de toda e qualquer especulação humana, pois os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos e nem os nossos caminhos são os caminhos dele porque “assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos” (Is 55. 9). Portanto, ainda que conheçamos tudo que está escrito na Bíblia sobre Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo e todo o plano de salvação da humanidade que foi revelado por meio dela, não poderíamos compreender tudo e muitas coisas nos foram encobertas: “as coisas encobertas são para o Senhor; porém as reveladas são para nós e nossos filhos, para sempre para cumprirmos todas as palavras desta lei” (Dt 29.29). Tendo isso em vista, vamos nos concentrar somente no que está revelado na Bíblia e, para a compreensão do que está revelado, precisamos do Espírito Santo, que inspirou as Escrituras, para abrir o nosso entendimento: “então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24. 45). Sem a condução do Espírito Santo, a Teologia é irrelevante para a comunidade cristã.

A disciplina de Teologia Sistemática lida com a totalidade da revelação bíblica e sistematiza as doutrinas. Assim temos os temas teológicos que são elaborados por essa disciplina e são confessados pela igreja: A suficiência das Sagradas Escrituras; A corrupção da natureza humana; A morte de Cristo na cruz como única forma de expiação para o pecado do homem; A justificação pela graça recebida somente pela fé; A necessidade da conversão do coração como resultado de uma nova criação operada pelo Espírito Santo; A ligação inseparável entre a fé verdadeira e a santidade pessoal. Desses temas, surgem os credos, que são a sistematização de forma bem sintética das doutrinas básicas que sustentam o cristianismo. Então, vamos começar pelo conhecimento do nosso credo⁵⁰.

⁵⁰ *Credo* é uma expressão latina que significa *creio*. Segundo a explicação de Ferreira (2011), é uma fórmula fixa que resume os artigos essenciais da religião cristã e tem a sanção, ou seja, o apoio, da igreja, representada pela sua

Cremos⁵¹

1. Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas distintas que, embora distintas, são iguais em poder, glória e majestade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; Criador do Universo, de todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, e, de maneira especial, os seres humanos, por um ato sobrenatural e imediato, e não por um processo evolutivo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29; Gn 1.1; 2.7; Hb 11.3 e Ap 4.11);
2. Na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17);
3. No Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, plenamente Deus, plenamente Homem, na concepção e no seu nascimento virginal, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus como Salvador do mundo (Jo 3.16- 18; Rm 1.3,4; Is 7.14; Mt 1.23; Hb 10.12; Rm 8.34 e At 1.9);
4. Na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo podem restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19);
5. Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8);

liderança. Esse credo é construído ao longo da história da igreja e, portanto, faz parte da tradição que dá sustentação a ela.

⁵¹ **Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.** Disponível em: <http://adanapolis.com.br/home/no-que-cremos/> e <http://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf>. Acesso 30 de janeiro de 2019. O credo acima foi copiado da Declaração de fé da Madureira, mas há itens em que acrescentamos informações do credo da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) que, em sua essência, em nada difere do da Madureira, mas somente acrescenta mais informações. Julgamos importante acrescentar dois itens que estão no da CGADB e não estão no da Madureira e temos a convicção de que é também um credo dela. Cremos: Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm 3.15; Hb 12.23; Ap 22.17) e cremos, também, que o casamento foi instituído por Deus e ratificado por nosso Senhor Jesus Cristo como união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido pelo sexo de criação geneticamente determinado (Gn 2.18; Jo 2.1,2).

6. No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9);
7. No batismo bíblico efetuado por imersão em águas, uma só vez, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12);
8. Na necessidade e na possibilidade de termos vida santa e irrepreensível por obra do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas de Jesus Cristo (Hb 9.14; 1 Pe 1.15);
9. No batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, que nos é dado por Jesus Cristo, demonstrado pela evidência física do falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7);
10. Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme sua soberana vontade para o que for útil (1 Co 12.1-12);
11. Na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira — invisível ao mundo, para arrebatá-la a sua Igreja antes da Grande Tribulação; a segunda — visível e corporal, com a sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16, 17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 1.14);
12. No comparecimento ante o Tribunal de Cristo de todos os cristãos arrebatados, para receberem a recompensa pelos seus feitos em favor da causa de Cristo na Terra (2 Co 5.10);
13. No Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morrerem durante o período milenial e os que, ao final desta época, estiverem vivos.
14. E na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20.11-15; 21.1-4).

De uma forma ampla, tratamos de todo o nosso credo ao longo deste livro, mas, neste momento, apresentamos de forma sistematizada, toda a nossa confissão de forma simples, lógica e sintetizada. O nosso modo de ver o mundo deve estar relacionado à nossa confissão, ou seja, o conjunto das nossas crenças, que moldam os nossos pensamentos e as nossas ações, devem nortear nossa forma de viver. Por isso, é que nossa mente deve ser renovada de modo que a confissão cristã norteie toda a nossa vida. Daí a importância de ensinarmos aos novos discípulos a nossa confissão. Eles não vão aprendê-la sozinhos somente com suas experiências espirituais de jejum, oração e leitura bíblica. É preciso explicar a eles no que cremos e demonstrar a coerência da revelação de Deus e do estabelecimento do seu Reino, no futuro. É preciso que o novo discípulo perceba como a tradição cristã tem uma compreensão das Escrituras de uma forma verdadeira e coesa e como deve haver uma relação intrínseca entre essa compreensão e a nossa experiência cotidiana.

A nossa tradição cristã possui alguns pressupostos, ou seja, já consideramos antecipadamente algumas questões como verdadeiras como, por exemplo, a existência de Deus que é revelado nas Escrituras: “sem fé é impossível agradar-lhe, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6). Quais são, então, as crenças vitais dessa tradição cristã que os novos discípulos precisam compreender e aceitar de todo o coração para não somente serem cristãos, mas para compreenderem o mundo em obediência à revelação que Deus faz de si mesmo nas Escrituras? Os novos discípulos não serão salvos por terem um conhecimento sólido e detalhado da Teologia Cristã, mas o conhecimento das doutrinas básicas da fé cristã, segundo Franklin Ferreira, os guiará na interpretação das Escrituras para não serem meninos na fé. Para J. Rodman Williams, uma definição de Teologia seria: “o conteúdo da fé cristã conforme apresentado em exposição ordenada pela comunidade cristã” (2011, p.13). Vejamos, então, como esse conteúdo é ordenado.

Doutrinas básicas do cristianismo em ordem lógica

A Doutrina da revelação

Todo conhecimento que temos de Deus só pode vir dele mesmo. Ele se revela a si. De forma simplificada, podemos dizer que há uma revelação geral, nela Deus se revela por meio da criação e da lei moral; e uma revelação especial, na qual Deus se revela por meio das Escrituras, lugar em que é revelado, também, Jesus Cristo e o Espírito Santo.

Deus, em primeiro lugar, se revela por meio da criação (Gn 1.1; Sl 19.1-6; At 17. 22-31). Entretanto, os homens distorceram essa revelação e preferiram prestar culto à coisa criada e não ao Criador (Rm 1.18-23). Mesmo que o homem pecador não obedeça, ele sabe que existe uma lei moral, ela foi gravada no coração do homem, na sua consciência: “a lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do Senhor são retos e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro e ilumina os olhos” (Sl 19.7-8). Mesmo sabendo dessa lei que, antes de ser escrita, foi gravada na consciência, a condição pecaminosa do homem impede-o de viver em coerência com ela. Ele não consegue crer e proceder de forma harmoniosa à sua crença. Mas, mesmo assim, embora não conseguindo obedecer à lei, ela “nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo” (Gl 3. 24) e sustentou o povo de Israel, embora ele não tenha compreendido que “toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5. 14). A lei de Deus deve ser cumprida rigorosamente na vida dos discípulos de Jesus: “as palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu” (Sl 19. 14). Essa revelação é caracterizada, segundo Ferreira, por lei, testemunho, preceitos, mandamentos, temor e juízos. Temos a lei e devemos ser moldados por ela. Deus se revela para salvar o povo, mas também para o alimentar, o acalentar e o alegrar.

Não é possível receber a salvação por meio da revelação geral, mas somente por meio da revelação especial, ou seja, por meio das Escrituras. Por isso, defendemos a centralidade das Escrituras na vida cristã e isso pressupõe que elas são verdade fundamental da fé cristã. São, portanto, o conjunto de livros dados, por Deus, à igreja. A esfera de conhecimento e interpretação das Escrituras é a comunidade cristã e, por isso, não deve haver espaço para interpretações e compreensões particulares. O nosso credo demonstra o entendimento da nossa comunidade e tradição cristã e, por isso, ele deve ser ensinado: “sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação” (2 Pe 1.20).

Se assim cremos, consideramos que a Bíblia é inerrante, ou seja, não contém erro; é infalível, ou seja, não falha em seus pressupostos; é confiável, tem clareza e suficiência. Se isso é realmente verdade para nós, compreendemos que, no discipulado, a Palavra de Deus, sendo a verdade, moldará a mente do novo discípulo. A Palavra é inerrante e infalível porque foi inspirada por Deus. O conceito de suficiência da Bíblia é encontrado em 2 Tm 3.16: “toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra”. Por isso, de acordo com o nosso credo, cremos “Na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão”.

A doutrina de Deus Trino, Criador e Soberano

Quem é Deus? Quem é aquele que é revelado nas páginas da Bíblia? Deus se comunica com o ser humano por meio da linguagem humana. Ele se revela e é capaz de se revelar e propiciar um encontro transformador entre Jesus Cristo e aquele que nele crê. Deus é o único Senhor: “ouve, pois, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”. Ele é, ao mesmo tempo, criador, sustentador e redentor. É pessoal, pois é o nosso Pai que está no céu; é infinito; é transcendente, mas também é imanente, pois habita dentro de nós, participa da criação, do tempo e da história. É único, mas se revela como alguém que existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Cada uma é uma pessoa e cada pessoa é Deus. Sobre essa questão, vejamos o que nos diz Williams (2011, p. 79):

Agora que discutimos o fato de que existe um Deus, e um somente, mas também três pessoas, cada uma das quais é Deus, surge a pergunta: “Como se deve entender isso? Como pode existir um Deus em três pessoas”. É aqui que nos confrontamos com o mistério do Deus trino. Embora tentemos, não podemos esperar compreendê-lo plenamente (...). O Pai não é o Filho, e o Filho não é o Espírito Santo. De fato, nenhum dos três é um outro: existem três pessoas. O Pai é uma pessoa distinta, assim como o Filho e o Espírito Santo. As três pessoas existem eternamente; os termos “Pai”, “Filho” e “Espírito Santo” não são meras figuras de linguagem ou títulos (portanto mutáveis e temporários) tampouco são expressões das várias maneiras pelas quais Deus se revela (...) O Pai, o Filho e o Espírito Santo são e permanecem eternamente pessoas distintas.

Esse Deus trino é o criador de todas as coisas. A base da doutrina da criação é, segundo Williams, a revelação divina. O homem não seria capaz de compreender a criação, sem a revelação de Deus. Portanto, a realidade da criação só foi possível de ser conhecida pelos homens porque o próprio Deus tornou essa realidade conhecida. A criação, portanto, juntamente com outros mistérios, tais como a eleição, a redenção e a consumação final, pertence à “autorrevelação de Deus” (WILLIAMS, 2011, p. 81). A criação revela os primeiros atos poderosos de Deus e pode “ser definida como o ato pelo qual Deus deu existência ao Universo. É fazer surgir o que não existia”: “antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Sl 90.2). Vejamos o que nos diz nosso credo: cremos “Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas distintas que, embora distintas, são iguais em poder, glória e majestade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; Criador do Universo, de todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, e, de maneira

especial, os seres humanos, por um ato sobrenatural e imediato, e não por um processo evolutivo” (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29; Gn 1.1; 2.7; Hb 11.3 e Ap 4.11).

Podemos conhecer a Deus trino por meio do conhecimento dos seus atributos. Atributos são as qualidades que constituem a perfeição de Deus e que são compartilhados por todas as pessoas da trindade, visto que as três pessoas possuem a mesma essência. Esses atributos caracterizam as qualidades que são próprias do ser divino e podem ser divididas em incomunicáveis e comunicáveis. Os primeiros se subdividem em ligados à soberania divina, ou seja, Deus tem o controle sobre todas as coisas: onipresente, onisciente e onipotente, e ligados à glória de Deus: independente, autoexistente (eterno), imutável (não muda sua perfeição), justo, santo, bondoso, verdadeiro. Os segundos revelam a condescendência de Deus e são virtudes que se refletem em homens e mulheres criados à sua imagem. Eles se subdividem em ligados à graça de Deus: amor, paciência, misericórdia, fidelidade, e ligados à santidade. A santidade de Deus conduz à sua justiça.

De acordo com Babler et alii, a falta de uma compreensão exata da pessoa de Deus, nos conduz a um modelo de formação de discípulos cuja abordagem está centrada no homem e na satisfação dos seus desejos pessoais. Deus precisa resolver todas as angústias do homem e resolver também seus problemas. A compreensão dos atributos de Deus e um discipulado que considera essa doutrina, levará o novo discípulo a entender tudo como uma providência divina, de modo que Ele nos capacita a enfrentarmos, com paciência, os problemas que nos sobrevêm, pois, cremos que, no momento certo, Deus transformará todas as circunstâncias para o nosso bem, mesmo que seja uma correção. Quando formamos discípulos que entendem a grandeza de Deus, eles compreenderão porque devemos renunciar a nós mesmos: a grandeza do que Deus tem preparado para os que serão salvos nos capacita a enxergar o quão pequenos somos e quanto devemos nos empenhar para sermos colaboradores de Deus para a implantação do seu reino. De acordo com Lloyd-Jones (1995, 23):

A chave da história do mundo é o reino de Deus. A história das (...) nações mencionadas no AT só tem importância quando se relaciona com o destino de Israel. E, em última instância, a história hodierna só tem importância em relação com a história do reino de Deus. Deus trabalha para o estabelecimento do seu Reino e está chamando pessoas para esse Reino.

A consumação desse Reino será a inauguração dos novos céus e nova terra. Devemos formar discípulos para ser cooperadores desse Reino que será dirigido por esse Deus que tem todos os atributos vistos anteriormente.

A doutrina do homem

Deus criou o homem bom e à sua imagem, portanto em verdadeira justiça e santidade para conhecer e ter comunhão com seu criador. Sendo assim, viveria eternamente e plenamente feliz sempre louvando e glorificando a Deus. Todavia, conforme já vimos, o homem desejou ter conhecimento do bem e do mal e, por isso, desobedeceu à ordem de Deus de não comer da árvore da ciência do bem e do mal (Gn 2. 17). Por conta disso, sua natureza se corrompeu pela queda e, com a entrada do pecado no mundo, toda a raça humana sofre as consequências e o pecado destrói a vida dos que obstinadamente continuam se deixando levar pela pecaminosidade do coração e não se submetendo ao senhorio de Cristo. A partir da queda, todos somos concebidos e nascidos em pecado. Distante da comunhão com Deus, não conseguimos encontrar a felicidade que desejamos. Queremos ser felizes e não santos. Daí que a nossa tendência é justificar nossas ações com base nos sentimentos do nosso coração, ou seja, com base nas nossas emoções.

Apesar da queda, o ser humano reflete as próprias capacidades físicas do Criador, ou seja, ele tem a capacidade de aprender, conhecer, exercer amor, produzir, controlar e interagir e também as espirituais, visto que temos a aptidão para nos relacionar com Deus e com os outros, temos o autoconhecimento e a autodeterminação, temos emoções e raciocínio. Isso significa que, mesmo depois da queda, continuamos a ter parte da imagem de Deus em nós. Ao longo da revelação de Deus ao homem, seu relacionamento com ele foi sempre com base em alianças: com Adão, com Noé, com Abraão, com Moisés, com Davi. Todas elas se relacionam e encontram seu cumprimento em Jesus que representa a Nova Aliança. A imagem de Deus no homem é a base para a dignidade humana (Gn 9.6). Entretanto, muitos dos aspectos da imagem de Deus no homem foram perdidos ou manchados e somente podem ser renovados por meio da salvação em Cristo. Por isso, nosso credo diz que cremos

Na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo podem restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19);

Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).

No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).

No batismo bíblico efetuado por imersão em águas, uma só vez, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12);

Então, a saída que o homem tem contra o pecado⁵² é voltar-se para Deus e para o próximo, pois o pecado significa que erramos o alvo e esse alvo é o padrão que devemos seguir, revelado pela lei de Deus (Rm 7. 17,18). A lei moral de Deus nos é dada como padrão último da justiça e suas exigências morais estão resumidas nos dez mandamentos (Êx 20). Eles possuem validade permanente e, além disso, foram expandidos no Novo Testamento (Mt 5-7). O papel da lei moral é revelar o quanto necessitamos da justiça requerida por Deus. Somente podemos nos refugiar da ira de Deus na justiça de Jesus Cristo, conforme vimos, por meio dele é que somos justificados.

Williams nos ajudará a compreender um pouco da complexidade do nosso chamado. Segundo ele, seria erro se disséssemos que tudo que Jesus fez depende de nós. Na verdade, a obra que Ele realizou foi para toda a humanidade. Também, segundo ele, não podemos dizer que essa obra se torna efetiva sem a nossa participação. Há um chamado geral para a salvação e vimos na história do jovem rico que, alguns, apesar de chamados, se recusam a seguir Jesus. A parábola do semeador nos mostra que os motivos são os mais variados para essa recusa. Isso significa que, apesar de o chamado ser para todos, alguns o recusam. Entretanto, por trás do chamado de Deus, está a sua escolha: “nos elegeu nele antes da fundação do mundo” (Ef 1.4). Fomos escolhidos antes que o mundo viesse à existência.

De acordo com a explicação de Williams, todas as vezes que, no Novo Testamento, aparece a palavra eleição/predestinação é usada, sempre, para se referir à salvação. Essa palavra aparece seis vezes. Quatro se referem à salvação (Rm 8. 29.30; Ef 1.5,11). As outras duas vezes em At 4.28 e 1 Co 2.7. Sendo assim, não existe uma ideia sobre dupla predestinação, ou seja, para a salvação e para a condenação. A ideia de predestinação para a perdição eterna não encontra respaldo bíblico. Para compreendermos melhor sobre essa questão da chamada, precisamos compreender a presciência de Deus: “porque os que dantes (de antemão) conheceu, também os predestinou para serem conforme à imagem de seu Filho” (Rm 8. 29); “eleitos segundo a presciência de Deus Pai” (1 Pe 1.2); “os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas essas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia” (Sl 139. 16). Sendo assim, “a eleição não deve ser entendida no NT como uma limitação pela qual apenas alguns podem crer – como se a graça de Deus fosse

⁵² Ferreira ainda nos orienta quanto aos significados de iniquidade e transgressão. O primeiro aponta também para o ato de pecado, incluindo a ideia da consequência ou de resultado do pecado (Sl 32.5; 1 Co 6.9) e o segundo significa violar aquilo que é exigido por Deus; atravessar uma linha proibida; rebelião, traição e quebra da aliança (1 Rs 12.19).

discriminatória –, mas sim como a condição na qual todos os que de fato creem têm sua fé fundamentada na eternidade” (WILLIAMS, 2011, p. 368). Se Deus não tem prazer na morte do ímpio e não faz acepção de pessoas, como ele poderia predestinar alguns para a perdição eterna? Além disso, o fato de já predestinar alguém para a perdição eterna entra em plena contradição com a justiça de Deus. Cremos que Cristo morreu por toda a humanidade e alguns rejeitam a obra que Ele realizou na cruz: “muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 20.16). A eleição não faz com que não haja a necessidade de responsabilidade humana. E, mesmo que o chamado de Deus não resulte em salvação, isso não deve ser atribuído a Deus, visto que Ele deseja que “todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2. 3,4).

De acordo ainda com Williams, se não considerarmos a presciência de Deus quando lidarmos com o propósito eterno de Deus para a eleição, o resultado será uma decisão arbitrária de Deus: um “decreto” eletivo. E é nesse decreto que os calvinistas⁵³ creem. Eles não consideram o contexto da presciência, mas o da predestinação absoluta e, nesse caso, “o decreto eletivo origina e necessariamente causa a fé e a salvação” (WILLIAMS, 2011, p. 371). Por outro lado, Williams explica que a presciência de Deus não deve ser entendida como a antevisão da fé, ou seja, antes da fundação do mundo, Deus anteviu que nós aceitaríamos a fé em Jesus Cristo e é assim que os arminianos⁵⁴ compreendem a salvação. Se fosse assim, a eleição divina estaria baseada na decisão humana e isso, também, não é verdade, pois, se Deus não tivesse se revelado a nós, não chegaríamos à salvação eterna.

Para resolver o problema da omissão da presciência no calvinismo e a sua compreensão errônea pelo arminianismo, Williams diz que precisamos enfatizar que é a PRESCIÊNCIA (e não a predestinação), o que deve ser considerado no contexto de eleição, e que a ELEIÇÃO (não a presciência) é o contexto da fé salvadora. O que esquematicamente ficaria assim:

Presciência (Deus nos conheceu) – **Eleição** (nos chamou e nos predestinou) – **fé salvadora** (nos justificou e nos glorificou)

Isso é o que ocorre com todos aqueles que, verdadeiramente, creem e está em conformidade com o que ensinou o apóstolo Paulo aos romanos 8.28-30:

⁵³ O **calvinismo** (também chamado de **Tradição Reformada**, **Fé Reformada** ou **Teologia Reformada**) é tanto um movimento religioso protestante quanto um sistema teológico bíblico com raízes na Reforma Protestante, iniciado por João Calvino, em Genebra, no século XVI.

⁵⁴ O **arminianismo** é uma escola de pensamento soteriológica (doutrina da salvação), baseada sobre ideias do holandês Jacobus Arminius (1560 - 1609) e seus seguidores históricos.

e sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto. Porque os que dantes **conheceu** também os **predestinou** para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E os que predestinou, a esses também **chamou**; e aos que chamou, a esses também **justificou**; e aos que justificou, a esses também **glorificou**.

E o modo pelo qual Deus chama é pela proclamação da Palavra: “mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Co 1. 24). Portanto, os novos discípulos precisam entender a responsabilidade que temos de pregar e ensinar a Palavra de Deus, sem nos preocupar com aqueles que, obstinadamente, a rejeitam, pois são “entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus, pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração” (Ef 1.18) e, portanto, sendo conhecidos de antemão por Deus, não foram eleitos antes da fundação do mundo para “santos e irrepreensíveis diante dele em amor” (Ef 1.4). Não tendo sido eleitos, não podem aceitar ao chamado geral para a humanidade e, portanto, não podem ser justificados e nem glorificados.

A doutrina de Cristo

Quem de fato é Jesus Cristo para nós? Ele é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, seu padrão de conduta é demonstrado pela humildade (Fl 2. 5-11) e Paulo nos aconselha a imitá-lo. Por meio de Cristo, é possível mudar a nossa velha natureza para a nova, o que, de fato, evidencia que somos discípulos dele. Dessa forma, precisamos ensinar aos novos discípulos não somente as consolações e as bênçãos que nos advêm como resultado do que Ele fez por nós, mas também as exigências de fé e de arrependimento que Ele nos faz como profeta. Assim, segundo Ferreira (2007), devemos ensinar contra a graça banalizada e ensinar que Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, profeta, sacerdote e rei. Somente quando o vemos dessa forma e andamos dignamente conforme o nosso chamado é que o nome de Deus é glorificado. Ele, de fato, nos proporciona perdão, libertação e expiação e conquistamos tudo isso por meio da fé e, por esse motivo, devemos adorar a Jesus como Deus, mas devemos segui-lo como modelo de obediência. Sobre a morte vicária de Jesus, ou seja, o fato de Ele ter nos substituído, falamos anteriormente. Sendo assim, cremos

No Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, plenamente Deus, plenamente Homem, na concepção e no seu nascimento virginal, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus como Salvador do mundo (Jo 3.16-18; Rm 1.3,4; Is 7.14; Mt 1.23; Hb 10.12; Rm 8.34 e At 1.9).

O profeta Isaías, no final do capítulo 52 e no 53, profetiza aspectos muito significativos sobre Jesus que dão sustentação a essa doutrina. Ele diz que o servo, referindo-se a Jesus, servo significa útil, operaria com prudência, ou seja, agiria com devoção, com cautela e sabedoria, seria engrandecido, elevado e muito sublime, que é digno de admiração, que se eleva acima do humano, que é celeste, divino e desperta sentimentos nobres porque possui uma perfeição que não se pode ultrapassar (52. 13). Esse servo pasmava a muitos por causa da sua aparência desfigurada, mas os reis da terra fechariam a boca por causa dele. Posteriormente, pergunta: “quem deu crédito à nossa pregação?” (v. 1), ou seja, quem creu e confiou na pregação? Na verdade, quem dá o crédito devido a essa pregação se firma, se edifica e se sustenta nos ensinamentos gerados dessa crença e dessa confiança e isso provê estabilidade e segurança com permanência duradoura, conforme já apontamos anteriormente.

Esse servo subiria como um renovo, um broto e como raiz de uma terra seca, não teria beleza e nem formosura para que fosse desejado. Seria desprezado e o mais indigno entre os homens, pois foi rejeitado pelos que o esperavam; seria um homem que enfrentaria dores e experimentaria muitos trabalhos. Mas esse servo tomou sobre si as nossas enfermidades e levou sobre si todas as nossas dores. Nós o consideramos aflito, ferido de Deus e oprimido porque ele foi ferido por conta das nossas transgressões e moído pelos nossos pecados. O castigo que nos trouxe a paz foi dado a Ele e nós fomos curados em virtude dos seus sofrimentos. Andávamos todos desgarrados como ovelhas que não têm pastor e o Senhor fez recair sobre Ele todas as nossas transgressões, por isso, foi oprimido, mas não disse palavra alguma em sua defesa. Ele foi tirado da terra dos vivos, pois o mataram, por conta dos pecados da humanidade. Mas pergunta o profeta: “quem contará o tempo da sua vida?” (v. 8). Não se pode contar porque Ele sempre existiu e sempre existirá, é eterno. Ele nunca praticou uma injustiça, nunca houve uma palavra na sua boca que não fosse verdadeira. Deus se agradou dele e a sua alma se pôs como expiação dos nossos pecados, ou seja, ele nos purificou e, por isso, veria a sua posteridade e o prazer de Deus prosperaria por meio da obra realizada por Ele. Com sua justiça, justificaria a muitos porque levou sobre si todas as iniquidades. Nós cremos nessa palavra e nosso credo revela essa confiança.

O Espírito Santo é a nossa garantia de salvação futura porque Ele é a força de Deus que gera a salvação vindoura: “fostes selados com o Espírito Santo da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória” (Ef 1.13,14). A vida cristã é uma vida vivida no Espírito. É uma vida regenerada. A divindade do Espírito Santo, conforme vimos anteriormente, é evidenciada em sua igualdade com o Pai e o Filho. Isso é confirmado pela forma como somos batizados: “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28. 19); pelas bênçãos apostólicas: “a graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos” (2 Co 13.13) e pelo modo como são apresentados os dons espirituais: “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (1 Co 12. 4-6).

Do Espírito Santo, podemos dizer que é um ser pessoal (Jo 16.14); é nosso consolador (Jo 14.26; 15.26; 16.7); possui inteligência (Jo 14.26; 15.26; Rm 8.16); possui vontade (At 16.7; 1 Co 12.11). Além disso, Ele fala, testifica, ordena, revela, luta, cria, intercede, vivifica os mortos e tem ciúmes (Tg 4.5).

A primeira obra que Jesus realizou após sua elevação ao céu foi o envio do Espírito Santo. Ele, então, assumiu o lugar de Jesus para realizar a obra de Deus na terra, mantendo uma estreita relação com o Pai e com o Filho. Entretanto, tem atuado desde a criação como doador de vida (Gn 1.3; Jó 26.13; Sl 104.3). Ele inspirou a Escritura e trouxe aos homens a revelação especial de Deus (1Co 2.13, 2 Pe 1.21). É Ele quem traz os benefícios da salvação aos cristãos: Ele justifica, regenera, santifica o discípulo e edifica a igreja. Toda a vida cristã deve ser vivida no Espírito e por meio dele. É nosso consolador e nosso intercessor. Assegura que somos filhos de Deus e possibilita a comunhão entre os irmãos, na igreja e fora dela.

Tendo sido conhecidos por Deus e eleitos para a salvação eterna, conforme vimos, respondemos ao chamado com fé e arrependimento e, assim, somos justificados e adotados por Deus e passamos a viver uma vida de santificação e perseverança na obediência. Passamos, portanto pelo novo nascimento, nos tornamos novas criaturas, pois nossa mente foi renovada, nos despimos do velho homem, nos revestimos com o novo e passamos, então, a participar da natureza divina. Nossa vida sempre passa por mudanças duradouras e graduais à medida que vamos crescendo na graça e no conhecimento. A nossa fé em Jesus, que é graça de Deus, ou seja, um favor imerecido, envolve, segundo Ferreira (2007), intelecto, pois precisamos conhecer o evangelho; afeto, pois somos persuadidos de que o evangelho é a verdade; e a vontade, pois passamos a confiar no evangelho. Tendo ocorrido tudo isso nas nossas vidas, evidenciamos a

nossa fé, conforme já apontamos, por meio de uma vida cheia de boas obras e isso se dá pela nossa conversão, decisão pessoal de cada um.

A atuação do Espírito Santo em nós nos leva a um arrependimento verdadeiro. A consciência profunda do pecado e a percepção da misericórdia de Deus em Cristo, faz com que o pecador se encha de tristeza e de aversão pelos atos cometidos anteriormente e, por isso, os abandona totalmente e se volta para Deus, resolvido a obedecer, integralmente, à sua Palavra. Essa mudança de mente, coração e vontade leva o novo convertido à percepção da santidade de Deus e de quão horrível é o pecado em relação a si mesmo. Isso gera um desejo de fugir do pecado pelo fato de não mais desejar o pecado e não simplesmente porque tem medo de ser punido por ele. Quando o novo discípulo chega a esse ponto, houve a renovação nele da imagem e semelhança de Deus. Ele deseja, então, ter uma vida santificada e isso significa o estado de ser separado por Deus, para Deus, de estar no Reino de Deus e ser uma possessão especial para Ele (Hb 2.11; 10.10, 14, 29; 13.12). Finalmente, o novo discípulo tem a liberdade de dominar a velha natureza, que foi crucificada em Cristo, e de criar condições para alcançar a vitória sobre o pecado porque ele não quer mais uma vida de pecado. A santificação é um processo e o discípulo vai crescendo em santidade na sua vida cotidiana à medida que vai amadurecendo espiritualmente e tendo experiências com Deus, respaldadas pela meditação e estudo da Palavra de Deus. Jesus já venceu o pecado e o diabo, por isso, podemos vencê-los também, mas temos que lutar até o fim.

Constantemente, o Espírito Santo nos ajudará a nos despojar do velho homem e a nos revestir do novo para que possamos andar em novidade de vida. O verdadeiro convertido é o discípulo chamado a buscar, durante toda a sua existência, o crescimento espiritual e a conversão diária, tendo uma vida marcada pelo arrependimento de cada ação que, for fraqueza, não glorifique o nome de Deus. Por tudo isso, o nosso credo diz que cremos

Na necessidade e na possibilidade de termos vida santa e irrepreensível por obra do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas de Jesus Cristo (Hb 9.14; 1 Pe 1.15);

No batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, que nos é dado por Jesus Cristo, demonstrado pela evidência física do falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7);

Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme sua soberana vontade para o que for útil (1 Co 12.1-12).

Acreditamos que o Espírito Santo opera de forma explícita na igreja e continua falando conosco, usando seus servos para falar em profecias. Mas cremos na diversidade dos dons e que o revestimento pelo Espírito Santo é evidenciado pelo falar em outras línguas. Essa é uma experiência que todo discípulo deve, necessariamente, buscar.

Por fim, as bênçãos que desfrutamos por termos sido regenerados e santificados pelo Espírito Santo são as seguintes: temos certeza do amor de Deus; temos muita paz; muita alegria; muita graça de Deus e perseverança para prosseguirmos nossa caminhada até a volta de Jesus ou até que Deus nos recolha.

A doutrina da igreja

O Espírito Santo torna realidade as graças alcançadas por meio de Jesus e reúne os santos em plena comunhão nas igrejas locais. Nós somos unificados em Cristo e, por isso, temos comunhão uns com os outros na igreja. Já vimos o significado do nome igreja, mas queremos ainda reforçá-lo. Conforme as explicações de Ferreira (2011), a palavra no hebraico, *qahal*, ou *kahal*, significa assembleia do povo de Deus, multidão ou grupo que se reúne especialmente para o culto e, no caso do povo de Israel, se referia a toda a comunidade nacional. Vimos que *ekklésia* designava as assembleias locais da Grécia Antiga e nelas os magistrados decidiam sobre a vida jurídica dos cidadãos (At 19. 31, 32, 39). No Novo Testamento, esse termo se refere à congregação local (Rm 16.5; 1 Co 16. 19, Cl 4. 15); à totalidade dos crentes que viviam em determinado lugar (Rm 16.1; Gl 1.2, 22; Cl 4. 16) ou à comunidade dos redimidos, a igreja invisível e universal (1 Co 12. 28; 15. 9; ; Ef 5. 25-30).

A igreja é, então, a comunidade que vive para a glória de Deus. Os discípulos estruturaram suas vidas segundo a vontade de Deus, por meio da sua graça e para sua glória. Sendo assim, a comunhão entre os crentes e a glorificação de Deus na igreja estão intimamente ligados. Comunhão significa a participação em algo juntos e se firma na união dos discípulos com Jesus. Na igreja primitiva, essa comunhão não se dava entre os discípulos e as pessoas com mau comportamento extremo, pois assim ensinava Jesus (Mt 18. 15-20), e nem com as que não consideravam a doutrina dos apóstolos (At 2. 42). Isso significa que a igreja evangélica é identificada pela genuína pregação da Palavra de Deus, pois ela é o instrumento supremo para a contínua renovação do povo de Deus, cuja finalidade é formar o povo à imagem de Cristo. Por tudo isso, cremos “Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm

3.15; Hb 12.23; Ap 22.17)” e aceitamos e respeitamos suas ordenanças tais como o batismo, que é o rito de iniciação na igreja, pois ele lava e regenera o pecador, uma vez que se une a Cristo na sua morte e na sua ressurreição; e a ceia, que é o recebimento do sacrifício de Jesus, por meio dela, nos alimentamos espiritualmente e demonstramos a comunhão com o povo de Deus e com Ele próprio.

A doutrina da vinda de Cristo

Vimos que a unidade existente entre o Antigo Testamento e o Novo se dá por meio da vinda de Jesus Cristo. A vinda dele é a viga que sustenta todo o plano de Deus para a salvação da humanidade, revelado nas Escrituras. O estudo sobre os acontecimentos futuros é feito pela Escatologia: do grego antigo εσχάτος, “último”, mais o sufixo – logia. Dessa forma, o estudo das últimas coisas é o princípio e o fim da fé cristã. Isso significa que não é apenas parte da doutrina cristã, pois, na verdade, toda pregação e mensagem cristã deve ter uma orientação escatológica, pois a igreja está esperando a volta de Jesus que, depois que ressuscitou, subiu ao céu, mas prometeu voltar para nos buscar. Assim como Ele ressuscitou, temos a convicção de que também ressuscitaremos, pois Ele veio e venceu a morte, visto que não tinha pecado algum. Na verdade, Jesus não apenas nos redime do pecado, mas dos resultados do pecado, ou seja, da morte, visto que Ele nos livra da segunda morte, que é a morte eterna.

Então, ao final de tudo, nossa fé culmina na ressurreição do nosso corpo e na criação de novo céu e nova terra, momento em que Deus estabelecerá seu Reino sobre todo o universo criado, momento em que veremos o domínio de Deus sobre toda história humana. Portanto, os discípulos que formamos devem almejar o céu, mais que o sucesso ministerial e profissional. Devem entender o sentido da glória celestial e ter o desejo ardente pela vida no céu. Conforme nosso credo, cremos

Na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira — invisível ao mundo, para arrebatá-la a sua Igreja antes da Grande Tribulação; a segunda — visível e corporal, com a sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16, 17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 1.14);

Entretanto, muitas denominações creem que Jesus voltará somente uma vez para concluir e consumir todo o plano de Deus. Consideramos conveniente explicar porque cremos na vinda de Jesus em duas fases distintas. Para a compreensão disso, levamos em conta as

revelações finais dadas, por Deus, ao profeta Daniel⁵⁵. No capítulo 9 de Daniel, está registrada a oração dele pelo seu povo. Nessa ocasião, o contexto histórico é o Império Medo-Persa e não o babilônico. Isso significa dizer que Daniel já presenciara o cumprimento de uma das profecias dadas a ele, por Deus. Sendo assim, mais do que nunca, estava desejoso de apreender os conhecimentos históricos futuros. Foi nessa ocasião que entendeu que o tempo do cativeiro do povo judeu estava chegando ao fim: “eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos” (Dn 9.2). Sendo assim, se dirigiu a Deus com rogos e oração. Fez uma longa oração e confessou os pecados de seu povo. Era desejo de Daniel compreender o que aconteceria depois do cativeiro. Então, o anjo Gabriel veio até ele e disse-lhe que havia vindo para fazer-lhe compreender o que aconteceria no final dos tempos.

A partir do versículo 24, o anjo fala-lhe sobre as 70 semanas que estão determinadas sobre o povo de Israel para a extinção da transgressão. As 70 semanas começaram a ser contadas a partir do edito de Ciro, autorizando os judeus a retornarem a Jerusalém. Do edito até o Messias seriam 7 semanas mais 62 semanas, ou seja, 49 anos mais 434 anos, porque cada semana corresponde a 7 anos. Depois de 62 semanas, o Messias seria retirado e Jerusalém, destruída. As 7 mais as 62 semanas dão um total de 69, ou 483 anos, portanto, já se cumpriram 69 semanas e resta, apenas, uma para se cumprir.

Em 444 a.C., o rei da Pérsia decretou a permissão do retorno dos judeus para a reconstrução de Jerusalém. O período de reconstrução vai até o ano 395 a.C. Da finalização da construção até a morte do Messias, passaram-se 62 semanas ou 434 anos. Sendo o Messias rejeitado pelos judeus, começou o período da igreja, ou seja, o da dispensação da graça. O período da igreja pode ser considerado um parêntese na contagem das 70 semanas. Na realidade, o que ocorreu é que Deus suspendeu a contagem das semanas e esta só recomeçará na ocasião em que finalizar o período da igreja na terra. Sendo assim, depois do arrebatamento da igreja, começará a contagem da última semana que será a da grande tribulação e, portanto, a 70ª semana de Daniel. Ao final dela é que ocorrerá a Batalha do Armagedom e a segunda vinda de Cristo, quando Ele destruirá o iníquo. Sobre essa questão de a igreja ser considerada um parêntese na contagem das 70 semanas de Daniel, assim se manifesta Erickson (2010, p. 145), quando expõe o posicionamento dos dispensacionalistas:

⁵⁵ Para uma compreensão mais abrangente desse assunto, ver Grangeiro (2015). *As profecias de Daniel e a ascensão do governo do Anticristo*.

Isso significa que a igreja não é mencionada em lugar algum do Antigo Testamento, não é profetizada em lugar algum. É um “parêntese” que se encaixa, especificamente, entre a sexagésima nona semana e as septuagésima semana de Daniel. Nenhuma profecia foi cumprida desde o tempo de Cristo. O relógio profético não moveu os ponteiros desde o Pentecostes.

O Anticristo ascenderá e fará uma aliança de paz e proteção com Israel. Nesse tempo, o sistema sacrificial será restaurado. Na metade da semana, ou seja, após três anos e meio, haverá o rompimento da aliança do Anticristo com Israel e a exaltação dele como grande líder do sistema religioso. Nessa ocasião, Israel sofrerá grande perseguição, até que clame pelo Messias e Ele venha para libertá-lo, já na ocasião da Batalha do Armagedom. Assim nós compreendemos e assim está expresso no nosso credo. Mas há outras compreensões bíblicas. Há correntes teológicas que afirmam que a igreja passará por um período da Grande Tribulação, Mesotribulacionismo, e por toda a Grande Tribulação, Pós-tribulacionismo. Para nós, isso, em si, não é essencial visto que, se permanecermos fiéis até o fim, qualquer que seja o tempo do arrebatamento, seremos arrebatados. Porém, embora tenhamos a certeza de que a igreja sofrerá os reflexos da Grande Tribulação, especialmente pela aceleração da apostasia, nosso entendimento é que a igreja não enfrentará as agruras dessa 70ª semana de Daniel, pois, nesse tempo, cremos, estaremos festejando as bodas do Cordeiro e comparecendo diante do Tribunal de Cristo, conforme o nosso credo: “No comparecimento ante o Tribunal de Cristo de todos os cristãos arrebatados, para receberem a recompensa pelos seus feitos em favor da causa de Cristo na Terra (2 Co 5.10)”.

De acordo com o nosso credo, nós somos pré-tribulacionistas, ou seja, cremos no arrebatamento da igreja, antes da Grande Tribulação. Esse entendimento é resultado da articulação das profecias de Daniel ao livro de Apocalipse. Precisamos explicitar, ainda que de forma sucinta, o nosso credo, mostrando porque acreditamos no arrebatamento: primeiro, nosso credo nos parece mais coerente e **dá conta de articular um número maior de textos bíblicos**; lembremo-nos de que o credo surge da compreensão da Bíblia; segundo, ele tem uma postura mais literal na abordagem das últimas coisas, o que limita as elucubrações interpretativas. Para os pós-tribulacionistas, a igreja enfrentará a tribulação, portanto, o texto de 1Ts 4.13-18 não se refere ao momento do arrebatamento, mas à segunda vinda de Jesus, após a tribulação. O fato de os pós-tribulacionistas não distinguirem, literalmente, Israel da Igreja, mas considerarem que a igreja “tomou o lugar do Israel nacional como povo da aliança de Deus” segundo apontado

por Erickson (ERICKSON, 2010, p.182), faz com que eles não diferenciem o público do texto de Mt 24, com o qual Jesus falava, os judeus, do público de 1Ts 4.13-18, com o qual Paulo falava, a igreja. Além disso, não consideram importante o fato de Jesus estar respondendo a uma pergunta: “Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?”. Nessa ocasião, ele diz, no versículo 30, que “todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória”. Por que Jesus não fala da transformação dos vivos que serão “arrebataados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar com o Senhor nos ares”?

Nosso entendimento é que Ele estava falando com os judeus acerca de sua segunda vinda e Paulo, com a igreja de Tessalônica, sobre o arrebatamento da igreja. Ainda de acordo com a exposição de Erickson acerca do texto que se encontra em 2Ts 2.6-7, os pós-tribulacionistas interpretam a passagem que se refere “ao que detém” de duas maneiras: “(1) aquele que detém é o Espírito Santo, mas sua retirada não acarreta a remoção da igreja; ou (2) aquele que detém não é o Espírito Santo. As duas interpretações concordam, no entanto, que a remoção daquele que detém não é o arrebatamento da igreja.” (ERICKSON, 2010, p.195). Consideremos que seja o Espírito Santo, numa visão pré-tribulacionista, com a retirada dele vai a igreja arrebatada; mas, numa visão pós-tribulacionista, a igreja permanece sem o consolador, sem o que nos convence do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16. 7-13). A igreja ficará sem o penhor da sua herança (Ef 1. 14). Seria possível a permanência da igreja sem o Espírito Santo? Não sendo o Espírito Santo, de acordo com Ladd, citado por Erickson, será o próprio Deus. Em outra consideração de Erickson, segundo nosso ponto de vista contraditória, os pós-tribulacionistas consideram a interpretação dos pré-tribulacionistas incongruente porque, segundo eles, Jesus deixou claro que o Espírito Santo estará presente durante a tribulação e citam para comprovação o versículo 11, de Marcos 13.

Entretanto, Jesus estava falando de acontecimentos que em breve se cumpririam como foi o caso da destruição de Jerusalém em 70 d. C. Na continuidade de sua exposição, Erickson aponta, então, segundo o posicionamento dos pós-tribulacionistas, que o Espírito Santo dará poder aos crentes para evangelizar. Nesse ponto, caminhamos para a finalização com duas perguntas: como então articularmos os textos de Paulo acerca da apostasia da igreja nos últimos tempos? (1Tm 4. 1-5). E quem crerá na mentira, conforme 2Ts 2. 11-12? Paulo diz aos tessalonicenses que, depois de retirado o que “resiste”, o iníquo será revelado e este opera segundo a eficácia de Satanás com muito poder e prodígio. Com esse poder, enganará os “que não receberam o amor da verdade para se salvarem” e porque não receberam esse amor, o próprio Deus, segundo Paulo, “enviará a operação do erro, para que CREIAM NA MENTIRA,

para que sejam julgados todos os que não creram na verdade; antes tiveram prazer na iniquidade”. Pelo exposto, podemos até concluir que a igreja passará pela tribulação, mas considerando que vão crer na mentira, nos sinais e prodígios do Anticristo, pensamos ser a igreja apostatada, pois ela não recebeu o amor de Deus e teve mais prazer na iniquidade. E, durante esse tempo, a igreja verdadeira do Senhor terá sido arrebatada. Em resumo, nós cremos no arrebatamento da igreja e na volta do Senhor Jesus, em glória, após a Grande Tribulação.

Depois da Grande Tribulação, o reinado de Cristo na terra se estabelecerá por um período de mil anos. Ao final dele, haverá o Juízo Final: portanto, cremos “No Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morrerem durante o período milenial e os que, ao final desta época, estiverem vivos”. Por fim, cremos “na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20.11-15; 21.1-4)”. Para fazer parte da vida eterna de gozo e de felicidade é que formamos discípulos para Jesus e os instruímos a também fazer outros.



CAPÍTULO VII

SUGESTÃO PARA A PRÁTICA DO DISCIPULADO

Diante da complexidade que parece ser a formação do discípulo, como articular esses conhecimentos na prática? Para responder a esse questionamento, inserimos, neste capítulo, uma sugestão de como aplicar os conteúdos trabalhados neste livro, mas que, conforme já expusemos, serão reorganizados de forma mais didática nos livros seguintes que farão parte do curso: *A formação do discípulo* – básico, intermediário e avançado.

Sugerimos, para o discipulado, encontros individuais com o discipulador, encontros em grupo e o momento devocional do discípulo. Dessa forma, estamos propondo uma programação para um discipulado mais consistente e, por isso, previsto para finalizar após três semestres. Segundo essa sugestão, o curso começará com a formação dos conselheiros e, posteriormente, novos convertidos, ou não, começarão pelo livro *A formação do discípulo* – básico. A partir daí, uns avançarão mais rápido, outros terão que repetir lições. Somente os que vencerem as etapas, efetivamente, serão discipuladores. Portanto, para que os discípulos cheguem a discipuladores, conforme a nossa sugestão, o tempo mínimo necessário será de dois anos, ou seja, quatro semestres. Segue, então, nossa sugestão para o planejamento de todo o curso.

DISCIPULADOR: sua base e seu crescimento

Mês	Escola Dominical
Março/Agosto	1º Encontro: Introdução ao curso e O chamado: suas exigências
	2º Encontro: O chamado: suas responsabilidades
	3º Encontro: Relacionamentos líquidos e duradouros
	4º Encontro: Os novos convertidos e a mudança de vida: como e quais áreas cuidar?
	5º Encontro: O planejamento do discipulado: objetivos, conteúdos. Conteúdo devocional: reconhecimento da condição de pecador; salvação; novo nascimento
Abril/Setembro	6º Encontro: O planejamento do discipulado: Conteúdo devocional: oração; enfrentamento das tentações; a busca do Espírito Santo; obediência; justificação x boas obras
	7º Encontro: O planejamento do discipulado: Conteúdo devocional: compreensão e desejo de realizar o propósito de Deus; mordomia cristã; igreja: corpo de Cristo; leitura bíblica e métodos de estudo bíblico

	8º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico AT: pentateuco
	9º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico AT: Livros históricos
Maio/Outubro	10º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico AT: livros poéticos
	11º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico AT: profetas maiores e menores
	12º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico NT: evangelhos
	13º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico NT: livros histórico e epístolas paulinas: romanos; 1 e 2 Coríntios e Gálatas
Junho/Novembro	14º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico NT: epístolas paulinas: Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; Tito; 1 e 2 Timóteo; Filemon
	15º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico NT: epístolas universais: Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro
	16º Encontro: O planejamento do discipulado: o conteúdo bíblico NT: 1, 2 e 3 João, Judas e apocalipse
	17º Encontro: doutrinas básicas do cristianismo: credo, a doutrina da revelação; a doutrina de Deus trino, criador e soberano e a doutrina do ser humano
	18º Encontro: doutrinas básicas do cristianismo: a doutrina de Cristo; a doutrina do Espírito Santo; a doutrina de igreja e a doutrina da vinda de Cristo

PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO

A FORMAÇÃO DO DISCÍPULO - básico

Mês	Individual e/ou grupo	Grupo	Individual
Agosto/Fevereiro	1º Encontro: reconhecimento da condição de pecador	1º Encontro: temas confessados pela igreja e doutrina da revelação	• Momento devocional • Leitura e reflexão do evangelho de Mateus
	2º Encontro: salvação		
	3º Encontro: novo nascimento		
	4º Encontro: oração		

Setembro/Março	5º Encontro: enfrentamento das tentações	2º Encontro: Nosso credo e a doutrina de Deus trino, criador e soberano	• Momento devocional • Leitura e reflexão do evangelho de Marcos e Lucas
	6º Encontro: evangelho de Mateus		
	7º Encontro: evangelho de Mateus		
	8º Encontro: evangelho de Mateus		
Outubro/Abril	9º Encontro: evangelho de Mateus	3º Encontro: o livro de Atos	• Momento devocional • Leitura e reflexão do evangelho de João
	10º Encontro: evangelho de Marcos		
	11º Encontro: evangelho de Marcos		
	12º Encontro: evangelho de Lucas		
	13º Encontro: evangelho de Lucas		
Novembro/Maio	14º Encontro: evangelho de Lucas	3º Encontro: o livro de Atos	• Momento devocional • Leitura e reflexão do livro de Atos
	15º Encontro: evangelho de João		
	16º Encontro: evangelho de João		
	17º Encontro: evangelho de João		

PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO
A FORMAÇÃO DO DISCÍPULO - intermediário

Mês	Individual e/ou grupo	Grupo	Individual
Fevereiro/Agosto	1º Encontro: a busca pelo Espírito Santo	1º Encontro: a doutrina do homem	• Momento devocional • Leitura e reflexão da epístola aos Romanos
	2º Encontro: obediência		
	3º Encontro: justificação x boas obras		
	4º Encontro: compreensão e desejo de realizar o propósito de Deus		
Março/Setembro	5º Encontro: epístolas aos Romanos	2º Encontro: a doutrina de Cristo	• Momento devocional • Leitura e reflexão das epístolas aos Coríntios
	6º Encontro: epístolas aos Romanos		
	7º Encontro: epístolas aos Romanos		
	8º Encontro: 1 Coríntios		
Abril/Outubro	9º Encontro: 2 Coríntios	3º Encontro: a doutrina do Espírito Santo	• Momento devocional • Leitura e reflexão das seguintes epístolas: Gálatas, Efésios e Filipenses

	10º Encontro: Gálatas		
	11º Encontro: Efésios		
	12º Encontro: Filipenses		
Maio/Novembro	13º Encontro: Colossenses	4º Encontro: 1 e 2 Timóteo	• Momento devocional • Leitura e reflexão das seguintes epístolas: Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Filemon
	14º Encontro: 1 Tessalonicenses		
	15º Encontro: 2 Tessalonicenses		
	16º Encontro: Tito		
	17º Encontro: Filemon		

PLANEJAMENTO DO DISCIPULADO

A FORMAÇÃO DO DISCÍPULO - avançado

Mês	Individual e/ou grupo	Grupo	Individual
Agosto/Fevereiro	1º Encontro: mordomia cristã	1º Encontro: a doutrina de igreja	• Momento devocional • Leitura e reflexão de Hebreus • Aplicação pessoal de métodos bíblicos
	2º Encontro: igreja: corpo de Cristo		

	3º Encontro: leitura bíblica		
	4º Encontro: Hebreus		
Setembro/Março	5º Encontro: Hebreus	2º Encontro: a doutrina da vinda de Cristo	• Momento devocional • Leitura e reflexão de Tiago e 1 e 2 Pedro • Aplicação pessoal de métodos bíblicos
	6º Encontro: Tiago		
	7º Encontro: 1 Pedro		
	8º Encontro: 2 Pedro		
Outubro/Abril	9º Encontro: 1 João	3º Encontro: métodos de estudo bíblico	• Momento devocional • Leitura e reflexão de 1, 2 e 3 João e Judas • Aplicação pessoal de métodos bíblicos
	10º Encontro: 2 e 3 João		
	11º Encontro: Judas		
	12º Encontro: Apocalipse		

Novembro/Maio	13º Encontro: Apocalipse	4º Encontro: métodos de estudo bíblico	• Momento devocional • Leitura e reflexão de apocalipse • Aplicação pessoal de métodos bíblicos
	14º Encontro: Apocalipse		
	15º Encontro: Apocalipse		
	16º Encontro: Apocalipse		

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BABLER, John e Ellen Nicolas (Org.). *Fundamentos teológicos do Aconselhamento Bíblico e suas aplicações práticas*. São Paulo: Nutra Publicações, 2017.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.
- CAMPANHÃ, Josué. *Discipulado que transforma*. São Paulo: Hagnos, 2012.
- CLASON, George S. *O homem mais rico da Babilônia*. São Paulo: Editora Isis, 2013.
- COVEY, Stephen R. *Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.
- EICHRODT, Walter. *Teologia do Antigo Testamento*. Hagnos, 2004.
- FERREIRA, Franklin MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GALLAGHER, Steve. *O poder da humildade*. Brasília: Propósito Eterno Editora, 2008.
- GRANGEIRO, Alessandra. *As profecias de Daniel e a ascensão do Anticristo*. Goiânia: Editora Cruz, 2015.
- HALE, B. David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. São Paulo, 2001.
- HENRICHSEN, A. Walter. *Métodos de Estudo Bíblico*. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.
- KUHNE, Gary W. *O discipulado dinâmico*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2001.
- LLOYD-JONES. *Do temor à fé*. São Paulo: Vida, 1995
- LUND, E.; P.C, Nelson. *Hermenêutica*. Miami: Vida, 1981.
- MACDONALD, Gordon. *Ponha ordem no seu mundo interior*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2006)
- MACDONALD, William. *O discipulado verdadeiro*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- ORTIZ, Juan Carlos. *O discípulo*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2007.
- PHILLIPS, Keith. *A formação de um discípulo*. São Paulo: Vida, 2008.
- WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática*. Uma perspectiva pentecostal. São Paulo: Editora Vida, 2011.